



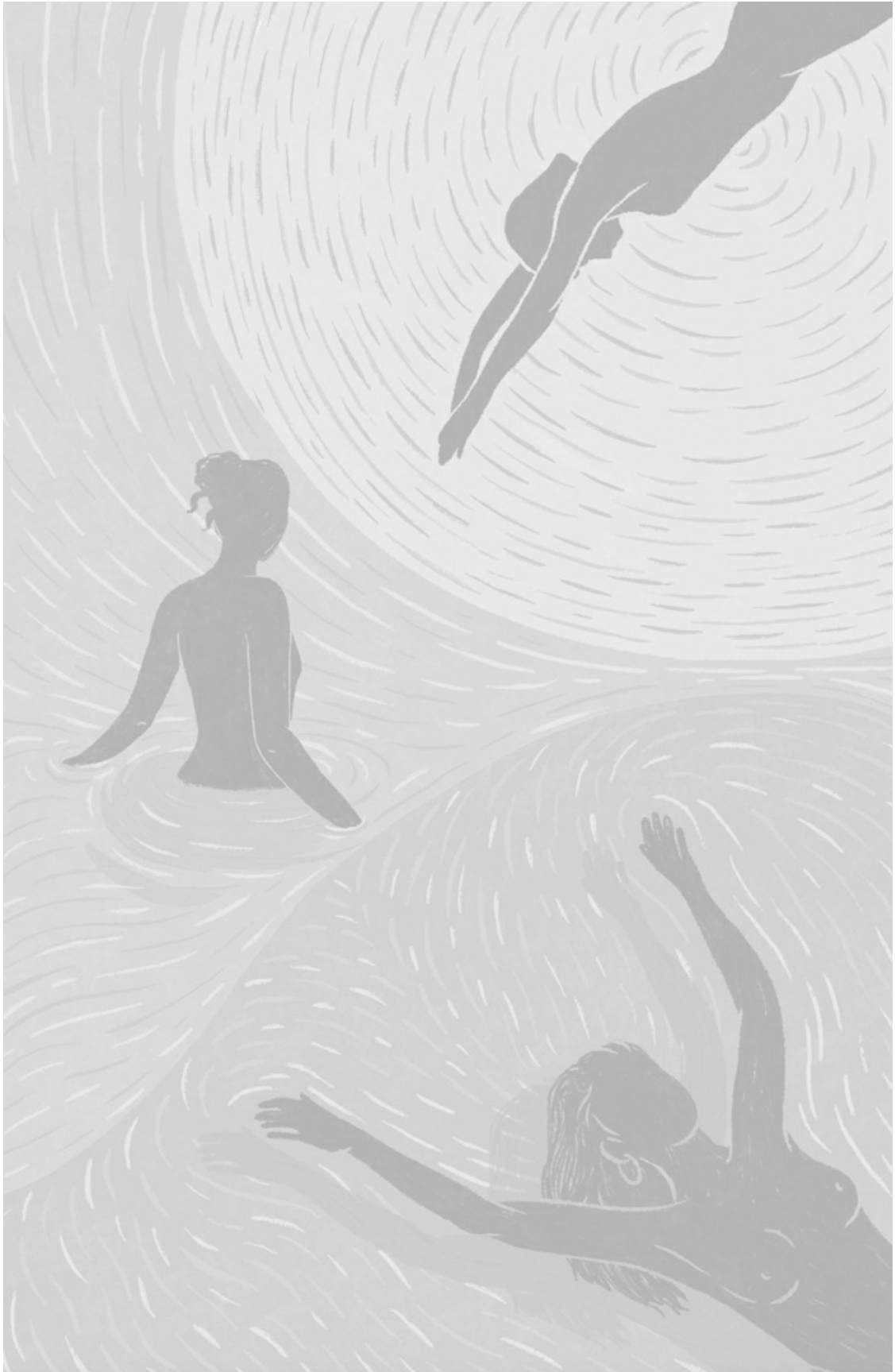
helena
magalhães

RAPARIGAS

COMO NÓS

SUMA
de letras





HELENA MAGALHÃES

RAPARIGAS COMO NÓS



*De tudo o que existe, nada é tão estranho como
as relações humanas, com as suas mudanças,
a sua extraordinária irracionalidade.*

VIRGINIA WOOLF

Nota da autora

Escrever este livro, entre 2015 e 2018, foi uma viagem de autodescoberta numa altura em que me encontrava profundamente perdida e sem saber de que forma usar a minha voz. Nada do que fazia me realizava e escrever livros parecia-me abstrato e sem grandes perspetivas de sucesso em Portugal. Todavia, era o que mais me movia. Tinha tanta sede de escrever, que me sentia a sufocar.

Quando comecei a contar a história da Isabel, queria falar sobre os laços entre raparigas, as primeiras experiências de amor e o impacto que têm em nós ao longo da vida. O período que remete a 1999 e aos diários da Isabel são, na verdade, os meus diários, falam sobre os meus catorze anos e um Simão que coloriu todos os meus dias. Durante muito tempo, questioneei as razões que levaram o meu eu adolescente a escrever e a guardar tudo. Talvez fosse este o desígnio desde sempre. Nunca sabemos o que as coisas que estamos a fazer hoje revelarão amanhã, para onde nos levam, o que significam ou o que vamos aprender com elas. Só nos resta viver.

Raparigas como nós, publicado inicialmente em 2019 por outra editora, mudou toda a minha vida. Foi com grande surpresa que vi o livro voar e chegar a leitoras de todas as idades, desde as mais jovens, a viver o que as raparigas deste livro vivem, até às mais velhas, que deram por si numa viagem de nostalgia pelas memórias das suas próprias experiências juvenis.

Falar com leitoras de todas as idades, ouvir a forma como viveram este

livro, ler os seus testemunhos tão emocionantes foi uma experiência avassaladora. Nunca me passara pela cabeça que alguém pudesse sentir com as minhas palavras aquilo que eu sinto ao ler.

Por fim, tive a sorte inimaginável de poder reescrevê-lo para voltar a ser publicado, numa nova edição, pela Penguin Random House. Pegar no manuscrito original, escrito há tanto tempo, foi um misto de emoções, mas esta versão final é a de que mais me orgulho.

Às leitoras: espero que revivam a vossa adolescência e o amor e as amizades juvenis, que são tão intensos e mágicos. E que, ao lerem esta história, tragam alguma dessa magia para a vida adulta.

Obrigada pelo privilégio de me deixarem escrever.

PARTE I

Verão

2004

*Eu não sei se vou ficar bem assim,
Eu só sei o que vai ser melhor para mim*

EXPENSIVE SOUL

1

Naquele verão, o Estoril tornara-se ponto de passagem obrigatório da noite lisboeta, a alternativa ao centro sufocante com noites mais frescas à beira-mar. Como uma pequena Riviera portuguesa, passava por mim de forma grandiosa com as suas casas senhoriais e pequenos palacetes abandonados e em ruínas, um passado feito de riqueza e ostentação, cujo encanto estava, para mim, já muito longe. Noutros tempos, lembrava-me de ouvir Alice papaguear, tinha sido um dos locais de eleição da aristocracia, convertida em refúgio dos exilados com dinheiro, após a guerra. Hoje estava mais para uma pequena aldeia de sonho de verão, com a linha de comboio que percorria as várias praias, o paredão que nos separava do mar, os jardins do casino que se estendiam pela colina acima, rodeado de hotéis, parques, bares, piscinas, restaurantes, esplanadas e barulho, muito barulho, música, miúdos, a nova geração a assumir o cenário nobre e a reclamá-lo como seu.

Ia no banco de trás do táxi com Alice, a música em pano de fundo e os vidros abertos para deixar entrar o ar que nos enchia o nariz com o cheiro a mar, a férias, a expectativas e prenúncios de tudo o que o verão promete. Estávamos a ouvir uma banda nova na rádio, «é aquela música de que te falei», gritou Alice, o condutor aumentou o volume e começámos a cantar a plenos pulmões, interrompendo o refrão em gargalhadas parvas. *Eu não sei se vou ficar bem assim, eu só sei o que vai ser melhor para mim.* A marginal passava por nós a correr, do lado esquerdo a extensão de mar quase invisível

pelo céu escuro, apenas a luz da marina ao longe mostrava sinais de vida. Do lado direito, apartamentos e mais apartamentos, moradias, hotéis, bombas de gasolina estivais, antigos palacetes decrepitos e restaurantes seguiam-se uns a seguir aos outros à medida que os quilómetros iam passando. Saímos do táxi ao pé do casino. Reconhecíamos-nos uns aos outros nos rostos que passavam por nós, jovens rapazes e raparigas sentados nos passeios e nas cadeiras das esplanadas, muito álcool a circular em braços no ar, os bancos do jardim apinhados, copos atirados para as valetas da estrada, um grupo tocava djembê, a polícia não incomodava ninguém, razão principal para que meio mundo trocasse as discotecas de Lisboa pelo simpático vizinho Estoril. Meia hora de comboio e aterrava-se diretamente no largo dos cafés que, mal caía o sol, se enchia de gente. Bebia-se cerveja, sangria ou vodca, falava-se alto, sem maneiras, mas os donos dos cafés agradeciam as noites barulhentas e bem regadas. No meu caso, era um misto de amor e ódio. Amava o verão, odiava sentir-me sempre uma jarra na decoração. Olhava para as raparigas, um desfile de sandálias de salto alto, vestidos floridos e olhos pintados de preto. Os rapazes de *T-shirts* justas, pele morena e cabelos descolorados pelo sol. «Estás ótima», disse Alice, antevendo os meus pensamentos. Observei as minhas calças de ganga rasgadas e o meu top curto amarelo. Era tão fácil cair nestas comparações quando toda a gente parecia saída de um catálogo e aquilo que mais me perguntavam resumia-se sempre ao mesmo, «és bifa?» Podia ser, com o meu cabelo castanho claro por baixo dos ombros e a pele pálida como se não tivesse morado ao lado da praia desde que nasci. Que genes teriam os meus pais misturado para eu sair tão desenquadrada da pintura? E já me habituara com afeto ao facto de que nunca seria uma rapariga de vestido curto para quem os rapazes viravam a cabeça, a verdade é que nem sequer sabia se o queria ser. O meu coração pensava que sim, a cabeça abanava em discordância, ser absolutamente normal também era bom.

Talvez fosse o tipo de rapariga que os rapazes só apreciavam depois de uma mão cheia de conversas e não de copos, pelo que nunca esperava nada destes sábados à noite. Só queria dançar, nem perdíamos tempo pelos cafés, preliminares para noites de bebedeira e nós queríamos entrar logo na discoteca.

Esperámos até ver um grupo grande entrar e descemos por baixo da estação do comboio atrás deles para atravessar o túnel para o lado do mar. Esta era sempre a pior experiência da noite. Alice continuava a ser a mesma rapariga inocente que me apertava a mão como se isso resolvesse alguma coisa em caso de perigo. E eu, que estava provavelmente tão apavorada quanto ela, tinha sempre de me fingir mais forte do que era, alguma de nós teria de o ser. Há anos que circulavam histórias pavorosas sobre o túnel, lúgubre, sujo, mal iluminado e sem qualquer segurança, tão terríveis quanto as do Tunnel, a discoteca, cujo nome nem sequer era paradoxal. Mas, pelos vistos, não as suficientes para se arranjar outra entrada que não nos obrigasse a passar por ali e era isso, ficar em casa ou mudar de discoteca o que, afinal, nem se colocava em questão porque o verão fazia-se aqui. O truque era passar e seguir sempre em frente, não olhar, não corresponder, não fazer sequer qualquer expressão facial. Toda a gente conhecia alguém que ouvira alguém contar a história de uma rapariga violada no túnel, o que, verdade seja dita, me parecia mais pavoroso do que a história da casa assombrada em frente ao mar. Comparado com isto, quem é que tinha medo do fantasma de uma bailarina caída da falésia? Uns rapazes assobiaram para três raparigas que caminhavam à nossa frente e víamos vários grupos encostados à parede, miúdas sentadas no chão em cima dos casacos, sandálias abandonadas, mãos ocupadas a fazer charros. A festa começava aqui em baixo com garrafas de plástico cheias de misturas coloridas que víamos passar de mão em mão. E isto era o lado bom. Porque fora do túnel principal havia um túnel secundário,

mais escuro e pequeno, numa lateral que ia dar à linha do comboio para Lisboa e que a esta hora estava encerrado, o que não fazia grande diferença porque a grade estava sempre partida. E era aí que se vendia e consumia droga pesada, mas nunca me atrevera sequer a olhar para lá, pelo que deixava tudo à mercê da minha jovem imaginação e ao poder que as histórias de violação e drogas tinham na minha mente impressionável. Atravessámos as duas de mão dada a conversar, fingindo uma segurança que não tínhamos, mas era assim que tinha de ser. Por baixo da Riviera elegante, a realidade não tinha assim tanta elegância. Quando chegámos ao outro lado, respirámos de alívio e demos uma gargalhada nervosa. Aqui, de frente para o mar e alojado no primeiro andar de uma esplanada decrépita em madeira, encontrava-se o Tunnel, a discoteca que este ano juntava filas intermináveis de miúdos que se acotovelavam horas à porta, ansiosos por entrar. Lá dentro, a música gritava por uma dezena de colunas estrategicamente viradas para o exterior, que se ouviam por toda a praia, fazendo de banda sonora aos grupos que optavam por se divertir pelo areal face à impossibilidade de cair nas boas graças dos porteiros. Era praticamente impossível ir-se ao Estoril naquele início de verão e não se querer parar ali, ponto de encontro das gentes de Lisboa. Depois de acotoveladas na fila durante uns tediosos três quartos de hora, lá entrámos sem pagar porque o porteiro era amigo do irmão de Alice. Subimos a escadaria até ao terraço, a tentar fugir da enchente de miúdos que se atropelavam pelo espaço. Bebi, dançavam, cantavam, brindavam e andavam de um lado para o outro de copos no ar, toda uma geração endinheirada cujas centenas de notas desperdiçadas em álcool e entradas para uma discoteca não significavam nada. Não havia espaço por onde se passar, era humanamente impossível encaixotar lá dentro toda a gente da fila. As músicas sucediam-se sem grande lógica, ora um funk brasileiro, ora uma batida americana, e, à medida que andávamos, éramos atropeladas por

peessoas que nos pisavam os pés e entornavam bebida em cima. Cheirar a cerveja ou a vodca com whisky fazia parte da experiência social.

— Alice! Alice! Estamos cá em cima, sobe — ouvimos alguém gritar algures por cima de nós. No terraço, vi o namorado de Alice, Ventura, com o seu grupo de amigos. Alice girou o vestido esvoaçante à minha frente e puxou-me atrás de si. A minha melhor amiga era doce e tímida, o contrário de mim, que falava muito e alto. Do nosso grupo também faziam parte Luísa e Marina, mas estavam de férias com as famílias numa vida perfeitamente delineada que iria terminar, no fim do verão, com a entrada na Faculdade de Medicina. Já eu e Alice, as verdadeiras ovelhas ronzosas, não sabíamos muito bem o que queríamos fazer, como se não ter a vida toda planeada aos dezassete anos fosse assim tão estranho. Talvez fosse porque tínhamos decidido não ir aos exames, coisa que os nossos pais consideraram uma decisão infantil tomada por duas cabeças no ar. Depois de muitos gritos, ameaças e intermináveis conversas entre a minha mãe e os pais de Alice, lá se chegara a um consenso. Iríamos repetir algumas disciplinas e fazer a preparação para os exames nacionais noutra escola. O problema não estava nas nossas notas, só não sabíamos o que queríamos fazer e, subitamente, ter de escolher uma faculdade que representasse todo o nosso futuro parecera-nos assustador. As minhas dúvidas juntaram-se às incertezas de Alice e, juntas, rebelámo-nos contra o sistema. «Escolhe jornalismo», dissera a minha mãe. «O país não precisa de mais jornalistas, são todos uns paus-mandados», dissera o meu pai. A minha mãe ripostara, zangada, «por amor de Deus, lá vens tu com essas conversas, deixa a rapariga escolher um curso que lhe dê um emprego estável». O meu pai desdenhara, como sempre. «Ela não é da informação, ela é como eu, é das artes», concluía, «o teu caminho é a cultura e a literatura, filha». E depois ficaram surpresos quando não fui aos exames e pedi mais tempo para pensar. Não achava que jornalismo fosse para mim, não

me imaginava sequer a falar em frente a câmaras ou a entrevistar pessoas na rua. Quando me imaginava a ter de correr atrás de transeuntes de microfone na mão, tinha vontade de me enfiar num buraco. Mas também sentia que a literatura e as línguas eram muito limitadas, com uma perspetiva de futuro a dar aulas, o que, claramente, nunca iria acontecer. E, no meio disto tudo, só queria que o tempo parasse durante um ano, continuava a sentir-me confusa, talvez um pouco criança. Bem, Alice não. Ela já saltara esta fase e andava a tentar arrastar-me com ela e com o seu namorado adulto cheio de tretas, que lhe enchia a cabeça de ideias.

Da primeira vez que saí com Ventura, ele disse que o meu sotaque era estranho. «Não, o meu sotaque é normal», respondi. Ele riu-se de forma condescendente, o que foi uma surpresa, ainda não estava familiarizada com a sua graça. «É o sotaque de Cascais», concluiu, elucidando-me que, em Lisboa, toda a gente gozava com o sotaque da linha. «É o sotaque dos betos», acrescentou entre gargalhadas. Olhei para Alice, que se limitou a concordar, e eu tive de me render às evidências, eventualmente não era ele que era idiota, eu é que era mesmo estranha. E Alice estava demasiado apaixonada, dava-lhe essa abébia. Por mais estranhas ou diferentes que fôssemos uma da outra, a nossa amizade era coisa séria e ela era aquele tipo de amiga de que todas as raparigas precisam para conseguirem sobreviver à adolescência. Ao contrário de mim, que era pálida o ano inteiro, Alice sempre chamara a atenção pela pele escura e o longo cabelo encaracolado e desalinhado que refletia a sua maneira de ser despreocupada. Crescer com ela fizera-me absorver a sua calma interior, encaixávamos uma na outra com harmonia, como se uma equilibrasse a outra. «És demasiado imprudente», dizia-me ela com frequência. Talvez fosse, porque as ideias mais estúpidas partiam de mim, como quando a incentivei a ir a uma loja duvidosa para furarmos o nariz e, mais tarde, Luísa tivera de ir ao hospital porque o seu nariz ficara do tamanho

de uma batata. E no meio de todo o barulho e impulsividade que me eram características, Alice fora sempre o porto onde atracar com calma o meu barco com demasiada energia.

Curiosamente, agora era ela que me puxava, escadas acima, como se sempre tivesse feito parte deste universo de festas e copos no ar. Era engraçado ver Alice encaixar com tanta facilidade, logo ela, cujo pai mal deixava sair de casa quando éramos miúdas sedentas por um pouco de festa. Subimos mais um lanço de escadas e entrámos num terraço branco, cheio de sofás e uma pista no meio. Lá, o ambiente era diferente. Em vez de ouvirmos batidas elétricas e os *pum pum pum* das músicas de dança, ouviam-se êxitos dos anos oitenta e já ninguém se acotovelava ou dançava de braços no ar em ode ao DJ, como se fôssemos todos demasiado sofisticados para isso.

— Tudo bem? Só chegaram agora? — perguntou Ventura, envolvendo-a com os braços. Tinham-se conhecido há uns meses numa festa a que o irmão dela nos levava e, desde então, viviam uma relação que nunca mais acabava. Ou talvez fosse a minha inveja a falar. Ventura era o *nosso* primeiro namorado a sério, porque esta relação era quase a três e ele fora obrigado a aceitar-me como parte da equação. O problema, logicamente, era a falta de equilíbrio, o meu lado não lhe via grandes qualidades. Só sabia falar das suas viagens, dos seus amigos, das noitadas que faziam e da vida na universidade, como se isso representasse o santo Graal de se ser alguém nesta escala da vida social. Vestiam-se todos de igual, ouviam música *reggae* e andavam a correr as discotecas de Lisboa todas as semanas, quintas, sextas e sábados sem falhar, o que significava que Ventura gostava de dizer piadas sobre o facto de nós sermos ainda tão «verdinhas». E gostava de palrar sobre ele mesmo, sem parar, sempre. Nunca o vira fazer uma pergunta a Alice ou a interessar-se por qualquer outra coisa que não fosse o seu mundo e os seus amigos. E tinha dias que me apetecia abanar Alice, fazê-la acordar daquele

transe. Via-a sempre hesitante ao pé dele, a tentar fazer tudo o que ele queria, a sair para onde ele ia e a comportar-se como uma versão mais entediante dela mesma. Juntas, ríamo-nos com tudo, dançávamos no quarto ao som de músicas foleiras da nossa adolescência, falávamos alto no cinema, atirávamos amendoins ao ar e tentávamos apanhar com a boca, espalhávamos batatas-fritas no tabuleiro e misturávamos tudo com *ketchup* até fazer uma papa repugnante, mas deliciosa. Passávamos tardes com Luísa e Marina a ver filmes parvos ou deitadas no jardim ao pé das nossas casas a ouvir música e gostávamos de gozar com Alice por ser uma fonte de factos históricos irrelevantes. E ela sabia rir-se dela própria com gosto, o que era, para mim, a sua melhor qualidade. Curiosamente, quanto mais convivía com ele e os seus amigos, mais me convencia de que, mesmo na universidade, os rapazes continuavam a ser tão idiotas quanto os da nossa idade. Talvez eles é que não se apercebessem disso.

— Não, mas ficámos tanto tempo na fila que estivemos para nos ir embora — respondeu-lhe com um beijo na boca. — Preciso de um vodka!

— Eu também — disse ele. — Estou literalmente a morrer de sede.

— Bem, não diria que está literalmente... — sussurrei ao ouvido de Alice.

— Isabel... — Ela revirou os olhos. — Vamos beber.

Ele puxou-a pelo braço e ela, de arrastão, puxou-me a mim.

Fiz um sorriso forçado ao homem do bar e pedi uma margarita de limão. Beber um cocktail fazia-me sentir adulta, mesmo que os meus pais jamais imaginassem que era assim que gastava o pouco dinheiro que me davam. Paguei, regressei para o pé de Alice e encostei-me ao balcão. Por vezes sentia saudades dos tempos em que uma saída à noite era excitante e prelúdio de novas histórias para contar. As calças de ganga davam lugar a calções e a ténis *All Star* coloridos a condizer, usávamos tops de *lycra* iguais e

esfregávamos purpurinas nas pálpebras. Os quinze anos pareciam ter sido noutra vida, era curioso, até para mim, que agora me sentisse sempre deslocada quando, não há muito tempo, ir à discoteca era o ponto alto da semana. Olhei à minha volta, o terraço do Tunnel parecia uma sala de embarque da classe executiva. Todo branco e prateado, tinha sofás almofadados e vasos com plantas falsas de dois metros que tornavam o piso menos decadente que o de baixo, onde naquele momento toda a gente se atropelava na pista escura e abafada da música electrónica. Reparei em vários pilares brancos espalhados pela sala que pareciam segurar o teto, mas percebi que se tratava apenas de uma tenda branca. Talvez fosse, afinal, a classe económica. Deixei-me contagiar pelas luzes roxas e cor-de-rosa que iluminavam todos estes miúdos que se exibiam em vários estilos ao som ensurdecedor de Whitney Houston, Rolling Stones, Cyndi Lauper ou Madonna. Qualquer coisa era melhor do que música eletrónica.

— Tenho de te apresentar um amigo que vem cá hoje — disse-me Ventura, aproximando-se, numa tentativa simpática de meter conversa. Não podia dizer que fôssemos amigos. Não tínhamos outro tema de conversa a não ser Alice, ele não sabia nada sobre mim e as nossas conversas de ocasião limitavam-se a momentos como este. Falar comigo acabava por ser uma forma de se manter próximo da vida de Alice. Ou então falava-me por educação ou obrigação, não o condenava por isso, eu fazia o mesmo. E, tendo em conta o interminável tempo que passávamos juntas, não se dar comigo talvez lhe arruinasse muitos dos seus planos de sábado à noite, como hoje. Se ele sabia que eu percebia isso, não o sabia dizer, mas não podia simplesmente ignorá-lo e, nem que fosse por Alice, tentava ser simpática. Mesmo que espetar um prego no pé fosse uma experiência mais agradável.

— Não sei se será muito boa ideia. Vamos ficar só assim, ok?

— Ele é porreiro e já lhe falei imensas vezes de ti.

— Escusavas de ter falado — respondi, encolhendo os ombros, e revirei os olhos para Alice como que a fazer pressão para ela o calar.

Ele conseguia revelar o pior de mim, saíam-me coisas destas pela boca como farpas. Mas ele tentava apresentar-me a todos os amigos desde que estava com Alice. «Ele acha que, se eu namorar com um dos seus amigos idiotas, provavelmente vou manter-me ocupada e não ando sempre atrás de vocês», dissera um dia a Alice. Ela rira-se e argumentara que não era nada disso. Acabei por aceitar sair com um baixote. Chamava-se Raul e era simpático, talvez o mais simpático deles todos e, não vou negar, era muito bonito. Tinha o cabelo despenteado, aquele bronzeado típico de Cascais e era fácil de conversar. Mas fomos jantar a quatro, fizemos fondue e o baixote tentou enfiar-me um naco de carne meio em sangue pela boca. Eu só dizia «Calma, amigo», mas ele ria-se e incentivava-me a comer, de garfo no ar e a fazer aviãozinho como se tivesse imensa piada. Eu abri os olhos para Alice, implorei pela sua intervenção, mas ela só se conseguia rir, tapar a boca com as mãos e dar-me pontapés debaixo da mesa. Algures a meio da noite, o baixote começou a tocar-me na perna, primeiro de forma quase subliminar, como se tivesse sido um mero acaso, mas depois a subir a mão do joelho até meio da coxa. Olhei para ele de lado e levantei o sobrolho numa observação óbvia de que aquela mão não estava onde devia. Até podia ser um movimento normal nesta relação social de cortejar na qual eu era um zero à esquerda, mas o meu lado cínico decidira que ele não estava propriamente interessado em mim, mas sim apenas a ver se dava para me levar para a cama. Tive quase a certeza que era irrelevante se fosse eu ou outra rapariga qualquer que estivesse ali. Alice tentou fazer-me crer que não. «Ele já andava a pedir ao Ventura para sairmos juntos há imenso tempo», dissera. Se calhar até tinha interpretado tudo mal e o coitado estava apenas a tentar dar o primeiro passo. Mas no dia seguinte encontrámo-lo com a língua enfiada na boca de outra

miúda e ele, vermelho que nem um tomate, ficara sem saber onde se enfiar. Gostava de me ter sentido mais ofendida ou triste, mas a certa altura, entre o aviãozinho de carne e a mão na minha perna, já tinha perdido todo o interesse pelo baixote. Já nem me conseguia lembrar do que me tinha atraído nele em primeiro lugar.

— Epá, relaxa! Ele tem namorada, não te estou a impingir ninguém — gritou por cima da música, piscando o olho para tentar, talvez, soar menos ofensivo do que soou. — Só acho que se vão dar bem porque ele é meio *intelectualoide* e chato como tu.

Não respondi e dei mais um golo do meu copo, senti que até a margarita perdia a piada com ele a matraquear aos meus ouvidos. Ele conhecia tão pouco de Alice que nem percebia que ela é que era a verdadeira *intelectualoide*. Só não era com ele porque não a deixava. Olhei para os seus amigos, todos cópias uns dos outros, o que me fazia rir, já que se queixavam de que as raparigas eram todas iguais sem perceberem que padeciam do mesmo mal. Costumava vê-los à porta da escola quando Ventura ia ter com Alice à sexta-feira, mais velhos cheios de ares de quem sabe que está a ser olhado. E eu, Marina e Luísa achávamos hilariante que eles se julgassem tão irresistíveis, mas continuassem à porta de uma escola a ver se as miúdas lhes prestavam atenção. Nessa altura, nós costumávamos debater que, embora em número reduzido, o macho latino ainda continuava a circular por aí e, infelizmente, tinha-se concentrado em pequena amostra no grupo de amigos do namorado de Alice. «Foda-se, os gajos parecem uns Neandertais», dissera, um dia, Luísa. «É tudo uma competição para ver quem dá a melhor foda». E, das poucas conversas que ouvira, conseguia detetar traços daquele habitante das cavernas que, pensava eu, já tinha desaparecido da face da terra. Ou, eventualmente, eu é que nunca conhecera nenhum, já que o meu historial

amoroso e sexual era altamente limitado: uma paixão platónica durante anos por um rapaz mais velho da escola que nunca sequer olhara para mim e um namorado com quem perdera a virgindade e que estava mais para irmão porque nos conhecíamos desde miúdos. Enquanto toda a gente andava a dormir com pessoas novas pela primeira vez, eu andava apaixonada por alguém para quem era totalmente invisível. E isto era patético, eu sabia. «Isto é como viver no meio d'A *Capital* não é?», eu concordava solenemente com Luísa. «Pronto, lá vem ela com o Eça de Queiroz», respondera Alice com um revirar de olhos. Estes eram o tipo de factos, provavelmente também irrelevantes, que eu gostava de papaguear. Quando Rabecaz pergunta a Artur Corvelo a sua opinião *sobre o gado*, ou seja, nós, as raparigas, explicando-lhe que, no seu caso, o que mais apreciava no *femeaço* eram *as boas carnes*, Rabecaz poderia ser Ventura ou outro qualquer. Eram as boas carnes que estes Neandertais apreciavam, eram grosseiros e rudes na sua forma descartável de tratar as miúdas. E era por isso que eu não gostava de Ventura nem dos seus amigos e odiava que dissessem que os rapazes iam sempre ser rapazes. Como se tratar as raparigas com insignificância fosse algo digno de louvar no seu género.

— Então, qual dos teus amigos é que tem namorada e está ali a dar conversa a uma daquelas miúdas? — questionei, depois de olhar para eles naquele jogo estúpido de ver quem escolhia quem.

— Hey, calma! — Levantou as mãos em gesto de paz. — Ele ainda nem sequer chegou — concluiu. Afastou-se e, com Alice atrelada, foi ter com eles ao centro da pista.

Com Luísa e Marina de férias, esta noite não era para dançar, era só para dar apoio moral a Alice. Fui interrompida dos meus pensamentos por uma sequência de puxões e encontrões que culminaram comigo a tropeçar em alguém que me entornou com um copo de vodca em cima. E foi isto. A forma

como nos viríamos a conhecer ficaria para sempre fadada a uma banal, frívola e singela noite de verão. Que, no final das contas, talvez não fosse prenúncio de grande coisa.

— Não acredito que a primeira coisa de que te vais lembrar de mim sou eu a pisar-te os pés — disse-me.

— A pisar-me os pés e, pior, a sujar-me as botas — gritei por cima da música.

— Não seja por isso, essa parte posso resolver num instante. — Tirou um guardanapo do balcão, baixou-se e passou-o pelas minhas botas.

— Nem acredito que disse isso — gritei, enquanto sacudia o cabelo para o lado. — São apenas umas botas.

Abanei as mãos como que a tentar exprimir a futilidade que era estar preocupada com uns sapatos sujos.

— Lixem-se as botas! — respondeu ele entre risos, apoiando um cotovelo no balcão e despejando o resto do copo de vodka pela garganta abaixo.

— Lixem-se as botas.

Sorri e virei-me para observar as pessoas que continuavam a dançar na pista. Procurei por Alice e avistei-a ao pé da janela com Ventura.

— Então, o que vais fazer? — perguntou-me, depois de pedir mais uma bebida ao balcão, aproximando-se de mim.

— Como assim?

— Não é suposto apresentares-te? O nosso amigo em comum já me falou muito de ti.

Ah! Então era ele, o famoso amigo.

— Se já falou, não preciso de me apresentar — respondi com um sorriso sarcástico.

— Mas as regras da educação dizem que o deves fazer. — Fez uma careta.
— Não é que eu saiba muito sobre regras de etiqueta, evidentemente —

contestou, tentando que a frase soasse mordaz, mas, ao mesmo tempo, despreziosa.

— Etiqueta também não é a minha praia — ri-me. — Evidentemente...

— Então também concordamos que precisas da minha ajuda? Um empurrãozinho para conseguires dizer as palavras mágicas?

— Isso é pouco provável.

— Isso é pouco provável. — Estava a imitar o meu sotaque, fazendo-me parecer emproada.

— Quais é que são as palavras mágicas, afinal? — perguntei, tentando soar mais simpática. — Não era suposto estares a beber e a falar com os teus amigos? Olha para eles, estão todos tão divertidos.

Ele acendeu um cigarro e expirou o fumo para o outro lado.

— O que é pouco provável é que esta noite passe de chata a tolerável se continuar ao pé deles. Falar com pessoas que não conheces não é sempre algo melhor para fazer? Nunca sabes o que é que vai vir dali. Agora com eles, já sabemos que vão conhecer alguém, levá-la para casa e é o felizes para sempre, pelo menos por uma noite.

— Temos uma opinião muito parecida em relação aos teus amigos — respondi, surpreendida —, mas, pelos vistos, não sou uma pessoa desconhecida e não me encaixo nessa filosofia bonita. — Dei uma gargalhada baixinha.

— Estou a falar a sério. — Tocou-me no braço, em género de empurrão. — Não sentes que falas sempre com as mesmas pessoas? Vais aos mesmos sítios? Tens os mesmos amigos?

Pedi uma garrafa de água e voltei a encostar-me ao balcão.

— Ter os mesmos amigos é bom. — Levantei o sobrolho esquerdo. — E não vou aos mesmos sítios. Raramente venho aqui e olha para mim encostada ao balcão a falar com um estranho. Já superámos dois desafios.

— Se tu não és uma desconhecida, eu também não sou um estranho. — E deu uma risada. — Somos tipo amigos virtuais que já se conheciam, mas só hoje se estão a ver pela primeira vez — acrescentou, sorrindo.

— Tens uma visão muito poética das coisas. A única coisa que sei de ti é que és mais um amigo do Ventura, nem sei como é que ele tem tempo para tantos amigos. — Percebia que estava a responder-lhe como se fosse doida. Toquei-lhe no braço para o chamar. — Mas estamos aqui a falar de banalidades, por isso se calhar já somos mesmo amigos. — E levantei a garrafa para fazer um brinde.

Ele riu-se e bateu com o copo na minha água.

— Acho que estamos os dois deslocados e, só para que conste, este é provavelmente o último sítio onde alguém me imagina. Não costumo sair com eles.

Aí estava então explicada a razão de nunca o ter visto no grupo de amigos idiotas do namorado de Alice.

— Se não costumas sair com eles, o que fazes nas duzentas e cinquenta vezes que se embebedam por ano?

— Agora já estamos a ter uma conversa normal. — Virou-se para mim. — E vou partilhar contigo as palavras mágicas: Olá, muito prazer, sou o Afonso. É fácil, vês?

E estendeu-me a mão.

Afonso. Observei-o por entre os golos que dava na garrafa com a confiança de quem se encontrava na penumbra enigmática de uma discoteca apinhada de gente. Olhei-o de lado. Copo na mão, o cigarro colado no lábio inferior, o maxilar saliente e que definia o rosto quadrado com barba por fazer. O cabelo era despenteado, como se alguém lhe tivesse acabado de passar a mão pela cabeça, e o nariz reto, fino, quase como desenhado a lápis. Quando falava, via-lhe uns dentes que, não sendo completamente direitos, lhe davam um

sorriso bonito. Ali, encostado ao balcão, de lado, os seus lábios grossos pareciam encaixar um no outro, prendendo o cigarro languidamente caído. E quando se ria fazia umas covinhas nas bochechas que espreitavam por debaixo da barba por fazer. Considerava o termo «belo» demasiado estúpido e já não tinha idade para pensar que algum rapaz era lindo. As mulheres são bonitas, mas os homens não. Porém, não havia qualquer outro termo que o descrevesse. Não era uma beleza evidente, provavelmente nem olharia para ele duas vezes se o visse na rua. Mas tinha qualquer coisa de felino na forma como se movia, se ria e se inclinava na minha direção despretensiosamente, enquanto se encostava no balcão para manter uma distância segura. Por vezes, cerrava os olhos, apoiava o rosto na mão esquerda e fazia uma expressão sombria. Talvez escondesse alguma timidez. Outras vezes, enquanto me ouvia, fechava os olhos e deitava a fumaça pelas narinas. Mas, quando se ria, a sua gargalhada era fresca e agradável. Ou era assim que me parecia porque subitamente fiquei consciente disto tudo. Vestia umas calças pretas com uma camisa de xadrez azul por cima de uma *T-shirt* de uma banda qualquer que não conhecia, mas que, pelas roupas, percebia ser dos anos oitenta. Tudo isto lhe dava um ar demasiado heróico para aquilo que provavelmente pretendia. Não me parecia que fosse daqueles rapazes que se arranjavam especialmente para parecerem desleixados. Todo ele emanava um ar de desalinho, mas não era uma indolência propositada. E após um bom par de anos a devorar romances estúpidos, eu sabia que estes rapazes demasiado indecifráveis eram perigosos. Não no sentido lato da palavra, mas aquele tipo de perigo que termina com o nosso coração partido em mil bocados. As histórias de rapazes como ele foram contadas ao longo dos séculos e eu já tinha bagagem suficiente — de leitura, não de vida — para saber que não, obrigadinha, não queria nada disto para mim. Dei mais um golo na água como se fosse a melhor coisa do mundo e apertei-lhe a mão.

— Olá, então, muito prazer. — Sorri, meio encavacada. — Sou a Isabel.
— Eu sei que és — disse ele. E piscou-me o olho.

A última coisa em que pensava quando saíra de casa nessa noite era ficar estranhamente atraída por um estranho. Não me lembrava de o ver com os amigos da faculdade de Ventura que paravam à porta da escola a rir-se para as miúdas mais novas. Também nunca perguntara a Alice a idade de Ventura e, subitamente, senti-me uma péssima amiga, tão pouco interessada nestas coisas que deveriam ser importantes, mas supunha que tivessem dezanove ou vinte anos. Mas alguns pareciam mais velhos e, por isso, mais estúpidos. Voltei a olhar para ele, não parecia ser do tipo de faltar às aulas, embebedar-se e passar a vida em festas como os amigos. Seria um desajustado como eu? E a palavra era tão estúpida que, provavelmente, eu era apenas um lugar-comum, mas gostava de imaginar que também podia ser meio enigmática e estranha, como ele. Nem o conhecia e já lhe dava qualidades infundáveis. Tudo nele parecia espontaneidade e imprudência, a forma como se ria, como me dava toques nos pés com a biqueira dos seus ténis, como me tocava com o braço quando dizia uma piada qualquer. E não sei se acreditava na ideia de que não passava assim tanto tempo com os amigos mas havia qualquer coisa nele. Qualquer coisa que me trazia a mesma sensação de quando tinha catorze anos e, ingenuamente, achava que Simão era toda a minha vida. E percebi que não podia voltar a tornar-me nessa miúda e, com tantas qualidades e reverências, percebi que já o estava a repetir.

Continuávamos parados no mesmo sítio. Volta e meia sentia um certo calor, aquele desconforto que sentimos quando sabemos que alguém nos observa. Sabia que ele me olhava de tempos a tempos, mas, não obstante a vontade em falar com ele, não sabia que mais tinha para lhe dizer. E também não tinha muito jeito para estas coisas, ele pelos vistos também não.

Continuei a beber o resto da garrafa de água e sorri para Alice, que, de quando em vez, me acenava do outro lado da pista e me fazia sinais pouco discretos. Não conseguia não revirar os olhos, até porque ele também a estava a ver e, sem dúvida, a gostar tanto da situação quanto eu. Estávamos, de forma constrangedora, encostados ao balcão sem nada dizer um ao outro. Alguém com uns copos a mais veio contra a mim e ele, sem pensar, puxou-me pela cintura e colocou-se estrategicamente à minha frente. Olhou para mim de uma forma tão violenta que o meu coração começou a martelar no peito.

— Preciso de apanhar um bocado de ar — gritei ao ouvido dele. — Está demasiada gente aqui.

— Eu vou contigo — respondeu-me, pousando o copo vazio no balcão e a preparar-se para me acompanhar.

— Não, deixa estar, preciso de fazer uma chamada — menti.

Afastei-me sem lhe dar tempo de me poder seguir. Com o telefone bem apertado entre a orelha e o ombro, exatamente como quem finge aguardar que, do outro lado, alguém atenda a chamada, a minha mente era um redemoinho de pensamentos enquanto ouvia a música ruidosa e pensava que, a ser uma chamada verdadeira, seria impossível ouvir o quer que fosse. Fui até à varanda do Tunnel e fiquei a observar o mar que se estendia à minha frente. Já longe dos olhos dele, arrumei o telefone no bolso. Debrucei-me sobre as traves de madeira, alheia a tudo e todos que, atrás de mim, dançavam alheios ao meu cataclismo. A última coisa de que precisava era uma taquicardia por sentir as mãos dele na minha barriga, um gesto tão banal e, surpreendentemente, tão intenso. Perguntei-me como seria a sua namorada, imaginava que partilhasse a vida com ela. Alguém que, a não estar ali, devia estar a fazer qualquer outra coisa enquanto esperava que ele chegasse a casa. Talvez ela também não gostasse dos seus amigos idiotas. Ou simplesmente

não tivesse paciência para bebedeiras ao sábado à noite. Comecei a imaginar como é que ela seria, uma namorada que nunca tinha visto, mas que me parecia mais real do que nunca. Imaginei-a sentada no sofá da casa dele, que também não fazia ideia como era. Será que gostava de ler ou preferia ver televisão? Será que jantavam fora ou mandavam vir comida chinesa e se sentavam no chão do quarto dele com as caixinhas no colo enquanto conversavam sobre o que tinham feito durante o dia? E numa fração de segundo imaginei que ele me podia ter beijado ou que eu podia ser ela, quem quer que ela fosse.

Não foi o facto de ele ter chegado sozinho que me fez olhar para ele, olhar a sério. Não foi a forma como tocou delicadamente no meu braço enquanto falava, como se eu fosse feita de cristal. Não foi a forma como se riu de olhos fechados e cabeça para trás como se mais nada importasse ali. O que me fez decidir voltar para dentro e procurá-lo foi a forma como olhou para mim quando, a caminho da varanda, me virei para trás. Aquele olhar lançou faíscas e fez-me tremer por dentro. Fez-me sentir ridiculamente especial.

Saí da varanda e voltei a subir as escadas para procurar Alice. Ou talvez isso fosse só uma desculpa para voltar a ir ter com ele. Mas não a encontrei onde a deixara vinte minutos antes. Tentei procurar, por entre os focos de luz cor-de-rosa, rostos familiares. Mais adiante, ao pé da porta das casas de banho, percebi que havia alguma agitação e, algures lá no meio, vi o cabelo volumoso de Alice chamar-me a atenção. Comecei a percorrer a pista por entre as pessoas que dançavam e, ao empurrá-las, ouvia-as a vociferar-me asneiras. Apanhei-a por um braço e ela puxou-me para o pé dela. Vários amigos de Ventura rodeavam alguém, falavam todos ao mesmo tempo, gesticulavam num círculo fechado sem deixar ver quem é que, lá no meio, discutia e, mais à frente, outros do grupo falavam com uma rapariga. Era uma

telenovela ao vivo, pensei. Podíamos todos sair da escola secundária, mas a escola secundária, aparentemente, nunca saía de nós.

— O que aconteceu? — perguntei, apanhando o cabelo num rabo-de-cavalo. Estava demasiado calor ali dentro para conseguir ter o cabelo colado ao pescoço.

— Onde é que foste? Deixei de te ver de repente — perguntou ela por cima de mim.

— Estava só ali fora a apanhar um bocado de ar. Está muito calor aqui dentro — gritei. — Mas o que é que se passou?

— Nem imaginas! Apareceu uma rapariga de mão dada com um gajo que também é amigo deles. Agora adivinha quem é que ela é. — Fez uma expressão teatral com as mãos no ar e de sorriso nos lábios, à espera que eu adivinhasse esta charada.

— Alguém que foi para a cama com alguém e depois apanhou esse alguém na cama de outro... alguém? Já disse a palavra alguém?

— Ai, que engraçada que estás hoje — gritou. — É, ou era, a namorada daquele com quem estavas a falar, o Afonso.

A música continuava a gritar estridentemente, começou a tocar *I Heard it Through The Grapevine*, uma letra ironicamente e perfeitamente adequada ao momento. *You could have told me yourself that you loved someone else, instead I heard it through the grapevine*, cantava Marvin Gaye, e quando consegui vislumbrar por entre as cabeças o rosto de Afonso, deixei-me ficar em bicos de pés o tempo suficiente para ver que tinha uma lágrima perdida pela bochecha, o que foi, curiosamente, estranho, triste e inusitado ao mesmo tempo. O sorriso, ainda há instantes, tão amplo e natural, desaparecera. Estiquei-me mais. Isto parecia sádico, mas precisava que ele se virasse e reparasse em mim para poder sentir novamente, como antes, qualquer coisa que só existia entre nós. Como se instigado, ele voltou-se mesmo e olhou

diretamente para mim. Passaram-se alguns segundos ou talvez um ano, é difícil dizer. Os seus olhos castanhos abriram-se horrorizados e, ao mesmo tempo que ele virou a cara, eu baixei-me por detrás de Alice, envergonhada. Senti-me uma estranha a invadir a privacidade daquele momento insólito. Decidi que estava na hora de ir embora, mas a curiosidade falou mais alto. Precisava de ver como é que ela era. Afastei-me um pouco e, como se não fosse nada comigo, aproximei-me do bar que fazia esquina com a porta da casa de banho. Fingi que esperava por uma bebida e virei-me para poder observar a cena. Ela estava a gritar com um dos amigos de Ventura e, pela posição despreocupada de mãos nos bolsos, percebi que o rapaz alto ao lado dela devia ser o tal com quem tinha vindo. Ele era atraente, não podia dizer que não o fosse, pelo menos para quem gosta do género Ken, até porque ela era do género Barbie. Os dois pareciam estrelas de cinema, não que isso fosse propriamente mau. É aquele tipo de coisas que nós, os que não parecem estrelas de cinema, gostamos de dizer para aligeirar a vida. Naquele momento, havia muito pouca grandeza em mim, mas até eu estava a ter dificuldade em acreditar que alguém podia simplesmente trair o namorado com um amigo dele. Seria isto assim tão normal? Ou todas as pessoas que pertenciam a este clube exclusivo de gente estúpida se limitavam a andar por aí sem nunca falarem sobre o assunto?

Ela vestia uma saia curta vermelha com um top preto que lhe deixava o umbigo de fora e calçava umas sandálias altas de presilhas no tornozelo. Não tinha nada a ver comigo, podia confirmar. O cabelo era comprido, em ondas perfeitas, e as suas mechas cor de chocolate ondulavam em redor do rosto moreno à medida que, enquanto gesticulava fervorosamente, abanava a cabeça. Era como as miúdas populares lá da escola, de argolas enormes nas orelhas e um clube de fãs atrás. Tinha os lábios pintados de cor-de-rosa e as mãos, cheias de anéis coloridos, estavam a rodopiar no ar e mostravam que a

discussão acesa estava mesmo prestes a terminar. Tão rápido quanto os meus olhos observavam cada pormenor da discussão, esta terminou e ela desapareceu do meu campo de visão como se se tivesse evaporado. O grupo começou a dispersar e, perante o cenário que acabara de ver, senti-me uma intrusa, pelo que dei a noite por terminada. Voltei a aproximar-me de Alice, que tinha os braços enrolados à volta do tronco de Ventura, que, juntamente com alguns amigos, comentavam a situação como se fossem comentadores de futebol. «Foda-se, a gaja é maluca da cabeça», disse um deles. «Essa é uma forma simpática de dizer que é uma cabra de merda», respondeu outro. Ri-me do comentário, não porque tivesse piada, ri-me porque era mesmo idiota, mas isso deixou Ventura bastante surpreso, o que deu asas à sua habilidade para desferir observações maldosas sobre a coitada da rapariga. Agora já pensava nela como coitada, tal era a minha aversão a tudo o que Ventura dizia ou fazia. Disse a Alice que me ia embora. Depois de me implorar para ficar e eu dizer que não me apetecia, depois de dizer que ia embora comigo, coisa que sabia perfeitamente que ela não queria fazer, e eu dizer para ser ela a ficar, lá chegámos a um consenso. Não queria passar mais nenhum fim de noite ou início de manhã em casa de um deles e, na verdade, só queria ir para casa.

Saí por onde tinha entrado, ainda estavam várias dezenas de pessoas à porta, numa fila infinita, apesar de serem quatro da manhã. Como é que aguentavam horas numa fila enquanto o resto do mundo se divertia lá dentro? Decidi andar no sentido oposto da fila e do túnel. Àquela hora, preferia saltar o muro e atravessar a linha do comboio a correr — mesmo correndo o risco de ser triturada pelo comboio, era mais seguro do que atravessar o túnel sozinha. Tirei o telefone do bolso para enviar uma mensagem a Alice, comecei a escrever que ia saltar a linha para não ir pelo túnel e que esperava por ela do outro lado do paraíso se o comboio me esmagasse. Era uma estúpida piada nossa. Enquanto andava devagar e escrevia a mensagem ao

mesmo tempo, esbarrei numa multidão parada na esquina e não consegui passar, tal era a concentração de gente. A música era ensurdecadora, o que camuflava os rapazes que gritavam uns para os outros, empurrando-se numa dança de ameaças. Não queria estar ali, mas o aglomerado de miúdos era cada vez maior e estava presa sem conseguir passar nem voltar para trás. Os seguranças do Tunnel apareceram e eu pensei, ingenuamente, que iriam terminar a discussão, mas estava enganada e cada vez mais presa no magote de gente que não parava de se aproximar. Senti-me como num daqueles pesadelos em que queremos correr mas as pernas não se mexem. Os seguranças, gorilas enfurecidos, pegaram num dos rapazes da discussão e atiraram-no pelo ar. Dois deles esmurraram-no e, com ele já no chão, seguiram-se os pontapés. Conseguia ver cabeça dele a ser chutada contra a parede. De repente, parecia-me que conseguia ouvir o baque seco de cada vez que a cabeça ia de encontro à pedra. Estava a tremer e a tentar furar as pessoas de forma descontrolada, colada a dezenas, se não uma centena, de miúdos amontoados no paredão a ver a confusão como se de um circo se tratasse. E subitamente vi o sangue. Sangue na parede, no chão, na cara do miúdo, na roupa, nos outros rapazes, nas mãos dos gorilas, em todo o lado. Furei toda a gente, empurrei, gritei e implorei para me deixarem passar. No meio do caos, alguém me puxou por um braço e consegui sair dali. Afonso agarrou-me e abraçou-me enquanto me conduzia na direção oposta. Olhámos um para o outro e, por trás do gesto momentaneamente heróico de me tirar dali, era impossível não perceber que estava atrapalhado.

— Obrigada — disse, por fim. — Meu Deus, estão a matar um miúdo ali. — Agora era eu que tinha os olhos em lágrimas e ele continuava a puxar-me e a conduzir-me pelo paredão para longe de tudo aquilo. Parámos mais à frente.

— Como é que foste parar ali? — perguntou-me.

— Só queria atravessar a linha para apanhar um táxi do outro lado. — Respirei fundo para tentar expulsar o medo de dentro de mim.

— Olha, vi-te a descer as escadas e resolvi sair também para ver se te apanhava — disse, de mãos nos bolsos. — Estavas mesmo a pensar ir-te embora sozinha a esta hora? — Sorriu-me. Um sorriso meio constrangido; ainda assim, um sorriso. Suspirei esfreguei a cara com as mãos.

— Há táxis do outro lado da estação. Não é propriamente uma distância pouco segura.

— Não tens noção das histórias que já ouvi sobre miúdas que decidem andar sozinhas na rua a meio da noite — disse, franzindo a testa.

— Se uma pessoa pensar assim, não sai de casa. — Dei uma gargalhada débil. O momento não era para gargalhadas mas ainda tinha o corpo entorpecido daquilo tudo e o riso saiu-me involuntariamente.

— Eu sei, mas olha para esta confusão. Até os ricos são malucos.

Ficámos em silêncio, no meio do paredão, com a música que se ouvia das colunas da discoteca a gritar por cima de nós. Arrumei o telefone na mala, porque ainda o tinha na mão e cruzei os braços. Na verdade, não sabia o que dizer.

— Queres ir até à areia? — perguntou-me. Queria ir para casa, estava a tentar convencer-me disso, mas quem é que eu queria enganar?

— Sim, podemos dar uma volta. — Sentei-me nos degraus e descalcei as botas. Os meus pés enterraram-se na areia fria e, com as botas nas mãos, segui ao seu lado sem destino aparente. Caminhámos lentamente à beira-mar enquanto, lá em cima, a música continuava a tocar criando uma banda sonora um tanto trocista.

— Foi uma noite interessante — comentou, aparentemente despreocupado mas de olhos fixos em mim. Não sabia se estava a afirmar ou a questionar.

— Bem, foi uma noite diferente, de facto.

Ele suspirou.

— Aquela era a Madalena, a minha namorada. Deves ter percebido. — Sim, eu tinha percebido.

— De certeza que deve haver uma explicação para toda aquela confusão. Não esta da luta... — acrescentei. — Quero dizer, a outra, lá em cima. Desculpa, não tenho jeito nenhum para isto.

Ele riu-se. Já era um bom começo.

— Lembras-te de eu dizer que o Tunnel era o último sítio onde alguém me imaginaria? — Lembrava-me de tudo o que me dissera porque remoera naquilo na última meia hora. Como é que tínhamos passado de encostados no balcão para a areia? Ele fitou-me.

— A minha memória funciona muito bem. — Cocei o nariz. Não tinha sequer arte para conversas constrangedoras.

— Bem, a Madalena jamais imaginou que eu viesse para aqui.

— Então porque é que vieste?

— Hum... — hesitou. — Eles já vinham de qualquer das formas e, como estão sempre a chatear-me, decidi aparecer — respondeu, enquanto olhava para o mar, quase parado àquela hora da madrugada. — Não pensei que a fosse ver, ela disse que ia sair com as amigas.

— Desculpa se estou a fazer muitas perguntas — tossi para clarear a voz —, mas quem é que ele era?

— Tens de parar de pedir desculpa, ok? Não o conheço muito bem, mas acho que, às vezes, sai com eles à noite. E é lá da vossa universidade, nunca o viste?

— Hummmm... — Vacilei com a observação confusa dele. — Eu não ando na universidade.

— Não és da faculdade deles? — perguntou e, repentinamente, parou e virou-se de frente para mim.

— Não — respondi, meio embaraçada. — Ainda estou na escola, quero dizer, já acabei mas vou repetir algumas disciplinas... Olha, não interessa. — Mudei de assunto. — E nenhum dos teus amigos sabia deles os dois?

— Não.

— Tens a certeza? — perguntei. Ele lançou-me um olhar de dúvida. — Desculpa, não quis dizer que eles sabiam e não te contaram. Desculpa. Vou também parar de pedir desculpa.

Ele sorriu.

— Isabel, Isabel... tens que idade? — perguntou, puxando o lábio inferior com os dedos, num gesto mecânico que parecia estar a fazer sem se aperceber. Ouvi-lo dizer o meu nome foi como um foguetão a entrar em órbita, já não havia força da atração terrestre que me puxasse de volta.

— O que é que isso importa? — perguntei, cruzando os braços.

— Não importa nada. — Olhou-me fixamente.

Fiquei em silêncio.

— Não acredito que a namorada do Ventura ainda anda na escola — disse com uma gargalhada sonora. — Ele nunca partilhou esse pequeno pormenor. Desculpa, não há qualquer problema nisso, mas teve piada porque ele está sempre armado ao pingarelho, que faz e acontece e ele isto e ele aquilo.

Tive vontade de rir. Tínhamos opiniões tão idênticas que parecia que conseguia ouvir a voz na minha cabeça.

— Tenho dezassete — respondi, por fim. — E a Alice também — acrescentei, nem que fosse para distribuir o mal pelas aldeias.

— É uma boa idade, já tenho saudades de quando tinha dezassete anos — respondeu trocista. — São amigas há muito tempo?

— Desde miúdas, quando mudei de escola e ficámos na mesma turma. Acabámos por nos tornar muito próximas por fazermos anos em janeiro e

sermos as mais novas. — Encolhi os ombros. — Não sei, temos uma relação especial.

— E como é que ela é?

— Inteligente e chata, adora História e está sempre a falar disso e a ver documentários e filmes aborrecidos que me obriga a ver também. — Dei uma gargalhada porque imaginei a cara que ela faria se me ouvisse naquele momento. — Mas também é doce, tem uma aura sempre calma como se, quando estamos com ela, também nos sentíssemos tranquilos.

— É a tua melhor amiga?

— Acho que sim.

— E como é que a definiste como uma melhor amiga?

— Não sei... — Pensei um bocado. — Posso dizer-lhe tudo porque ela nunca me julga. E posso ser eu mesma, seja o que for que isso signifique. Ela sabe que não gosto destas coisas, mas também sabe que venho por ela e que não poderia ser de outra forma. Porque é assim que é a amizade, acho eu. Gostamos uma da outra de qualquer maneira, mesmo quando uma está a fazer coisas que a outra odeia. Ou que a outra não compreende. Olha eu não compreendo o que é que ela vê no Ventura, o gajo é um Neandertal como todos os vossos amigos, mas tenho de respeitar, não é?

— Neandertal? — perguntou, curioso.

Dei uma gargalhada e tapei a cara com as mãos.

— Céus! Não devia estar a dizer-te isso.

— Fala-me mais sobre isso de serem Neandertais.

— É só como nós os chamamos porque, sei lá, são todos meio básicos.

Ele riu-se alto e começou a pontapear a areia com os pés.

— Gosto sempre de saber a forma como as pessoas se relacionam e o que é que as une. São gostos iguais? São *hobbies*? São interesses idênticos? Ou é porque calharam ficar na mesma turma e sentar-se durante cinco anos na

mesma mesa? Por vezes, penso nestas coisas. Será que se tivesse conhecido os Neandertais hoje, seria amigo deles? — Fez uma entoação cómica na palavra Neandertal. — Mas crescemos juntos, gostamos uns dos outros, passamos férias juntos. Mas às vezes também penso que hoje não tenho nada em comum com eles.

— Se calhar, isso também é amizade. O tempo passa, as personalidades mudam, mas nunca deixam de ser amigos.

— Sim, talvez... mas há alturas em que te questionas. Hoje, supostamente, íamos a um concerto, mas alguém se esqueceu de ir buscar os bilhetes. Porque, na verdade, eles queriam era vir para aqui. Como vêm todas as semanas. Eu acabei por vir porque também não tinha nada para fazer...

— Sabes, nada acontece por acaso — disse. — Se calhar tinhas de vir hoje para veres o que acabaste de ver.

Ele parou de andar e sentou-se na areia. Sentei-me ao lado dele.

— Eu sei. — Atirou-me com uma mão cheia de areia para os pés.

— Também já me aconteceu algo parecido no passado — ouvi-me dizer. Queria ter alguma coisa espirituosa para dizer. Na verdade, não sabia o que dizer e dei por mim a deixar escapar uma mentirinha. A minha experiência amorosa com rapazes, ou raparigas, era quase nula.

— Alguém teve a coragem de te trair? — Riu-se, dando-me um toque subtil no braço. Senti o coração a acelerar. Não compreendia este magnetismo, com apenas um toque ele fazia disparar os meus batimentos cardíacos.

— Bem, não foi assim tão parecido. Estive com uma pessoa quando ainda gostava de outra, mas isso já foi há muito tempo.

— Gostar de outra pessoa já é traição. — Voltou a mexer na areia com as mãos. — Acho que pensar em outra pessoa também o é.

— Sim, acho que tens razão.

— Foi a tua última relação? — perguntou-me, olhando de soslaio a avaliar a minha reação.

— Acho que não sou uma pessoa de relações — respondi. Na verdade, as relações é que não queriam nada comigo, até agora tinham sido patéticas. Ou melhor, patética. Singular.

— Não há ninguém que não seja de relações. — Empurrou-me com o ombro. — O ser humano vive para crescer, casar e dar continuidade à espécie. Somos todos animais.

— *Okay*, não é não ser de relações, mas é difícil conhecer alguém, gostar de alguém... e depois, quando gostamos, fazem-nos isto. — Sorri. — Olha para ti, aqui na areia. *Animalesco*, não é?

— Então não gostas de relações porque tens medo... — Calou-se por segundos, a pensar. — Isso significa que preferes não as levar a sério?

— Então! — Atirei com um bocado de areia para cima dele. — Por quem me tomas?

— Já nos estamos a entender. — Riu-se. — E gostavas a sério dele? — Fez uma entoação grave no «a sério», o que teve piada, e, ao mesmo tempo, emocionou-me por razões estúpidas.

— De quem? — perguntei. Já perdera o fio à conversa.

— Daquele que gostavas enquanto estavas com outra pessoa.

— Ah, sim. — Fiquei a olhar para o mar. — Mas nem sequer estivemos juntos. Foi uma parvoíce...

— Foi o teu último gostar?

— Talvez. — Enrolei os braços em redor das pernas. Como continuava a manter o olhar fixo em mim, desviei à custa, sentia-me demasiado embaraçada. Queria mudar de assunto. — Estavam juntos há muito tempo?

— Não propriamente. Ela foi viver para minha casa há uns meses — disse, e senti um choque. Viver junto era um outro universo.

— Viver em tua casa? Mas tens que idade? — perguntei, subitamente. — Não me digas que és casado e tens filhos.

— Já tenho netos. — Sorriu. — Já não vivo com os meus pais... — Deixou o assunto a meio. Não senti que devesse forçar.

— Hum... — Cerrei os olhos. — Acho que devia ter atravessado a linha do comboio. — Ele fez um ar de espanto e deu uma gargalhada. — Viverem juntos é muita areia para o meu camião.

— Olha, Isabel, este camião é bem mais simples do que estás a pensar. Ela veio para cá estudar e, há uns meses, o senhorio não renovou o contrato e ela acabou por ficar em minha casa temporariamente porque não tinha para onde ir.

— Então e agora?

— Essa é uma boa questão. Espero que, por esta hora, esteja a caminho e leve todas as suas merdas. — Espreguiçou-se e deitou-se na areia de barriga para cima.

— Temos a missão de fazer tempo, portanto. — Soltei o cabelo e deitei-me ao seu lado na areia.

O céu estava limpo e estrelado. Parecia alheio a tudo, às pessoas, à confusão, ao sangue lá em cima, a nós, dois pontinhos ao longe na areia. A música continuava a gritar vinda da discoteca, no meio de centenas de miúdos que se divertiam, dançavam e bebiam. Parecia que estávamos isolados do mundo, ali deitados com o mar a tocar-nos nos pés. Ficámos em silêncio, mas não era um silêncio constrangedor. Era confortável. Não tínhamos nada para dizer um ao outro, afinal só nos conhecíamos há duas horas, mas senti-lo deitado ao meu lado, com o braço a poucos centímetros do meu, era agradável. Não era estranho, não era desconhecido, era como se esta conversa já tivesse existido algures no passado. Sentia-me como se estivesse a viver um qualquer *déjà vu*, como se já o tivesse conhecido ou como se

soubesse que nos íamos conhecer, como se tudo tivesse sido um grande jogo de paciência até o ter encontrado.

Ele mexeu-se ao meu lado, tirou o maço do bolso, acendeu um cigarro e expirou pelo nariz para o céu, ajeitando-se novamente na areia e colocando o outro braço por trás da cabeça. Olhou para mim e levantou as sobrancelhas, como que examinando agora pela primeira vez a pessoa que tinha ali ao seu lado.

— Olha para nós... — Deu uma gargalhada. — Estamos meio bêbedos.

— Eu não estou bêbeda. — Virei-me para ele e apoiei a cabeça na mão.

— Eu estou, infelizmente. — Olhou para cima para evitar olhar para mim.

— Infelizmente porquê?

— Porque quando estou bêbedo não penso muito bem nas coisas — disse, espreguiçando-se na areia. — Ou se calhar penso demasiado. — Riu-se alto, ainda com o cigarro preso entre os lábios, levantou-se e apoiou os braços nos joelhos. — E se fizermos algo muito estúpido?

— O que é que é estúpido para ti? — perguntei, franzindo a testa.

— Sei lá. — Apagou o cigarro na areia molhada e atirou-o pelo ar para trás de nós. Reprimi a vontade de me levantar e de apanhar a beata da areia. — Atirar papel higiénico às casas dos ricos ali em cima no Estoril. Ou ovos, só para chatear.

— Isso não faz sentido nenhum.

— Vamos fazer isso. — Levantou-se de um salto. — Anda. — Esticou-me a mão.

— Eu não vou fazer isso. — Cruzei os braços atrás das costas para que não me pudesse alcançar. — E não temos papel higiénico. — Ri-me porque... não sabia porquê. Ri-me porque dava-me sempre para rir nas situações desconfortáveis.

— Isso arranja-se — respondeu, puxando-me pela cintura, o que o fez cair

por cima de mim.

E subitamente, estávamos deitados na areia gelada. Ele tinha os braços por cima de mim, apoiados na areia, e olhava-me, agora sério. Toda a sua fanfarronice do papel higiénico desaparecera. Sorriu de lado, como que a tentar disfarçar qualquer sinal de embaraço, e deu uma gargalhada meio rouca, deixando-se apoiar lentamente em mim. Estávamos colados um ao outro e o meu coração batia de forma estúpida, tinha a certeza de que ele o podia sentir. No auge dos êxitos dos anos oitenta e noventa que continuavam a passar lá em cima, começou a tocar *Crazy* dos Aerosmith, uma das minhas bandas favoritas de sempre e para sempre. Não conseguia acreditar que estava a viver aquele tipo de clichê, o que me fez rir, porque a situação era ridícula e insólita. Eu nunca fora o tipo de miúda a quem estas coisas aconteciam. Ele apoiou-se no cotovelo e colocou a outra mão na minha boca para me fazer parar de rir. E beijou-me. Assim, sem mais nem menos. Beijámo-nos ao som de uma daquelas músicas que ouvia em casa sozinha deitada na cama. Durante o resto da vida, não importaria o que estivesse a fazer ou onde, quando ouvisse os primeiros acordes desta música, sabia que iria recordar-me do olhar de Afonso fixado em mim, da sua mão no meu rosto, do meu coração a tremer, do meu corpo a responder-lhe infantilmente. Porque Lisboa está cheia de bares a abarrotar de miúdas bonitas que, num piscar de olhos, se colocariam de gatas a ronronar nas suas pernas. Mas ele viu-me a mim.

2

— Conseguieste, já apaguei da minha cabeça a tua imagem a pisar-me os pés — disse, ainda com a minha boca colada na dele, e tapei a cabeça com a almofada.

— Se essa continuasse a ser a primeira lembrança, acho que era mau sinal. — Puxou-me a almofada e começou a afastar o emaranhado de cabelo do meu rosto.

— Mas não consigo parar de me lembrar do épico pranto no meio da pista — disse, com a voz cortada por gargalhadas, abanei as pernas num gesto teatral e enfiei-me debaixo dos lençóis a rir.

— Está certo. Acho que mereço. — Espreitou por baixo do lençol. — Vais ficar aí escondida?

Talvez fosse. Depois de me ter levado a casa do meu pai, ficámos à porta meio aparvalhados entre beijos. Eu empurrava-o para nos afastarmos, mas ele puxava-me para me beijar e, quando se preparava para se ir embora, era eu que o puxava para ficar, numa guerra entre o que queria e o que deveria fazer. Não me lembrava muito bem de como é que acabáramos por subir, nunca antes fizera tal coisa. Ele não estava tão bêbedo como talvez tivesse tentado dar a entender, disso tinha a certeza. E eu não estava tão à vontade com tudo isto como forçosamente tentava mostrar.

— Acho que vou ficar aqui até ires embora — respondi, com uma gargalhada falsa.

— Embora para onde? — perguntou, enquanto tentava puxar o meu cabelo debaixo da almofada. — Já me estás a expulsar?

— Foi uma coisa sem importância. Podes voltar para casa e resolver tudo com a tua namorada. — Tentei soar desinteressada e madura, como se alguma vez o tivesse sido.

— Ex-namorada. — Inclinou-se, puxou o lençol da minha cabeça e beijou-me.

— Olha... — murmurei, com a sua boca colada na minha.

— Diz. — Tocou-me no rosto e foi um gesto tão banal, tão delicado, que cedi.

— Primeiro comida, depois banho, depois beijos — respondi, levantando-me da cama num salto.

Vi-o olhar para mim ao afastar-me, o que foi estranho. Estava mais habituada ao inverso.

— Traz esse rabo para aqui outra vez — gritou, deitando-se de lado e apoiando a cabeça na mão direita. Vi-o pegar no maço de cigarros no chão ao lado da cama. Acendeu um cigarro e expirou para o tecto.

Deitei-lhe a língua de fora e fechei a porta da casa de banho. Passara a noite com um rapaz de quem pouco ou nada sabia e que, por mais inusitado que tudo parecesse, tinha uma relação com outra rapariga. Pelo menos, até há poucas horas. Onde é que me encaixava naquele cenário? Sempre assumira que nunca seria como as raparigas da escola que passavam os fins de semana a beber cerveja na praia, a sair à noite e a dormir com rapazes diferentes. Não que isso fosse mau, na verdade, invejava-as, era tudo tão pitoresco e, ao mesmo tempo, assustador e fascinante. Mas não conseguia deixar de sentir uma certa aflição, como se tivesse feito algo de muito errado. Sentira-me arrojada na noite anterior, é certo. Quão audaz seria poder dizer que já tinha tido uma noite casual? Sentira-me espontânea, como se fosse outra pessoa.

Ou talvez tivesse sido a vontade de corresponder a qualquer coisa que ele pudesse esperar de mim.

Então lembrei-me de que acabara de contribuir para uma traição. Bem, ela também o traíra. Abanei a cabeça para me deixar de ideias parvas, aquele não era um problema meu. Lavei os dentes, passei água na cara e apanhei o cabelo. Saí da casa de banho e encontrei-o deitado na cama, com o braço de fora da janela e o cigarro preso entre os dedos. Tinha um livro meu e estava a folheá-lo.

— Aí estás tu — disse, fechando o livro, e rapidamente levou o cigarro aos lábios. Expirou com força, apagou-o do lado de fora da janela e puxou-me pela cintura.

— Então, vamos comer? — tentei perguntar enquanto me beijava.

— Primeiro quero saber uma coisa — disse, levantando-se da cama de um salto, com as calças caídas ao fundo da cintura. — Colecionas livros?

— Pode dizer-se que sim. — Deixei-me cair novamente na cama. O que é que ele tinha contra livros?

— *Anna Karenina*, *Jane Eyre*, *Amor de Perdição*, *Os Maias*, *Persuasão*, *O Grande Gatsby*, *Mulherzinhas*, *Lolita*, *Longe da Multidão*, *Paris é uma Festa...* Céus! Nem conheço metade disto. És uma rapariga de clássicos? — Olhou-me de lado e sorriu enquanto ia lendo os títulos dos livros que tinha em montes no chão, na parede em frente à cama. — Pareces a minha mãe.

— A tua mãe deve ser fixe, então.

— E já leste todos?

— Oh, não! — Dei uma gargalhada. — A minha coleção ainda é muito embrionária.

— Então, se eu te quiser oferecer um presente, ofereço-te um livro? — Observou um quadro que tinha pendurado na parede com fotografias velhas.

— Não, eu não faço anos tão cedo.

Ele continuou a andar pelo quarto.

A luz, que entrava pelas frinchas da janela, deixada aberta na noite anterior, iluminava a divisão com pequenos raios de sol que, à medida que ele andava, incidiam em partes do corpo dele. Ora no seu maxilar, ora na sua nuca, ora na cintura, ora nos braços, morenos. A sua presença era como uma nova vida no meu quarto, mas, estranhamente, era como se ele sempre ali tivesse estado e o seu corpo encaixasse em cada canto. Eis a parte boa de quando ficava com o meu pai: tinha um quarto enorme com uma casa de banho só para mim e três vezes maior que o de casa da minha mãe, onde sempre vivi. Trouxera grande parte dos meus livros e CDs para casa do meu pai, coisa que a minha mãe tinha agradecido e apoiado porque era menos tralha em casa dela.

Uma das paredes estava, assim, preenchida com uma estante do chão ao tecto e, aos pés da cama, tinha um sofá velho. Mas um sofá! Nunca imaginara ter um sofá no quarto. «Não achas mais prático repetires o ano num liceu em Lisboa?», perguntara a minha mãe tempos antes. «Podes passar mais tempo com o teu pai». Olhara para ela como se fosse a pergunta mais idiota de sempre, como se alguma vez fosse para outra escola sem Alice. Eu sabia que ela me queria preparar para uma nova vida que idealizara para mim, faculdade, morar sozinha, crescer, ser adulta e enfim casar, ter filhos e morrer. A minha mãe era mesmo assim, via tudo preto no branco, o meu pai via a cores. O que diria ele, de férias no Alentejo com a nova mulher e os meus irmãos mais novos, se soubesse que viera para casa dele com um rapaz? Este pensamento fez-me rir. Afonso ondeava para lá e para cá com uma naturalidade inata, como se pertencesse ali. Continuava a vaguear pelo quarto, pegava em livros ao acaso, em discos e CDs, em perfumes, em molduras, ria-se e apontava-me as coisas que lhe chamavam a atenção. Ao

fim de uns minutos, deitou-se na cama ao meu lado e enrolou as pernas nas minhas.

— Portanto, é isto que tu fazes. — Não perguntou, afirmou.

— O que é que eu faço?

— Lê. — Alisou-me o cabelo com a mão e prendeu uma madeixa atrás da orelha.

— Eu leio. O que é que tu fazes?

— Hum, eu jogo computador. — Riu-se e escondeu a cabeça no meu braço. — Odeias-me por não ler? — perguntou, fechando um olho como se tivesse medo da resposta.

— Porque é que não lê? — perguntei.

— Sei lá, nunca quis passar o tempo a ler sobre pessoas que não existem e a fazer coisas que nunca fizeram mas que, de alguma forma, terão uma mensagem altamente relevante para nós e que vai mudar a nossa vida — respondeu e voltou a esconder-se debaixo dos meus braços.

— Nunca tinha pensado nisso — disse-lhe, incrédula —, mas os livros trazem sempre experiências pessoais dos escritores, não é como se fossem fábulas com animais ou assim. As personagens podem ser de fantasia, mas as vidas que lemos são reais, os dilemas são reais, os medos, os sentimentos, tudo.

— Prefiro jogar. — Riu-se. — Pelo menos, sou eu que conduzo o jogo.

— Aquele jogo também já está inventado e tu estás a conduzir para onde o criador do jogo quer que tu vás. E isso sim, é num mundo de fantasia com lutas que nunca vais fazer ou a ganhar moedas como o Super Mário. Mas as moedas não caem do céu nem estão nos túneis — respondi, revirando os olhos.

— Estás a querer estragar-me o meu *hobby*? — perguntou. — E eu não

jogo o Super Mário, isso é para crianças. — Atirou-se ao meu pescoço e começou a beijar-me.

Puxou-me para si, abraçou-me, deixei que me abraçasse, que me quisesse porque também já eu o queria.

— Lembro-me de te ver ontem encostada ao balcão — disse, deitando a cabeça na minha barriga.

— Eu também me lembro de te ver encostado ao balcão.

— Não é isso — interrompeu-me. — Estavas segura de ti, confortável, como se não precisasses de mais ninguém para te divertires.

— Eu não preciso de mais ninguém para me divertir. — Ri-me. Não estava a perceber onde é que ele queria chegar.

— Qualquer outra pessoa procuraria uma distração. Oh meu Deus, estou aqui sozinha enquanto a minha amiga está com o namorado... — Não consegui evitar rir com a voz apalermada, talvez imitação da minha. — Mas tu estavas apenas ali, tranquila, a observar as pessoas. — Entrelaçou a sua mão na minha.

— É o que eu faço porque costumo estar com a Alice, é como se também eu namorasse com o Ventura, sorte a minha...

— Foi isso que me fascinou em ti.

— O facto de eu também namorar com o Ventura? — Sorri.

— Não. — Beliscou-me a barriga. — O facto de sorrires, mais para ti do que para alguém em específico.

— Eu não me estava a rir sozinha. Achas que sou maluca?

— Tu sorris com o corpo, com os olhos, com a boca, não percebes isso? — Largou-me a mão, agarrou-me no rosto e beijou-me. Tão profundamente, como se nunca mais quisesse sair de dentro de mim. As nossas línguas tocaram-se, entrelaçaram-se e reconheceram-se. Fiz um esforço por me afastar.

— Bem, Romeu, já chega de palavras bonitas. Vamos tomar o pequeno-almoço? — Levantei-me da cama, vesti umas calças de ganga e uma *T-shirt* branca que estava pendurada na cadeira. Olhei ao espelho. Tinha o cabelo num emaranhado e restos de maquilhagem da noite anterior. Fiz um esforço por tentar parecer minimamente apresentável, peguei num batom do cieirol vermelho com cheiro a cereja e passei-o nos lábios, abanei a cabeça para baixo e preendi o cabelo num rabo-de-cavalo. Percebi que me observava, deitado na cama. Apanhei um livro do chão e atirei-o para cima dele.

— Vamos lá, toca a levantar — disse, puxando-o pelas mãos. Ele levantou-se muito a custo, olhou ao espelho e despenteou ainda mais o cabelo.

— Onde é que me vais levar? — perguntou, enquanto calçava os ténis.

— A um sítio onde possamos comer... — olhei para o relógio — às duas da tarde.

— É uma bela hora para se comer.

Com uma mão, borrifei um bocado de perfume no meu pescoço, depois no dele. Peguei nas chaves, na mala e puxei-o porta fora, descemos os três lanços de escada e saímos para a rua. O sol ofuscou-nos os olhos. De costas para a porta do prédio onde o meu pai morava na Rua da Misericórdia, parámos uns segundos. Parecíamos morcegos que tinham estado tanto tempo na escuridão que, à luz do dia, tudo parecia tremendamente turvado. Algures no meio desta adaptação ao dia, ele deu-me a mão. Descemos a rua com as suas varandas senhoriais que espreitavam dos dois lados da estrada, entrecortadas pelos carris dos elétricos que, volta e meia, passavam por nós a todo o vapor, contrastando com a placidez dos peões. Com o calor que se fazia sentir naquele início de verão, passámos para o lado esquerdo e fresco da rua e continuámos a descer, passando por lisboetas e turistas domingueiros que, a passos lentos, passeavam e se demoravam pela sombra. De um lado e de outro, plantas desmaiadas nas varandas, deixando-se cair como que sem

disposição para aguentar aquele calor. Sentia-me como elas. Chegámos ao Largo de Camões e virámos à esquerda, na Igreja da Nossa Senhora da Encarnação, para o Largo do Chiado. Atravessámos a estrada a correr, por entre os táxis e os carros que já começavam a arrancar a toda a velocidade ao trocar do semáforo. Parecia um sofrimento atroz soltar a mão dele, mas não conseguia fazer-me de namorada quando ele já tinha uma. O coração batia-me na garganta e ele apertou-me os dedos com força como se me largar também lhe proporcionasse igual sofrimento. Quantas coisas me tinham passado ao lado, perdida em fantasias infantis, e agora estava tudo a acontecer ao mesmo tempo. Gostava da maneira como ele falava, como se ria, como expirava o fumo dos cigarros para o teto. Olhei para ele de passo apressado ao meu lado e tive uma clara e estranha sensação de que tudo nele era feito à minha medida. Gostava das suas mãos, da sua *T-shirt* horrível com uma banda foleira, dos dentes tortos, da barba e da sua pele áspera, do pescoço moreno com a linha branca de quem apanhava demasiado sol na cara. Soltámos as mãos para passarmos cada um de cada lado de um poste e ele voltou a procurar-me. Os nossos dedos tocaram-se, ele apertou-os com força e puxou-me para si. Eu tirei a mão e empurrei-o para a minha frente, entre risos. Saltámos por entre os quadrados desenhados no chão da calçada com as sombras do arvoredado a pintar o jogo de xadrez plácido da tarde que já ia a meio. O pátio nu, lajeado de pedras e pedrinhas que desenhavam contornos geométricos ao chão, estava apinhado. Os turistas andavam para trás e para a frente e viam-se músicos a tocar no largo, fazendo parar os transeuntes que, descendo ou subindo a Garrett, se deixavam ficar por ali a apreciar os acordes trauteados numa língua que não conheciam, mas cuja melodia os fazia sentir como que parte de nós. A música portuguesa caía sempre bem numa Lisboa que já era quase mais estrangeira do que nossa. Abandonámos o largo e a confusão, metemos pela António Maria Cardoso e

continuámos a percorrer a calçada onde prédios de três e quatro andares, separados apenas por uma estreita rua com carris, formavam toda a paisagem suspensa do céu claro que brilhava acima de nós. Puxei-o pelo braço e cortámos à esquerda, descendo aos saltos a escadaria que terminava no Café no Chiado. Atirei-me para uma das cadeiras de frente para o São Carlos e escondi a cara por baixo da sombra melancólica das árvores da rua que tornavam o calor um pouco suportável. Algumas pessoas almoçavam, outras liam, um grupo de miúdas conversava e ria-se alto e bom som, aproveitavam a serenidade daquele domingo quente de Junho.

— Já sei porque é que gostas de vir aqui — disse-me depois de ter ido buscar a ementa. Pegou-me na mão por debaixo da mesa, entrelaçando os dedos nos meus e encostando-se para trás na cadeira. Sentia-me a queimar por dentro.

— Porque é perto de casa e a comida é barata?

— Porque está cheio de livros lá dentro.

— Entaaaão, este é um café histórico e estás numa zona da cidade que faz parte do imaginário da nossa literatura — disse-lhe. — Na verdade, é mais porque é perto de casa e tem esta esplanada à sombra.

— Estás a falar daquele dos poemas que nos obrigavam a ler na escola? — Deu uma gargalhada alta. — Claro que sei que é o Pessoa, estou a meter-me contigo.

— Ele morou ali atrás no Largo, sabias? — Apontei, para a esquerda. — Mas tanto o *O Primo Basílio* como *Os Maias* têm muita ação passada aqui nesta zona. Eça de Queiroz, Alexandre Herculano e Almeida Garrett foram grandes figurações do Chiado, meu amigo.

— A sério? É isso que tu estudas? — Aproximou-se e beijou-me a orelha. Senti o seu hálito quente a raspar-me no pescoço e um arrepio percorreu-me dos pés à cabeça.

— Não sou obrigada a estudar. — Sorri. — Na verdade, gosto muito e, sei lá, às vezes, imagino que posso vir a escrever um dia. Ser escritora, sabes...

— Depois de o dizer em voz alta, tive noção que dizer que gostava de ser escritora soava tão estúpido como dizer que gostava de ser astronauta ou malabarista no circo.

— E o que gostavas de escrever?

— Não sei, só sei que é o que mais gosto de fazer. Não tenho nenhuma aptidão especial, nunca mostrei apetências para nenhuma profissão em específico, sempre me senti meio inútil, para dizer a verdade. Se um dia alguém me pagar para ler livros, terei encontrado a profissão de uma vida. Mas como é muito pouco provável que isso aconteça, o mais próximo que me imagino a fazer é talvez jornalismo, que é o que a minha mãe quer que eu faça.

— E tu, queres?

— Não sei, é por isso que não vou este ano para a faculdade. Só quero sentir que estou a fazer a escolha certa. A minha mãe diz-me que o importante é fazer a diferença, mudar alguma coisa. Não o mundo inteiro, é certo. E depois o meu pai diz que é a arte que muda a vida das pessoas.

— Por isso, lê. — Voltou a encostar-se para trás, observando-me.

— Para escrever, tenho de ler.

— Vais escrever sobre mim?

Dei uma gargalhada.

— Essa pergunta é um bocado estranha.

— Então vais escrever sobre mim, tenho a certeza. — Apertou-me a mão debaixo da mesa, esticou-se e deu-me um beijo fugidio nos lábios. — O que é que vamos comer?

Tentei pensar na opção que me daria a menor probabilidade de ficar toda suja de comida ou com coisas nos dentes. Talvez um sumo de laranja com

uma tosta de tomate seco. Sim, parecia-me mais seguro. Sem queijo, obviamente. Apesar de ter pedido e repetido esta informação, vi a pasta branca a sair pelo pão. Seria melhor fazer uma cena lunática e pedir uma nova tosta ou tentar tirar o queijo todo e parecer uma anormal? Decidi parecer uma anormal. Estava a fazer uma operação cirúrgica à tosta, a raspar o queijo com a faca e Afonso olhava-me curioso.

— Tens muito jeito para tirar queijo derretido de pão — disse, enfiando uma panqueca quase inteira dentro da boca.

— Devia ter pedido para me fazerem outra, não devia?

— Acho que sim. Mas, entretanto, toma uma panqueca.

— Ou não — disse, sorrindo. — Come lá as tuas panquecas.

— Não quero que passes fome só porque tens medo de queijo.

— Não tenho medo de queijo — respondi, com uma gargalhada.

— Diz ela enquanto esfaqueia o pão.

— Só estou a tentar tirar o queijo.

— Come uma panqueca.

— Não.

— Ainda agora começámos e já estamos a ter uma discussão sobre panquecas e queijo?

Revirei os olhos e dei uma trinca. Decididamente não ia conseguir comer aquilo.

— Não gostas de queijo — disse ele. — A informação já está armazenada. Nunca mais me esqueço disto. — E chamou o empregado para pedir outra tosta especificamente sem qualquer tipo de queijo.

— O que é que tu fazes, afinal? — perguntei-lhe. Ainda não percebera o que fazia da vida, além de jogar jogos de computador, decididamente não o Super Mário.

— Não é nada de muito impressionante para se contar. — Assumiu um ar

sério. — Trabalho na empresa que era do meu pai, pelo que não gosto muito de falar sobre isto.

— E porque é que não gostas de falar?

— Porque as pessoas assumem imediatamente que não tenho de fazer nada, só porque sou o filho do fundador.

— E não fazes? — perguntei com um sorriso.

— Bem, até faço — disse, assumindo um tom de voz exibicionista. — Estou no departamento criativo e de publicidade. Fazemos campanhas e anúncios, criamos *slogans* para marcas e assim. Mas não é nada de muito interessante para falar.

— E o teu pai? — perguntei, já antevendo a resposta, dado que falara nele no passado.

— O meu pai morreu há uns anos, mas, mesmo quando era vivo, pouco conviveu comigo e com a minha irmã. Por isso nunca tive uma ligação muito forte com ele. — Deu-me a mão. — Os teus pais estão juntos?

— Não. — Soltei-me rapidamente da mão dele e espreguicei-me na cadeira. — Moro com a minha mãe em Carcavelos. Esta é a casa do meu pai onde ele vive com a nova mulher e os meus dois irmãos mais novos.

— Já vive com esta mulher há muitos anos? — perguntou, franzindo o sobrolho.

— Sim, para aí desde os meus doze anos. — Comecei a fazer contas mentalmente. — Os meus irmãos são gémeos e têm quatro anos. Nasceram pouco depois de ele se ter casado novamente.

— E porque é que se separaram? — perguntou, procurando novamente a minha mão debaixo da mesa. Desisti e deixei-o tocar-me.

— Porque a relação deles era uma merda. Quando era miúda, houve alturas em que achei se odiavam. Gritavam muito e discutiam por coisas que nem entendia muito bem, como o dinheiro. Mas depois seguiam-se os períodos de

paixão intensa. Esses eram, sem dúvida, os momentos mais felizes em família, viajávamos imenso por Portugal e passávamos bastante tempo na casa da minha avó no Alentejo. Mas nunca duravam muito... O meu pai vive no mundo da lua e a minha mãe fartou-se da instabilidade que era viver com ele.

— Instabilidade como? — perguntou, interessado, o que me fez passar uma onda de emoção pelo corpo.

— O meu pai pinta e passa grande parte do seu tempo sem emprego e a viajar na sua caravana. São os seus momentos de cultivar o talento, como ele diz.

— Pinta o quê? — perguntou, franzindo a testa. — Quadros e assim?

— Exatamente! — Sorriu ao ouvir a minha explosão. — Quadros. O meu pai acha que é um Van Gogh.

— E agora, o que é que ele faz? Esta casa é fixe.

— Esta casa é da Maria João, a mulher dele, que deve gostar realmente do meu pai porque lhe dá liberdade para ter os seus momentos de cultivo — disse a palavra cultivo com uma entoação sarcástica. — Era uma casa de família ou algo do género. São todos arquitetos, o prédio é da família e os dois últimos andares ficaram para ela. Acho que foi por isso que gostou do meu pai, os dois lá se entendem no meio dos seus desenhos.

— Gostas dela?

— Acho que sim. — Encolhi os ombros. — Damo-nos bem e ela deu-me aquele quarto da casa dela para que me sentisse sempre à vontade para lá ficar quando me apetecesse. Tenho o andar de cima para mim, que, noutra altura, talvez fosse um sótão ou assim. Ela podia nem sequer se ter preocupado comigo, percebes? Imaginei que fosse isso que iria acontecer, mas ela está sempre a dizer que quer que eu sinta que esta também é a minha casa.

— Custou-te quando eles se separaram?

— Claro — disse sem hesitar. — Imaginava que podiam simplesmente fazer as pazes e voltar a ser tudo como era dantes, só nós os três. Mesmo sabendo que isso era impossível porque as coisas do meu pai já não estavam lá em casa. E das outras vezes que ele tinha saído, eu sabia que ele iria sempre voltar porque os seus quadros e as suas latas e os estúpidos dos pincéis continuavam lá. Mas, da última vez, ele levou tudo. E eu soube que nunca mais iríamos ser só nós os três.

— Que merda.

— Pois.

Não havia forma de expressar a merda que tinha sido. Dei por mim a pensar que nunca contara esta versão dos acontecimentos a ninguém que não fossem as minhas amigas. Sempre achara dramático falar sobre histórias tristes da vida a pessoas que acabamos de conhecer. Mas sentia-me como se ele compreendesse melhor do que qualquer outra pessoa. Não sabia se era pela forma como me olhava com aqueles olhos que cavavam um buraco no meu peito ou por saber que o seu pai morrera e, de alguma forma, ele vivera mais ou menos uma perda idêntica. Percebi imediatamente a parvoíce que isto era, comparar a morte a um divórcio era estúpido porque estava com o meu pai todas as semanas.

— Acho que tudo isto requer muita coragem — disse, sorrindo.

— O quê?

— Tudo isto. Teres duas casas, aceites as escolhas do teu pai ao mesmo tempo que apoias a tua mãe. Seguir em frente, é isso. Todos temos de seguir em frente.

— Não me sinto nada corajosa. — Dei uma gargalhada falsa. — As coisas são como são e só tive de me adaptar a elas.

— Não te sentes porque estás a viver isto mas um dia vais olhar para trás e

pensar: porra, lidei mesmo bem com a nova vida do meu pai.

— Pareces a minha mãe a falar.

— O que é que ela diz? — perguntou, trocista, encostando-se na cadeira com as mãos atrás da cabeça.

— Quando o meu pai e a Maria João casaram, não quis ir ao casamento. E não é que não gostasse dela, acho que só posso agradecer o facto de o meu pai ter conhecido alguém que não me trata como um empecilho. Mas não queria ir pela minha mãe, porque sentia que estava de alguma forma a traí-la ao celebrar a felicidade do meu pai sem ela. Mas ela disse-me: ele é teu pai e, se não fores, vais arrepender-te. É difícil imaginar isso quando tens treze anos e queres revoltar-te contra o mundo. Mas acredita em mim, vais arrepender-te. E pronto, fui.

— Se calhar, é por isso que dizes que não és uma pessoa de relações. Tens medo que te aconteça o mesmo que aconteceu aos teus pais?

— E o que é que pensas fazer daqui a, sei lá, dez anos? — perguntei, mudando de assunto. Tirei as sandálias e coloquei os pés, descalços, por cima das suas pernas. — Se calhar, psicólogo era uma boa profissão para ti, já que gostas de analisar a fundo a mente das pessoas.

Ele deu uma gargalhada longa e ruidosa e percebi que gostava mesmo muito de o ouvir rir.

— Trabalhar em qualquer coisa, mas nem sei bem no quê. Só sei que quero estar fora da empresa do meu pai em breve e seguir o meu próprio caminho sem ver toda a gente a revirar-me os olhos em cada reunião — disse, encolhendo os ombros.

— Sabias que o Feng Shui ajuda na vida das pessoas?

— Hã?

— E fazer ioga melhora a energia.

— Estás a falar do quê, rapariga?

— Estou a ajudar-te a arrumares as ideias no sítio. Disseste que querias trabalhar em qualquer coisa, mas não sabes no quê.

— Mas ela está tão engraçada. — Puxou-me por um braço, agarrou-me na cara e beijou-me.

— Achas que já esgotámos todos os assuntos?

— És doida! Ainda nem começámos a falar sobre as coisas realmente importantes.

— Que coisas?

— Ora bem... — Fingiu pensar sobre o assunto. — Coisas como o facto de Veneza estar a afundar? Ou de as cabras terem pupilas retangulares? Ou de as batatas, as maçãs e as cebolas terem o mesmo sabor se as comermos com o nariz tapado? Ou de os Estados Unidos serem mesmo ao lado da Rússia?

— A Rússia? Está do outro lado do mapa — respondi.

— Porque tu estás a visualizar o mapa na horizontal. Eu posso não saber nada de literatura, minha menina, mas a terra é redonda, sabias?

— A sério? — respondi com sarcasmo. — Nunca me tinha apercebido disso.

— Quando vês o globo, vês que, na verdade, a Rússia está mesmo ao lado do Alaska, quase se podiam tocar. Mas nós vivemos aqui no canto da Europa, então não temos essa percepção, porque nos visualizamos no mapa como estando no centro. América para a esquerda, Ásia e Rússia para a direita. Mas, na verdade, eles estão bem perto uns dos outros.

— Por acaso... acho que nunca tinha pensado nisso — disse, surpreendida por ele ser um poço de informações estranhas.

— Uma vez, tive uma discussão com o Ventura porque comentávamos se, para ir a Nova Iorque, os chineses tinham de passar pela Europa. E eu disse que não porque fazem a volta ao contrário. O Ventura disse que sim porque

as rotas têm de ser todas no mesmo sentido, como na estrada. Mas isto não me fez sentido nenhum.

— Quem diria... — comentei, sorrindo.

— O quê?

— Que tinhas tanto jeito para falar sobre factos totalmente aleatórios.

— Estava a provar-te como temos tantos assuntos sobre os quais falar.

— Agora quero falar sobre ti — disse.

— O que é que queres saber?

— Tudo?

— Acho que temos o resto da vida para falar sobre isso, não?

Fiquei em silêncio e comecei a tamborilar com os dedos na mesa. Isto soava demasiado estúpido na minha cabeça. Conhecíamos-nos há menos de vinte e quatro horas. E vinte e quatro horas era absolutamente ridículo. Eu sempre achara palermas as pessoas que em três dias já se amavam. Então, como é que isto estava a acontecer comigo? Sentia-me uma fraude numa comédia romântica idiota, como a vilã de uma história que todos querem ver pelas costas. Senti que estava de novo a agarrar-me como louca às coisas, queria-o mas nem sequer o conhecia.

— Em que estás a pensar? — perguntou, enquanto metia uma garfada de ovos mexidos na boca, interrompendo-me dos meus pensamentos.

— Na tua namorada, acho eu — respondi com expressão séria e arrependi-me imediatamente de o ter feito.

— Tudo bem. Queres conversar sobre ontem à noite? Vamos conversar. — Afastou o prato, poisou os cotovelos na mesa e ficou calado a olhar para baixo, massajando com as mãos a nuca. Dei-lhe toques com os dedos do pé e quando, finalmente, ele ergueu os olhos para mim, disse-lhe o que já me tinha passado tantas vezes pela cabeça naquela manhã

— Tu tens uma relação com outra pessoa e eu não quero, de forma alguma, contribuir para o seu fim — disse, a medo.

— Como é que achas que a minha relação com a Madalena pode continuar depois disto tudo? — perguntou, exasperado, sussurrando para que ninguém nos ouvisse.

— Não é isso — interrompi. — Estaríamos aqui agora se isso não tivesse acontecido? Isto — aponte para nós os dois com os dedos — não foi uma causa, foi a consequência, entendes? E pareceu-me que estavas genuinamente triste e, acredita, não fico chateada ou coisa que o valha. — Menti. — Eu estava ali e aconteceu.

Ele respirou fundo e espreguiçou-se. Talvez para dar algum tempo antes de responder.

— Ouve, aquilo não aconteceu porque fiquei infeliz ou algo parecido. — Começou a mexer no cabelo, percebi que estava embaraçado. — Sei lá, estava um pouco bêbedo, se é que me posso desculpar com isso. Foi apenas uma lágrima devido ao choque porque me senti idiota por, depois de tudo o que fiz por ela, ainda levar com esta merda. Não é como se estivesse desatado a chorar. Se calhar, sou um gajo emocional e não sabia. — Tentou rir-se mas não estava a ter piada. Não me ri de volta.

— E isso não é a mesma coisa? — perguntei, encostando-me para trás na cadeira, de forma a poder olhá-lo nos olhos.

— Olha, ontem à noite, quando te vi, nunca tinha sentido nada assim. — Olhou-me diretamente nos olhos, obrigando-me a afastar o olhar. — Não sou tão bom com palavras como tu deves ser... — fez uma pausa para pensar — Mas lembraste de te ter dito como pensar noutra pessoa já era traição?

— Sim.

— Para de roer as unhas. — Nem me apercebi que o estava a fazer.

— Continua.

— Quando estávamos encostados ao balcão, só me apetecia tocar-te e, por momentos, nem sequer me lembrei que a Madalena existia. Foi como se ela se tivesse eclipsado da minha cabeça. — Suspirou. — Conheço-te há meia dúzia de horas, mas parece que te conheço desde sempre. Nunca me senti assim e parece-me que isto é uma coisa boa de se sentir.

Fiquei gelada por dentro e, depois, senti que, de repente, estava a suar em bica. Isto não fazia sentido nenhum. Não comigo: sempre o pé descalço, nunca o sapatinho de cristal.

— Eras feliz com a Madalena? — perguntei.

— Acho que sim, nunca quantifiquei a felicidade. Acho que estava apenas acomodado à presença dela.

— E agora? — perguntei.

— Agora quero estar contigo.

— E a Madalena? — voltei a questionar.

Fomos interrompidos pelo telefone dele, que começou a tocar.

— Falámos nela, aqui está ela. — Esticou o telefone na direção do meu rosto e vi o seu nome escrito no visor. Voltou a arrumá-lo no bolso.

— Acho que devias atender, saber o que ela tem para dizer, eventualmente tem alguma explicação para te dar.

— Não tenho nada para falar com ela.

— A sério? Acho que não podes simplesmente ignorar — disse-lhe, quase involuntariamente.

— O que é que queres que eu faça? — perguntou, cruzando os braços.

— Que lhe liguês, que lhe dês a oportunidade de falar.

— Eu não acredito que estás a dizer isso. — Deu uma gargalhada. — Há duas horas, estávamos deitados na cama e agora queres que eu fale com a minha ex-namorada?

Não, de facto não queria que ele falasse com ela, quem é que eu queria

enganar?

— Acho que é o mínimo que podes fazer.

Ele olhou-me durante uns segundos.

— Que fique bem claro que só o faço por ti — finalizou. Pegou no telefone, levantou-se e afastou-se uns metros para falar.

Terminei o sumo e fingi que não estava a ouvi-lo falar do outro lado da estrada encostado à parede do teatro. Não ouvia tudo, na verdade, só conseguia ouvir fragmentos de frases que ele ia dizendo ao telefone. Ouvi-o rir e, por um instante, senti uma onda de terror e solidão, mas tinha de afastar a sensação que me azedava a boca. Levantei-me para ir à casa de banho e vi-o olhar de relance para mim, com o telefone no ouvido. Os nossos olhos cruzaram-se. Senti que havia qualquer coisa entre nós que não existia há um minuto. Fiquei à espera de algum sinal, que me sorrisse, qualquer coisa, mas ele baixou a cabeça e continuou a falar. Percorri as mesas e as pessoas que se encontravam na esplanada, entrei e fechei a porta da casa de banho atrás de mim. Encostei-me à porta de madeira vermelha a olhar para a minha imagem no espelho. Questionei-me se seria ciúme. Não, o que estava a sentir não era ciúme, porque era óbvia a ausência de paixão de Afonso em relação a ela. Era bonita, é verdade, e isto é um paradoxo parvo porque pensava nela como fisicamente perfeita mas tinha uma clara consciência dos seus defeitos, ainda que não a conhecesse minimamente. Via-a como as raparigas da minha escola, de argolas e calças de ganga justas, a serem tudo aquilo que eu imaginava que queria ser.

Sentei-me na sanita e apoiei a cabeça nos joelhos. Porque é que ele tinha de se ter atravessado no meu caminho? E, pior, porque é que passara a noite e a manhã a ser idiota e sarcástica, a fingir-me mais madura do que era realmente? Observei-me ao espelho, algumas madeixas do meu cabelo estavam soltas do rabo-de-cavalo, de tal modo que parecia que tinha posto os

dedos numa tomada. O que, se calhar, até devia ter feito, talvez acalmasse a angústia que se atravessava na minha garganta. A máscara de pestanas estava alojada debaixo dos olhos e os restos de base da noite anterior ainda brilhavam na minha pele pálida. Passou-me pela cabeça que gostava de ser morena. Madalena tinha aquele tom de pele saudável de quem parecia passar o ano na praia. Olhei para mim, com as olheiras visíveis pela noite mal dormida. Se calhar podia fazer algum solário, pensei. «Respira e para com esta merda», disse para mim mesma ao espelho. Eu nem sequer queria ser igual a ela, não queria ser igual a ninguém. Alisei o cabelo com as mãos, voltei a prendê-lo num rabo-de-cavalo e limpei os restos de rímel e base com os dedos molhados.

Quando saí para a esplanada, vi-o sentado. Estava encostado na cadeira e tinha a cabeça pendida para trás, deixando que o pouco sol que espreitava por entre as árvores pousasse no seu rosto. Era por isso que era moreno, estava sempre com a cara ao sol. Fingi tossir para o acordar do seu silêncio.

— Aí estás tu — disse, sorrindo. Levantou-se, aproximou a sua cadeira da minha e voltou a sentar-se na mesma posição em que estava.

— Aqui estou eu — respondi. Não conseguia arriscar perguntar coisa alguma. Encostei-me para trás e fechei os olhos, com o sol a bater-me no rosto.

— Então? — Puxou-me a perna. — O que é que vamos fazer agora?

— O quê? — Abri os olhos e fixei-o. Estava sentado direito, inclinado para mim.

— Isso pergunto eu. — Riu-se. — Lembro-me perfeitamente de teres dito comida, banho e beijos. A primeira parte já está.

— E a Madalena? Estavas a rir-te... — Saiu-me involuntariamente da boca.

— O que é que haveria de fazer? Chorar? — Fez uma careta e revirou os

olhos o que me fez rir.

— Não sei.

Ele respirou fundo e massajou a barba rala com a mão esquerda.

— A Madalena pediu-me desculpa, disse que tinha cometido um erro, que não queria que nada daquilo tivesse acontecido. E eu ri-me. Porque estou mais do que agradecido por aquilo, ontem à noite, ter acontecido.

Não respondi.

— Acabou. Acabou mesmo. — Puxou-me na cadeira e fez-me aproximar dele.

— Acabou como? — perguntei, escondendo o rosto no seu pescoço.

Ele esborrachou-me nos seus braços, apertou-me contra o seu peito e pressionou os seus lábios nos meus.

— Assim — disse, com a sua boca colada na minha.

— Não sei... — respondi, ainda colada a ele.

Ele afastou-se e olhou-me de sobrolho franzido.

— Duvidas de mim?

— Totalmente.

— Não tens confiança em mim?

— Nenhuma.

3

Afonso expirou o fumo pelo nariz e ajeitou-se nos lençóis, examinando o relógio que batia as três da tarde. Mais uma manhã de sábado passada na cama a molengar, a beber café, a comer panquecas e a ouvir as pessoas lá em baixo na rua, o trânsito, os cães, as crianças, os turistas nos seus trejeitos próprios, o seu entusiasmo contagiante, mas que, afinal, nos deixava ainda mais ociosos no nosso casulo. Tinham sido semanas de felicidade, algo novo para mim, não obstante o drama que teimava em crer que estava para chegar. Mas dava por mim a sentir que estava simplesmente tudo bem. O verão passava por nós a voar como uma canção nova que não conseguimos parar de ouvir, aquela obsessão de chegar ao fim e voltar a tocar.

Esta ociosidade de sábado e domingo servia para equilibrar as semanas em que o relógio parecia andar mais devagar. Começara a trabalhar em *part-time* numa livraria do centro comercial, não por vontade própria, tinha de admitir. «Só vais fazer três disciplinas», dissera a minha mãe, «é bom que arranjes alguma coisa para te ocupar no interminável tempo que vais ter». Virei-lhe a cara quando me disse isto, numa noite ao jantar, mas sabia que tinha razão. Esta inércia não podia ser justificada pela minha vontade em estar com Afonso todo o meu tempo livre. E ele também trabalhava durante a semana na empresa, para mim fantasma, do pai. Na sua ausência, gostava de pensar nele. O que haveria de mais útil para fazer? Calei a vontade de o dizer à minha mãe, mas ela olhou para mim e sorriu. «Podes estar com ele ao fim do

dia, mas arranja qualquer coisa para fazer», concluiu. Afonso vinha ter comigo todas as noites depois do trabalho e, nos dias em que não ia para a livraria, apanhava o comboio e ia ter a casa dele em Belém. Todo o tempo me parecia pouco e acabava por passar mais tempo com os seus amigos do que ele próprio. Ia para a praia com Alice, Ventura e os outros, que tinham um verão inteiro de férias, ao contrário de Afonso. Mas fazíamos o tempo esticar. Jantávamos fora, íamos ao teatro, ao cinema, bebíamos sangria no Bairro Alto ou ficávamos em casa dele deitados no sofá a ver filmes. Às vezes, eu lia enquanto ele jogava jogos de computador. Mas também jogávamos cartas, jogos de tabuleiro e outros antigos que ele tinha em casa, eu lia-lhe excertos de coisas que ia escrevendo e ele ouvia com toda a atenção, enquanto fumava cigarros à janela e acenava com a cabeça nas partes que mais gostava ou nas quais lhe apetecia dar uma opinião. Nessas alturas, sentia-me tão madura, tão eu, tão nós os dois, tão diferente da Isabel que fora toda a minha vida. Ele incentivava-me a escrever, todos os dias. E ter alguém a quem contar as minhas histórias sem me sentir ridícula era um sentimento novo. Uma noite, escrevi um conto sobre os seus amigos, sobre o baixote e o aviãozinho de carne e o paradoxo que era um grupo de rapazes do novo milénio comportar-se como os homens que Rabecaz e Artur Corvelo descreviam nos anos vinte. «A forma como olhas para as coisas à tua volta é absolutamente hilariante», dissera Afonso entre gargalhadas. «Tens um dom, foda-se», concluía de forma tão entusiasta que eu própria tivera de me rir. Afonso entrou-me na cabeça e mudou até a forma como me via a mim própria, fazia-me ver possibilidades onde eu via falhas, era como se soubesse dizer as coisas certas no momento certo. «Não queres ser escritora?», perguntava. Eu ria-me. «Se vais estar a troçar de ti própria sempre que falas da tua paixão, mais vale desistires já», dissera uma vez. Para alguém que não tinha um plano de vida, era curioso ver como via tantos planos para a minha. E nem valia a pena

pedir-lhe críticas, porque, para ele, tudo o que escrevia era surpreendente, admirava-se com qualquer coisa escrita por mim. Punha o cigarro de lado na boca, encostava-se à janela, franzia a testa e lia. Para quem dizia que não gostava de ler, dava-me gozo vê-lo tão concentrado. «Porque é que não envias estas histórias para algum jornal?», perguntou-me uma noite. Era apenas uma miúda a escrever umas coisas num caderno. «A arte não tem idade», respondeu-me e, subitamente, pareceu-se tanto com o meu pai que uma onda de ternura me percorreu o corpo. Porque era isso que, sem se aperceber, ele estava a fazer. Estava a ajudar-me a acreditar. Via toda essa arte em mim quando eu estava longe de lá chegar. E dizia-me todos os dias que nunca conhecera ninguém tão talentoso como eu. Como evitar, por fim, apaixonar-me por ele mais e mais a cada dia que passava quando conseguia trazer ao de cima todas estas qualidades em mim? «O amor é isto», rabisquei um dia no meu caderno, «alguém ver coisas em nós que não vemos nem sabemos que existem.» Passados uns dias, vi que ele anotara em baixo que o amor era eu fazê-lo sentir que já tinha ganhado a lotaria. E eu soube que iria guardar aquele bocado de papel para sempre.

Todos os dias ansiava por vê-lo, cada pedacinho de mim ansiava por ele. Até sentia emoção em relação ao seu carro cheio de amolgadelas e um dos espelhos partidos. Embora nunca lho tivesse dito, era tudo a essência dele. Quando o Cinema Ideal no Chiado voltou a abrir, começámos a ir lá ao fim de semana. Eu dizia à minha mãe que ia para casa do meu pai e ele dava-me toda esta liberdade porque queria que vivesse. «Estar em casa não te cria memórias e sem memórias não podes escrever», dizia. Tudo aquilo que me irritava no meu pai passara a emocionar-me, a sua visão da vida, outrora tão egoísta, agora fazia-me sentir que me compreendia melhor do que ninguém. E Afonso era as partes e o todo de tudo isto, coisas banais ganhavam uma dimensão mágica porque as vivia com ele. E nem devia imaginar a forma

como me fazia ver o mundo com mais cores através dos seus olhos. Guardei os bilhetes porque, tão habituada estava às salas de cinema do centro comercial, ver um filme numa sala que parecia um anfiteatro fora fascinante e inebriante. Afonso ria-se destas experiências, achava curioso a necessidade de guardar bocados de papel e incitava-me a experimentar coisas novas. Levou-me a restaurantes onde nunca entrara e deu-me a conhecer comidas estranhas e coloridas, como a vegetariana que, até então, eu jurava ser só saladas e cenouras. Saímos muito os dois. Saímos sozinhos, o que foi bom, depois de tantas noites com os seus amigos, e descobrimos que dançávamos muito bem juntos. Mas eu não gostava de ter de gritar para ser ouvida por cima do barulho da música e a partir das duas da manhã já mal aguentava o fumo dentro das discotecas. «És uma menina», dizia entre risos enquanto saíamos de algum bar e, abraçados, apanhávamos um táxi para casa dele. Estávamos dependentes um do outro sem na realidade nos conhecermos assim tão bem. Estávamos apaixonados daquela maneira tola que só acontece aos jovens porque ainda não foram magoados ou feridos ou descartados ou traídos. Estávamos tão embriagados de paixão que nos transformámos naquelas pessoas que partilham tudo, prometem tudo, gostam de tudo e amam tudo uma na outra, cometendo o erro de acreditar que têm ali a resposta para tudo na vida.

Um dia, fomos jogar *bowling* com Ventura, Alice e outros amigos deles. Calçámos aqueles sapatos horríveis e de limpeza duvidosa, escorregámos pelo chão da pista, caímos, rimos e fingimos que deslizávamos no gelo com o segurança a gritar que o espaço era para jogar e não para patinar. Mas os sapatos escorregavam e era difícil evitar fazer este tipo de palhaçadas, porque, na companhia um do outro, comportávamo-nos de forma infantil, tudo era uma brincadeira que apenas fazia sentido dentro de nós. Não estávamos ali para jogar, só queríamos beber um pouco mais um do outro.

Claro que mal conseguia agarrar nas bolas, mas Afonso colocou-se atrás de mim, deu-me impulso e disse para me concentrar nos pinos. Os rapazes gritaram para me desconcentrar e Afonso mandou-os calar. «Estão a gozar mas ela ainda vai ser a melhor e vai comer isto tudo», gritou. Tive de me rir quando os vi revirar os olhos. Na verdade, fui péssima. Nem sequer fiz um único *strike*.

— Nunca te vi assim — disse Alice quando fomos à casa de banho. Eu estava acorçada na sanita a tentar não tocar em nada, com uma mão apoiada na parede e, com a outra, a agarrar nas minhas calças para não tocarem no chão imundo.

— Assim como?

— Feliz, não? — respondeu com um sorriso trocista.

— Também acho que nunca me senti assim. É tudo um bocado parvo, não é? — perguntei, enquanto lavava as mãos.

— Claro que não — respondeu, enquanto prendia os seus caracóis num rabo-de-cavalo. — Acho que não me sinto assim com o Ventura. Não há essa cumplicidade, entendes?

— Vocês também são diferentes, não podes comparar porque isso é uma bola de neve que depois não tem volta a dar.

— Eu sei... — respondeu, pensativa. — Achas que ando a tentar ver tantas qualidades no Ventura para me convencer que gosto mesmo dele?

— Sabes o que é, por vezes parece que estás focada em ser demasiado perfeita ao lado dele — respondi, encolhendo os ombros. — Tem dias que nem te reconheço, estás sempre retraída, como se tivesses medo que ele visse a verdadeira Alice. Ela está aí escondida...

— Às vezes, penso que tenho de aceitar o facto de que o amor é uma coisa rara e que provavelmente nunca vai acontecer comigo e com o Ventura —

disse, dando-me o braço enquanto saíamos da casa de banho. — Mas depois ele faz alguma coisa querida e parece que, afinal, está tudo bem.

— Se ele fizer alguma merda, parto-lhe os vidros do carro — comentei, enquanto caminhávamos novamente em direção à pista onde um dos amigos dele estava agora a lançar a bola. Alice deu uma gargalhada.

Se Alice tinha dúvidas sobre aquilo que sentia, eu tinha medo de sentir demasiado porque estava consciente da escassa experiência que tinha neste tipo de sentimentos. E nós alimentávamo-nos desta ingenuidade, alimentávamo-nos da nossa febre. Não queríamos ser o primeiro pensamento um do outro, queríamos ser o único. Por vezes, dava por mim a pensar nele enquanto fazia qualquer outra coisa e o meu coração disparava. Era como ter novamente catorze anos e o simples vislumbre de Simão na escola ser o suficiente para me disparar o batimento cardíaco. Tinha-me permitido, nos últimos tempos, pensar nisto, em Simão, porque estava noutra vida com Afonso onde mais ninguém entrava. E pensar em alguém que nunca pensara em mim já não doía. Lembrava-me como se fosse ontem da primeira vez que o vira, alguns anos antes, a entrar na escola com a sua mota azul. Tinha o cabelo loiro cortado à tigela, o rosto cheio de borbulhas e ainda não crescera nem alargara porque guardava uma memória dele a levantar a *T-shirt* no refeitório para mostrar o seu peito magricela, o que me fizera corar até às orelhas. Mas tal como o amor não se sussurra, grita-se, o coração não vivia de vislumbres mas de permanência. E Afonso permaneceu. «Tal como eu já gostei de outras raparigas», dissera-me um dia, «também já gostaste de outros rapazes, mas sabes que mais? Nem quero pensar nisso.» Ri-me baixinho porque não havia assim tantos rapazes como ele achava. Havia Simão e havia uma experiência meio estranha de namoro com um dos meus amigos de infância. Mas Afonso, nestes seus desatinos, esquecia-se do outro lado da

moeda, também iríamos gostar de outras pessoas depois de nós. O meu cinismo era muito pragmático e consciente de que o felizes para sempre era uma fantasia. Continuava a acreditar que todos vivemos um amor que irá sempre falar mais alto no coração, por mais voltas que a vida dê. Sempre acreditara que seria Simão e ainda pensava nele, de tempos em tempos, naquela obsessão de escrever o nome nos cadernos e nos cantos das mesas nas aulas, de escrever poemas sobre ele, de tudo me lembrar dele. Ele nunca gostara de mim de volta, o que era banal, o amor não correspondido fazia parte das experiências adolescentes, e não conseguia arranjar justificação para, um par de anos depois, continuar a pensar nele. Tal como sempre fizera. Sempre a compará-lo a todos os rapazes que conhecia. E Afonso entrara na minha vida e abanara os alicerces de tudo o que vivia dentro de mim. Porque não havia comparação com ele, não havia forma de equiparar Simão às experiências que Afonso me fizera viver.

Um dia, a meio de julho, Afonso perguntou-me se queria ir à Costa da Caparica passar o dia na praia com os amigos dele. Não seria o meu plano favorito, mas um dia inteiro com ele era demasiado convidativo. Partimos de manhã bem cedo para fugir ao trânsito estival da ponte e fomos os primeiros a chegar. Colocámos o meu chapéu às riscas amarelas na areia e descemos até à beira da água.

— Vamos nadar até lá ao fundo? — perguntou, molhando os pés.

— Hum... — hesitei. Não sabia nadar, o que fazia com que morresse de medo de mar, barcos e tudo o que estivesse envolvido. — Acho melhor não.

— Não me digas que não sabes nadar?

— Sei, mas tenho medo do mar — menti. — Prefiro piscinas.

— Vens comigo e eu seguro-te.

— Não sei nadar, pronto — assumi, atirando-lhe areia com o pé.

— Anda cá. — Ele abraçou-me por trás e lentamente entrámos na água. — Vamos só ficar aqui e vais deitar-te de barriga para cima e eu fico a agarrar-te.

— Não quero! — gritei, fugindo de volta para a areia. Ele puxou-me a mão.

— Vais adorar. Boiar é a melhor sensação do mundo. Deixa-me fazer isto contigo.

Respirei fundo e deixei que me agarrasse e lentamente me deitasse na água.

— Deixa a cabeça pousar — disse baixinho. — Tens de ter as orelhas na água, caso contrário a água puxa-te para baixo. Descontra o corpo, eu estou a agarrar-te por baixo.

E ali estava eu a boiar, confiante de que me estava a agarrar quando, com uma gargalhada, colocou as suas mãos no meu campo de visão.

— Vês? — disse, sorrindo. — Estás a boiar e nem sequer te apercebeste.

E a sensação foi de uma liberdade inexplicável que nunca antes sentira. O flutuar, o estar ao cimo da água como se o meu corpo fosse feito de nada. Comecei a rir, primeiro devagar, depois cada vez mais alto. Ele voltou a colocar as mãos por baixo de mim e puxou-me para ele num abraço para me levantar.

Quando os seus amigos chegaram, juntou-se um grupo de quase dez pessoas em torno do meu simpático chapéu amarelo de que Afonso se rira e, agora, todos aproveitavam a sombra para colocar as mochilas. Eles jogavam à bola, às cartas, conversavam, fumavam charros, iam à água, voltavam, molhavam-nos e, à tarde, foram buscar cerveja e Coca-Cola para todos. E tinha vontade de me premiar com uma medalha de honra porque estava a portar-me bem. Nem tinha revirado os olhos quando se meteram com umas raparigas que estavam a uns metros e que, entretanto, já se tinham juntado a

nós. Afonso ora jogava com eles e deixava-me a conversar com as raparigas, ora vinha deitar-se ao meu lado. Falávamos entre sussurros na toalha, ele colocava-me protetor solar nas costas e, entre risos, nas bochechas do rabo. E quando lhe disse que me apetecia um gelado, saltou da toalha e foi ao bar comprar um *Cornetto* de nata. Eram estes pormenores que me faziam apaixonar ainda mais por ele, o facto de se ter lembrado de uma conversa em que lhe dissera que era o meu gelado favorito, ao que respondera com grande convicção que gelados com bolacha não eram gelados a sério e que só comia *Calipos* de limão. Aquele dia de praia teve um impacto profundo em mim, na minha parca experiência com o amor. Já não era aquela miúda de catorze anos sentada na areia a ver Simão na água com as raparigas mais velhas. Agora eu era uma dessas raparigas a ver o pôr do sol encostada ao peito deste rapaz incrível que me adorava e me tratava como se fosse a única rapariga à face da Terra. Quando nos fomos embora, passámos por um miúdo que estava a vender pulseiras na areia e nos abordou, implorando que lhe comprássemos alguma coisa. Eram horríveis.

— Odeio pulseiras e bugigangas nos braços — disse Afonso a olhar para os seus próprios pulsos nus. Nem relógio ele usava.

— Então damos-lhe umas moedas — respondi. — Eventualmente, o dinheiro faz-lhe falta para levar para casa.

— E se usarmos pulseiras iguais?

— Vamos ser uns saloios.

— Mas vamos ser saloios juntos. — Sorriu.

Pegou em duas pulseiras pretas e brancas e deu algumas moedas ao miúdo. Quando nos sentámos no carro, colocou uma pulseira no meu pulso direito e pediu-me para colocar a outra no seu. «Ficamos um pouco ridículos com duas pulseiras iguais», disse-lhe. Ele desvalorizou e disse que era mesmo assim que tinha de ser. Demorei algum tempo a perceber que Afonso não gostava

das pulseiras; gostava era da ideia de usar alguma coisa que simbolizasse o que nós tínhamos. Estava sempre a dizer a toda a gente como a pulseira era horrorosa, mas gostava de a mostrar. Gostava que todos vissem as nossas pulseiras idiotas porque era algo só nosso.

Às vezes, nem sequer fazíamos nada. Ficávamos no sofá a conversar como se os assuntos nunca se esgotassem. Todos os dias sentia que havia algo mais para conhecer, algo novo para descobrir sobre ele. Um dia, apercebi-me de que ele escrevia com a mão esquerda, mas comia com a direita e quase me emocionei com este pormenor estúpido. Ele era um cosmos de pequenos detalhes que me apaixonavam mais, e surpreendia-me por isso ser sequer possível. Uma vez, fomos ao Gerês num fim de semana e acampámos, coisa que jamais me imaginara a fazer, passar uma noite fora com um namorado apenas existira nas minhas fantasias. Ele ria-se com todas as coisas de que me queixava, do escuro, do frio, dos barulhos, da casa de banho longe, das ervas, dos bichos, de tudo. Mas nessa noite não dormimos, falámos. Estávamos acampados no Parque Nacional Peneda-Gerês, nas margens do rio Cabril, e conversámos tanto que, ao nascer do Sol, nem sequer reparei na cor que o céu tinha por cima da paisagem assombrosa de serras e rio. A minha paisagem era apenas ele. Sempre que precisava de parar para me lembrar do quanto o amava, bastava-me pensar nisto. Estava no cume do mundo e via-o apenas a ele.

Noutra noite em que o meu pai fora para fora com Maria João e os gémeos tinham ficado com os avós maternos, Afonso chegou a minha casa com uma garrafa de vinho, agarrou-me pela cintura com uma mão e beijou-me o pescoço.

— Quero embebedar-me e foder-te na sala do teu pai — declarou.

— O que é que te deu? — respondi, surpresa. Também um pouco

envergonhada.

— Ah! Está uma noite quente e eu quero beber e tocar-te, não necessariamente por esta ordem. — Sorriu, beijando-me na boca.

— Mas podemos ir beber um copo a um bar, não? — perguntei, antevendo a resposta.

— Se me deixares tocar-te debaixo da saia no bar, podemos ir. — Agarrou-me as nádegas com a mão com que me tinha agarrado a cintura.

Ficámos em casa. Deixei que me despisse, que encontrasse o caminho para o meu corpo. O único barulho que rompia o nosso silêncio era o dos carros que passavam lá fora, das conversas abafadas de pessoas que subiam e desciam a rua e, volta e meia, fragmentos de música de algum bar cuja porta tinha sido aberta algures ali perto. Éramos nós contra o mundo. Bebemos muito e depois beijámo-nos preguiçosamente, deixando que o tempo passasse por nós, nus, deitados numa manta no chão de barriga para cima. A dada altura, ele levantou-se e foi por um dos discos do meu pai de Nina Simone a tocar. Parou à minha frente e levantou-me do chão. Puxou-me a cintura com a mão esquerda e, com a outra, agarrou a minha mão e moveu-me ao som da música. Os nossos corpos nus tocaram-se na escuridão da sala, apenas iluminada pelas luzes da rua, os meus seios contra o peito dele. Noutros tempos, teria ficado incomodada com a nudez, inibida pela liberdade do meu corpo nu que se movia sozinho. Mas não agora, ele não se incomodava com isso. Como não amar alguém que, ao invés de se importar com o tamanho das minhas pernas, queria dançar comigo nua no meio da sala?

Contudo, Afonso estava longe de ser perfeito, amava-o, mas conseguia ver-lhe os defeitos. Não acreditava na perfeição, nem sequer naquela que o amor jovem me fazia imaginar. Fumava — fumava muito. E se, ao início, os seus lábios a expirar para o teto de forma arrogante me fascinavam, agora conseguia perceber que fumava demasiado. Era caprichoso, tentava sempre

tudo à sua maneira, levando-me, por vezes, à exaustão. Tinha aquele tipo de personalidade que, por vezes, me fazia duvidar das minhas próprias ideias, o que podia ser visto como passional ou somente um reflexo da nossa diferença de idades. Podia estar com ele o dia todo, mas chegava a casa, pensava nas nossas conversas e sentia que, afinal, tinha ficado tudo por dizer. Ele era demasiado reservado, bastante hábil em desviar as conversas para os outros e sabia que havia muitas coisas que não me contava. Não que tivesse medo que me enganasse ou mentisse. Afonso era honesto, generoso e humilde relativamente a tudo. Mas, por vezes, questionava se aquilo que o tornava insaciável aos meus olhos não seria apenas tudo aquilo que ele parecia não dizer. E embora os seus silêncios não me incomodassem, ele fizera-me sentir confortável e em paz na nossa solidão partilhada a dois, sabia que, provavelmente, demoraria toda uma vida a conhecê-lo a fundo.

4

No início de agosto, ligou-me de manhã e disse que tinha uma surpresa para mim.

— Sabes aquela musiquinha que estás sempre a ouvir com a Alice? — perguntou descontraidamente, como se fosse tudo fortuito.

— Não sei, ouvimos tantas.

— Aquela das três amigas a passar férias e depois deprimidas no trabalho a pensar no verão.

— Como é que consegues tornar a história de um vídeo tão giro numa descrição tão parva?

Ele deu uma gargalhada. Estava a falar do vídeo da música *My Friend* dos Groove Armada que, nesse verão, estávamos sempre a ouvir.

— Eles vão ao festival Sudoeste, na Zambujeira do Mar. Vamos?

— Mas temos bilhetes?

— Arranjamos lá.

— E é quando?

— Hoje. Vamos?

Em verdade, eu só gostava da letra da música ou talvez só do vídeo e da história que contava — as memórias de momentos bons que nos fazem tolerar os dias maus. Era evidente que a Isabel que nunca fora a um festival de verão tinha de desaparecer rapidamente. Deixei Afonso a preparar as

coisas e fui a casa de Alice para ver se queria vir. Encontrei-a sentada no minúsculo jardim da sua casa, que ficava a três ruas de distância da minha. Estava quase deitada na cadeira, de auscultadores a ouvir música e a folhear uma revista. Sempre adorei o seu jardim traseiro, passávamos aqui muito tempo quando éramos miúdas e os nossos pais não nos deixavam sair à noite. Ficar no jardim a conversar era o mais próximo que tínhamos de uma noitada de raparigas. Além de que, por vezes, o seu irmão mais velho estava com os amigos no quarto a jogar computador e nós conseguíamos espiá-los pela janela.

— Vou daqui a nada para o Sudoeste com o Afonso. Queres vir? — perguntei, sentando-me ao lado dela.

— Não.

— Porquê?

— Porque o Ventura disse-me que queria ir sozinho com os amigos.

— O quê? — disse, surpreendida.

— Parece que é um ritual que têm todos os anos.

— Ele é um cretino — saiu-me involuntariamente. — Tu sabes isso, não sabes?

Ela suspirou, encolheu os ombros e encostou-se a mim. Havia momentos em que odiava Ventura, odiava a forma como tratava Alice como um acessório que levava para onde e quando lhe apetecesse.

— Então vais a um festival sozinha com o Afonso, hum? — perguntou, sorrindo.

— Nunca vimos um concerto ao vivo. Às vezes, dou por mim a pensar como há uma infinidade de coisas que nunca fiz.

— Estas primeiras vezes são sempre boas, não é?

— Conto-te tudo quando chegar. — Levantei-me. — Emprestas-me a tua mochila pequena?

Ela foi buscar a mochila e, quando voltou, hesitou e agarrou-me no braço.
— Vê se o Ventura faz alguma coisa.
— Como assim?
— Sei lá, com outra rapariga.
— Partia-lhe a cabeça com um pontapé — respondi. Ela abanou a cabeça e sorriu.

*

Afonso apareceu à minha porta no velho carro sem teto da mãe, mais conhecido por *Jóia da Juventude*. Era assim que ela lhe chamava por o ter comprado com o seu próprio dinheiro quando começara a trabalhar. E, embora conduzisse agora um carro mais moderno, certamente mais económico, este era o seu pequeno bebé excessivamente conservado, protegido e afinado. Parecia-me um desperdício enorme de dinheiro, mas Afonso tinha tanto amor ao carro quanto a mãe.

— Estás pronta? — perguntou, tirando os óculos de sol da cara. Tinha os cabelos despenteados de ter vindo a conduzir ao vento.

— Vamos nesse carro?

— Claro. — Deu uma gargalhada. — Vamos fazer uma *road trip* até ao Alentejo.

— Por amor de Deus, vocês tenham cuidado — disse a minha mãe, encostando-se à porta de casa. — Esse carro não me inspira muita confiança. — Fez uma pausa e olhou para mim. — Isabel, não o quero a conduzir se beberem.

— Não se preocupe — disse Afonso, que entretanto saíra do carro e conversava com a minha mãe à porta. — Além de ser um ás do volante,

vamos ficar a dormir na casa de um amigo e amanhã voltamos durante a tarde.

— Tudo bem. Dá-me um toque quando chegarem — disse-me, colocando a minha mochila na parte de trás do carro.

— Não te preocupes, mãe.

— Não é com vocês que me preocupo. É com os outros que andam por aí a conduzir como loucos. — Voltou a olhar para mim de sobrolho franzido e, com Afonso já dentro do carro, sussurrou. — Vão dormir juntos... Já falamos sobre isto, Isabel...

— Mãe... — Implorei para que terminasse a conversa. — Eu sei!

Tive vontade de abraçar a minha mãe e pedir-lhe desculpa por todas as mentiras inocentes como esta, por deixá-la pensar que era a primeira vez que iria dormir com Afonso. Uma mãe nunca irá saber com exatidão o que se passa na vida da sua filha. Quando a mete no mundo, ela deixa de ser só sua. Despedimo-nos com beijos, abraços e vários *sim, mãe, ligo-te quando chegarmos*. E fizemo-nos à estrada. Íamos pela autoestrada com a música alta, tinha os cabelos por toda a cara e as pernas esticadas por cima do *tablier* com os dedos dos pés pintados de verde. Afonso colocou um CD e começou a tocar Alanis Morissette bem alto nos meus ouvidos. «Fiz uma compilação para ouvires na viagem com algumas das músicas de que gostas», disse. Sorri de olhos fechados ao sol, não conseguia dizer nada porque estava a explodir de felicidade. Afonso carregou no pedal do acelerador e o carro voou pela estrada fora. O velocímetro começou a subir, 80, 90, 110, 130, o motor começou a tossir e a pequena *Joia da Juventude* esforçou-se por ser um carro ultra potente e não o velho Volkswagen que era. Ele deu uma gargalhada alta e voltou a reduzir a velocidade e continuámos a ouvir música, a conversar e dei por mim a cantar e a bater com os pés ao som das cantigas sem sequer me

sentir constrangida. Era como se não houvesse outro sítio no planeta onde pudesse estar que não ali, com ele, naquele carro, naquele dia, naquela viagem.

Parámos numa bomba de gasolina já quase perto da Zambujeira do Mar e fui lá dentro procurar alguma coisa para comermos. Ao nosso lado, uns miúdos estacionados num Jeep velho, cheio de terra e uma camada de pó castanho com parvoíces escritas no vidro traseiro, tinham a música alta e estavam encostados ao carro a beber cerveja e a fumar. Vi Afonso falar com eles enquanto pagava duas sandes e dois sumos de laranja.

— Já temos um bilhete.

— Como conseguiste?

— Aqueles miúdos tinham um a mais que iam tentar vender lá à porta.

— E se não for verdadeiro?

— Claro que é. Era igual ao deles.

— Então só nos falta mais um. O próximo pago eu — disse. Sentia-me sempre estranha por ele pagar tudo o que fazíamos. Fiz contas de cabeça para ver se tinha dinheiro suficiente na carteira para um bilhete.

— Eu convidei-te para vires — disse, tirando-me uma um sumo das mãos —, por isso sou eu que compro os bilhetes. — Deu-me um beijo rápido na boca e uma palmada no rabo para me fazer entrar dentro do carro.

Estávamos de novo a conduzir por caminhos de curvas apertadas no meio do Alentejo, a ziguezaguear pela estrada nacional, pequenos pontos no meio do nada. Passámos por um parque de campismo apinhado de tendas coloridas, paradas ao vento. Vi miúdos deitados em cadeiras com chapéus na cara, imaginei-os a dormir ao sol depois de uma noite de concertos. Devido ao pó, Afonso fechou a capota e tínhamos o ar condicionado ligado. Deu-me

um panfleto com o programa da noite e perguntou-me se havia alguma coisa que quisesse ver ou fazer.

— Há dois parques de campismo — comentou, enquanto olhava pela minha janela e conduzia devagar. — Este é o que fica fora do recinto. É mais longe, mas fiquei aqui muitas vezes.

— Porque não ficaste no outro?

— Porque é impossível dormir. Ouve-se música até as cinco da manhã.

— Quantas vezes já vieste?

— Nem sei. — Sorriu. — Muitas. Acho que vimos sempre desde os quinze anos ou assim.

— Ah! O famoso ritual de verão da grupeta.

— Porque dizes isso? — perguntou com uma gargalhada.

— Foi o que o Ventura disse à Alice. — Revirei os olhos.

— Ela não vem?

— Não. Ele disse que era um ritual que tinha com os amigos.

Afonso olhou subitamente para mim e, espantado, abanou a cabeça.

— Também não querias que eu viesse? — perguntei.

— Se não viesses, podes crer que também não tinha vindo.

— E faltavas ao ritual? — disse isto com uma entoação irónica, o que o fez rir.

— Só é um ritual para eles porque continuam a vibrar com estas merdas de adolescentes.

— Como assim?

— Tirando o Ventura, já reparaste que mais nenhum tem namorada? E o Ventura nem conta.

— Porquê?

— Às vezes, parece que quer ter namorada mas continuar por aí com eles como se nada fosse.

— E o que é que fazem aqui todos os anos durante cinco dias?

— O que é que achas?

— Não sei, nunca vim a um festival. Veem os concertos, bebem e... fumam?

— É disso que gosto em ti, sabes?

— O quê?

— Sabes exatamente como eles são e, ainda assim, tentas sempre ver o melhor deles.

— Eu? — Dei uma gargalhada. — Às vezes, até me sinto mal porque estou sempre a criticá-los, pareço uma pessoa horrível.

— Não és. O único motivo para virmos aqui sempre foi comer gajas. Competem até uns com os outros para ver quem vai foder mais no festival.

— Já nada me surpreende vindo deles. — Virei a cara para o vidro. — Tu fazias isso? — acrescentei instantes depois.

— Não vou dizer que não. Mas, acredita, nunca fiz por ganhar a competição.

Olhei para ele. Uma das coisas boas da vida é que podemos ser alguém diferente para cada pessoa. Olhava para os amigos dele e via que nem se esforçavam por isso, eram o que eram. Também não o escondiam. Eram simplesmente unidimensionais, ou assim os via. E Afonso parecia-me tão diferente. Talvez ele não visse esse lado de si próprio, tão habituado estava a esta dimensão que já conhecia desde sempre.

Estacionámos à porta de uma casa algures ao pé do festival. A contrastar com o silêncio da casa, ouviam-se risos e conversas nas traseiras. Deixámos as nossas mochilas em cima de um banco no *hall* de entrada e seguimos o som da música. Saímos para um jardim com muros altos e uma grande piscina no meio. Estavam todos a beber cerveja sentados à beira da água e a ouvir música *reggae* ou algo do género, ouvia os chavões a que já me

habitudara como *jah jah, jamming, Babylon e Zion*. Reparei em várias miúdas, o mesmo visual a que também já me tinha habituado com eles, bonitas, morenas, biquínis curtos, cabelos compridos. «São raparigas como nós», dizia-me constantemente Alice, «passam pelas mesmas merdas que nós passamos e sentem-se exatamente como tu». Mas eu só conseguia sentir que, ao lado delas, continuava a ser aquela miúda de aparelho nos dentes. Afonso deu-me a mão e apertou-a, como se soubesse exatamente o que estava a sentir. Vestimos os fatos de banho e sentámo-nos à beira da piscina com eles. Uma rapariga de cabelos castanhos ondulados com um biquíni cor de laranja veio sentar-se ao meu lado. Acenou para Afonso e ele retribuiu. Vi-o dar um mergulho e afastar-se.

— Sou a Xana — disse. Estendeu-me um copo com uma bebida qualquer cor-de-rosa.

— Olá, sou a Isabel.

— Eu sei. — Sorriu-me. — Já ouvi falar de ti, claro. Nunca vi o Afonso assim...

— Pois... — respondi, constrangida. — Há quanto tempo se conhecem?

— Tenho de te dizer já isto. Curtimos no ano passado — respondeu sem grandes rodeios. Engasguei-me com a bebida, ela deu uma gargalhada e bateu-me nas costas.

— Calma, foi uma coisa sem importância. Estou a dizer-te já para ninguém te vir meter macacos na cabeça.

— Tudo bem. — Devolvi-lhe o sorriso ainda a tossir. — Não estava à espera desta informação de repente.

— Eu sei.

— Então e... — A conversa estava a ser aflitiva. — Bem, ok. Preciso de absorver.

— Olha, o Afonso é incrível. E eu sei que daqui a umas horas, quando isto

estiver o degredo, vai ser difícil imaginar que, antes de ti, ele não fazia o mesmo. — Sussurrou ao meu ouvido, já gostava dela. — Mas conheço-o há anos e ele sempre foi diferente. Acho que só curtiu comigo porque o Dinis continua a ignorar-me. — Encolheu os ombros e olhou para ele sentado num degrau da piscina a rir-se de uma piada que alguém disse. Nunca trocara uma única palavra com Dinis. Era alto, negro, tinha o cabelo rapado, dentes alinhados ao milímetro, e claro que eu entendia o fascínio por ele.

— E curtiram porque o amigo dele não quis curtir contigo? — perguntei, curiosa.

— Eu estava sozinha, meio bêbeda e infeliz, sei lá, o Afonso veio perguntar-me se estava bem. Estávamos numa festa qualquer, eu beijei-o e ele deixou. Demos uns beijos e mais nada.

— Mais nada?

— Ele disse-me: «Estás bêbeda e não é comigo que queres estar. O Dinis é um idiota por não te ver.» Depois levou-me para casa e foi isso.

Senti uma onda de emoção pelo corpo. Apetecia-me saltar para a piscina e abraçá-lo. Claro que, até chegar a ele, morria afogada.

— Porque é que nunca te vi com eles?

— Sou prima da Amélia. — Apontou para uma rapariga que estava sentada em cima de um deles e que me lembrava de já ter visto. — Sou do Porto, só nas férias é que venho ter com ela.

Fiquei em silêncio a olhar para eles. Ela contou-me algumas histórias de Afonso e de Amélia, que era do grupo deles, e das férias de verão que tinham passado juntos. E conversar com ela era fácil, tive a certeza que Alice também a iria adorar.

— Acreditas que ontem fez o favor de deixar as janelas abertas e tive de o ouvir na carrinha com uma miúda que trouxe do festival? — disse-me a dada altura.

— A sério, Xana, esquece-o. — Já falávamos como se fôssemos melhores amigas, apesar de nos conhecermos apenas há duas horas. — Ele não dorme cá?

— Ele veio numa carrinha Pão de Forma. Deve ser para foder com mais miúdas em andamento. — Revirou os olhos e fez um gesto de nojo com a boca.

Dei uma gargalhada. Achava curioso ela conseguir detetar-lhe todos aqueles defeitos e, ainda assim, alimentar o quer que sentisse por ele. Era um pouco sádico ver como aquela paixão incoerente lhe toldava a capacidade de raciocinar.

Passámos a tarde a apanhar sol e a conversar enquanto Afonso estava com eles na piscina. Ventura quase nem falou comigo, provavelmente irritado porque Afonso me trouxera para o ritual dos machos, sabendo de antemão que iria contar tudo a Alice. Os rapazes demoraram horas a arranjar-se, entre banhos, cera no cabelo, perfume e trocas de *T-shirts* e camisas. Não imaginava que o seu ritual incluísse todo aquele aparato de beleza. Já estava vestida, o casaco preso na alça da mochila, sentada lá fora com Afonso, que fumava um cigarro e me contava a sua versão da história de Xana. Não lhe disse que ela já ma contara. Xana apareceu no jardim com um vestido às flores curto, um blusão de cabedal e umas botas de cowboy. Olhei-a de cima abaixo e, por um segundo, quis ser igual a ela. Mas Afonso continuava a mexer-me no cabelo e a conversar comigo como se nada fosse.

— A Xana vai entrar e tirar a pulseira do braço. O Marco vai voltar a sair com a pulseira escondida no bolso e dizer aos seguranças que se esqueceu do casaco no carro — disse-me Afonso quando estávamos no carro a caminho do festival.

— E eu vou meter a pulseira dela?

— Sim.

— E se os seguranças virem que a pulseira já está aberta e chamarem a polícia?

— Sim. — Deu uma gargalhada. — E vais presa. No máximo, atiram a pulseira fora e vamos comprar um bilhete.

— Porque não metes tu a pulseira? — perguntei, de braços cruzados.

— Porque sou homem. Eles vão revistar-me todo e dar-me muito mais atenção do que dão a uma miúda com um ar angelical como tu.

— Eu não tenho um ar angelical — respondi. — Estou de calças pretas e um blusão velho.

Ele olhou-me de cima abaixo e abanou a cabeça.

— Até podias estar toda rasgada que ias continuar a parecer encantadora.

O meu coração batia desalmadamente. Estávamos no recinto do festival mas um pouco afastados da entrada. Xana e as outras raparigas entraram juntas e alguns dos rapazes foram com elas. Nós esperámos sentados na beira do passeio. Estava nervosa, preferia ter comprado um bilhete e não estar agora nesta situação. Marco entretanto apareceu, tirou a pulseira do bolso e Afonso colocou-a no meu pulso e voltou a fechá-la. Tinha a abertura forçada e só um idiota não iria ver que já fora aberta.

— Viras esta parte branca para baixo e, quando estiveres à porta, levantas só a manga do casaco e mostras a pulseira assim como ela está — disse-me.

— E se eles me rodarem o braço ou puxarem a pulseira? Ela vai abrir-se porque está toda estragada.

— Não vão rodar. Está uma fila enorme e eles querem despachar as entradas. — Puxou-me os braços e levantou-me do chão. — Eu vou estar atrás de ti com o bilhete e eles vão querer revistar-me a mim e deixar-te passar depressa.

Falava com tanta confiança que quase me convenci de que tinha razão.

Deixei que me empurrasse até à porta e, já na fila, comecei mentalmente a fazer uma oração para que não me acontecesse nada. Quando chegou a minha vez, como um robot, fiz o que Afonso me dissera. Levantei o braço, puxei a manga do casaco para cima e mostrei a pulseira. O segurança deu-me atenção durante meio segundo e, desinteressado, mandou-me entrar, de olhos postos na próxima pessoa da fila. Passei a barreira de segurança com o coração a mil e esperei por Afonso, que, tal como previra, estava a ser revistado.

— Meu Deus! — gritei quando ele chegou ao pé de mim. — Não acredito que isto aconteceu. O segurança nem sequer olhou para mim.

— Eu disse-te. — Abraçou-me a cintura e conduziu-me pelo recinto. — Achas que eles estão preocupados com uma rapariga? Andam à procura de droga e de álcool escondido. É isso que lhes interessa.

Coloquei o meu braço ao redor da sua cintura também. Xana apareceu com uma máquina fotográfica, Afonso agarrou-me às cavalitas, virou-se de costas para o palco principal e Xana tirou a fotografia. «Vocês enjoam com tanto amor», disse com uma gargalhada. Vi-a a tentar fotografar Dinis e tive uma sensação de nostalgia de quando andava pela escola a tentar tirar fotografias a Simão que, tal como Dinis, também não me ligava nenhuma. Senti carinho por ela, apetecia-me abraçá-la e dizer-lhe que Dinis não valia assim tanto a pena. Era somente um tipo giro e nada mais.

Eu e Afonso fomos jantar. Havia filas intermináveis em todo o lado, pelo que optámos por comer um caldo verde e um pão com chouriço na barraquinha com menos gente. Sentámo-nos numas mesas de madeira e, momentos depois, alguns amigos dele sentaram-se ao pé de nós a comer pizzas e hambúrgueres. No fim, fumaram charros, meteram-se com raparigas que passavam, trocaram números de telefone e sim, lá estava Dinis a dois metros de nós a falar com uma rapariga de cabelos pintados de loiro e umas botas até ao joelho. Procurei Xana com o olhar e encontrei-a a jantar ao lado da prima

e das outras raparigas de olhos fixos nele. Olhou para mim e encolheu os ombros, quase como que resignada a ser invisível para sempre. Ouvi os rapazes dizer que queriam ver Da Weasel e Love with Arthur Lee, surpreendi-me por não quererem ver nenhum *jah jah* a cantar e ri-me sozinha. Fomos ver Groove Armada e deixámo-los. Ventura continuava estranhamente sossegado como se nem sequer me conhecesse. Não me perguntou por Alice, não disse nada e continuou a agir como se fosse perfeitamente normal a namorada dele não estar ali quando a melhor amiga dela estava.

Eu e Afonso dançámos juntos no meio da multidão. Havia todo um mundo entre nós e era estranho pensar que não passávamos de duas pessoas insignificantes no meio de tantas outras, também elas com mundos dentro de si. Sempre que olhava para ele, via os seus olhos brilhar, via-o sorrir e era tudo tão forte e imperturbável que me parecia impossível pensar que alguém sentisse o que estávamos a sentir. Afonso comprou umas luzes verdes fluorescente e colocámo-las ao redor do pescoço. No fim do concerto, sentámo-nos no chão e, exaustos, beijámo-nos como dois adolescentes patetas. Os outros, entretanto, já estavam a ver Da Weasel e nós fomos dar uma volta pelo recinto para ver as animações e os palcos secundários. Coloquei-me em cima de uma prancha de *surf* electrónica que simulava que estávamos em cima das ondas, mas caí ao fim de três segundos. Ele também tentou e aguentou quase dez, daria um bom surfista. Jogámos um jogo parvo de argolas e Afonso ganhou dois chapéus ridículos de palha que colocámos na cabeça. Vimos um bocado de Love with Arthur Lee e, como não gostámos, perguntou se me queria ir embora.

— Ainda ninguém está em casa — disse-me ao ouvido. Arrepiei-me só de sentir o seu hálito na minha pele. — Vamos para a piscina nus.

Disse que não com a cabeça, mas o meu corpo disse que sim e senti uma

corrente eléctrica a passar-me por todos os músculos. *Nunca me deixes, preciso de ti, o amor é uma loucura e tu precisas de mim*, começou a cantar alto no caminho para o carro.

— Não sabia que gostavas de Da Weasel — disse-lhe. — Pensava que só ouvias aquelas bandas obscuras dos anos oitenta.

— Para sua informação, eu ouço muita coisa — respondeu com uma entoação séria. Pegou-me ao colo e colocou-me ao seu ombro como se fosse um saco de batatas. Ri-me e gritei para me pusesse no chão, abanei as pernas e tentei dar-lhe pontapés, enquanto ele rodopiava e me dizia para parar quieta ou deixava-me cair e partíamos os dentes. Com ele, sentia-me sempre eu, sem filtros, sem estar sempre a pensar se estava bem ou se estava a dizer as coisas certas. Perguntava-me se ele se sentia da mesma forma, tínhamos uma química animal. Adorava pensar nesta palavra, era como se fosse tudo transcendental e nós não controlássemos nada.

— Alguma vez vieste aqui com a Madalena? — perguntei.

— Porquê essa pergunta agora? — Olhou para mim, confuso. — Não me digas que ainda pensas nela?

— Se a Xana te beijou no ano passado e tu estavas com a Madalena é porque a traíste — disse. Fiz esta associação instantaneamente porque nem pensara nisto antes. Era como se esta informação tivesse estado algures escondida no meu cérebro e de repente tivesse feito «pop» na minha cabeça.

Ele parou e colocou-me as mãos nos ombros.

— Isabel, se eu quisesse ser um filho da puta como eles, acredita, podia ser que ninguém ia saber. — Encolheu os ombros e fez-me o seu sorriso de lado, aquele que ele sabia que eu adorava porque lhe criava uma covinha na bochecha. — Mas não sou.

— Não respondeste à minha pergunta.

— Nunca vim com a Madalena aqui porque nunca me apeteceu e também

não estivemos juntos assim tanto tempo. — Deu-me uma mão e continuámos a andar. — E claro que não a traí. Dei uns beijos na Xana porque estava bêbeda, miserável e infeliz. Se quisesse trair a Madalena, tinha ido com a Xana para a cama ou com qualquer outra miúda.

— E porque é que nunca a trouxeste se namoravas com ela?

— Já te disse. — Suspirou. — Gostava dela, mas, sei lá, não sentia isto que nós temos, entendes?

— Esta coisa animal? — perguntei com uma gargalhada.

Ele olhou para mim, puxou-me o pescoço e beijou-me no meio da rua como se me quisesse sugar a língua.

— Calma, Romeu, podemos esperar até chegar a casa.

— É animal mesmo. — Pôs as mãos debaixo do meu top e curvou-me as costas para me beijar o pescoço.

Chegámos ao carro e o espelho retrovisor esquerdo estava partido. O direito já estava, agora não tinha espelhos.

— Boa! — suspirou. — Algum idiota bêbedo partiu-me o espelho.

— Estúpidos! — gritei a plenos pulmões. Ele abriu os olhos pasmado.

— De onde é que saiu essa Isabel? Não a conheço.

— Ninguém nos ouve. — Já nos tínhamos afastado um bom quilómetro do festival, mas a música continuava a ouvir-se de forma estridente.

— Idiotas! — gritou Afonso o mais alto que conseguiu.

— Filhos da... — gritei, mas calei-me subitamente. — Não vou dizer asneiras — justifiquei.

— Amo-te — disse. Tinha o rosto sério e olhava-me fixamente.

Fui apanhada completamente desprevenida. Nunca o tínhamos dito. Eu amava-o, sabia que sim, já o escrevera nos meus cadernos, mas nunca o tinha dito em voz alta. Dizíamos muitas coisas como gostar e adorar mas nunca amar.

— Oh... — respondi, embaraçada. — Também te amo, acho que sabes isso.

— Desde quando? — perguntou. Ele estava encostado ao carro e puxou-me contra ele. Tínhamos os corpos colados e senti faíscas entre nós. As minhas pernas estavam tão bambas que podia derreter-me ali.

— Como assim, desde quando?

— Quando é que soubeste que me amavas?

— Sei lá. — Sabia. Quando vimos o Sol nascer no Gerês e falámos tanto e durante toda a noite. Da paisagem pouco ou nada guardava, só tinha olhos para ele.

— Queres saber quando é que soube que te amava?

Não disse nada e olhei-o com curiosidade.

— Quando acordei na tua cama depois daquela noite no Tunnel.

— Que estúpido. — Pus as mãos por baixo da sua *T-shirt* e abracei-o. — Nem nos conhecíamos.

— É verdade — repetiu. — Acordei de manhã, comecei a olhar à volta, só via livros e pensei: «Não tenho nada em comum com esta rapariga, mas não quero ir embora». E depois fomos tomar o pequeno-almoço, ficámos a conversar a tarde toda no sofá do teu pai e não tinha qualquer vontade de ir para casa. E perguntei-me: «O que é isto? Porque é que estou tão entusiasmado com esta miúda que mal conheço, mas que é a primeira pessoa que parece falar a minha língua?» E soube. Soube-o aí que já estava apaixonado por ti e que era amor. Era animal, como disseste.

Apertei-o e esborrachei a minha cara no seu pescoço. Beije-o rápida e intensamente. Agarrei-lhe a cara com as minhas mãos e colei os meus lábios nos dele. Beije-lhe a boca, as bochechas, o queixo, o nariz. Ele puxou-me com mais força contra ele, deu-me impulso e enrolei as minhas pernas à volta da sua cintura. Ele virou-se e empurrou-me contra a porta do carro, beijando-

me o pescoço e o peito. Passou um carro por nós e uns miúdos abriram a janela e gritaram para arranjarmos um quarto. Afonso riu-se com a cara no meu peito e o momento passou. Colocou-me no chão, recuperámos o fôlego e entrámos no carro. Ele conduziu durante um bocado e estacionou algures ao pé de uma praia e abriu a capota. Puxou os bancos para trás e encostou-se a mim. Ficámos deitados com o céu em cima de nós e não se ouvia nada a não ser as ondas lá em baixo e a nossa respiração. Então beijou-me, deixei que me despisse, consciente do facto de estarmos num carro sem capota e à mercê de qualquer olhar. Mas estava escuro como breu e não havia nada à nossa volta. E naquele momento também nada me importava. O carro era minúsculo, mas encaixámos. Ele saltou por cima do banco do condutor, deu-me a mão para fazer o mesmo e deitou-me. O banco de trás era um romance à espera de ser escrito e nós escrevemo-lo. Amava-o, ele amava-me, repeti este mantra silenciosamente para mim. Ficámos deitados não sei durante quanto tempo, nus, a olhar para as estrelas. Acariciou-me a mão com os seus dedos.

— Olha, amo-te — disse-lhe e agora apetecia-me dizê-lo a toda a hora.

— Amo-te — ele repetiu.

— Agora vamos ser daqueles parolos que dizem isto todos os dias?

Ele riu-se alto, voltou a colocar-se em cima de mim e lambeu-me o ombro. Olhei-o diretamente nos olhos, enrolei os meus braços no seu pescoço e puxei-o para que me beijasse de novo. Para que me beijasse para sempre.

Chegámos a casa já passava das quatro da manhã. Estacionámos o carro na rua, mas, em vez de entrarmos pela porta da frente, demos a volta para entrar pela da piscina. Passámos pela carrinha Pão de Forma de Dinis estacionada debaixo de uma árvore e reparei num vulto no jardim. Puxei a mão de Afonso para que ele parasse. Aproximámo-nos e vi que era Xana, estava nua e enrolada sobre si própria.

— Xana... — Corri para ela. — O que aconteceu?

Ela levantou a cabeça e, quando viu que era eu, desatou a chorar. Baixei-me para ficar ao nível dela, tirei o meu casaco e coloquei-o por cima dela.

— Foi ele... — Soluçou. — Deixou-me cá fora.

— Quem? — Afonso aproximou-se e ela começou a gritar para ele se ir embora. — Vai lá para dentro — disse —, já vou ter contigo.

— O Dinis... ele... olha, viemos juntos para casa — disse, entre lágrimas.

— Sim, e depois?

— Ficámos na carrinha dele e... aconteceu, tu sabes... — Pelo menos, o choro acalmara e já falava com alguma coerência. — Eu vim cá fora para ir à casa de banho, mas vi que já havia gente em casa e voltei para trás. E ele tinha trancado a porta da carrinha.

— Foda-se — disse, incrédula. Mas por que razão viera nua para a rua? Isto é que era estar confortável com o seu próprio corpo.

— Bati à porta e chamei-o várias vezes. Ele simplesmente ignorou-me e deixou-me cá fora com todas as minhas merdas lá dentro. — Começou novamente a chorar e tive uma vontade súbita de partir a porta da carrinha aos pontapés.

— Porque não foste para dentro de casa?

— Achas que ia entrar nua para todos me verem e gozarem? Estão todos na piscina e já sei o que iam dizer: «Olha, ela finalmente conseguiu foder com o Dinis.»

— Deixa-me pedir ao Afonso para trazer qualquer coisa para tu vestires.

Fui ter com Afonso, que estava à porta do jardim, e disse-lhe o que acontecera. Ele parecia tão estupefacto e desconcertado como eu. Deu uma volta pela casa, mas não sabia onde estavam as coisas dela e ninguém sabia de Amélia. Ele tirou uma camisola sua da mochila e deu-me. Era comprida o suficiente para tapar Xana até meio das pernas. Voltei para trás e ajudei-a a

vestir-se. Entrámos juntas pela porta da piscina e fomos para dentro de casa. Afonso voltou a sair e ouvimo-lo a bater à porta da carrinha. Estávamos a comer na cozinha quando ele entrou com Dinis, que trazia a roupa dela, as botas de cowboy na mão e a sua mala ao ombro.

— Adormeci, não foi por mal — disse, sorrindo, tentando desculpar-se.

— Adormeceste nos dez segundos em que ela saiu, viu que estava gente no jardim e voltou para trás? — perguntei, revirando os olhos. Era a primeira vez que falava com ele e nem sequer fiz um esforço para ser simpática.

— Sim, adormeci. Estou bêbedo e apaguei-me, sei lá.

— Vai-te embora — sussurrou Xana. — Trancaste a porta de propósito.

— Não tranquei, foda-se! — gritou. — A porta tranca-se por fora automaticamente.

Xana virou-lhe a cara, pegou nas suas coisas e saiu da cozinha. Fui atrás dela pelo corredor e entrámos num quarto que estava escuro e parecia vazio. Acendi a luz e vimos que estavam duas pessoas na cama. Pedimos desculpa e virámo-nos para voltar a sair. Mas havia algo ali que não batia certo, voltei-me para trás e vi-o.

— Não acredito que estás a fazer isto. — Ventura estava na cama com a loira das botas altas que, inicialmente, estava a falar com Dinis.

— Não é o que estás a pensar — disse, levantando-se num salto, apanhando os boxers e vestindo-os. Antes de sair, tive tempo de reparar no preservativo enrolado caído no chão. Ele veio atrás de mim.

— Por favor — puxou-me o braço —, não digas nada à Alice. Isto não significou nada, foi só uma merda de nada.

— Não me digas o que fazer. — Soltei-me dele e entrei na cozinha.

— O que se passa? — perguntou Afonso.

— O teu amigo estava no quarto com uma gaja qualquer.

— Por favor — implorou Ventura. — Meu, ajuda-me aqui... — disse para

Afonso.

— Eu avisei-te para não fazeres merda.

— Sabias? — perguntei de repente a Afonso.

— Não. Apenas lhe disse para se lembrar de que tinha namorada.

— Céus! — gritei. — O que se passa com vocês todos? Qual é que é o vosso problema? Não sabem sair de casa sem fechar a vossa pila dentro das calças?

Afonso estava atónito a olhar para mim. Eu própria estava surpresa com a minha reação. Xana voltou a entrar na cozinha já vestida com a sua roupa e entregou a camisola a Afonso.

— Não te dês ao trabalho de tentar perceber — disse-me. — Há três anos que venho com eles e já vi isto a repetir-se vezes sem fim.

— Como é que fizeste uma coisa destas? — perguntei a Ventura. — Tens uma pessoa que, nem sei bem porquê, gosta de ti. Não sei o que raio ela vê em ti e fazes isto? Como? O que é que vai na tua cabeça?

— Merda, merda, merda! — disse com as mãos na cara. — Eu gosto dela, mas sei lá, é assim que as coisas são. Por favor, não lhe digas. Não a posso perder, sou maluco por ela.

— Quero ir-me embora — disse para Afonso. — Não consigo estar aqui nem mais um segundo.

— Foda-se, meu, valeu a pena isto tudo? — ouvi Afonso perguntar a Ventura quando saí para ir buscar as nossas coisas.

— Ficas bem? — perguntei a Xana à porta do quarto onde ela ia dormir.

— Claro que sim. Era como se já soubesse que isto ia acontecer, percebes? Mas estava sempre com esperança de que, sei lá, um dia ele fosse gostar de mim.

— Talvez agora consigas finalmente ver a pessoa de merda que ele é.

Trocámos números de telefone para voltarmos a falar, abracei-a e saí do

quarto.

Afonso conduziu para fora da Zambujeira do Mar, já o dia estava a nascer. Estávamos exaustos e sabia que não podíamos ir para Lisboa assim. Passámos por Vila Nova de Mil Fontes e decidimos parar numa praia, tínhamos de dormir um bocado. Tirámos as coisas da praia do porta-bagagens e descemos até à areia, eram quase sete da manhã. Montámos o chapéu, estendemos as toalhas e deitámo-nos à sombra.

— Sabes o que é que o Dinis me disse? — perguntou quando já estávamos com os olhos meio fechados.

— Não sei se quero saber.

— Disse que tinha feito de propósito para ver se ela deixava de o chatear todos os anos.

— E não podia simplesmente ter-lhe dito que não queria nada com ela? Tinha de a levar para a cama e fazer aquilo tudo?

— Pois.

Afonso ficou calado a olhar para o céu.

— Os teus amigos são do pior — disse, por fim. — Desculpa, eu não quero dizer estas coisas, mas como é que podem fazer merdas destas?

— Honestamente, já os vi a tratar miúdas como lixo. Confesso que também já fiz coisas horríveis, mas nunca a este ponto.

Agora já estava novamente desperta e virei-me de frente para ele. Apoiei a cabeça na mão.

— O que fizeste?

— Nunca nada deste género. Já menti para mandar miúdas embora depois de ter ido para a cama com elas... — Colocou-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha. — Era mais novo, também me comportava como um idiota.

— Ai, Afonso. — Suspirei. — Vou dormir sobre este assunto.

Voltei a deitar-me e tapei metade da cara com o meu casaco. Ele puxou-me e beijou-me a orelha.

— Não penses mal de mim.

— Não penso.

— Estás a falar a sério?

— Sim.

— Então por que estás a responder assim?

— Porque são sete de manhã e ainda não dormi.

Levantei a cabeça e dei-lhe um beijo na boca. Voltei a tapar a cara com o casaco e deixei-me cair num sono estranho à medida que as pessoas iam chegando à praia e os ruídos da manhã se misturavam com os meus sonhos, onde Ventura traía Alice, que tinha a cara de Xana.

*

Acordei perto da hora de almoço. Afonso ainda dormia profundamente, levantei-me e movi o chapéu de sítio para o tapar. Eu estava à sombra e ele ao sol pelo que, algures durante a manhã, ele devia tê-lo movido para me tapar. Como é que alguma vez poderia pensar mal dele? Claro que sabia, ou imaginava, que, antes de nos conhecermos, ele fizera muitas das coisas que via os amigos fazer. Ainda assim, nada disso me importava. Hoje, comigo, ele estava longe da pessoa que um dia podia ter sido. Corri para o mar, esperei por um momento sem ondas, tapei o nariz e deixei-me ficar submersa debaixo de água para me poder refrescar e acordar. Voltei para a toalha, tirei dinheiro da carteira e fui ao bar para usar a casa de banho e ver se tinham qualquer coisa para comermos. Comprei duas tostas com batatas fritas, sumos de laranja e garrafas de água. Quando regressei, Afonso estava de pé a olhar

em seu redor. À minha procura. Fui por trás e beijei-lhe as costas, ele virou-se subitamente e agarrou-me a cintura.

— Queres matar-me de coração?

— Achaste que tinha fugido?

— Não sei. — Sorriu.

— Fui comprar comida para nós.

— Estou esganado — disse. Tirou-me o sumo da mão e bebeu quase o pacote todo de uma só vez.

— Imaginei que sim.

Comemos debaixo do chapéu e, no fim, demos um mergulho juntos. Levou-me pela mão até uma zona onde a água nos ficava pelo peito, deitou-me de barriga para cima e fez-me boiar. Atrás de mim, com as mãos debaixo dos meus ombros, curvou-se e beijou-me até me fazer perder a concentração e começar a esbracejar. Regressei para a toalha, deixando-o ficar na água, nadou para lá e para cá, mergulhou e voltou para debaixo do chapéu. Vê-lo andar na minha direção com o sol atrás fez-me sentir que não importava para onde fosse, nunca mais nada se iria comparar a isto, a este momento em que, sozinhos numa praia algures no Alentejo, ele caminhava para mim.

Estávamos a viajar há mais ou menos uma hora e a ouvir música. Volta e meia, fechava os olhos e deixava-me embalar no movimento suave do carro. Pensei em Alice, estava a sofrer por antecipação por saber que tinha de lhe contar o que acontecera. Se fosse ao contrário, sabia que ela não hesitaria em contar-me.

— O Ventura já traiu mais vezes a Alice? Por favor, diz-me a verdade.

— Acho que não.

— Achas ou tens a certeza?

— Ele gosta dela.

— Então porque é que foi para a cama com aquela miúda?

— Porque talvez tenha sentido a pressão.

— Pressão para ser igual aos outros idiotas?

Afonso sorriu e colocou-me a mão na perna.

— É isto que eles fazem há muito tempo, já te disse. E a pressão social é uma merda, o ver quem fode mais. — Suspirou. — Até conhecer a Alice, o Ventura era igual. Eu sei que ele gosta dela e tenho a certeza de que está arrependido.

— Mas eu fico nesta posição horrível.

— Eu sei. — Ficou calado durante algum tempo e depois continuou. — Imagina que, numa noite com as tuas amigas, bebias demasiado e por alguma razão estúpida encontravas alguém do teu passado e, com a nostalgia e todas essas merdas que mexem com a nossa cabeça, me traías. Ficavas arrependida, sabias que não tinha significado nada nem querias repetir porque a nossa relação é mais importante do que tudo o resto. Estás a imaginar o cenário?

— É difícil imaginar, mas sim.

— Ias querer contar-me? Ou que alguém me contasse? Se eu soubesse, ia acabar contigo. Mas se não soubesse, a nossa vida continuava e aquela noite ia acabar por ser apenas uma merda de nada que, ao longo do tempo, ia acabar por nem sequer ter relevância em tudo o que já vivemos.

— Hum...

— A minha teoria é que as pessoas só contam uma traição por cobardia.

— Como assim?

— Se te traísse, só te contava se quisesse que tivesses uma reação, que acabasses comigo ou algo do género para não ter de ser eu a fazê-lo.

— Uau, obrigada pela informação.

Ele deu uma gargalhada e beliscou-me a perna. Continuou:

— O Ventura está na merda, quando acordei tinha umas dez mensagens

dele.

— Aquela rapariga era alguém do passado?

— Eles já se envolveram há alguns anos. Acredito que ele se tenha visto embrulhado naquele jogo do engate e, com a pressão, acabou por cair. O Ventura queria que a Alice viesse, mas eles começaram todos a chamá-lo de cão com coleira e a dizer que já andava de trela. E ele acabou por dizer-lhe que queria vir só com eles. Nem sequer era verdade.

— Também te dizem isso a ti?

— Claro. — Sorriu. — Mas eu estou-me nas tintas para as merdas deles. O Ventura também vai lá chegar.

— O Dinis estava a falar com aquela rapariga quando estávamos a jantar.

— Porque é assim que ele é. Tenta com todas as miúdas e, no fim, escolhe a que lhe apetecer.

— Mesmo com as raparigas com quem os amigos já se envolveram?

— Com qualquer uma, na verdade.

— Menos a Xana. Qualquer uma menos a Xana — comentei, revirando os olhos.

*

Não sabia o que deveria fazer. Se calhar fora preciso aquilo acontecer para Ventura começar a levar a relação deles a sério. E não podia deixar que a minha opinião sobre ele, que não era a melhor, interferisse. Sentia-me uma amiga de merda se não contasse, mas Afonso também tinha razão na sua forma de ver as coisas. E eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ela iria faltar-se dele e ver que pouco tinham em comum. Parecia que ela tinha deixado aquela relação em ponto morto à espera de que o sinal ficasse verde. Subitamente pensei em Simão e na probabilidade ínfima de o encontrar um

dia. Se ele me quisesse, então, iria ceder? E se nos envolvêssemos apenas por estar melancólica e por querer saber como seria beijá-lo, já que pensara nisso um milhão de vezes nos últimos anos? Iria querer que isso tirasse Afonso da minha vida? Talvez o melhor fosse dar tempo ao tempo.

5

O Verão estava a acabar e, numa manhã de domingo a meio de setembro, deitados na cama dele, Afonso olhava para mim como se pudesse ouvir os meus pensamentos. Tinha o cigarro pendurado nos lábios como James Dean num poster a preto e branco. Tirei-lhe o cigarro da boca, ele grunhiu em protesto.

— Acho que este é um dos hábitos que temos de mudar — disse, dando-lhe um beijo rápido nos lábios e apoiando-me na cama sobre os cotovelos.

— O quê? — Riu-se alto e estendeu o braço por cima da minha cintura, tentando pegar no cigarro que lhe tinha tirado.

— Isto — abanei o cigarro na mão —, fumar na cama.

— Incomoda-te?

— Na verdade, sim. — Tentei fazer uma expressão grave, mas não zangada.

— Porque não me disseste antes?

— Porque não calhou.

Ele ficou sério, mas, de seguida, um sorriso lento apareceu no seu rosto. Enrolou uma perna ao redor do meu corpo e usou o impulso para subir até ficar com os lábios colados nos meus.

— Acabaram-se os cigarros na cama — disse, beijando-me lentamente.

— É assim tão fácil acabar com este hábito? — perguntei, desconfiada.

— É! — disse. — Apenas te quero a ti... É assim. Todos os teus defeitos,

as tuas queixas, os teus sorrisos, as tuas gargalhadas, as tuas piadas, o teu sarcasmo idiota, tudo. E se não gostas que fume na cama, eu não fumo na cama.

— Obrigada, vou ter isto em conta quando te pedir coisas mais úteis. — Abracei-o, enrolei as pernas em volta dele e deixei-me cair novamente na cama.

E, no meio desta festança, atravessada pelo sopro sossegado de uma tarde de domingo de setembro, ele interrompeu os beijos e agarrou-me a cara.

— Precisamos de ir a um sítio.

— Tudo bem — respondi, fechando os olhos.

— Mas é agora. — Abanou-me, quase como que para me acordar daquele torpor de amor.

— É domingo, vamos ficar aqui deitados sem fazer nada.

— Tenho um encontro com a minha mãe e quero que vocês se conheçam.

E foi assim que o disse, tudo nele era descontração e calma. Nunca conhecera os pais de nenhum namorado, também nunca tivera um a sério. Apenas houvera Filipe, com quem perdera a virgindade dois anos antes numa festa em casa de um rapaz da turma, toda eu em nervos deitada na cama dos pais dele, ambos pouco conscientes do que estávamos a fazer, mas estava na hora de despachar o assunto. Ele era o meu melhor amigo, benevolente do género que já sabia que iria para enfermagem, mas bastante possessivo do género que eu não podia falar com mais ninguém. E apesar de adorar vê-lo a jogar futebol, de nos beijarmos à porta da minha sala de aula antes de ele ir para a dele e de nos divertirmos muito em grupo, a verdade é que éramos amigos, não estávamos assim tão apaixonados um pelo outro. E os pais dele já me conheciam desde que éramos miúdos, portanto não contava. Agora, Afonso queria que conhecesse a sua mãe e eu queria causar uma boa impressão.

Metemo-nos no carro dele e estacionámos perto do Largo Trindade Coelho onde, na cafetaria do Museu de São Roque, a mãe dele nos esperava. O café estava praticamente cheio quando chegámos. Reparei logo em Laura, a mãe dele, sentada a uma das mesas centrais, com uma revista dobrada e uma chávena de chá. A mesma postura corporal, o mesmo maxilar quadrado e o mesmo sorriso, que abriu, quando nos viu. Em vez de me aproximar logo, deixei-me ficar para trás, com as mãos atrás das costas. Afonso deu um abraço à mãe que, sem nunca desprender de mim o olhar, me piscou o olho e se aproximou de mim.

— Não acredito que estou finalmente a conhecer a rapariga de que tanto ouvi falar nos últimos tempos — disse. Abraçou-me e afastou-se para me olhar melhor.

— Espero que tenha ouvido coisas boas — respondi, alisando a minha *T-shirt* com as mãos.

— Só ouvi coisas ótimas, mas a irmã dele certamente poderia contar-te mais, porque ele não fala assim tanto comigo. Eu bem tento...

Não sabia o que responder, por isso dei uma gargalhada talvez um pouco fora de contexto. Afonso observava tudo aquilo, sorrindo.

— Bem, vamos sentar-nos? — convidou a mãe dele, afastando-se para nos deixar passar para a mesa que já tinha ocupado.

Afonso já me falara da mãe que vivia numa antiga casa dos avós em Sintra. E contara-me a história simpática de como os seus pais se tinham conhecido na estação de São Bento, no Porto, numa noite em que ambos haviam perdido o comboio e esperavam pelo último do dia, que partia em direção a Lisboa às nove horas. Laura, na altura ainda estudante, fora ao Porto passar uns dias com uma amiga e, cansada de estar sentada na estação, dirigira-se a um café uns metros adiante para comprar qualquer coisa para comer. O café estava

cheio e ela vislumbrou um banco ao balcão. Aproximou-se e perguntou à pessoa do lado, um senhor de meia idade que lia uma revista da National Geographic, se o lugar estava vago. Ele sorriu, acenou com a cabeça e ela sentou-se. Uns minutos depois apareceu um jovem, filho do senhor ao seu lado, percebeu ela, e o lugar afinal não estava vago. Passaram aquela hora a conversar, enquanto comiam uma sandes de queijo bafienta e bebiam café, ela sentada e ele de pé. Partiram no mesmo comboio e, quando chegaram a Lisboa, Laura preparava-se para apanhar um táxi para casa quando o senhor da National Geographic se aproximou e lhe entregou um papel com um número de telefone. «O meu filho gostava muito de a voltar a ver», dissera. E ela, embaraçada, sorriu e guardara o papel no bolso. Demorou uma semana a ganhar coragem para telefonar, tinha a certeza que o seu pai não aprovaria sabê-la a telefonar para casa de um rapaz mas era isso ou nunca mais o ver. Assim, pôs a vergonha de lado e lá telefonou. O filho do senhor da National Geographic viria a ser o pai de Afonso. Depois de ter criado a sua empresa de publicidade, casaram e ela tinha, até hoje, uma pequena loja de antiguidades, já que pouco interesse mostrara na empresa do marido. Havia muitas lacunas na história, coisas que Afonso não me contava, mas, após a morte do pai, Laura mudara-se para a casa de Sintra para ficar perto da mãe e ali vivia desde então. Não obstante as poucas conversas que tínhamos tido sobre os seus pais, sabia que não fora uma relação muito feliz e que o pai, mesmo quando ainda era vivo, passava demasiado tempo a viajar e muito pouco em casa. Mas Afonso não gostava de falar nisso, fazia a sua cara de aborrecido, revirava os olhos e quase conseguia ouvi-lo dizer «mas temos mesmo de falar destas coisas deprimentes agora?» E assim continuávamos, com tanto que eu queria saber e tão pouco que ele queria dizer. Nessas alturas, dizia para mim que só nos conhecíamos há três meses, podia parecer muito, mas tinham passado apenas três meses. E isso não era nada para quem falava pouco,

como Afonso. Talvez muito para quem abria a boca e deixava sair um vulcão de informação, como eu.

— Meia hora atrasado, meu jovem — disse Laura, colocando o guardanapo de novo no seu colo.

— Apanhámos algum trânsito. — Afonso deu-me a mão por debaixo da mesa. — Sabes como é, ao domingo todos os velhos saem com o carro à rua.

— Mas eu vim de Sintra e já cá estava há meia hora sentada. Ele também se atrasa em tudo contigo? — perguntou diretamente a mim.

— Oh, um bocado, sim — respondi, atrapalhada.

— Agora vão virar-se as duas contra mim, a sério? — Afonso deu uma gargalhada e chamou o empregado da cafetaria.

— E o que é que vocês têm feito? — perguntou-me, enquanto Afonso pedia qualquer coisa para comermos.

— Bem, eu estou a trabalhar numa livraria e isso ocupa-me algum tempo — respondi, não sabendo muito bem o que ela queria saber. — Vou também começar para a semana as aulas.

— Escritora, é verdade... — Sorriu. — O Afonso já me falou sobre isso.

— Oh... — A palavra que me fazia sentir de outro planeta e, ainda por cima, nem sabia se era isso que queria. Odiava quando ele assumia o papel do meu pai, a pôr palavras na minha boca. — Eles precisavam de alguém algumas tardes por semana e eu preciso de dinheiro.

— Sempre motivei o Afonso para trabalhar enquanto estudava. — Começou a remexer na mala. — Alguma vez te mostrou uma fotografia dele em criança? — Estendeu-me uma pequena fotografia desbotada.

— Oh, tão querido — comentei com voz melosa enquanto analisava a fotografia ao pormenor.

— Bem — interrompeu Afonso —, daqui a nada estás a contar-lhe os meus podres, mãe.

— Acho que não ia saber por onde começar — disse, com uma risada sonora.

Afonso retirou um cigarro do maço e começou a acendê-lo.

— Não acredito que ainda fumas — disse-lhe a mãe. — Não acredito que o deixas fumar — acrescentou, virando-se para mim.

— Estamos a trabalhar nisso — respondeu, piscando-me o olho.

— Eu sei que achas que ficas a parecer uma estrela de cinema — disse Laura, colocando-lhe uma mão no joelho —, mas não é verdade — acrescentou com um tom de sátira na voz.

Afonso deu uma gargalhada.

— Acho que fico sensacional — disse, colocando o cigarro de lado nos lábios. — Não fico sensacional? — Olhou para mim.

— Não — respondi com voz séria.

— Tudo bem. — Cruzou os braços. — Conspirem contra mim à vontade. Mas eu vou parar. — Abanou a cabeça, sorriu e expirou a fumaça pelas narinas para o outro lado. — Só que não é hoje.

Era interessante ver a dinâmica dele com a mãe. Falavam a mesma língua, tinham as mesmas expressões, riam-se da mesma forma e faziam as mesmas caretas. Conseguia perceber exatamente onde é que Afonso fora buscar o seu olhar felino e via na mãe a beleza que outrora havia apaixonado o pai. Estava absorvida pelas conversas que iam desde o trabalho na empresa à irmã de Afonso e a outros membros da família de que nunca ouvira falar. Volta e meia, falávamos de assuntos corriqueiros e percebia que a mãe dele tentava integrar-me na conversa, contando-me histórias da infância dele.

— Sabias que o Afonso foi expulso da faculdade? — perguntou-me a dada altura.

Ri-me porque ele já me tinha dito que abandonara a universidade dois anos antes, o que não me surpreendera. Expulso era outra história.

— Não conhecia esse teu lado bárbaro — disse, olhando para ele.

— Mãe! — Revirou os olhos. — Não foi bem isso, mas já sei onde é que ela quer chegar. — Recostou-se na cadeira. — Vá, podes contar o que eu sei que queres contar.

— O Afonso juntou-se a um grupo ativista contra as propinas e escreveram nas paredes do edifício. — Sorriu. — Na altura, fiquei fula da vida com ele.

— Não te imaginava tão ativista — disse-lhe.

— O Afonso sempre foi muito intenso nas suas relações. — A mãe dele interrompeu-me.

— Que relações? — perguntei. Mas já ambos me ignoravam.

— Mãe, a sério que queres falar disso?

— Então, só te viraste contra as propinas por causa daquela rapariga.

— Que rapariga? — voltei a perguntar mas parecia que ninguém me ouvia.

— Ela não teve nada que ver com aquilo — grunhiu, irritado. — Na altura, estava genuinamente revoltado com a situação das bolsas.

— E isso justificava teres sido expulso? — reclamou a mãe. Percebi que estava fora da conversa e calei-me.

— Mas porque é que este assunto teve de vir outra vez? Já passaram dois anos, já estou a trabalhar como querias. Porque é que estás sempre a falar nisso?

— Porque tu fazes sempre isso. Há sempre alguma coisa que aparece e tu mudas de ideias ao sabor da corrente, foi por isso que nunca acabaste nenhum curso. Primeiro desististe de Direito ao fim de três meses, depois foste expulso da outra.

Será que ninguém via que eu estava ali?

— Mas eu não preciso de curso nenhum. E tu aproveitas qualquer oportunidade para me chateares com essas merdas.

— Preocupar-me com o teu futuro é chatear-te?

— Não tens de te preocupar com o meu futuro todas as semanas.

— Quando semana sim, semana não, mudas de ideias, tenho de me preocupar.

— Mas desde quando é que eu mudo de ideias?

— Já pagaste a viagem e a casa? — interrompeu-o a mãe de repente.

— Não quero falar sobre isso agora.

— Se não me atendes o telefone e falta pouco mais de uma semana para ires, acho que não tenho outra opção a não ser falar aqui.

Estava completamente atordoada com o rumo da conversa.

— Mãe, já chega.

— Ele ainda não falou contigo? — perguntou-me, virando-se para mim de repente. Pelo menos estava de novo visível no meio desta conversa.

— Hum... — Hesitei. — Não faço ideia do que se está aqui a passar.

— Mãe! — gritou Afonso, falando por cima de mim.

— Meu Deus, ainda não lhe contaste, pois não?

— Ainda não tivemos oportunidade de falar sobre estas coisas e não é aqui que vamos falar. — Bateu com a mão na mesa. Conseguia sentir a tensão entre os dois a aumentar.

— Estás a adiar o inadiável.

Afonso levantou-se da mesa, arrumou a cadeira e colocou as mãos nos meus ombros.

— Acho que nos vamos embora, falamos sobre isto depois.

— Mas o que é que se está a passar, afinal? — perguntei, batendo com a cadeira contra a mesa.

— Querida, o Afonso vai viver para Madrid — disse-me a mãe dele, agarrando-me nas mãos. — Agora já sabes.

Dei dois beijos fugidios na mãe dele e saí aos tropeções atrás de Afonso, as

suas mãos a puxar-me por um braço, a minha cabeça num redemoinho de pensamentos confusos. Saímos da cafetaria e parámos à porta do Museu.

— Como assim, vais viver para Madrid? — perguntei.

— Soube de uma agência de publicidade que estava a precisar de alguém fluente em português e candidatei-me — disse-me, com os olhos franzidos do sol e braços cruzados.

— E vais quando?

— Começo dia 1 de outubro. — Faltavam duas semanas.

— E desde quando é que sabes que te vais embora?

— Comecei os testes e as entrevistas antes do verão, muito antes de nos conhecermos e, na verdade, nunca pensei que me fossem chamar. Afinal, como a minha mãe frisou, eu nunca acabei o curso.

Estava sem palavras e comecei a andar, porque ficar parada estava a deixar-me com um formigueiro nas pernas.

— Olha — puxou-me com força e agarrou-me no rosto —, nada vai mudar, isto não vai alterar rigorosamente nada.

— Como é que não vai alterar? Vais morar para outro país.

— Mas tu podes vir comigo — disse, beijando-me.

— Não sejas ridículo. Achas que me posso ir embora? Estou na escola, lembras-te? Sou uma miúda na escola!

— Podes pedir transferência para uma escola de lá ou podes cancelar a matrícula e ir só aos exames. Também são só três disciplinas e já sabes a matéria, não é o fim do mundo — disse em voz baixa. Parecia que estava a falar sozinho, mais para ele do que para mim.

— Mas tu estás a ouvir-te? Isto é de doidos. Desde quando é que tu sabias disto?

— Contactaram-me para me informar que tinha sido aceite há umas semanas.

— E porque é que não me disseste?

Ele deu uma gargalhada triste.

— O que é que querias que eu dissesse? Para não nos aproximarmos porque havia a possibilidade de me ir embora? Achas que as coisas são assim? Eu nem sequer sabia se queria aceitar ou não...

— Acho, Afonso! — Falei mais alto do que tencionava e baixei novamente a voz. — Acho que, se soubesse que me ia embora, to teria dito logo no início. — Ele puxou-me para ele. Contorci-me e tentei afastar-me.

— Eu disse-te que não queria ficar na empresa do meu pai — disse, abraçando-me com força. — Não quero viver para sempre na sombra do que ele construiu. E quero que te orgulhes de mim.

— Mas eu tenho orgulho em ti, achas que não tenho?

— Tu vais escrever, vais contar tantas histórias que precisam de ser contadas, vais ser a melhor, acredita, mesmo que ainda não tenhas visto que o que está dentro de ti é o amor à vida e tudo o que há para contar a partir daí. E eu não quero ser sempre aquele que nunca acabou o curso e trabalha na empresa do pai.

— Afonso, já estás a divagar — disse, tocando-lhe no rosto e alisando-lhe o cabelo para trás da orelha. — Tu tens o mundo à tua frente e podes ser tudo aquilo que quiseses, com ou sem curso. Aqui ou em Madrid. — Respirei fundo. — Mas eu não posso ir atrás de ti. A minha vida é aqui.

— A nossa vida! — disse, escondendo o rosto no meu cabelo. — Madrid é mesmo aqui ao lado, podes ir lá ter comigo.

Afastei-me. Sentia as lágrimas a caírem-me lentamente.

— Eu tenho aulas a que sou obrigada a assistir e trabalho no resto do tempo. — Limpei o nariz com o braço. — Quando é que é suposto ir a Madrid? Nas férias? E o que é que digo aos meus pais? Isto é de doidos.

— Então eu venho cá — respondeu, voltando a abraçar-me

— Afonso — afastei-me do seu abraço e olhei-o nos olhos —, eu não acredito em relações à distância. Isso é tudo uma merda. Só vamos estar a adiar uma coisa que vai acabar por acontecer e vai ser ainda mais difícil.

— O quê?

— Nós! A distância, tudo.

— Mas nada vai mudar, porra! Podemos falar todos os dias ao telefone — gritou. Ele abriu a mão e senti que ia pegar na minha. Era suposto ele pegar na minha mão, mas voltou a baixar o braço.

— Vamos magoar-nos e... — Nem tive forças para continuar a falar.

E foi então que senti aquele sabor a fel do fim. Aquela sensação de que nada mais ia voltar a ser como era. À nossa volta, tudo continuava igual. O sol continuava a brilhar, as árvores continuavam sossegadas, as pessoas passavam por nós alheias à nossa existência, tão concentradas nas suas vidas, o céu continuava da mesma cor, um azul-claro sereno de setembro. Os ruídos à nossa volta continuavam os de sempre, umas crianças a brincar na calçada, três senhoras que se riam sentadas num banco, as rodas dos carros a girar em direção ao Chiado. Mas olhei para ele e soube, naquele instante, que nunca mais o ia voltar a ver. Era isso que ia mudar.

— E então? Nós aguentamos — disse-me, descrente.

— Eu não aguento.

— Vou ter um emprego em Madrid, mas a minha vida vai continuar a ser contigo. — Agarrou-me com tanta força, que pensei que me sufocava.

— A tua vida vai estar em Madrid e eu vou estar aqui — disse-lhe num esforço para não atirar tudo ao ar e ir embora com ele, o que era ridículo, porque mais rapidamente a minha mãe me algemava ao corrimão das escadas de casa. — E quero que te concentres nela sem estares a pensar no que deixaste aqui.

— Mas eu não vou deixar nada — disse, baixando os braços, como que

desistindo —, apenas não vamos estar juntos todos os dias...

— A tua mãe disse que tens tendência para desistir das coisas e eu não quero que desistas desta oportunidade. — Dei-lhe a mão. — Quero que te concentres nela e, se tivermos de ficar juntos, vamos voltar a ver-nos.

— Isto é o fim? — perguntou, prendendo-me a mão.

— Não é o fim da rua, é apenas um cruzamento no nosso caminho. — Soltei lentamente a minha mão da dele e virei-lhe as costas. — Desculpa, preciso de me ir embora. Não consigo mais...

Comecei vagarosamente a descer a rua de forma teatral. Verdade seja dita, queria que viesse atrás de mim. Alguns metros mais adiante, parei e virei-me para trás. Ele continuava no mesmo sítio, com os ombros descaídos, os olhos no chão e uma posição de derrota que me mortificou a alma. Corri para ele, abracei-o com toda a minha força e beijei-lhe os lábios. Beijei-lhe o queixo, as bochechas, o nariz, os olhos, o pescoço, as orelhas. Queria senti-lo, cheirá-lo, prová-lo e absorvê-lo mais uma vez. Queria prendê-lo comigo para sempre. Queria bater-lhe por ter entrado na minha vida. Queria deixar tudo e ir-me embora. Queria gritar-lhe para ficar. Queria implorar-lhe, agarrar-me às suas pernas e suplicar para não se ir embora. Mas como é que alguma vez poderia fazer isso? Como dizer a alguém para desistir dos seus sonhos? Tão estúpido era ele ficar como eu pensar em ir com ele. Amá-lo era libertá-lo para construir o seu caminho. Com cada movimento que fazia para me separar dele, quase conseguia ouvir o meu coração rasgar-se. E quase conseguia sentir o seu coração a cair no chão ao lado do meu.

— Amo-te, Afonso — disse-lhe, com a boca colada na dele —, mas não consigo suportar uma despedida.

Não esperei para ouvir a resposta, virei-me de costas e comecei a descer o largo em direção a casa do meu pai. Não me voltei a virar uma única vez. Enquanto descia a rua, as lágrimas teimavam em cair, não obstante as pessoas

que se fixavam a olhar para mim num misto de curiosidade, aflição e preocupação. Como era possível ser ainda o mesmo dia? Meia dúzia de horas antes, estávamos deitados na cama a falar sobre nada em especial. Estaquei no meio do passeio e olhei para cima. Como é que as pessoas conseguiam andar na rua calmamente sem terem qualquer consciência do que estava a acontecer à minha vida? Às vezes, o nosso mundo é de tal forma abalado que é difícil imaginar que mais ninguém tenha sentido o abanão. Era indescritível a tristeza que tomava conta de mim por ver que tudo continuava a correr como era suposto, independentemente da forma como me sentia. As pessoas continuavam a apressar-se para chegar onde tinham de ir, os carros continuavam a andar, os semáforos continuavam a trocar de vermelho para verde, à minha volta continuavam os ruídos de sempre, os miúdos a jogar à bola lá em cima no largo, os cães a correr atrás deles. Ninguém é suficientemente especial para fazer o mundo parar.

*

Não falei com ninguém e desliguei o telemóvel durante o resto dos dias. O dia 1 chegou e, deitada na minha cama, conseguia imaginá-lo no seu novo emprego, na sua nova vida em Madrid, uma cidade que nunca conhecera e que, subitamente, me parecia tão distante e detestável. Nessa noite, liguei-o, finalmente. Tinha uma mensagem dele, enviada uns minutos depois de nos termos despedido à porta da cafetaria.

Também te amo. Para sempre, dizia.

OUTUBRO

NOVEMBRO

DEZEMBRO

2005

6

O tempo passa, mesmo quando parece impossível. Para mim, cada segundo doeu como se me estivessem a espetar alfinetes em todo o corpo. Os últimos meses surgiam desfocados na minha memória, lembrava-me de alternar entre horas deitada no sofá a ver televisão até de madrugada e dias em que quase nem saía da cama porque só queria dormir. Alice foi a Madrid com Ventura e com alguns dos amigos deles para visitar Afonso e passar férias, o que foi mórbido e angustiante ao mesmo tempo. Eu queria saber tudo ao pormenor, sabendo de antemão que era melhor não saber. Tentava chorar, queria gritar, mas deixei de ter energia até para isso. Depois dos primeiros meses em que tudo me fazia chorar, foi como se as lágrimas simplesmente se tivessem esgotado. Estive muito tempo sem ir a casa do meu pai, as memórias de Afonso estavam por todo o lado. Na minha cama, nas almofadas, nas cortinas que ele prendia para fumar à janela, na *T-shirt* dele que ficou pendurada no roupeiro. No Natal, quando tive de ir, três meses depois de Afonso ter ido embora, vi-o em todo o lado. Lembrava-me do cheiro dos seus cigarros malditos, do som da sua gargalhada, da forma como se encostava nas minhas almofadas. Em cada canto havia qualquer coisa dele, um livro que tirara do lugar, o último disco que ouvira no gira-discos do meu pai, restos de um perfume dele na casa de banho do meu quarto, maços de cigarro vazios no parapeito da janela, recados colados na parede em post-its amarelos. Até a caligrafia dele me agoniava. Tudo se tinha desmoronado, mas ali, tudo estava

igual, como se ele fosse tocar à campainha a qualquer momento e entrar pela porta. E já estava à espera do momento em que ia começar a esquecer. O único consolo que temos quando nos partem o coração é o tempo e a certeza de que um dia todo aquele sofrimento irá acabar. Ainda assim, sentava-me na cama com as mãos cruzadas nas pernas ao pé do telefone, à espera da única chamada que me podia voltar a fazer feliz, mesmo sabendo que ele nunca o iria fazer. Dizia para mim própria que controlava tudo, mas durante todo aquele tempo foi a memória dele que me controlou. E eu deixei, porque a fatalidade do que restava dele fazia-me sentir, ainda assim, mais viva do que alguma vez me sentira.

É curioso como são os desígnios da vida. O ano sabático que eu e Alice tirámos relevava-se certo porque a minha capacidade de concentração andava pelas horas da morte. Faltei às aulas até ao ponto em que fui obrigada a cancelar a matrícula e candidatar-me somente aos exames nacionais. Também perdi o trabalho na livraria porque deixei de aparecer. Todos tentavam tirar-me de casa, mas o problema não era não me apetecer ver ninguém, não queria era que ninguém me visse. Não queria sair com Alice e Ventura, não queria saber como andava a vida de Marina e de Luísa na universidade e, embora me sentisse uma amiga miserável focada na minha insignificância, não me apetecia falar com ninguém. Não conseguia voltar a fazer o que sempre fizera porque não conseguia aceitar que a minha vida teria de continuar como se ele nunca tivesse feito parte dela. «Daqui a uns tempos vais olhar para trás e perceber que toda esta clausura de dor teria sido mais bem suportada se tentasses voltar à tua vida», dissera-me a minha mãe e eu sabia que tinha razão. Num dia particularmente apático, vi uma aranha a passear na minha janela e matei-a imediatamente. Depois de a ver esbarrachada contra o parapeito, perguntei-me se a sua vida era mais

importante do que a minha, já que a tinha espalmado com o dedo sem pensar duas vezes. Mas e se ela, afinal, tivesse um qualquer papel a desempenhar no seu mundo de aranhas? Talvez fosse uma peça fundamental na natureza. Já eu andava a arrastar-me havia meses e não contribuía com nada para o mundo, estava a suicidar-me lentamente dia após dia. Então percebi que estava exausta, esgotada de me sentir triste. E foi como se tivesse purgado algo que me pusera doente nos últimos meses.

Eu e Alice fizemos dezoito anos, demos uma festa temática dos anos setenta, fui para a Serra da Estrela com os pais dela e vimos neve, ajudei-a a organizar uma festa surpresa para Ventura e arrumei a sete chaves o que acontecera no Sudoeste. Preparei-me para os exames nacionais, arranjei um trabalho de verão num café e fui passar duas semanas de férias na casa do avô de Marina, na Nazaré. No fim do verão, em casa do meu pai, arranquei os post-its da parede, esvaziei o perfume dele na sanita, atirei com tudo o que era dele para o lixo e cortei o cordão umbilical que ainda me prendia às memórias do que tínhamos vivido. Voltei a pensar nele quando entrei na Universidade. O que diria se soubesse que escolhera Ciências da Comunicação porque me poderá abrir portas para várias áreas? Ter-me-ia dito que tomara a decisão correta? Ou sentir-se-ia desiludido por não ter apostado tudo na escrita? Alice entrou em História e, valha-nos isso, entrámos na mesma universidade. Era estranho pensar que chegara viva a setembro, tinha passado exatamente um ano desde que Afonso fora embora. Meses antes, mal acreditava que poderia sobreviver a tamanha dor, por mais abstrata que fosse e, acima de tudo, incompreensível aos olhos dos outros, exagerada até. Aquele verão, outrora uma memória angustiante, parecia-me agora tê-lo vivido noutra vida. Fui morar com o meu pai, ao contrário do que sempre imaginara fazer, para estar mais perto da Universidade e a minha mãe mostrou-se surpreendentemente satisfeita com a minha decisão. A minha vida

foi lentamente ganhando novas camadas e Afonso deixou, por fim, de preencher todas as gavetas da minha cabeça.

As noites estavam a chegar cada vez mais cedo, mas os dias pareciam-me maiores, uma vez que só tinha aulas de manhã. Abracei todas as mudanças com entusiasmo, as salas de aula que pareciam auditórios com cadeiras em círculo, o palanque no meio onde os professores se posicionavam como se fossem dar um espetáculo, e havia dias que parecia que assim iria ser, as pessoas mais velhas nos corredores, o facto de estar constantemente a ser chamada de caloiira e a obrigação subjacente em responder. Numa manhã, estava com Alice e outras raparigas do meu curso na fila do bar quando um grupo de rapazes trajados entrou de rompante. De capa pendurada aos ombros, imaginei-os suados e pegajosos debaixo daquele aparato todo. «Caloiros, pega-monstro na parede!», gritaram. À nossa volta, dezenas de miúdos, atiraram-se contra a parede como se tivessem recebido um choque de uma pulseira eletrónica invisível. Nós ficámos onde estávamos, alheias àquele circo. «Não são caloiras?», perguntou um deles, usava um bastão enquanto andava e batia-o vigorosamente no chão, uma forma de gritar o seu poder fálico. «Sim, e então?», respondeu uma miúda do meu curso. «Então porque é que não estão a fazer o que mandámos?», perguntou o fulano do bastão, o seu tom de voz era tão petulante que aquilo foi o suficiente para me tirar a paciência. «Isto não é uma ditadura e somos livres de fazer o que nos apetecer», respondi com um encolher de ombros. Ele olhou-nos de cima abaixo, tal era o desdém perante a nossa rebelião. «Vocês são anti-praxes, vocês vão sofrer», declarou, virando-nos costas. Umas raparigas mais velhas que estavam na fila à nossa frente deram uma gargalhada ruidosa. «Ouçam», disse uma delas, «ignorem porque são os idiotas da Tuna». E por idiotas percebi que se referiam ao facto de tocarem pandeiretas, cavaquinhos e

acordeões enquanto dançavam e cantavam músicas populares a toda a hora e em qualquer lado, com a benesse de poderem fazer o que bem entendiam, como faltar às aulas. Ocorreu-me que poderia simplesmente entrar para a Tuna, dado que a minha mãe me chateava constantemente para entrar em alguma atividade universitária, e tocar pandeireta parecia-me absolutamente plausível, fácil e uma arte que não me ocuparia demasiado tempo. Arrastei Alice para um ensaio de apuração de novos membros e, cinco minutos depois, percebemos que a Tuna não era para nós. Não tínhamos o espírito militante de quem vivia dentro de um traje e gostava de entrar pelo bar a cantar sobre o boémio sonhador e a donzela à janela. Verdade seja dita, também não me imaginava a vestir assim todos os dias, saia e casaco como uma beata de setenta anos, como se a Universidade fosse o funeral das nossas jovens vidas.

Uma manhã, enquanto me arranjava para ir para as aulas e procurava umas botas do inverno passado, encontrei uma fotografia dentro de um livro que atirara para um canto. Ali estávamos, eu e Afonso, sentados no chão da sala de um amigo dele com alguns copos a mais. Lembrava-me dessa noite, tínhamos jantado com os amigos dele e jogávamos um jogo qualquer quando um deles, que andava a tirar fotografias com uma Polaroid, nos fotografou. Fitei a fotografia na minha mão, Afonso sorria enquanto olhava para mim, que tapava o rosto com as mãos. Tentei lembrar-me da gargalhada dele e não consegui. E foi neste instante que percebi que aquela dor exagerada e mórbida tinha acalmado por fim.

Quando as férias de Natal chegaram, fui para casa da minha mãe. Precisava de voltar ao conforto da minha casa, de Carcavelos, da minha vida desde sempre, do sair de pijama para ir ter a casa de Alice e sentar-me no seu jardim de gorro e luvas a conversar sobre nada em particular. Os meus contactos com Ventura durante o último ano tinham sido breves, eventualmente fizéramos um acordo tácito de que nunca mais iríamos falar sobre o que acontecera, mas o facto de mal nos vermos também ajudava. Nunca mais saíra com ele e com os amigos, Alice compreendia e respeitava, para não ter de ver, nas suas caras, a piedade simpática. E tinha um medo atroz de ouvir uma referência a Afonso e quebrar-me novamente em cacos. Lembrava-me bem dos dias longos como desertos deitada no sofá em profunda tortura e não queria voltar a eles.

— Como é a passagem de ano? — perguntou-me Alice nessa noite quando fui ter a casa dele.

— Vou passar — respondi com sarcasmo.

— Comigo?

— Não me peças isso — disse-lhe ao fim de uns segundos de silêncio. Porque não o iria fazer. Não iria passar com ela e com Ventura nem iria pedir para ela não o fazer. Nem entendia a obrigação e a pressão de termos de nos divertir nessa noite, como se o mundo fosse acabar ao tocar das doze badaladas.

A minha casa de infância, onde cresci com os meus pais quando ainda estavam juntos e, mais tarde, só com a minha mãe, ficava numa rua vestida de árvores e folhas no chão o ano inteiro e onde me lembrava de andar de bicicleta para cima e para baixo durante todos os fins de semana. Isso não tinha mudado, as árvores e as folhas ainda lá estavam como se fosse sempre outono, mesmo agora no pico do inverno. Contudo, já não lhes via a magia de outrora, a rua das árvores, a rua onde mal se via o céu por cima da folhagem espessa. Agora compreendia que era uma rua que, simplesmente, ninguém limpava. Com o tempo, as folhas mortas transformavam-se em papa pela chuva invernal e, com o calor da primavera, em aglomerados de folhas secas e pastosas que tinham aprendido a sobreviver ao inverno à beira mar. O escuro marítimo fazia-me companhia por cima das luzes da rua e, a caminho de casa, decidi pegar na bicicleta. De gorro na cabeça, cinco camisolas e um cachecol, voltei a percorrer as ruas da minha vida, à minha frente o persistente vapor branco que saía da minha boca. Voltei a passar por casa de Alice e liguei-lhe para se juntar a mim. «Estás doida», disse-me ao telefone, «vais apanhar uma constipação». A verdade é que não apanhei, o meu corpo transformara-se em ferro.

Durante aquelas férias, em casa, saí com Alice, Marina e Luísa, encontrámo-nos com outros amigos da zona, li muito, vi filmes com a minha mãe, e este era um terrível facto da vida: o tempo passa, tudo passa. Até a dor passa. Depois de nos devorar as entranhas, de destruir uma parte da nossa alma, faz as malas e parte para outras paragens. E leva com ela o amor. Então a vida, ou a imitação manhosa que conseguirmos fazer dela, continua como se nada fosse. E tinha chegado a uma estranha paz. Regava as plantas, outrora do meu pai, que a minha mãe continuava a manter e voltava a colocá-las na varanda como, tantas vezes, ele me pedira quando era miúda. Nunca compreendera por que tratava das estúpidas das plantas como se fossem

filhos. Era uma tarefa que odiava fazer, mas em que, agora, conseguia tirar algum prazer. Uma atividade quase meditativa onde apenas tinha de me concentrar em mantê-las vivas. Não sabia dos motivos que tinham levado a minha mãe a não se desfazer das plantas do meu pai, mas estes eram os labirintos da vida. Talvez as plantas também a fizessem lembrar da mulher que, um dia, ela foi.

Ela fazia todos os dias o pequeno-almoço para nós e, quando não chovia, comíamos na varanda. Quando o frio se tornava demasiado difícil de suportar, ligava o aquecedor e sentávamo-nos na mesa de madeira da cozinha. Posteriormente, ia para a escola onde dava aulas de Matemática — não agora, porque estávamos em férias —, ocupava-se com reuniões e preparações para o segundo período.

— Gosto de te ver recuperada — disse-me um dia ao pequeno-almoço.

— Não sabia que estava doente. — Revirei os olhos.

— No ano passado, estavas intragável.

— Obrigadinha por mo lembrares.

— Isabel... — Pegou-me na mão. — Já não sabia o que havia de fazer para recuperares a energia, o alento e entusiasmo pela vida em geral.

— Mãe, eu sei, deixa lá... já passou.

— Pode ter passado, mas tudo deixa pequenos buracos cá dentro. — Apontou para o seu peito, — E tens toda a vida pela frente para encheres esses buracos de coisas boas.

Alice ia passar o dia com Ventura, pelo que peguei na bicicleta e fui à praia da nossa zona, a mais popular da linha. Era uma praia grande com um extenso areal de mais de um quilómetro e, mesmo quando a maré subia, continuava a haver areia suficiente para toda a gente. Quer para os veraneantes nos meses de calor, quer para os passeios invernais como agora,

onde, mesmo com temperaturas quase negativas, continuava a ter pessoas. Casais a passear com cães, miúdos a andar de bicicleta e de skate no paredão, crianças a correr na areia com pesados casacos de penas a protegê-las no frio, pequenos pontos pretos na água a fazer *surf*... Parei a bicicleta no paredão e observei-os na água. «Podia ser eu», pensei, «nesta nova vida podia fazer *surf*». Mas para isso tinha de aprender a nadar e, provavelmente, isso nunca iria acontecer. Atira-se uma criança para a água e ela, instintivamente, consegue flutuar. Nós, adultos, já estamos carregados de medos e eu, seguramente, iria ao fundo. Prendi a bicicleta na grade, tirei a minha mala e o livro do cesto e sentei-me no bar. Estava em obras e a ficar moderno, mas na minha memória continuava o mesmo bar de sempre. Lembrava-me como se fosse ontem da sua construção em madeira escura e as pranchas alinhadas na areia. Olhei para o rapaz ao balcão e tive um rasgo de memória, lembrava-me bem dele, o que era estranho, tinha a certeza de que não se lembraria de mim. Chamava-se Zeca e era um dos amigos de Simão, dos tempos em que vinha para aqui para o ver no mar, porque, aos catorze anos, isto era o suficiente para me contentar.

— Sabes quem vi no bar da praia? — perguntei a Alice nessa noite depois do jantar. Estávamos no meu quarto, sentadas no computador, a ver umas fotografias numa rede social onde toda a gente parecia estar.

— Hum... — respondeu. — Olha aqui, lembras-te deste gajo que era lá da escola?

— O dos bichos da seda?

— Porra, sim. — Deu uma gargalhada. — Quando ele tinha aulas com a nossa turma e ninguém se sentava ao lado dele porque tinha sempre uma caixa com bichos da seda.

— Mas queres saber quem vi ou não? — Saí do computador e fui deitar-me na cama. Ela virou-se na cadeira e colocou os braços atrás da cabeça.

— Diz lá, vá.

— O Zeca, lembras-te? Que trabalhava no bar.

— O da trancinha no cabelo? — Era verdade, ele usava uma trança esquisita caída atrás.

— Sim, mas já não tem trança. E sabes quem é que apareceu depois? O Nico que era da nossa turma.

— Não me digas que...

— Não, não o vi.

*

Mas ia ver, só que ainda não sabia. Desde que saíra da escola, raramente via alguém da nossa adolescência e imaginava que era assim com toda a gente, ainda que, por vezes, fosse demasiado cruel. Passávamos anos com miúdos que, de repente, deixávamos de ver. Entrávamos num novo mundo com novas pessoas, era como se a vida nos obrigasse a fazer o luto dos anos passados. E, no final de contas, éramos todos passageiros. A velha vila de Carcavelos parecia-me agora deserta das gentes que lhe tinham dado vida. Como se tivéssemos sido nós a geração mais importante, aquela que era inesquecível, insubstituível, a que deixara marcas, ainda que invisíveis. Mas, antes de nós, outros miúdos viveram nas mesmas ruas e fizeram o mesmo que nós. Lembrava-me de passar as férias no parque e na praia, de descer as terras de bicicleta ou, quando chovia, de nos revezarmos na casa de alguém a ouvir música e a ver filmes. Os miúdos de hoje deviam estar em casa a jogar computador, a falar nos chats e a fumar charros.

Uns dias depois do Natal, numa inércia temporária porque Alice ainda estava em casa dos avós, peguei na bicicleta e passei à porta da nossa antiga escola. Não sabia dizer o que lá fora fazer, provavelmente estaria toda a gente

de férias e, mesmo que visse alguém, quem é que se lembraria de mais uma antiga aluna no meio de tantas outras? Parei a bicicleta e observei uns miúdos ao portão, pareciam tão novos, tão vivos, como se esta escola lhes transmitisse a mesma carga de emoção que me lembrava de sentir. Vi uma professora sair, lembrava-me dela e das suas aulas de História. Eventualmente, lembrar-se-ia de Alice, uma fervorosa participante das suas aulas, de mim talvez não, não fora a sua maior fã. Tive uma súbita vontade de a abordar para lhe dizer que a sua aluna favorita estava a tirar uma licenciatura em História e, em breve, estaria apta a debater, com ela, os interesses sociais, económicos e políticos de cada época.

Se não estivesse tão focada a imaginar diálogos que nunca iriam acontecer, não teria sido apanhada de surpresa quando o vi.

8

Inicialmente não reconheci Simão. Tinha um gorro na cabeça e estava ao portão da escola a olhar para mim, alienado do resto dos miúdos que passavam por ele e o olhavam por cima do ombro como que a questionar-se quem era aquele velho. Fiquei solidária. Quando tinha a idade deles, as pessoas com mais de vinte anos também me pareciam terrivelmente velhas. De repente, senti-me a viver um *déjà vu* de todas as vezes em que, quando andávamos na escola, esperara para o ver chegar de mota. Vi-o sorrir e começar a andar na minha direção. Já não era o miúdo escanzelado por quem estava perdida de amores, já não era aquele miúdo de dezasseis anos a entrar na escola de mota azul, embora, dentro de mim, estivesse congelado naquele preciso momento. E era assim que o visualizava sempre que pensava nele, embora estivesse consciente do poder arrebatador que as memórias criam dentro de nós e da carga emocional que carregam à medida que os anos passam. Chegou ao pé de mim e, de olhos franzidos, colocou as mãos nos bolsos e sorriu

— Olá — disse, olhando-me fixamente. — Ainda te lembras de mim?

— Claro, seria estranho se não me lembrasse — respondi, constrangida.

— Quem diria... — Deu uma gargalhada alta e percebi que estava nervoso ou intimidado, talvez as duas coisas ao mesmo tempo. — Na nossa velhinha escola.

— Bem, já cá não vinha há imenso tempo. — Olhei por trás dele para o

edifício. — Parece outro sítio.

— É estranho, não é? Sermos indiferentes num sítio que era nosso. Ainda agora comentei com a dona Natalina. Lembras-te dela?

— A dona Naftalina? — Sorri.

— Pois era. — Deu uma gargalhada. — Estava a comentar com ela que somos todos temporários, vimos e vamos. Ninguém deixa uma marca em lado nenhum, os sítios é que vivem dentro de nós.

— Nem isso. Demoliram a escola toda, tornaram-na neste monte de betão — respondi, esfregando as mãos do frio.

— E olha para aqueles miúdos, são os donos disto tudo agora. Nós é que éramos os donos, esta escola era nossa.

Riu-se baixinho. Era notório o esforço que fazia para tentar manter uma certa familiaridade entre nós, mas o facto é que não falávamos há uns quatro anos. Pouco tínhamos falado antes, verdade seja dita.

— O que vieste aqui fazer? — perguntei.

— Voltei para cá. Vim buscar um certificado porque terminei um curso e queria organizar os meus documentos.

— Voltaste... — acrescentei, sem saber ao certo como dar continuidade ao assunto. Tinha voltado de onde?

— Escuta, queres tomar um café em qualquer lado mais logo para falarmos um pouco?

Bebermos um café os dois. Se tivesse catorze anos, isto ter-me-ia feito dar saltos de alegria em cima da cama. Mas remexer no passado deixava os sentimentos fora do sítio e as emoções à mão de semear. Passaram-me algumas lembranças pela cabeça. Eu a correr pelas terras atrás da escola para ver o que ele andava a fazer com os amigos. Ele a gritar o meu nome à janela da aula de Geografia. As cartas que lhe escrevia. Uma *T-shirt* verde que ele tinha. A festa no final do 9º ano. As raparigas das argolas. O beijo na praia.

— Já nos conhecemos há tantos anos — reforçou. — Não é inacreditável? Parece que te estou a ver sentada no muro com as tuas amigas. — Continuou a sorrir, enquanto alisava o passeio com o pé direito.

Conhecíamos-nos do que me parecia ter sido outra vida. E apercebi-me naquele momento que sentia falta disso. Tinha saudades daqueles tempos tão simples e inocentes em que a minha única preocupação era saber se, nesse dia, iria ver o Simão da mota azul.

9

Levantei os olhos do livro que estava a ler no café sujo à beira-mar e vi-o entrar. A primeira coisa em que reparei foi o cabelo despenteado, numa versão dele próprio a que não estava habituada. Meio dourado e comprido, caído no rosto e misturado com a barba. Trazia umas calças pretas, um blusão de pele velho e umas botas castanhas, já não era o surfista de borbulhas na cara de que me lembrava da escola. Tinha um aspeto taciturno, meio fatalista até. Mas o seu sorriso abriu-se quando me viu sentada e era o mesmo de sempre, aquele sorriso que me fazia tremer as pernas como se fossem gelatina e que, obsessivamente, não conseguia afastar do pensamento. Ao fazer a cama de manhã, ao esperar que as torradas saltassem, ao cortar uma maçã sentada no sofá, ao descer a rua para a escola, lá estava ele.

Pousei o livro, meio atrapalhada, e dei um golo na chávena de chá à minha frente. Tinha a garganta seca e áspera como se tivesse acabado de correr uma maratona. Lá fora, o sol já estava praticamente posto e à medida que o céu passava de laranja a roxo e de roxo a azul escuro, o frio instalou-se no café quase vazio. Ouvia-se uma música lenta de fundo e coisas a bater na cozinha, a minha atenção focada em tudo o que me rodeava para retardar o momento em que teria de olhar para ele e confrontar-me com a nossa própria história, se é que se podia chamar de história. Éramos somente dois estranhos que se conheciam desde sempre. Nostalgia, surpresa, alguma covardia e ansiedade explodiram dentro de mim ao vê-lo entrar pela esplanada calmamente como

se sempre soubesse onde me encontrar. Se esticasse as mãos, poderia tocar na corrente invisível que nos unia como se tivéssemos voltado atrás no tempo. Ele parou à minha frente de mãos nos bolsos e sorriso no canto da boca. Levantei-me para o cumprimentar, mas ele puxou-me e abraçou-me. De mãos nos meus ombros, soltou uma gargalhada e deu-me um beijo na bochecha, a fugir para a orelha, o que tornou o momento ainda mais constrangedor. Tinha a certeza de que nunca tinha estado tão próxima dele e quase que conseguia sentir o meu eu de catorze anos a dar pulos dentro de mim.

Estávamos sentados, um de frente para o outro na mesa gelada da esplanada com o sol a pôr-se no mar em pano de fundo, num silêncio que poderia ter sido embaraçoso, mas que afinal se revelou agradável. Não tínhamos assim grande coisa para dizer um ao outro, pensava eu, ou talvez tivéssemos demasiadas coisas e não sabíamos por onde começar. O seu corpo comportava-se de formas não muito diferentes do meu, percebia que estava ansioso e talvez um pouco desconfortável na minha presença. Ele mexeu-se na cadeira, puxou o cabelo para trás, eu pousei a chávena na mesa, esfreguei as mãos para fazer circular o calor, gestos banais que pareciam ensaiados.

— O que tens feito? — perguntou, quebrando o silêncio. Inclinou-se na mesa e aproximou-se de mim.

— Olha — sorri e encolhi os ombros —, o normal, estou na faculdade. — A memória de vê-lo sorrir para mim ou a gritar-me qualquer coisa do outro lado da escola deixou-me com pele de galinha na nuca. Limitei-me a pousar os braços debaixo da mesa.

— Deixa-me adivinhar. — Fingiu pensar. — Escrita?

— Estás quase lá. — Não consegui não rir. — Ciências da Comunicação.

— Pronto, não estive longe.

— E tu? Curso do quê? — perguntei, intrigada. Ele fora um daqueles rapazes que chumbara de ano em ano até deixar de aparecer na escola.

— Oh, tu sabes. — Voltou a encostar-se na cadeira. — Coisas do mar. Fiz um curso de navegação em Faro nos últimos dois anos.

— Cortaste mesmo as amarras com tudo. — Ri-me com a minha própria insinuação náutica, ele apoiou a cabeça na mão. — E viveste em Faro este tempo todo?

— Vivi no Baleal e depois em Faro, mas vinha a Carcavelos todos os meses. É difícil cortar com isto, não é? Vivemos aqui a nossa vida toda, isto faz parte de nós, eu cresci ali no bar do Zeca. E quando te vais embora acontece uma coisa engraçada, é que deixas de pertencer. Não és de um sítio, nem de outro.

— Como assim?

— Para eles era um alfacinha preso à terra, percebes? Sempre a vir a casa ao fim de semana. E quando estava cá, nunca me sentia em casa porque era sempre temporário.

— Vida de nómada, portanto — respondi com um sorriso.

— E pensei em ti muitas vezes, acreditas?

— Ah! — respondi, surpresa. — Porque é que não disseste nada? — saiu-me involuntariamente.

Era uma pergunta descabida, nós não éramos amigos nem conhecidos, talvez dois absolutos estranhos com uma história em comum. Simão fizera parte de uma altura da minha vida em que começava a descobrir o amor e, com ele, revelara-se fascinante, intenso e mágico. Lembrava-me das borboletas no estômago sempre que se aproximava de mim na escola, das cartas que lhe escrevia e os bilhetes que colocava no seu cacifo por baixo da porta. Tinha catorze anos, estava apaixonada pela primeira vez e tudo nele me transportava para uma parte de mim de que já me esquecera. Sabia tudo dele, tanto quanto poderia saber naquela altura, imaginava-o divino, etéreo e

celestial. Fora um sentimento que, até conhecer Afonso, acreditava que nunca mais iria viver, presa como estava a uma memória ingénua de um amor que nunca fora recíproco e que, agora, naquele café, conseguia sentir a subir-me pelas pernas, pela barriga, pelo peito, a penetrar na pele e a inflamar-se dentro da minha cabeça. Talvez por ter gostado tão obsessivamente de alguém quando nem sequer sabemos ou temos estrutura emocional para compreender o amor, é que continuara numa procura absurda e incessante por sentir um pouco daquilo que sentia naquela altura. Subitamente lembrei-me de Afonso na noite em que nos conhecemos, de me perguntar se não levava as relações a sério. Como poderia alguma vez ter-lhe explicado que o que procurava era magia, a que estava agora sentada à minha frente, e que sabotava tudo o que não me fizesse sentir assim?

Ele tossiu e voltei ao presente. Enquanto falava, fui juntando as peças deste *puzzle* que era a sua vida. Conhecera Vitória, a sua última namorada, algures em Maputo, quando lá estivera a trabalhar com crianças, o que foi impressionante e estranho de ouvir. Na minha memória, ele continuava a ser aquele miúdo na praia a fazer *surf* e a fumar charros com os amigos. «Quando ela quis voltar para Portugal, voltei com ela», disse-me. «E querias voltar?», perguntei. Encolheu os ombros. Vivera com Vitória em Peniche, onde acabara por trabalhar numa escola de *surf* no Baleal, e ali estava ele, o rapaz de que me lembrava. «Eu queria estudar navegação, sabias?», perguntou-me. Acenei que não. «Mas, para ela, ter um namorado a passar meses no mar não fazia parte da equação.» Era justo, pensei.

— E quando é que acabaram? — perguntei. Não queria soar demasiado inconveniente, mas era a velhinha curiosidade.

— Há um ano e tal. Ela já tinha acabado o curso e recebeu uma proposta para ir trabalhar para a Suécia.

— E aceitou?

— Ela iria sempre aceitar, independentemente de eu concordar ou não.

— E não gostavas de ter ido?

— Eu curtia estar em Maputo, vim embora por ela, deixei a minha família e o curso de navegação. Não ia deixar a minha vida para ir para a Suécia viver a dela. — Sorriu. — Fui para Faro e estive lá até agora.

*

Tinha as peças deste *puzzle* de memórias todas encaixadas. Simão saíra do Baleal e tinha-se inscrito no curso de navegação em Faro, que entretanto terminara. Falei-lhe da Universidade, do ano em que estivera parada porque não sabia o que queria fazer e senti que não tinha nada de interessante para falar porque a minha vida resumia-se basicamente a isto.

— Mas continuas a escrever, certo? Lembro-me das tuas cartas.

Mal pronunciou esta frase, calou-se, deixou sair um riso embaraçado e começou a coçar a testa, constrangido. Não tanto quanto eu.

— E agora que acabaste o curso, o que vais fazer? — perguntei, estava perita em desviar assuntos indesejados.

— Agora tenho de fazer um exame, que são três dias no mar. — Captei uma espécie de orgulho nos seus olhos. — E depois posso começar a trabalhar.

— Trabalhar onde? — questionei.

— Em embarcações.

— Como cruzeiros?

— Epá, não é isso. — Deu uma gargalhada. — Embarcações de alto-mar. Um dia, sei lá, posso vir a ser capitão de um navio.

— Navio de quem?

— Imagina, tens aquelas pessoas que têm barcos pessoais. — disse,

sorrindo. — Esses navios não estão sempre atracados num porto. São de turismo, pessoal com dinheiro e coisas do género. Talvez os navios fiquem para a família, fazem férias em zonas paradisíacas, podem ficar atracados nas Caraíbas ou assim. No resto do ano, muitos deles alugam-nos, ou vão para o verão mediterrânico. E todos eles têm as tripulações que trabalham durante todo o ano na embarcação e, quando são alugados, trabalham para as pessoas que os alugam. O que eu estudei foi toda a operação de uma navegação de alto mar. Também posso trabalhar em navios de transporte, de investigação científica, embarcações de qualquer tamanho que façam navegação de alto-mar.

— Hum... — respondi, franzindo a testa. — Sabes que não percebo nada disso, certo? Mas gosto de te ver entusiasmado, parece-me que estás no bom caminho.

— Isto foi o que eu sempre quis fazer, trabalhar no mar — disse. — Eu dizia à minha mãe que queria ser capitão, até tinha uma *T-shirt* que dizia *I wanna be a Captain*. — Riu-se da memória. — Ela dizia-me para crescer e procurar um trabalho a sério, mas acho que preciso de o fazer, pelo menos para ter a certeza que já fiz e passei à frente. Para não ficar a pensar nisto a vida toda.

— Achas que não vais gostar?

— Trabalhar num navio de alto-mar é fodido, implica passar cinco ou seis meses no mar sem vir a casa. E acho que é isso que quero, mas, quando chegar lá, posso perceber que, afinal, já não é. E se é para o tentar, tem de ser agora. Mas também gostava de abrir uma escola ou um hostel para desportistas de mar ou fazer campos de férias com miúdos que querem aprender *surf*. — Suspirou e sorriu. — Sei lá, qualquer coisa assim, estás a ver?

— Sempre te imaginei a fazer isso, se queres que te diga. — Dei-lhe uma

palhada no braço, o que foi estranho porque estávamos longe de ter essa proximidade, mas agora já não havia nada a fazer e mais valia continuar a falar. — É algo que podes fazer para o resto da vida porque tem tudo a ver contigo.

— Mas estou farto de dar aulas. — Encostou-se para trás na cadeira. — Foi isso que fiz durante a minha vida toda, até foi isso que fiz em Moçambique. Vivia em Maputo com a minha família, mas depois fui para a Ponta do Ouro fazer um trabalho de voluntariado com crianças em situação de vulnerabilidade social que tinham, pela primeira vez, contato com o *surf*.

— Isso é incrível — comentei. — Acho que é agora que podes perceber o que é que queres fazer. E, se nunca tentares, nunca vais saber, não é? Gostaste do curso, pelo menos?

— Olha, quando era mais novo dizia que queria estudar as estrelas, o fluxo dos ventos e as correntes marítimas. Navegar é como criar uma estrada no oceano, eu sei que parece chato mas é muito fixe. Mas depois a vida meteu-se pelo meio e, a dada altura, achei que tudo aquilo era demasiado para mim.

— Porque é que seria demasiado?

— Sei lá, sempre fui uma pessoa com pouca capacidade para acreditar em mim — partilhou. Encostou-se novamente na cadeira e cruzou os braços atrás da cabeça. — Há uns meses, fiz o exame final do curso, tive de me preparar durante semanas, estudar livros e calhamaços em que nunca imaginei sequer pegar. Sempre pensei que nunca iria passar porque, até hoje, nunca passei a nada. Nem sequer acabei a escola e tu sabes que nunca fui bom nessas merdas. — Fiz um sorriso, mas ele continuou. — Quando terminei, nem acreditei que tinha passado. Foi a primeira vez que tive sucesso em alguma coisa. Depois apanhei uma bebedeira para celebrar e a coisa não acabou bem. Dei uma gargalhada.

— Por que razão não irias conseguir, se é algo que realmente queres e

gostas? Acho que grande parte do sucesso está em fazermos o que gostamos.

— Tu sabes como sou — disse baixinho. Sabia? — Era péssimo na escola, chumbei a tudo, não percebia o que é que fazia ali. E também ninguém tinha grande interesse em perceber. «Ele não estuda, ele não se aplica, ele isto, ele aquilo...» — Fez um voz carregada de entoação como se estivesse a imitar um professor velho e rabugento.

Simão chumbara de ano em ano, como não me lembrar de quando, a dada altura, acabara no meu? Era curioso que, numa tarde, tinha falado mais com ele do que durante aqueles anos todos em que, miúdos, brincávamos ao gato e ao rato na escola. Contou-me que viera para Portugal aos catorze anos, de Maputo, onde crescera. Já em Portugal, entrara num ensino que em nada se assemelhava ao que tinha tido, não se conseguira integrar e, contrariado, começara a regredir e a chumbar ano após ano. O resto da história já eu sabia.

— Nunca falei disto com muita gente — partilhou. — Naquela altura, acho que tive algum tipo de depressão que ninguém compreendeu. Achas isto demasiado estúpido? — perguntou-me. Acenei negativamente com a cabeça. — Nem eu sabia o que tinha como podes imaginar, tinha quinze ou dezasseis anos...

Fiquei em silêncio porque nunca tínhamos falado da nossa adolescência e ele nunca partilhara este tipo de coisas, nem qualquer outra coisa, comigo.

— Eu tinha más notas, não me adaptava à escola e faltar às aulas e ir para a praia era o meu escape — continuou. — Talvez também tenha conhecido os amigos errados, o que não ajudou. Mas os professores diziam: tu só não tens positiva porque não te esforças, és preguiçoso. Foda-se, eu esforçava-me, tentava perceber as coisas e estudar da forma como me diziam. Mas ia para casa e chorava durante horas porque não conseguia perceber nada daquela merda. E depois tinha negativas e deixei de ir às aulas porque não fazia lá nada. A minha mãe não compreendia o que se passava comigo, tentava

ajudar-me, mas na escola todos me faziam sentir que simplesmente não valia nada. Era o palhacinho que fazia toda a gente rir. Pelo menos era bom nisso.

Engoli em seco e continuei em silêncio. Sentia as pernas a tremer debaixo da mesa porque falar daquele período da minha vida em que ele fora o mundo para mim ainda me deixava sem fôlego.

— E naquela altura, a pior altura da minha vida, a altura em que me senti a maior merda, em que sentia que não valia nada — continuou —, apareceste tu. E eu podia não valer nada, mas tu fazias-me sentir que realmente valia alguma coisa. Para ti. Sinto-me privilegiado por te ter tido na minha vida porque a mudaste... me mudaste.

— O que estás a querer dizer? — perguntei, interrompendo-o.

— Toda a nossa história, as brincadeiras, o facto de andares atrás de mim todos os dias, as cartas que me escrevias, os bilhetes no cacifo... — riu-se, constrangido. — Foda-se, eu não sabia como lidar com isso, eras uma miúda mais nova e eu não sabia como agir. Mas tudo isso significou o mundo para mim e salvou-me na fase em que mais precisei. Eu sei que isto soa estúpido. — Respirou fundo e esfregou a cara com as mãos. — Podes não acreditar mas guardava tudo porque me fazias sentir especial, mesmo que, na altura, eu não soubesse como te responder a tudo aquilo. Estava longe de ter a estrutura emocional que tu já tinhas. Ainda tenho tudo guardado, todas as cartas, os bilhetes, os poemas que me escrevias, porque me fazem lembrar um período da minha vida em que podia ser a maior merda, mas pelo menos valia alguma coisa para alguém.

Não sabia o que dizer. Jamais me passara pela cabeça que, algures na nossa adolescência, pudesse ter tido este tipo de impacto na vida de Simão. Ele tivera na minha, isso eu sabia, talvez esse impacto ainda se fizesse sentir. Continuava numa procura incessante por sentir com alguém o mesmo que

tinha sentido com ele, com a mesma força, a mesma intensidade, a mesma obsessão. Mas se, aos catorze anos, me tivessem dito que estava a mudar a vida de Simão, tê-lo-ia compreendido? Se soubesse o que ele, na sua vida real, passava, teria agido da mesma forma? O amor faz-nos perder a perceção das coisas, tudo ganha uma proporção inexplicável, eu escrevia cartas, postais e poemas a Simão numa busca desesperada pela sua atenção, ele era o início e o fim dos meus dias, era magia, alquimia, uma ânsia que não sabia como expressar, era sentir tudo de maneira desproporcional. Simão deu cor à minha vida numa fase em que todas as raparigas precisam de amarelo, vermelho e verde à sua volta, mesmo sem o corresponder, mesmo sem me colorir de volta. E, sem se aperceber, torna-me na pessoa que era hoje. Como poderia imaginar que também dava cor aos seus dias tão cinzentos quando para mim, só para mim, ele irradiava e brilhava?

*

Disse-lhe que tinha de me ir embora, saí do café a correr, peguei na bicicleta, ainda a tempo de o ver sair atrás de mim, confuso com a forma como me tinha evaporado na noite, e vim para casa. Atirei com os casacos para o chão, deixei as botas no meio do corredor e abri todos os meus armários. Espalhei tudo no chão do quarto, virei tudo do avesso mas, por fim, encontrei o que procurava, os diários de 1999 e 2000. Precisava de ler a nossa história, ou a história que tinha criado para nós. Precisava de entender o que vivera e o que me escapara daquele Simão que pensava conhecer tão bem. Regressei à escola de Carcavelos, à minha adolescência e ao 9.º ano quando, em turmas diferentes, tudo girava à nossa volta. Ou eu assim o fazia girar. Deitei-me a ler e, subitamente, já era de manhã. Mas já não era eu agora, a duas semanas de fazer dezanove anos. Era eu de novo com catorze.

PARTE II

1999

Oh where, oh where can my baby be?

The Lord took her away from me

PEARL JAM

1

Passei o início da minha vida numa escola de raparigas, o que talvez explique grande parte da minha ingenuidade. Éramos uma turma de raparigas alegres que nunca se preocupava com o facto de não existirem rapazes na escola. Estes afiguravam-se como um outro universo estranho e para lá dos muros da escola. E fora bastante libertador não ter rapazes a dar-nos pontapés, a puxar-nos os cabelos ou a chamar-nos feias. Quando entrei na escola secundária de Carcavelos, o mundo que até então conhecera levou um abanão monumental. Havia mais rapazes do que raparigas. Rapazes que andavam à pancada. Rapazes que gozavam connosco. Rapazes que fumavam nas traseiras da escola. Rapazes que andavam de mota e nos tentavam atropelar. Rapazes que, no verão, nos puxavam as saias enquanto se riam às gargalhadas. Tudo aquilo a que temos direito enquanto crescemos. Lembrava-me bastante bem do primeiro dia de aulas, fora dramático. Estava a viver a maior tristeza que alguma vez sentira e fazia questão de lembrar a minha mãe da dor que me estava a infligir todos os dias. Então conheci Alice, tão perdida quanto eu, as mais novas da turma, as que faziam anos em janeiro. A partir do momento em que fiz amigas, tudo mudou, a dor sarou, imaginava que o coração apertado da minha mãe também tivesse folgado um pouco.

A escola secundária de Carcavelos era constituída por seis grandes pavilhões em cimento, distribuídos três de um lado e três do outro, com um

pátio ao meio, um refeitório, um ginásio e dois campos nas traseiras dos pavilhões. Ao seu redor, havia jardins que, na primavera, se tornavam o sítio favorito para acampar nos intervalos.

Durante os dois primeiros anos, fiz amigos, entrei na equipa de basquetebol, nos grupos de teatro e dança e já dormia em casa das minhas novas amigas, tendo-me quase esquecido por completo do meu mundo anterior. Qualquer rapaz que olhasse para nós era a nossa nova paixão e, quando se tem treze anos, qualquer rapaz de dezassete nos parece fascinante. Todos eles se assemelhavam aos nossos olhos como deuses que faziam Educação Física sem *T-shirt* e, nos intervalos, se encostavam à porta dos pavilhões a fumar e a comer sandes mistas e pães com chouriço e queijo. Nós sentávamo-nos em bancos a olhar para eles e a fazer desenhos nos nossos cadernos coloridos enquanto suspirávamos e imaginávamos como seria quando um deles nos desse um beijo, mesmo sabendo que nunca iria acontecer. Imaginar fazia parte da experiência. Todas estas paixões eram incendiárias e de pouca duração, mas aqui estava a verdadeira essência da infância, tudo isto se passava ao mesmo tempo em que jogávamos à bola na relva da escola, víamos os desenhos animados do Zorro na hora do lanche e usávamos mochilas com bonecos de peluche presos aos fechos.

Enquanto passávamos de crianças a adolescentes, trocámos os rapazes mais velhos e inalcançáveis pelos da nossa idade. Algumas das minhas amigas deram mesmo os seus primeiros beijos na boca e as paixões inflamadas pelos rapazes mais velhos passaram a experiências reais com os da nossa idade e da nossa turma. Começámos a fazer planos em conjunto, no verão já íamos para a praia em grupo, almoçávamos nos cafés de Carcavelos, trocávamos pastilhas elásticas de boca em boca porque isso era, na altura, o mais audaz que se podia fazer e, embora não gostasse de nenhum rapaz do grupo, fazia agora parte deste novo mundo em que, trocar uma pastilha era

uma prova de confiança. Chegámos a 1999, entrámos no nono ano e conheci Simão.

2

Não sabia precisar ao certo a primeira vez que o vira. Não houvera um dia ou um clique. Ele, simplesmente, estava lá como se sempre tivesse estado, uma presença regular que, a dada altura, se tornara o centro dos meus dias. E naquela altura, toda a nossa vida girava em torno da escola e das crises adolescentes. Aqueles dias eram uma epopeia dramática que terminava com longas descrições no meu diário numa auto-análise de tudo o que vivera. Eu era uma miúda magricela, lembrava-me de os rapazes da turma me chamarem de esqueleto e abre-latas porque usava aparelho nos dentes. Consolava-me em pensar que era uma miúda comum, nem bonita nem feia, nem com grandes notas, mas também não era um zero à esquerda. Não tinha notas tão boas quanto os meus pais desejavam, é certo, e talvez esse fosse o maior dos desapontamentos, mas, embora não houvesse em mim nenhuma aptidão especial, também não era das piores. A minha balança não pendia com grande satisfação nem para a beleza nem para o mérito, mas pendia, sem dúvida, para a criatividade artística e, pelo menos, tinha algo de que o meu pai se orgulhava.

Alice, Marina e Luísa eram as minhas melhores amigas numa turma com vários grupos onde todos nos dávamos curiosamente bem. Naquele ano, três alunos reprovados haviam sido inseridos na nossa turma, um deles era Nico, o melhor amigo de Simão. Marina era a melhor aluna e, já naquela altura, era claro que iria ser médica, nascera com a tal aptidão que a minha mãe tanto

queria que eu tivesse para qualquer coisa. Talvez, aos catorze anos, ainda não se sinta a pressão dos pares, porque não me lembrava de ter grandes preocupações por não ser a melhor em nada em particular. Mesmo com o meu corte de cabelo estranho e o aparelho colorido nos dentes, nunca me sentira diferente nem olhado ao espelho e questionado se era estranha. Éramos miúdos banais que passavam as tardes entre a praia de Carcavelos, o cinema e o centro comercial Plim e faziam tempo até chegar sexta-feira, desejada pelas matinés no Estoril que abriam das oito à meia-noite para os adolescentes da linha. Alice e eu trocávamos bilhetes durante as aulas, porque não estávamos sentadas juntas, e partilhávamos as nossas frustrações infantis em longas cartas que trocávamos durante os intervalos. Vestíamo-nos de igual, ouvíamos as mesmas músicas e arrastávamos as outras para planos que, habitualmente, não queriam fazer, mas acabavam sempre por ceder. Entre esses planos incluíam-se os passeios até à porta do prédio de Simão, onde obrigava uma delas a colocar alguma das minhas cartas na caixa do correio. Não sabia se ele as lia, ou aos poemas que lhe deixava no cacifo. Não sabia se mostrava aos amigos, se atirava para o lixo, mas sabia que gostava de as receber, mesmo que nunca me respondesse.

Simão tinha dezassete anos e era o típico miúdo problemático, embora eu não imaginasse que isso o incomodasse. Fumava charros nas traseiras dos pavilhões, faltava às aulas para ir para a praia fazer *surf* com os amigos e fazia cavalinhos com a mota azul no meio da escola, deixando todas as funcionárias aos gritos. E embora fosse, aos olhos de toda a gente, uma alma perdida sem grande futuro pela frente, a mim afigurava-se enigmático, transcendente e magistral. O seu cabelo era loiro, com aquele típico corte de cabelo tigela dos anos noventa, tinha olhos verdes e era alto, ou assim me parecia, porque, sem o conhecer, já o colocara num pedestal inalcançável.

3

O dia-a-dia, naquela altura, girava em torno de tudo o que nos acontecia fora das aulas. Como se existisse a escola, o palco principal da nossa existência, e as aulas, qualquer coisa que acontecia também e a que éramos obrigados a ir. Nos intervalos, havia a papelaria do simpático Sr. Gil, ao fundo da rua. Toda a gente lá ia, não só para tirar fotocópias ou comprar gomas e pastilhas elásticas, mas também para conversar e passar o tempo entre as aulas. Sentávamo-nos nas cadeiras em frente ao balcão e ali ficávamos a fazer sala, os rapazes sentavam-se no degrau da porta a fumar ou jogavam à bola no pátio em frente. A papelaria era o palco principal da nossa vida e ele assistia, na primeira fila, a todos aqueles teatros, era alguém que conhecia os rapazes de que gostávamos e que participava nas nossas artimanhas para falar com eles. Também costumávamos passar muito tempo com Filipe, Tomás, Gabriel e outros rapazes da turma. Filipe era primo de Alice e, embora servisse mais para nos chatear, passávamos os fins-de-semana juntos na praia, na sala de jogos ou no parque. Nas tardes livres, íamos para casa de Filipe ver filmes e, à sexta-feira, saíamos todos para as matinés.

Uma tarde, numa aula de Educação Visual em que, normalmente, estávamos sempre na conversa, as raparigas começaram a fazer perguntas a Nico sobre mim e Simão.

— Nico, confessa lá se o Simão não sente um fraquinho por ela?

— Achas que sim?

— Confessa lá... Dá para ver. Vá lá, confessa. Sente, não sente?

— Achas que eu sei? Perguntem-lhe a ele...

— Diz lá... Vais dizer que nunca falaram sobre isso?

— Pronto... sim.

Desatámos aos gritos, eu de cara escondida nas mãos, a professora a mandar-nos calar pela última vez. A perspectiva sempre iminente de que, um dia, ele iria simplesmente declarar-se tornava cada dia uma epopeia, todas as pequenas coisas que ele fazia assemelhavam-se a grandes gestos. Mais tarde, na cantina, ele passara à frente de toda a gente e colocara-se a meu lado na fila, alegando que estava comigo. Também lá estava Marisa, uma miúda do grupo de Simão que usava argolas nas orelhas e cabelo comprido, ondulado e de risco ao lado. Ela era exatamente aquilo que eu queria ser, e isso estaria certamente bem espelhado em mim, o que a fazia dar-me, em troca, uma atitude sempre desagradável e comentários maldosos.

— Não me digas que vais ficar aí ao lado da abre-latas? — disse com desdém. Puxou-o para o lado dela e entrelaçou as suas mãos nos braços dele.

— Eu fico onde eu quiser — respondeu Simão, desembaraçando-se dos seus braços com uma gargalhada. — Não mandas em mim.

Um coro de assobios ecoara pela cantina e Simão agarrara-me ao colo e rodopiara, o artista no centro do seu palco, com as senhoras a berrar atrás do balcão para estarmos sossegados. Depois do almoço, Marisa passara por mim e por Alice e dera-nos um encontrão.

— Despacha-te lá a arrumar o tabuleiro, seu bafo metálico — disse. Estava sempre rodeada pelo grupo habitual de raparigas com os olhos pintados de preto e um ar inatingível. O comentário fora certo, todas se riram.

Mais tarde, houvera desacatos entre duas raparigas durante o intervalo.

Tudo tinha começado porque uma chamara a outra de macaca barulhenta, sendo a primeira branca e a outra negra. Estava um magote de gente a assobiar e a ver. Simão intervira e, com um grito, mandara-as parar com aquilo. Mais rapazes juntaram-se para as separar, a que gritara a ofensa acabara na sala da direção. Como não gostar de Simão? Era simpático e atencioso com todos os miúdos, mais novos ou mais velhos. Fumava atrás dos pavilhões e faltava às aulas, mas tinha um sentido de justiça bastante digno e pouco comum naquela idade.

4

Também havia aqueles dias em que ele me ignorava, não ia às aulas ou nem sequer o via. E quando Nico não estava bem disposto, conseguia ser dolorosamente desagradável. Um dia, numa aula de inglês em que, mais uma vez, ele recebera um teste com negativa, passara a aula a fazer de mim saco de pancada, a mandar-me para cima da mesa papéis que diziam coisas como: «O Simão odeia-te, não te pode ver à frente. O Simão diz que és uma chata...» No intervalo, chorara dramaticamente na casa de banho com elas a tentar consolar-me. Diziam que os rapazes não falavam uns com os outros e Nico jamais iria saber que Simão gostava de mim.

Mais tarde nesse dia, Nico entrou na aula declarou que Simão andava comigo se eu lhe batesse uma punheta. Depois do choque, respondi que Simão era muita conversa e pouca ação, como se soubesse sequer o que dizia. Na aula de geografia, Simão sentara-se lá fora em frente à minha janela com Nando, Ivo e outros do grupo dele. Alguns rapazes da turma, juntamente com Nico, chamaram-no e disseram coisas como: «Ela ama-te, ela chupa-te a pila». Simão escondera a cara com as mãos, entre risos, e eu alternara entre fúria e alento porque, afinal, era à minha janela que ele estava. Conceitos como bater punhetas ou chupar a pila eram fantasiosos e teóricos. Conhecíamos-os da televisão e das conversas dos rapazes, mas faziam parte do imaginário que era o sexo para nós, ainda a uma grande distância da nossa realidade. Esta brincadeira acabara quando a professora mandara os rapazes

sentarem-se, abrira a janela da mesa dela e perguntara a Simão se não tinha nenhuma aula para ir ao invés de estar cá fora a distrair-me da minha.

*

Havia momentos em que acreditava realmente que conhecia Simão. Bom, sabia tudo dele, onde morava, quem eram os amigos, as músicas que ouvia, a data de nascimento, coisas triviais que pescava aqui e ali. Sabia que fazia um pouco de todos os desportos náuticos, que viera de Maputo, que chumbara de ano duas vezes, que não gostava de futebol e, pelo menos desde que o tinha conhecido, nunca o vira com nenhuma rapariga. Sabia tudo dele, mas, de facto, não sabia nada. O que faria aos sábados? Os sábados eram o pior. Aos domingos podia pensar o dia todo que segunda-feira já aí vinha. Mas os sábados duravam dez anos.

5

Entrámos no ano 2000 e nada mudou. O mundo não acabou, não se dera o apocalipse nem nenhum bug do milénio. E, a piorar o meu estado de espírito fatalista, Simão não regressara à escola. Ninguém sabia dele e tivera de ficar sentada nas aulas a fingir uma atenção que não tinha. Finalmente, no final da semana, soube que Simão estava de férias com o pai. Chegara a pensar que nunca mais o iria ver, o que, de certa forma, me fizera questionar o que ele significava. «Já nem me lembro da cara dele», dissera um dia a Alice, como se gostasse não dele, mas da fantasia que representava. Mas dava por mim deitada na cama a olhar para a fotografia que tínhamos surripiado na biblioteca e que, na altura, estava colada numa moldura ao lado da minha cama, a tentar decifrar o seu rosto.

A meio de janeiro, Simão regressou à escola. Estava a descer as escadas quando alguém me chamou, virei-me e ele estava ali, encostado à porta do bar de chapéu branco na cabeça. Chovia torrencialmente, mas ele tinha de chegar com algo que o tornasse, naquele dia, diferente de toda a gente. Sorrira-me e acenara. Todo aquele turbilhão de emoções que nem sabia o que eram voltou em avalanche. No fim do dia, quando ia para casa com Marina, Simão e os rapazes estavam à porta da escola. Nico, sentado na mota dele, puxou-me a mochila e disse aos rapazes que eu me sentava ao lado dele nas aulas. Simão virou-se e cruzou os braços. Eu rira-me e não o desmentira. Eles eram rapazes e nada do que faziam ou diziam era congeminado, pensado ou

preparado. Nós acreditávamos que, tal como nós, todos os seus atos tinham algum significado para lá daquilo que queriam transmitir quando, na verdade, nada significava grande coisa. Mas nós víamos desesperadamente ações gloriosas em todos os seus gestos. Eu queria tanto ser objeto de algum plano maior de Simão que todos os seus olhares, cruzares de braços, sorrisos ou piscares de olhos significavam algo escondido que só eu via. Naquele dia, tivera a certeza de que vira algum laivo de irritação naquela observação de Nico. Esperava todos os dias ver algum reconhecimento de que aquilo que nós tínhamos, o quer que fosse, era tão real para ele como para mim.

Quinta, 27 de janeiro de 2000

O meu pai comprou-me um telemóvel para poder estar contactável sempre que for preciso. Hoje levei-o para a escola para o mostrar a toda a gente. Dei o meu número a quem já tem telemóvel na turma e passámos as aulas a mandar mensagens uns aos outros até que gastei o saldo e, mais tarde, ouvi um sermão da minha mãe. Depois do almoço, houve uma confusão na escola porque uns rapazes encheram o pavilhão de gafanhotos. Toda a gente saiu a gritar e não tivemos aula de inglês. Passámos essa hora a fazer um jogo no jardim. Entretanto, o Simão apareceu com os amigos e as outras das argolas e foram para o nosso lado. Eu parei de jogar e fui sentar-me no muro com a Alice e a Luísa. O Simão começou a dar o seu espetáculo habitual. Atirou com o banco para o chão, virou-o ao contrário e colocou-se em cima dele a chamar-me. Como não fui, gritou para a estúpida das argolas: Mar, já podemos andar oficialmente. Elas todas riram-se e a Marisa gritou-me: Abre-latas, já foste. Eu continuei concentrada no livro que estava a ler. Entretanto o Simão e os outros decidiram jogar à bola. Despiu o casaco, atirou-o para o meu lado, no muro, e enrolou as calças até aos joelhos. A Alice, a Luísa e eu levantámo-nos e fomos ao Sr. Gil, ficámos lá a comer rebuçados sentadas no balcão. Mais tarde, enquanto voltávamos para a última aula, vimos o Simão e o resto dos rapazes a descer a rua e a

dirigirem-se para as terras atrás da escola. Começámos a segui-los, mas eles repararam em nós e continuámos a andar em direção ao café, entrámos e ficámos na janela a observar. O que é que eles foram fazer para as terras?

Uma tarde, atravessámos as terras atrás da escola para perceber o que Simão e os amigos lá faziam. A meio do caminho, vimos um homem mais velho, nos seus cinquenta anos, parado no meio das ervas. Continuámos a andar numa descontração fingida, mas estávamos a olhar para ele, fixadas no quer que fosse que ele estivesse a fazer. A dada altura, ele virou-se e mostrou-nos o pénis. Estava a bater uma punheta ali no meio da mata e a olhar para nós. Precisei de um momento para compreender porque é que um homem ofegante estava no meio das ervas até que o vi, aquele braço estranho fora da braguilha das calças, enquanto olhava para nós com uma atenção repugnante. Ao passar em frente ao homem, gritei: «És um nojento». E desatámos a correr pelo caminho das terras entre gargalhadas num misto de euforia e repulsa. Quando chegámos à esquina que ia dar à rua principal da escola, parámos e sentámo-nos no chão a recuperar da corrida, as vozes estridentes porque a situação fora hilariante. Agora perguntava-me se era isso que Simão e os rapazes faziam nas terras atrás da escola. Seriam apenas miúdos a masturbarem-se em frente uns aos outros? E embora um pouco enojada, esse mistério apenas me deixara mais curiosa.

Sexta, 3 de março de 2000

Hoje foi o último dia de aulas e fomos à Barragem da Aguieira. Cheguei lá às 7h30 da manhã e o Simão já estava à porta da escola. Quando entrei no autocarro, começaram todos a gritar para me sentar ao lado dele, mas eu fingi que não queria. Ele de pé no banco aos saltos e a guinchar e eu, envergonhada e de cara tapada, a deixar que a Luísa me conduzisse até um dos lugares vagos. A professora de Geografia viu o Simão aos pulos em cima do banco e mandou-o sair do autocarro e ir com a outra turma. Toda a gente começou a assobiar em protesto e o Simão, entre risos, saiu do autocarro. Terminaram assim os breves cinco minutos em que imaginei que, a meio do caminho, ele viesse sentar-se ao meu lado. Quando estávamos na Barragem, a Alice tirou uma fotografia ao Simão com a máquina da Marina. A Luísa também tirou uma fotografia ao Simão. E, a dada altura, não sei como aconteceu, mas o Nico tirou três fotografias à cara do Simão com a máquina da Marina. O Simão puxou o capuz da camisola para cima e tapou a cara quase toda e, no meio disto tudo, começou à pancada com o Nico. Mais uma vez, a professora de Geografia avisou-o de que, se continuasse a fazer parvoíces, ia levar um processo disciplinar. Tive uma certa pena porque toda esta situação começou graças às fotografias que, afinal de contas, eram para mim. Só queria a porcaria de uma fotografia dele. Quando chegámos à

escola já era de noite. O Simão sentou-se na mota e ficou parado à porta da escola a ver as pessoas a irem embora. Quando eu passei por ele a caminho de casa, acelerou a mota, gritou-me qualquer coisa e passou por mim a fazer cavalinho.

9

Março revelara-se estranhamente quente, pelo que fomos todas à praia no primeiro dia de férias. Quando lá chegámos, estava cheia. Movia-me no meio da multidão, mas sem olhar para nenhum lado em particular, via miúdos que conhecia da escola mas que se limitavam a ser uma espécie de pano de fundo. Procurávamos apenas um lugar para nos sentarmos a beber uma Coca-Cola. Sentámo-nos nuns bancos na areia em frente ao bar onde toda a gente da escola parava e, momentos depois, Simão passou para cima com a prancha na mão. Virou a cabeça quando me viu e vi-o sorrir. Nem as miúdas das argolas me desanimavam.

— Não sabia que as pitas também vinham à nossa praia — disse Marisa quando passou por nós de calças de ganga e a parte de cima de um biquíni cor-de-rosa.

— E sentadas no nosso banco — disse uma das amigas dela também de calças de ganga e um biquíni amarelo. Reparei que até na praia usavam argolas nas orelhas.

— Bafo metálico — abordou-me ela —, a tua amiga tem de fazer a depilação. — Apontou para Luísa e riram-se todas com gargalhadas altas.

— Deixem-nos em paz. — disse Alice. — Há mais bancos na areia.

— Mas nós queremos este — respondeu Marisa. — Por isso, vocês vão sair.

— E se não sairmos? — perguntei, puxando Luísa, que já se estava a

levantar.

— Faz o que aí o *Tony Ramos* está a fazer. — As outras riram-se novamente. — E levantem o vosso rabo feio do nosso banco.

Enquanto dizia isto, pegou na Coca-Cola de Marina e começou a despejá-la por cima das nossas mochilas. Levantámo-nos de um salto, recolhemos as nossas coisas, enquanto tentávamos limpar as mochilas, e fomos embora. Ouvimo-las rir e falar alto e, quando olhei para trás, estavam sentadas no banco a fumar.

Quarta, 29 de março de 2000

Hoje, quando cheguei à escola, o Nico disse-me que o Simão ia fazer o teste de Físico-Química connosco. Disse-lhe para não me chatear com as histórias dele, mas, quando estava na sala, já sentada na minha mesa, entraram os dois. O Simão veio em direção a mim e sentou-se ao meu lado. Mas a professora, que foi uma grande cabra, mandou-o mudar de mesa e ele passou para trás de mim. Passou o teste inteiro a fazer comentários parvos e a mandar piadas. Atirou com papelinhos para a minha mesa e estava sempre a tocar-me com a caneta nas costas. A dada altura, virei-me para o lado e perguntei à Marina quanto era uma tonelada. O Simão respondeu: é o peso do Nico. Toda a gente se desatou a rir. Continuou a fazer palhaçadas e a dizer que ia morrer devido à nota que ia ter. O Nico foi embora a meio da aula, sem terminar o teste, e o Simão pediu para sair porque estava envergonhado e não conseguia acabar. A professora respondeu que ele tinha vergonha na sola dos sapatos. O Simão continuou a fazer palhaçadas até tocar e todos entregámos os testes. Esperou que eu saísse da sala e depois correu atrás de mim e agarrou-me ao colo por trás com todos a assobiar no pavilhão.

Mais tarde, quando a professora entregou os testes, tive negativa. Na

apreciação, ela escreveu: *Este teste demonstra cabeça no ar. Porque seria?*
Pois, porque seria.

11

No início de maio, Simão aparecera na escola com um novo visual. Cabelo curto, óculos de sol e um chapéu azul com flores havaianas brancas. Via-o cada vez mais inacessível e, naquelas semanas, senti o seu cinzentismo mais do que o habitual, ou era apenas eu que o via assim. Todos os dias daquele final de ano seguiram este ritmo, uma espécie de sofrimento por antecipação, imaginava que, com o verão, iria deixar de o ver todos os dias.

Aquele final de ano foi assinalado por greves de alunos um pouco por todo o país, das quais também a nossa escola tentou fazer parte ativamente em eufórica solidariedade. Estávamos no ano 2000 e fechar uma escola era tão fácil como ir à cabine telefónica na esquina da rua, telefonar e fazer uma ameaça de bomba. Foi isso que alguém fez. A meio da manhã, centenas de miúdos foram fechados num dos campos nas traseiras numa excitação gritante. Era justiça, dizíamos. Não sabíamos pelo que lutávamos, apenas gostávamos do caos. Uns jogavam à bola, outros dormiam ao sol com as cabeças nas mochilas, os mais corajosos fumavam calmamente. Na hora do almoço, acabaram por fechar a escola. À saída, Simão correu atrás de mim, levantou-me do chão e enfiou-me o seu chapéu na cabeça. Passei a tarde com o chapéu de Simão colado a mim e, quando não o tinha na cabeça, cheirava-o porque, acreditava, tinha o cheiro dele.

Uns dias depois, Simão estava a mexer no seu cacifo e, quando me viu a descer as escadas, chamou-me e deu-me uma porta-chaves azul com a forma

de uma trança. Eu agarrei no objeto como se de algo precioso se tratasse e, com o coração num terramoto, guardei-o na mochila. Em casa, à noite, deitada na cama com o objeto nas mãos, cheirei-o, beijei-o e lambi-o com a ponta da língua como que a tentar absorver dali qualquer coisa. Nem sabia explicar por que razão o fizera, era somente uma fantasia.

Uma tarde, depois das aulas, vimo-los a caminho das terras e corremos para casa de Marina, já que o seu quarto ficava virado para a traseira da escola. Subimos as escadas do prédio ofegantes e pusemo-nos à janela. A nossa imagem de cócoras na varanda a revezar os binóculos dos escuteiros de Marina era indescritível. Chegámos a imaginar que os íamos ver a fazer o mesmo que, semanas antes, víramos o velho fazer, esperávamos um qualquer segredo obscuro que, afinal, revelara que os rapazes iam para trás da escola fumar charros. Naquela altura, esta consciência de Simão fora grotesca, as drogas assemelhavam-se a algo bárbaro, atroz e Simão era divino na minha fantasia. Passara a olhar para ele com atenção sempre que o via a fumar, o que, eventualmente, se revelara sinistro. «Queres um bafo para melhorares o bafo metálico?», perguntou um dia Marisa quando me apanhou a observar Simão. Saí do bar debaixo de um coro de risos.

13

No último dia de aulas, houve uma festa na escola ao início da noite. O refeitório tinha as mesas agrupadas a um canto e tinham posto luzes coloridas e uma bola de espelhos no teto. Entrei pela porta como um foguete, focada exclusivamente em encontrar Simão, e vi-o segundos depois, de calças rasgadas nos joelhos e uma *T-shirt* verde. Antevira aquela noite como a última oportunidade para falar com ele, dizer-lhe tudo o que sentia, como se não tivesse passado o ano a fazê-lo. Na minha fantasia, ele diria que gostava de mim, nunca contemplara sequer outra hipótese. Via-o a olhar para mim e esperei toda a noite que viesse ter comigo, acreditei que o iria fazer.

Ao mesmo tempo, estávamos a fazer pressão para que Gabriel falasse com Alice, ela nunca o iria fazer. Éramos todos da mesma turma, mas os dois, introvertidos um com o outro, raramente falavam. Gabriel iria mudar de país com os pais e, eventualmente, aquela seria a última vez que o iríamos ver. De braço dado com Filipe, enquanto convencíamos Gabriel a dar o primeiro passo com Alice, conseguia ver Simão encostado à parede com os amigos, a olhar para nós. Filipe perguntou-me se queria dançar com ele e, porque nada mais acontecia, disse que sim, os dois de forma tosca no meio da pista, os nossos corpos sem saber o que fazer com tanta proximidade e, subitamente, Simão estava ao nosso lado a dançar com Marisa. Foi uma noite confusa e, durante muito tempo, perguntei-me se as coisas teriam sido diferentes se não tivesse dançado com Filipe, puni-me infantilmente por isso. Acreditei ser

esse o motivo pelo qual Simão se fora embora. Depois aconteceram duas coisas. Gabriel aproximou-se de Alice, deu-lhe a mão e conduziu-a para um canto do refeitório, onde, com todos a olhar e a assobiar, a beijou. E, no meio desta euforia, Simão foi embora. Corri para a rua, mas já não o vi. Já em casa, chorei na cama agarrada à sua fotografia. Imaginava-o a sair com Marisa, a beijá-la e a fazer com ela tudo o que queria que fizesse comigo. O quer que isso fosse.

Acordei de manhã com o telemóvel a apitar cheio de mensagens. Houvera um acidente depois da festa com uns rapazes da escola e as mensagens começaram a correr em cadeia. Uns diziam que tinha sido de carro, outros de mota. Uns diziam que eram uns rapazes mais velhos, outros diziam que eram amigos de Simão. Senti-me muito estúpida a chorar na noite anterior, como se tudo girasse em torno de nós, como se tudo o que Simão fizesse fosse condicionado por mim, habituada como estava a permear todas estas camadas da vida dele que não conhecia. Nico acabou por, finalmente, responder a uma das minhas dezenas de mensagens. «O Simão esteve envolvido no acidente e o João Tiago morreu», escreveu. Foi tudo assim muito cru, sem grande sentimentalismo, como se tivesse dito que João Tiago fora comprar cigarros ali ao café da esquina. Lembrava-me vagamente desse miúdo, namorava com uma das amigas da *Marisa das Argolas*. Todavia, recebemos aquela notícia com um grande pesar, como se, subitamente, João Tiago fosse irmão de todos nós. Depois do almoço, encontrei-me com as raparigas da turma e fomos até ao café na rua da escola para ver se estava lá alguém que nos desse mais informações. Era o primeiro dia de férias, mas, tal era a multidão, parecia um dia normal de aulas.

Fora um acidente de carro, soube naquela tarde, Simão ia no banco de trás, partira o braço mas estava bem. Todos me diziam que ele se tinha safado, como se a palavra safado ganhasse então uma nova compreensão. Nando ia a

conduzir e saíra ileso, João Tiago ia sem cinto e fora projetado para fora do carro, todos tinham uma panóplia de drogas no sangue. Falara-se em *ecstasy*, LSD, anfetaminas e heroína, palavras que me eram estranhas, como se frequentasse uma escola totalmente diferente. Já não era só o fumar charros atrás da escola, todos conheciam alguém que já tinha experimentado o resto, falavam disso como quem fala de rebuçados para a tosse. Contaram-nos quem vendia na escola, quem tinha as melhores pastilhas, quem arranjava Valiums antes dos testes. Todos menos Simão, garantiram-me e eu acreditara porque queria muito acreditar.

O funeral realizou-se uns dias depois com a escola presente em peso, professores e auxiliares incluídos, uma cena de filme estranhamente mórbida. Estava um calor abafado de início de junho, a relva verde clara e lenta, à falta de uma brisa que nos lembrasse que havia ali vida, e viam-se flores por todo o lado, como uma festa de verão que nos convidara a esquecer para o que estávamos a entrar. Passámos pelo portão do cemitério e percorremos lentamente o caminho de terra até à pequena multidão que se acotovelava. Centenas de miúdos que provavelmente tinham tanta relação com João Tiago como nós, rostos familiares que me lembrava de ver pelos corredores da escola. Mas uma morte mexia com toda a gente. Era algo transcendental, como se estivéssemos todos unidos por um fio invisível, como se o próximo pudesse ser qualquer um de nós. Vi alguns amigos de Simão mais à frente e puxei Alice para ir comigo até lá, precisava de o ver, precisava que ele me visse. Comecei a furar as pessoas e a empurrá-las para que nos deixassem passar, alheia aos «foda-se» que ouvia pelo caminho ou sempre que pisava alguém. E vi-o. Estaquei e fiquei ali, no canto da turba em luto. Tinha o olho direito negro, a boca inchada e o braço ao peito, observei-o como se nunca o tivesse visto. Conseguia vê-lo a falar, a encolher os ombros. Estaria

provavelmente a falar sobre o acidente, o porquê, o como. Alguém atrás de mim chamou-o e, quando se virou, viu-me. Deu um passo em frente, como se fosse dizer-me alguma coisa, mas parou, tocou no lábio inchado e acenou-me.

*

Foi um dia horrível. Os rapazes mais velhos choravam, Simão incluído. Marisa e as amigas, entre elas a namorada de João Tiago, estavam abraçadas a chorar, os professores e funcionários de cabeças baixas, a família dele junto dos amigos. E o silêncio, enquanto o caixão descia para a terra, fora de cortar à faca, era pavoroso, afiado, gritava mais alto do que qualquer grito e quase nos furara os tímpanos. Marisa e as amigas disseram que queriam cantar uma música para se despedirem dele. Um dos rapazes pegou numa viola e os primeiros acordes de *Last Kiss* ecoaram no silêncio. A namorada dele soluçava entre cada verso e um coro de gente juntara-se à despedida musical.

*Oh, where oh where can my baby be?
The Lord took her away from me
She's gone to heaven, so I got to be good
So I can see my baby when I leave this world.*

Foi arrepiante, intenso, triste e emocionante. Ao mesmo tempo, mágico e doloroso. Porque não importava se tinham sido as drogas, o álcool, o acaso, o destino ou o quer que fosse. Era um miúdo como nós que partira para sempre. E se havia alguma coisa que poderíamos aprender com isto é que a vida é muito frágil, passa por nós delicada e inconstante, escapa-nos das mãos como um grão de areia.

Então começaram oficialmente as férias de verão. Depois da morte, todos queríamos viver. Dávamos por nós a dizer coisas como: «Temos de ir ali ou acolá porque o João Tiago já não poderá ir.» Portanto, fomos comprar fatos de banho. Nessa tarde, sentadas naturalmente em frente ao bar, esperava que Simão chegasse, era algo familiar a que me habituara. O próprio desejo tornara-se parte de mim, algo rotineiro, como se não precisasse de pensar muito nisso. Como se lesse as falas de uma peça que já sabia de cor e salteado. Com a areia a esquentar, corremos para a água em bicos de pé onde Simão estava com Nico, Nando e outros rapazes da escola. Continuava com o braço engessado, mas o seu rosto já tinha melhor aspeto. Molharam-nos quando chegámos e Nico atirou Alice para a água, Luísa afastou-se comigo, consciente do meu medo de que me atirassem para o mar, e corremos uns atrás dos outros à beira da água. Simão ficara a observar-nos à distância, vê-lo ao longe a observar os meus passos era o suficiente para sentir uma qualquer reciprocidade.

Mais tarde, Nico desceu do bar, veio sentar-se ao pé de nós e apresentou-nos Zeca, que trabalhava no bar. Era um miúdo alto e esguio, de pele morena e queimada de quem passa muito do seu tempo na praia, o cabelo despenteado e uma trança colorida no meio da sua cabeleira castanha. «O bar é dos pais deles, podem pedir-lhe tudo o que quiserem», disse Nico. O bar abria às dez horas e, na maioria dos dias, já lá estávamos a essa hora.

Combinávamos o ponto de encontro à porta da escola e descíamos a pé o caminho até à praia. À medida que a manhã passava, a praia ia enchendo cada vez mais. Íamos almoçar a casa e, pelas três da tarde, descíamos novamente e, por essa altura, a mota de Simão habitualmente já se encontrava no estacionamento do bar, os meus olhos dardejavam sempre nessa direção.

Por vezes, Filipe e outros rapazes da turma iam connosco, sentávamo-nos em círculo na areia, jogávamos à bola ou cartas Uno. Uma tarde, subi ao café para comprar gelados para todos e foi Zeca a atender-me. Sorridente, fez uma conversa sobre gelados e o tempo que demoram a derreter face aos graus que estavam naquele dia. Simão, que estava do outro lado do bar, veio em passo apressado e deu um salto por cima do balcão, encostando-se a Zeca a ouvir a conversa.

— Esses gelados são todos para ti? — perguntou, contando-os em voz alta.
— Vais ficar uma baleia.

— Tens tanta piada — respondi. Conteí o dinheiro e entreguei um monte de moedas a Zeca, que olhava, ora para ele, ora para mim.

— A sério, depois não cabes nesse biquíni.

— Tu pareces uma lontra e ninguém te diz nada — respondi de forma infantil.

Uma tarde, estávamos sentados no bar a comer gelados quando Simão chegou com o seu chapéu às flores, havaianas e uma camisa igual, aberta sobre o peito. Atirou-me com uma carga e saltou do paredão para a areia. «Foda-se, o gajo é um palhaço, não entendo o que vês nele», disse-me Filipe de forma azeda. Nico, Nando e os outros estavam deitados na areia com as miúdas das argolas. Vestiam-se de forma igual na escola, usavam mochilas cor-de-rosa pequenas e fumavam com eles à porta dos pavilhões. Agora, olhava para elas com os seus biquínis coloridos e as argolas nas orelhas, deitadas ao lado deles na areia e a falar alto entre risos, pouca coisa mudara. Ficámos na praia até ao pôr do sol com o céu alaranjado e a areia fria debaixo dos pés. Era sexta-feira e íamos jantar na pizaria em frente à estação antes da festa da espuma na matiné. A subir pela areia em direção ao paredão, vi Simão. Alice agarrou-me no braço e sussurrou-me para continuar a andar, mas eu parei. Atrás de um chapéu enterrado na areia, Simão estava deitado com uma das raparigas das argolas e beijavam-se. Passei por eles de cabeça baixa e não evitei olhar para trás. Era Marisa e olhava para mim, o meu mundo quebrou. Não fui ao jantar, não fui à festa e, deitada na cama, chorei durante horas perante a tragédia que se abatera sobre mim. Depois daquele desgosto, deixei de ir à praia. Por solidariedade, elas também não foram e passámos o resto do mês entre o cinema e o jardim de Carcavelos.

Deitávamo-nos na relva a ouvir música e a conversar à sombra das árvores para passar o tempo.

No início de agosto, a minha mãe deixou-me ir para o Alentejo com Alice e os pais dela. Marina tinha ido para casa dos avós na Covilhã e Luísa estava no Algarve com os pais. Os primeiros dias na praia da Lagoa de Santo André foram calmos. Passávamos as manhãs com os pais de Alice na piscina, na praia ou no terraço e, durante a tarde, ficávamos por nossa conta. A praia não tinha fim e a areia queimava-nos os dedos dos pés a cada passo, mas era um areal tão extenso que, não obstante os miúdos a fazer *surf* ou *bodyboard* e as famílias com crianças espalhadas pela areia, dávamos por nós, muitas vezes, sozinhas a olhar para aquela massa de água. Em algumas noites, os pais de Alice deixavam-nos ir até ao bar da zona até à meia-noite. Sempre que debatíamos a possibilidade de estender a hora, o pai dela tirava os olhos do jornal, baixava os óculos da cara e perguntava se preferíamos ficar em casa a ver televisão com eles. E nós concordávamos que meia-noite era uma hora fabulosa para voltar para casa e corríamos porta fora em direção ao bar. Conversávamos com os miúdos que frequentavam a zona, jogávamos matraquilhos e subíamos, por vezes, de bicicleta até ao castelo.

A meio de agosto, Filipe e o irmão de Alice vieram também para o Alentejo e a sua chegada foi recebida com grande entusiasmo por nós. Com os rapazes, já poderíamos sair mais vezes e ficar menos presas em casa. Vi Filipe chegar com a sua mochila ao ombro, alto, magro e com o cabelo espetado. Estava moreno, talvez dos treinos de futebol no verão, e senti uma

onda de afeto pelo meu amigo, ainda que ele não tivesse mostrado a mínima emoção por me ver. A primeira coisa que me perguntou foi: «Então, já tiraste o Simão da cabeça ou esse palhaço ainda é motivo de conversa aqui?» Simão ainda era, de facto, motivo de conversa, mas do que falaríamos nós se não das nossas angústias? Naquela altura, tudo era vivido ao limite e alimentávamos todas estas mágoas com um certo adorno porque sofrer fazia parte da magia do amor. E todo aquele sofrimento era miserável e fascinante. Filipe veio tirar-nos deste torpor saudoso porque não queria nem ouvir falar do assunto. Nos primeiros dias com ele na Lagoa de Santo André, fizemos longas caminhadas pela vila e pela praia. O irmão de Alice, mais velho, já tinha amigos por lá, saía cedo de casa e pouco estava connosco. Começámos a sair todas as noites porque, na companhia de Filipe, o pai de Alice já não via mal nisso, só pelo facto de ele ser rapaz. Íamos ter com os miúdos que já conhecíamos, entre eles Fred, que engraçara com Alice, e passávamos o dia todos juntos na praia. Ávidos como estávamos pela companhia um do outro, embora sem nos apercebermos, Filipe e eu passeávamos ao longo da água durante várias horas. «O Fred beijou-me», disse Alice numa noite. «Só faltas tu, Isabel», gozou Filipe, o que me fez sentir com uma força feroz tudo o que perdera, presa como estivera à fantasia de Simão.

Umas noites depois, fomos à feira. Havia carrinhos de choque e carrosséis, a música era animada, os rapazes da zona davam-nos fichas para andarmos nos carrosséis e toda aquela atenção que, até então, não conhecíamos era inebriante. Nessa noite, Filipe e eu andámos na roda gigante e, lá em cima, ele deu-me a mão e escondeu o meu rosto no seu peito para acalmar as vertigens que me estavam a deixar tonta. Claro que, hoje, conseguia perceber que Filipe era apaixonado por mim, ainda que, obcecada por Simão, nunca tivesse visto que, mesmo ao meu lado, o meu amigo via em mim tudo o que eu via em Simão. Talvez tenha sido Alice a empurrar-nos um para o outro

porque, para ela estar com Fred, enquanto os seus pais achavam que estava connosco, eu e Filipe acabámos por passar muitos dias sozinhos na praia.

Quinta, 24 de agosto de 2000

Ainda não estou a acreditar no que aconteceu hoje. O pessoal convidou-nos para ir ao cinema ao ar livre ao final do dia. A Alice sentou-se mais à frente com o Fred e nós ficámos para trás. De início, ninguém dizia nada, parecia que, de repente, já não tínhamos nada para dizer um ao outro enquanto o filme não começava. Mas, entretanto, lá começou. E era o Matrix — estava a odiar o filme, não percebi nada e comecei a ficar impaciente. O Filipe levantou-se e disse-me para ir com ele até ao lago. Pensei que também não estivesse a gostar do filme e levantei-me do chão. Encostámo-nos lá em baixo ao muro do lago e ele perguntou-me porque é que não o olhava nos olhos quando falávamos. Eu encolhi os ombros porque não sabia o que dizer. Mas ele respondeu: Eu não sou o Simão mas será que podias olhar para mim algum dia? Fiquei surpresa, acho até que tinha a boca aberta. Ele puxou-me pelo braço e começou a beijar-me o pescoço, a orelha e a cara até chegar à boca. E pronto, começámos a beijar-nos. Foi assim, sem mais nem menos. Sentámo-nos na relva em frente ao lago e beijámo-nos de novo. Eu não sabia muito bem o que fazer, só ia correspondendo. Acabámos por falar sobre nós, sobre coisas que tinham acontecido durante o ano e ele disse que queria fazer isto há muito tempo. Quando o filme acabou, fomos à procura da Alice

e ele deu-me a mão. Quando nos viu, ela disse: Finalmente, vocês entenderam-se, estava a ver que nunca mais.

PARTE III

Inverno

2005

Muda de vida se tu não vives satisfeito
Muda de vida, estás sempre a tempo de mudar

HUMANOS

1

Estava preparada para passar a passagem de ano em casa com a minha mãe quando, no último momento, decidi ir ter com Marina e Luísa a uma festa organizada por alguém que conhecia alguém que certamente não conhecia ninguém que não quisesse ver. Passara os últimos dias a planar nas memórias de Simão e precisava de arrancar estas raízes que, subitamente, haviam ganhado vida. Antes fossem flores, mas, quando tentamos voltar ao passado, tornam-se ervas daninhas que nos rasgam o coração. Dei beijos de bom ano à minha mãe e às minhas primas, chamei um taxi e saí de casa.

Disse ao taxista que me podia deixar no início da rua, paguei e caminhei a pé à procura da morada. Ouvia música e vozes vindas de janelas abertas, mas a zona estava um pouco deserta. As festas faziam-se lá em baixo, na baía de Cascais e na Marina, não aqui, no meio do nada ao pé do Guincho. Conseguia sentir no ar aquela excitação do bulício da passagem de ano e, um pouco mais à frente, vislumbrei pessoas na rua e andei calmamente até lá. Não era uma casa, antes um mamarracho de três andares, com a música a ressoar e luzes a brilhar de todas as janelas escancaradas. Lá fora, um grupo de miúdos estava à conversa, uns encostados à parede, outros sentados no degrau do passeio, fumavam charros e iam passando de boca em boca. Aproximei-me da rapariga que se encontrava mais próxima de mim.

— Olá, estou à procura da Sílvia. Vim aqui ter com umas amigas...

— Sílvia? Devem estar aqui umas cinco Sílvias — respondeu com um bafo

de fumo para cima de mim. Tinha cabelos azuis presos em dois totós tortos.

— Hum, a Sílvia dona da casa? — Escrevera a morada que Luísa me dera num papel, mas nenhuma delas me atendera o telefone. Olhei para a porta e vi uns rapazes cujas caras me eram familiares. — Olha, conheço aqueles ali, por isso estou no sítio certo.

A rapariga olhou-me de cima abaixo com curiosidade, o que me fez rir

— Queres? — perguntou, enquanto me passava o charro.

— Não, obrigada. Só quero mesmo encontrar as minhas amigas.

— Então força — respondeu, revirando os olhos. — Ninguém te está a barrar a entrada.

A casa estava lotada e via, aqui e ali, espalhadas pelo jardim, caras que reconhecia da escola, de Carcavelos e de outras festas. Enviei uma mensagem para as duas a dizer que já tinha chegado e avancei pelo *hall* de entrada para explorar a casa. Havia luzes de néon presas no teto e um sofá de pele castanho do lado direito, atafalhado de casacos numa pirâmide torta. À minha frente, havia umas escadas e, do lado esquerdo, um cadeirão onde um casal se beijava fervorosamente. Subi as escadas e, já no primeiro andar, deambulei pelo longo corredor que terminava num grande salão transformado em discoteca. Entrei na primeira divisão à esquerda, uma sala com sofás e um tapete de zebra no meio do chão. Numa mesa no canto, dezenas de pessoas aglomeravam-se em volta de uma mesa onde um grupo jogava, talvez póquer. Saí e entrei noutra sala, e depois noutra, e depois noutra. O cenário era idêntico em todas. Sofás, mesas, música e centenas de miúdos que andavam para trás e para a frente a dançar, a beber e a fumar. De Luísa e de Marina, nem sinal. Desisti de procurar por elas no salão, subi ao último andar e entrei numa pequena sala com um sofá vazio. As janelas estavam abertas à minha frente, estiquei as pernas e deixei cair a cabeça para trás. Uns momentos depois, ouvi um magote de vozes a gritar e, lá fora no céu, algures por cima

do mar que se estendia pelas janelas, vi fogo de artifício. «Uau, é meia-noite», disse em voz alta. «Bom novo ano para mim.»

Alguém me passou um copo de champanhe para as mãos e brindei com uma série de miúdos que se abraçaram, gritaram felicidades para o novo ano. Sorri para dezenas de pessoas que conhecia de vista mas que, provavelmente, nunca mais iria ver, abracei outras tantas que se aproximaram, de copos na mão, em alegria festiva. E depois desta euforia da meia-noite, os copos e os charros continuaram a passar e eu voltei a sentar-me no sofá, de cara dorida de tanto sorrir para conhecidos e estranhos, ainda com restos do champanhe no meu copo.

Peguei no telemóvel e tinha três mensagens de Luísa. Li a primeira, a dizer que estava ao lado da porta do salão que dava para o jardim, antes de ficar sem bateria. Peguei no casaco e levantei-me para ir procurá-las. Vi alguém do outro lado da sala encostado a uma janela a olhar para mim. No meio das pessoas, e na penumbra, não conseguia perceber muito bem se o conhecia ou não mas avancei para a porta. Ele materializou-se à minha frente e tocou-me no ombro.

— Estás a divertir-te tanto quanto eu? — perguntou, de sorriso constrangedor. Era Simão e tive de me rir perante a improbabilidade do que, afinal, era mais do que provável. A festa estava cheia de gente que conhecia de vista.

— Bem, só vejo gente conhecida, mas que, afinal, não conheço assim tão bem mas sim, estou a divertir-me imenso — respondi de mãos nos bolsos.

— Embora tenhas fugido a sete pés no outro dia. — Deu uma gargalhada. — Agora já me conheces a mim.

Sorri. Tinha fugido porque a nossa conversa fora estupidamente perturbadora.

— E o que é que fazes aqui sozinha — tirou o telemóvel do bolso — às

00h20 do dia 1 de janeiro?

— Poderia perguntar-te o mesmo.

— Eu vim com o pessoal daqui — disse, hesitando. — Vi as tuas amigas lá em baixo e perguntei-lhes por ti. Elas olharam para mim como se tivessem visto um fantasma e disseram que também estavam à tua procura.

— Tiveste mais sorte do que eu, porque não as encontrei. Ia agora ter com elas lá abaixo.

— Desististe cedo de mais. Corri a casa toda, acredita, para ver se te encontrava — disse com uma gargalhada. — Estava a fumar um, hã... cigarro à janela quando te vi aí sentada.

Foi o hã que o tramou. Percebi que continuava a fumar charros, se não tivesse hesitado, talvez tivesse acreditado. Não que isso me incomodasse, mas era a Isabel de catorze anos que continuava chocada.

— Davas um bom detetive. — Puxei o cabelo para trás, para ajeitar o rabo-de-cavalo. — Olha, já estava mesmo de saída.

— Não te podes ir embora! Agora que te encontrei, tens de me aturar. Além disso, as minhas opções eram procurar-te ou ficar com o pessoal e, como te deves lembrar, eles não são as melhores companhias. — Deu uma gargalhada. — Agora sou tua responsabilidade.

Claro que me lembrava. Ele estava a ser o Simão que conhecia, o que fazia piadas e que se metia comigo, que me puxava para ele. E eu estava afogada em memórias desse Simão.

— O meu primeiro mantra para este ano foi exatamente deixar de ter responsabilidades.

— Vamos beber um copo, celebrar o novo ano e ver o nascer do sol. E depois podes ir-te embora.

— Que poético — respondi com um sorriso sarcástico.

— Estou a falar a sério. — Bebeu o resto do copo de um só trago e

pousou-o ruidosamente na mesa à minha frente. — Já foste lá fora?

— Onde?

— Ao terraço.

— Nem sabia que esta casa tinha um terraço.

— Não acredito! — Puxou-me as mãos de dentro dos bolsos. — Estás a perder o melhor sítio desta festa.

Sáímos daquela sala, com ele a puxar-me pela mão, o que foi estranho e épico, atravessámos o corredor e, no fundo, por detrás de umas portadas de vidro, a vista para o mar de Cascais era ridiculamente obscena. As luzes espalhadas pelo terraço davam-lhe uma aura de magia, reforçada pelos almofadões, sofás e mantas. Vi miúdos deitados, gritos e gargalhadas, conversas cruzadas, casais que se beijavam. Descobrimos um sofá vazio e sentámo-nos.

— Como é que descobriste este terraço? — perguntei. Dei um golo no vodka gelado e passei-lhe o copo. — Nem consegui ver que havia uma porta no fundo do corredor apinhado de gente.

— Bem, quando queremos muito encontrar alguém, abrimos todas as portas. — Sorriu.

Era um lugar-comum mas fez o meu estômago contrair-se, virei-me de lado e observei-o melhor. Parecia o mesmo Simão de sempre. O seu cabelo, agora longo, e a barba rasa davam-lhe um ar malicioso, embora tudo no seu corpo gritasse o contrário. O sorriso era delicado e os olhos, verdes claros, à falta de melhor palavra, continuavam lancinantes. Vestia uma camisa de ganga escura e umas calças pretas, tudo muito pouco alinhado, exatamente como me lembrava dele. A sua voz era grave, mas suave, gesticulava com as mãos enquanto falava, tocava-me, ora no joelho, ora no braço, para enfatizar qualquer coisa que estivesse a dizer. Estava a contar uma história sobre outra

passagem de ano que passara em Londres com o Nico e os outros rapazes quando eram mais novos.

— Não bebes mais? — perguntou, interrompendo-me deste estado hipnótico em que a sua voz se misturava com as minhas memórias.

— Na verdade, não gosto assim tanto de vodca.

— Podias ter dito, tínhamos ido buscar outra coisa para ti.

— Deixa lá, não me apetece beber nada. — Estava frio na rua e ajeitei melhor o casaco para me aquecer. Ele levantou-se, foi buscar uma manta e colocou-a nos ombros.

— Então, diz-me lá. — Cruzou os braços encostado ao sofá. — Se não nos tivéssemos encontrado, o que é que estarias a fazer na noite em que todos os seres vivos deste planeta se divertem?

— A diversão é uma regra superestimada. E se eu fosse um monge budista? Estaria a meditar e isso seria a minha diversão.

— Bem, não é uma regra, mas mudanças de ciclos pedem celebrações.

— E eu estava a celebrar — continuei — com dezenas de estranhos simpáticos, porque não encontrei a Luísa nem a Marina e o resto já sabes.

— Mas encontrei-te eu e, por isso, vamos celebrar. — Levantou-se e fez-me sinal para me levantar. — Sem qualquer obrigação de diversão. Vamos só celebrar. Olha para mim, terminei um curso. Não é um motivo para celebrarmos? Já não sou aquele miúdo burro que tu conhecias.

— E o que sugeres? — Continuei sentada. — E acho que nunca foste burro — acrescentei, revirando os olhos.

— Anda lá, vamos a outro sítio. — Puxou-me as mãos para me levantar. — Somos amigos de infância, já merecemos celebrar.

— Ok, faz sentido. — Levantei-me com uma gargalhada. — E que diversão vai ser essa?

— Espera para veres.

Ele deu-me a mão à medida que atravessámos o jardim apinhado e saímos de casa. Ainda estava momentaneamente congelada pelo facto de me ter dado novamente a mão quando, uns metros mais à frente, parámos em frente a uma mota. Ele levantou o banco e deu-me um capacete. A minha reação foi lenta, imaginara muitas vezes que me levava na sua mota, não esta, mas a azul com que entrava a acelerar pelo portão da escola.

— Não, não, não — disse, recuando uns passos. — De maneira nenhuma que me vou sentar numa mota agora.

— Tens medo? — perguntou com um sorriso.

— Está frio e tu bebeste. Não quero morrer hoje. É um dia tramado para se morrer.

— Porquê?

— Porque os hospitais estão cheios de bêbedos e o meu corpo vai lá ficar a apodrecer na morgue até alguém me dar atenção.

Ele deu uma gargalhada.

— Ok, tens razão quanto ao frio, mas eu bebi apenas dois vodcas e até para Faro já fui de mota. Domino a coisa.

— Espero que não bebas vodca quando vais para Faro.

— Olha — aproximou-se —, as ruas estão vazias, vamos devagar e vais gostar, acredita.

Pensei durante uns segundos. Queria tanto isto que já sentia que me ia arrepender.

— Não te vou levar para lado nenhum estranho, se é isso que estás a pensar. Tenho uns amigos a tocar numa festa num hotel e vamos só invadir a festa para comer.

— Invadir? Posso morrer, ser presa é que não. — Sorri.

Deu-me um casaco acolchoado para vestir por cima do meu, apertou-mo até ao pescoço e deu-me o capacete. Sentei-me na mota, um pouco

embaraçada, meti o capacete e agarrei-me às suas costas. Quantas vezes tinha sonhado com isto?

— Podes agarrar-me a cintura, não tenhas medo — disse, olhando para trás. Não conseguia ver o seu rosto, por debaixo do capacete, mas, pelo olhar, percebi que sorria.

— Querias...

E arrancámos. Devagar, como dissera, mas agarrei-me imediatamente à sua cintura. Senti a vibração nas suas costas e percebi que se estava a rir. Fizemos a linha do Guincho com o mar à nossa direita. Fechei os olhos e respirei fundo. Sentia-me como se tivesse sido atirada para uma máquina do tempo, encapsulada numa outra realidade com Simão. Passámos pela marina com música alta e gente a celebrar lá em baixo. Descemos até à baía e continuámos pela vila. As ruas estavam desertas, com exceção de alguns carros e grupos a andar lentamente a pé. Contornámos a rotunda e ele estacionou em frente ao hotel Miragem com as suas janelas iluminadas viradas para o mar.

— Os teus amigos estão a tocar aqui neste hotel de mil estrelas? — perguntei, olhando para cima. — Mas o que é que eles tocam? Harpa?

— Que engraçada. — Estava a arrumar os capacetes.

— Mas vamos entrar? Chegamos e entramos?

— Chegamos e entramos. — Sorriu. O porteiro acenou-lhe e abriu a porta.

— Boa noite, Simão.

Olhei novamente para o meu estranho acompanhante e como tão pouco conhecia dele. Conduziu-me pelo *lobby*, com luzes douradas e grandes colunas castanhas que seguravam o teto e davam a sensação de termos aterrado num filme de outra época. Lembrava-me de pensar no que ele faria quando não estava na escola, onde iria, onde trabalhariam os seus pais, como seriam as suas férias. Mas nunca imaginara um hotel. Estas questões de

dinheiro nunca me tinham passado pela cabeça, mas, curiosamente, ele tinha uma mota colossal aos dezassete anos.

— Olha lá — parei —, mas onde é que vamos e porque é que o porteiro te conhece?

— Porque este hotel é do meu pai e, quando não está em Maputo, é aqui que ele está. Por isso, não vamos invadir festas e não vais ser presa hoje à noite. Vamos só ao salão roubar qualquer coisa do bufete.

— Ahhhhh! Sempre vamos roubar. — Sorri com as mãos atrás das costas.

Entrámos no salão onde centenas de pessoas dançavam ao som de músicas dos anos oitenta ao vivo. A banda vestia fatos brancos inspirados em Elvis Presley, seriam os amigos dele? Olhei em volta, as mulheres usavam vestidos de gala, muitos brilhantes, jóias e dançavam de mãos no ar. Os homens, encostados e sentados a beber líquidos dourados em copos largos e a fumar charutos, vestiam smokings e usavam laços ao pescoço. Simão pegou numa bandeja, encheu-a de queijos, presunto, carnes frias e pãozinhos. Circulou pelo salão a cumprimentar pessoas, a acenar a outras e a sorrir. Uns desejavam-lhe boas entradas, outros abraçavam-no ou davam-lhe palmadas nas costas, todos o conheciam e gostavam dele. Estava de novo no pátio da escola, mas aqui, tudo tinha muito mais pinta.

Segui atrás dele consciente dos olhares curiosos que nos fitavam, talvez um misto de curiosidade e choque. De calças de ganga, era impossível passar despercebida na festa antes do Titanic se afundar. E senti que estava prestes a afogar-me porque Simão virou-se para trás, esticou-me a mão e, pela primeira vez em muito tempo, Afonso desapareceu para um canto escondido do meu cérebro, como se nunca tivesse existido. E, no meio de tantos dourados, folhos e brilhantes, a única coisa que via eram os olhos verdes de Simão.

— Espero que não estejas a pensar em levar-me para um quarto de hotel.

— Estávamos a olhar um para o outro no espelho do elevador.

— Não sei com que gajos estás habituada a lidar, mas só nos vou levar para o bar, que está vazio, e podemos sentar-nos nos sofás a comer. Quanto a ti não sei, mas eu estou a morrer de fome.

Não respondi, deixei que me visse a sorrir. E, subitamente, parecia que tínhamos ultrapassado o desconforto que sentira no café. Entrámos no bar e ele sentou-se num dos sofás que ficava de frente para uma parede de vidro com vista para o mar. As luzes brilhavam lá fora e o silêncio era absoluto. Só agora me apercebia de como a música, na outra festa, nos tinha protegido do peso do silêncio. Fiquei de pé, a olhar para o mar ao longe.

— Podes sentar-te, Isabel, ninguém te vai prender.

Virei-me para trás e vi que colocara dois pratos cheios de comida no sofá e enchera dois copos de qualquer coisa cor-de-rosa que dançava.

— Obrigada. — Sentei-me. — Grande festa lá em baixo. Só nos enganámos do código de vestuário.

— Até acho que estamos bem elegantes. Podemos seguir da festa para a guerra.

Tirei uma fatia de presunto e enrolei-a na boca.

— Os teus amigos são os da banda à Elvis? São diferentes dos queimadinhos lá da escola. — Mal me saiu da boca, arrependi-me.

— Ah, ah, ah — riu-se, o que me aliviou. — Olha que até são bem queimados, se fumar charros e dar um cheiro aqui e ali for isso. Não te deves lembrar, mas eles eram lá da escola.

— Só me lembro do, hum, do Nico, claro.

— Claro, ninguém se esquece do Nico.

— E lembro-me do Nando e havia aquele alto, o Paulo?

— Sim, continuamos todos a dar-nos. E a Alice? Não a vi lá na festa.

— Ela está noutra festa com o namorado.

— E já não te dás com ela? — perguntou, curioso. — Vocês eram unha com carne.

— Ah, claro que sim. Estamos sempre juntas, só que não me apetecia ir com ela. Preferi ir ter com a Luísa e com a Marina e calhaste-me tu na rifa.

Conversar com ele era mais fácil do que imaginara na minha cabeça. Não era como se nos conhecêssemos desde sempre. Conhecíamos-nos, era um facto, mas agora apercebia-me que não nos conhecíamos de todo. Tínhamos esta memória de quando éramos miúdos, mas nem ele era a fantasia que criara na minha cabeça nem eu era, esperava eu, aquela miúda estranha atrás dele pela escola. Sentia-me à vontade e ouvi-lo falar era como estar num daqueles sonhos em que estamos meio acordados, meio a dormir. Sentimos o corpo embalado e estamos alertas para o que acontece à nossa volta mas não conseguimos abrir os olhos.

— Sabes o que é que se sente quando estás no meio do mar, mesmo no meio do oceano? — perguntou-me, encostando-se no sofá e dobrando uma perna por cima da outra fazendo com que os nossos joelhos se tocassem.

— Imagino que seja um grande ataque de pânico.

— Sim, isso também. — Riu-se, esfregando o joelho e tocou ao de leve no meu. — Mas é uma paz que é completamente difícil de explicar. É o silêncio, sabes? O silêncio é gritante porque não se ouve nada. E então parece que ouves o silêncio por cima do som das ondas. E há zonas em que a água é totalmente transparente e consegues ver metros e metros e metros para baixo. Um infinito abaixo de ti. Estamos habituados a imaginar a altura acima de nós, mas não temos a noção da profundidade do oceano. Vês milhares de peixes, corais, plantas, cores e luzes, é incrível. E simplesmente ficas ali.

— Como assim? — interrompi-o. — Ficas ali como?

— Ficas ali. Estás no barco, vês o mar, as horas passam e é como se fosses

um ponto minúsculo. Consegues sentir o peso do universo, da insignificância, do nada. Foi a coisa mais difícil que fiz na vida, vinte e um dias no meio do oceano até chegar às Caraíbas. Pensei que me ia levar à loucura.

— E porque fizeste isso? — perguntei, profundamente emocionada com este lado tão pequeno e frágil dele. Era como voltar a conhecê-lo.

— Porque queria fazê-lo, meter-me num barco e ir para o oceano sem pensar em mais nada. Conheci o capitão da embarcação em Faro, bebemos uns copos, era um velhote americano do mais castiço que vi na vida. E decidi ir com eles, acho que a vida no mar é mesmo assim.

— Mas vinte e um dias porquê?

— Porque apanhámos tempestades, tivemos dias em que andávamos muito devagar, até que chegámos a Porto Rico. Dali fomos para a Jamaica, era onde eu queria ficar. A mulher dele trabalhava na Flórida e ele seguiu para lá depois.

— Se foi tão difícil, porque é que queres trabalhar nisso?

— Porque quando estás ali e parece que não aguentas mais e que o teu corpo vai ceder ou a tua cabeça vai rebentar, percebes que aguentas. E vês a tripulação a fazer exatamente o mesmo todos os dias, acordar às cinco da manhã e a trabalhar até às dez da noite, e tens aí a receita para a loucura. — Deu uma gargalhada. — Mas vês a tua vida toda de outra perspetiva porque estás simplesmente ali, contigo. És levado até ao limite da sanidade e consegues sentir tudo o que se passa no teu corpo, até respirar é diferente. Sabes o que fiz nesses dias? Li muito, jogávamos também alguns jogos nas pausas, era tudo gente mais velha habituada a estar no meio do mar. À noite, deitávamo-nos a fumar e a conversar. Ah! — gritou. — E a cantar. Aquele pessoal canta muito, mesmo muito.

— E depois ficaste na Jamaica sozinho? — perguntei porque me sentia

estupidamente insignificante por não ter experiências de vida minimamente espantosas para partilhar.

— Bem, quando cheguei, fui telefonar à minha mãe para dizer que estava vivo e hoje em dia percebo que foi a coisa mais egoísta que fiz, porque na altura não parei sequer para pensar como ela iria ficar.

— A tua mãe esteve vinte e um dias sem saber de ti?

— Pois — riu-se —, foi exatamente isso. Na altura não pensei como ela iria ficar. — Encolheu os ombros. — Mas andei depois pela Jamaica, conheci algumas pessoas, viajei lá dentro, estive lá um mês e voltei para Portugal.

— E ficaste lá sozinho?

— Quando viajas sozinha nem te passa pela cabeça a quantidade de pessoas que conheces e as amizades que fazes. Como não estás com mais ninguém, ficas mais aberta aos outros. Conheci pessoal do *surf*, viajámos dentro da Jamaica, fomos de Kingston até Port Kaiser.

Passámos a noite a rir e a conversar. Ele deixou as experiências de vida para outra altura e falámos sobre coisas que nos lembrávamos do tempo da escola. Contou-me histórias, fez perguntas, falou-me de alguns dos seus amigos da escola e do que faziam hoje em dia e perguntou-me sobre a faculdade e Alice.

— Lembras-te daquela vez que fomos sair à noite? — perguntou-me, interrompendo-me dos meus pensamentos.

— Foi a única vez que saímos, é difícil não me lembrar — respondi com um sorriso

— Estive quase para te beijar nessa noite — rematou.

A minha respiração parou bruscamente.

2

Lembrava-me plenamente daquela altura como se tivesse sido ontem.

As idas à praia, Simão com a sua amiga das argolas nas orelhas, as férias no Alentejo com Alice. Depois daquele verão, Filipe tornou-se no meu melhor amigo e primeiro namorado. Vivemos todas as primeiras experiências juntos, os primeiros beijos, os primeiros toques, as primeiras descobertas sexuais embaraçosas. As primeiras vezes são sempre estranhas. Quando as aulas recomeçaram, continuámos juntos, eu em Humanidades e ele em Desporto. Simão chumbara novamente mas, ao contrário do que me afligira meses antes, continuara na escola a repetir mais um ano. As lembranças dele naquele período eram muito desfocadas, fora uma altura em que aquele amor fantasioso deixara de ter tanta importância porque estava entusiasmada com Filipe. Por vezes falávamos na escola, mas já era um olá banal, um aceno ou somente uma constatação de que nos víamos um ao outro. Mas Filipe continuava a viver com o fantasma de Simão. Se nos cumprimentávamos no bar, ficava aborrecido e perguntava-me constantemente se ainda pensava nele. Por mais que dissesse que não, a presença de Simão na escola deixava Filipe fora de si. E era simplesmente impossível não nos cruzarmos com ele à porta de um pavilhão ou a almoçar no refeitório. Aquele namorico acabara por não durar muito mais. Filipe preferia jogar à bola com os outros rapazes e eu preferia passar as tardes sem aulas com elas no cinema e a passear pelo Chiado. A meio do ano, Simão saíra da escola e não voltara mais. No verão

seguinte, conheci outros rapazes, tive dois ou três romances que nunca passaram de trocas de conversas sem jeito e planos tentadores para encontros na discoteca que acabavam por nunca acontecer.

Eu tinha, então, dezasseis anos e era uma miúda plenamente diferente, tinha cabelos compridos, usava calças à boca de sino e tops por cima do umbigo. Tornara-me numa dessas raparigas de argolas nas orelhas que, anos antes, tanto odiara. Luísa estava a namorar um rapaz mais velho da escola que fora amigo de Simão e, numa sexta-feira, convenceu-me a sair com ela. Nem sequer me passara pela cabeça que ele pudesse ir, não passava tudo de uma memória antiga, uma brincadeira quando alguém perguntava: «Lembras-te de quando eras apaixonada pelo Simão?» E eu ria-me, atirava com o cabelo para trás dos ombros e respondia: «Oh, era tão miúda». Mas quando chegámos à estação de comboios às dez da noite, lá estava Simão sentado no muro juntamente com os outros rapazes. Naquele momento, parecera-me impossível que tivesse gostado de alguém como Filipe quando existia uma pessoa como Simão no mundo. Vi-o abrir os olhos, o cigarro parado a meio caminho nos seus dedos, tal foi a surpresa da minha aparição, o que fez o quadro ficar todo muito mais bonito.

Iria passar uma noite inteira com ele e teríamos obrigatoriamente de falar, somente não sabia o que dizer, nem como agir. Simão passara a noite a aproximar-se de mim e, quando fomos a pé de Santos até ao Cais do Sodré, levou-me às cavalitas porque me doíam os pés das botas com salto que calçara para parecer mais velha. A meio da noite, fomos comer pão com chouriço e acabámos num bar de salsa nas Docas, os rapazes encostados ao balcão enquanto nós dançávamos no meio da pista numa ingénua liberdade, movendo os nossos corpos de forma sensual e inocente. Conseguia ver Simão a observar-me e a lançar-me longos olhares e antecipara, com expectativa, o desfecho daquela noite. Já quase de manhã, fomos a pé até à estação para

apanhar o comboio e Simão e eu deixámo-nos ficar para trás no grupo. Percebia que hesitava no que havia de me dizer, olhava para mim de lado e ria-se. Era estranho observá-lo a preocupar-se com as suas ações ao invés de ser eu a passar por isso, como sempre fora. Teria sido assim que ele se sentira comigo durante todo aquele tempo? Com uma sensação de poder inebriante? Sentámo-nos no comboio afastados dos outros, ele enrolara os seus dedos nos meus e fizéramos desenhos no vidro através do vapor da nossa boca. Só conseguia pensar no momento em que, finalmente, me iria beijar, seria eu com ele debaixo do chapéu na areia. Chegámos a Carcavelos e a noite acabara com Simão a dizer que tinha gostado de me ver e a despedir-se dos amigos. Ficara prostrada na estação a vê-lo subir para a mota e arrancar. E toda aquela sensação de poder acabara ali. Mais uma vez, tinha fantasiado com coisas que não iriam acontecer porque, afinal, eu continuava a ser aquela miúda que lhe escrevia cartas de amor. Sentira-me estúpida, sufocada por todos aqueles sentimentos estrangulados dentro de mim.

3

— E porque é que não me beijaste? — perguntei num acesso de confiança.

— Opá... — Ele esfregou a cara com as mãos.

— Sabes, na altura passei a noite toda a pensar que o ias fazer. Senti-me profundamente idiota. — Ri-me para desvalorizar.

— Escuta, Isabel, eu também queria, acredita, mas não sei. Eu já não ia à escola, estava quase a ir para Maputo e ia ser injusto estar de novo a arrastar-te para a minha vida. Mas, naquela noite, lembrei-me de como me fazias sentir. E estavas diferente, ou se calhar estavas igual, mas eu estava finalmente a ver-te como sempre quiseste que te visse. Falar contigo e estar sentado ao teu lado no comboio, sei lá... aquilo bateu-me de alguma forma, mas eu ia-me embora.

Fiquei calada.

— E a rapariga das argolas? — perguntei de repente. — Quanto tempo estiveste com ela?

— Quem?

— Aquela miúda da escola que estava sempre convosco. — Não queria dizer-lhe que sabia perfeitamente quem ela era. — Vi-vos juntos na praia naquele verão... — Não terminei a frase.

— Ahh... — Ele ficou a pensar. — A Marisa. Não sabia que nos tinhas visto, pensei que tivesses ido de férias com os teus pais ou assim.

— Sabias que deixei de ir à praia para não ter de te ver com ela? É

engraçado que, depois, me tenha transformado numa dessas miúdas que odiava naquela altura.

— Não digas isso. — Ele riu-se alto. — Nunca ficaste nada igual. Elas faziam tudo aquilo que era suposto fazer para chamarem a nossa atenção. Eram todas iguais umas às outras, a fumar charros connosco e a beber cerveja na praia.

— Mas tu gostavas dela — repliquei com um sorriso.

— Nem sei se gostava dela, sei lá, era miúdo e ela andava sempre ali atrás de mim e os outros queriam comê-la... — Esfregou o cabelo e ficou calado a olhar para mim. — Foi aquele tipo de coisas que fazemos quando somos putos.

— Lembras-te daquela festa no refeitório? — perguntei. — No final do 9.º ano.

— Aquela espécie de discoteca manhosa?

— Porque te foste embora?

— Não sei — hesitou. — Nunca gostei dessas festas, nem de discotecas.

— Vou dizer uma coisa muito idiota, mas passei a noite toda a imaginar que vinhas ter comigo. E depois estavam todos a gritar para nós, tudo aquilo era tão teatral...

— Era um pouco. — Sorriu, embaraçado. — Já te disse isto, mas, naquela altura, eu não sabia como corresponder a tudo aquilo que me davas. Eras mais nova, eu também não deixava ser um miúdo, toda a gente gozava comigo e, bem, eu acabava por também ir nas brincadeiras.

— Pois...

— Naquela noite — continuou, embalado no assunto, o que me surpreendeu —, eu estava a ver-te com os teus amigos, mas não sei... eu era miúdo, nem sabia muito bem o que devia fazer. Só queria que ninguém me chateasse.

— Depois foste-te embora de repente — encostei-me no sofá — e eu até chorei. — Tapei a cara com as mãos e dei uma gargalhada alta.

— Não fazia ideia — respondeu, muito sério.

— E quando acordei de manhã... — Subitamente caiu-me a ficha e lembrei-me da merda do acidente, do funeral, de toda a gente a cantar Pearl Jam, como se esta memória tivesse ficado lá para trás, escondida na minha mente, algo que inconscientemente esquecera. Agora estava arrependida de me ter rido. — Foi o acidente. — Simão olhou para mim e baixou a cara. — Desculpa, desculpa, não queria falar sobre isto.

— Eu também não falo muito sobre isto. — Respirou fundo. — Na verdade, nunca mais ninguém falou sobre isto, foi uma espécie de pacto que fizemos. Foi uma merda, o João Tiago morreu, eu também podia ter morrido, mas não morri e acho que decidi que ficar a pensar na morte dele não acrescentava nada. Gosto de me lembrar das coisas fixas que fizemos e de como ele era incrível, divertido e um miúdo feliz.

— Pois... — respondi. Não sabia o que dizer.

— Nem sei porque saímos daquela festa estúpida, mas a vida é assim, não sabemos porque fazemos as coisas que fazemos e as consequência que vão vir daí — acrescentou, engolindo o resto do seu copo de um só trago. — Mas fala-me mais sobre o estares a chorar na festa — respondeu, com um sorriso.

— Bom... deixa ver do que me lembro... — Lembrava-me de tudo. — Estava a dançar com o Filipe, lembras-te? Mas ali ainda não éramos namorados, foi só no fim do verão.

— Estou a lembrar-me agora disso, sim...

— Ele passava o tempo todo a perguntar-me se ainda pensava em ti.

— E pensavas?

— Não. — Sorri. — Depois de te ver com a das argolas, sei lá, mudou

tudo. Acho que cresci e deixei de ser aquela miúda que escrevia.... — Calei-me.

— Gostava muito das tuas cartas. — Terminou o que eu ia dizer e sorriu.

Não sei precisar quanto tempo ficámos no sofá a falar. A dada altura deitara-me e esticara as pernas. Em momento algum ele fizera algum movimento e isso fazia-me sentir como se estivesse novamente na escola com toda esta tensão, mas nada a acontecer. Quando o Sol já começara a nascer, ele levantou-se e foi pôr um CD a tocar.

— Temos de dançar.

— Não tenho jeito nenhum para isso — respondi, fazendo força para não me levantar do sofá.

— É para compensar aquela festa em que não dançámos porque eu era um miúdo parvo e me fui embora. Para compensar teres chorado.

— Não devia ter contado isso — observei, sem me mexer no sofá.

— Isabel, do que é que tens medo?

Levantei-me e aproximámo-nos lentamente. Virei a cara e ele colocou uma mão nas minhas costas. Foi fácil perceber que se sentia tão nervoso como eu. A sua mão tremia na minha pele.

— Quem não tem jeito nenhum para isto sou eu — disse, com uma gargalhada.

— Ainda bem.

— Ainda bem? — Virou a cara para me olhar, enquanto nos movíamos lentamente ao som de *Why Georgia* de John Mayer, nem sequer dançávamos.

— Gostas de me ver fazer figuras para te impressionar?

— Estás a tentar impressionar-me?

— Não está a funcionar, eu sei. — Rodou-me, apoiou-me no seu braço e baixou-me com um sorriso. — Este é o único passo tipo filme de cinema que

consigo fazer. — Puxou-me para cima num impulso e pus os braços ao redor do seu pescoço. O bar tornara-se alaranjado à medida que os primeiros raios de sol entravam pelas janelas espelhadas.

— E por ter sido tão mau é que foi bom.

— Ai sim?

— Todas estas coisas devem ser mesmo um pouco desajeitadas.

— Acabaste de me descrever — respondeu, com uma gargalhada sonora por cima de Mayer.

— Então é porque estás no bom caminho. — Encostei a cabeça no seu ombro.

O bar desapareceu, regressara à outra festa em que ele nunca me convidara para dançar. Conseguia sentir o seu coração enquanto dançávamos o que significava que, se calhar, também sentia o meu. Então ele afastou-se, olhou para mim fixamente e beijou-me. E era o beijo com que sonhara em adolescente no meu quarto a olhar para os posters do David Charvet, a saudade que sentira durante todo este tempo a rasgar-me a pele. Beijámo-nos lentamente, de pé no meio do bar, mas, quando a música acabou, a magia quebrou e voltei ao presente em que tudo aquilo era demasiado confuso. Olhei para ele, mexi no cabelo e afastei-me até ao sofá para ver as horas no seu telefone cima da mesa.

— Bem, já é quase de manhã Se calhar vou para casa.

— Isabel, não vais fugir novamente, pois não? Quero voltar a ver-te.

— Claro — disse desajeitada. — Tens um papel? Eu dou-te o meu número. Ele tirou um guardanapo e foi buscar uma caneta atrás do balcão. Rabisquei o meu número.

— Como é que vais para casa? — perguntou, enquanto descíamos no elevador.

— Apanho um táxi na estação.

De frente para o espelho do elevador, ele deu-me a mão e sorriu enquanto olhava para mim no reflexo. Escondi a cara no seu casaco.

— Anda, eu levo-te a casa. Onde moras agora?

— Não, a sério — disse-lhe enquanto apertava o casaco. — Acho que já tive a minha dose diária de motas por hoje.

— Não acredito que tens mesmo medo. — Puxou-me para me abraçar. — Ou então não me queres dizer onde moras. Tens medo que te apareça à janela a meio da noite?

— Devias tê-lo feito há uns anos.

— Acho que ainda posso ir a tempo. — Ele parou um táxi na rua e abriu a porta. — Posso ligar-te amanhã?

— Acho que sim — respondi a entrar no táxi. — Mas se não responder é porque, na verdade, não costumo atender o telefone a tipos que gostam de miúdas de argolas. Que mau gosto. — Sorri e fechei a porta.

Paguei uma fortuna ao taxista e fui para casa do meu pai. «Bom dia, só te esperava na hora de almoço», disse-me, quando entrei pela porta, «mas já percebi que ainda é boa noite para ti», sorriu. Pedi-lhe para avisar a minha mãe que estava lá porque ficara sem bateria, deitei-me na cama de barriga para baixo e apaguei.

4

Acordei com o telemóvel a tocar algures no meio do quarto. Levantei-me meio zozna, procurei por ele e descobri-o ligado à corrente. Era Alice.

— Então? — Voltei enfiar-me na cama dentro do edredão.

— Então? Já viste que horas são?

— Que horas são? — perguntei, fechando os olhos.

— São quatro da tarde. Estás a dormir?

— Estava. — Espreguicei-me. — Agora já não, não é?

— Mas onde é que andaste? Disseste-me que ias à festa com elas, mas elas disseram que não te viram e que o Simão andava lá a perguntar por ti. Voltámos atrás no tempo?

— Eu acho que sim. — Dei uma gargalhada. — Foi uma noite bizarra, só cheguei às sete.

— Às sete? — gritou do outro lado. — Onde é que andaste?

— Fui para outra festa — respondi placidamente.

— Com quem?

— Rapaz encontra rapariga e convida-a para ir para outro sítio. — Ri-me.
— Rapariga, depois de pensar muito, aceita.

— Não quero ouvir mais nada, levanta-te da cama porque o Ventura vai deixar-me aí.

Vesti umas calças de ganga, um camisolão de lã e umas botas. Os gémeos

estavam deitados no sofá a ver desenhos animados e Maria João perguntou-me se queria comer. «Vou ter com a Alice», disse-lhe depois de agarrar nos gémeos e os apertar num abraço. Olhei pela janela, chuviscava, enfiei um gorro na cabeça e saí de casa. Eu e Alice gostávamos de andar pelo Chiado desde miúdas, fosse inverno ou verão. Era como quando tínhamos quinze anos, planeávamos as nossas viagens de comboio para Lisboa com toda a pompa e circunstância, lanchávamos na rua Garrett, comíamos croissants de chocolate com sumo de laranja nos armazéns do Chiado, dávamos moedas a todos os artistas de rua com que nos cruzávamos, andávamos de braço dado pelas ruas e, quando as mesadas o permitiam, íamos à loja do Velho comprar calças de ganga. Cheguei antes dela e sentei-me numa mesa ao lado de um grande aquecedor.

— Feliz ano novo — disse-me o empregado quando me trouxe um sumo de laranja. Sorriu para mim. E sim, poderia ser de facto um bom ano, dado que começara de forma inesperada. Lembrei-me do beijo de Simão, viera com anos de atraso, ainda assim, fora mágico, embora não soubesse se estava preparada para fazer ricochete na nossa história. O coração deveria ter a opção de apagar todo o histórico para trás, fazer um reset.

— Quero saber tudo — disse Alice quando se sentou à minha frente. — Onde é que foste e porque é que o Simão perguntou por ti à Luísa?

— Já te acalmaste? Já podes respirar?

— Conta-me.

— Estive com ele. E beijou-me.

— O quê? — gritou, abanando-me o braço. — O Simão?

— Fiquei tão surpreendida como tu.

No ano anterior, estava como que em coma profundo, a tentar acordar de uma daquelas experiências de quase morte em que apenas existimos no

tempo e no espaço. A dor diminuía com o tempo, ou eu é que ficara forte o suficiente para aprender a suportar a memória de Afonso sem que me esburacasse o peito. Sempre soubera que estava viva, porque os meus órgãos continuavam a funcionar, mas a sensação de vazio, de corpo dormente, de que um buraco tinha sido aberto no meu peito, durara meses. Houve dias em que sentira aquela dor que vem das entranhas e nos obriga a respirar fundo para termos a certeza de que ainda o conseguimos fazer, aquela dor que aperta o estômago como se mãos invisíveis o tivessem torcido com toda a força, mas tornara-se suportável e acabara por me esquecer dela.

— Portanto — Alice pensava em voz alta, de cotovelos apoiados na mesa e a enumerar com os dedos uma série de ideias —, ele foi a tua maior paixão na escola e agora concretizou-se.

— Ridículo, eu sei — respondi com um sorriso.

— Não é ridículo. É o destino. Exatamente aquilo que tu odeias, mas em que devias começar a acreditar.

— E como é que foi a tua passagem de ano? O que é que fizeram?

— Bem, deixa-me fazer-te um resumo. — Riu-se. — Foi em casa de um dos amigos do Ventura e posso descrever-te em duas palavras: álcool e sexo.

— Uau, continua tudo igual.

— Ano novo, vida nova, mas para eles é apenas vida igual. A dada altura, disse ao Ventura que me queria ir embora. — Encostou-se para trás na cadeira e cruzou os braços. — Aquilo estava mais para ritual de acasalamento do que para festa.

— Estavam todos a combater para ver quem dava a primeira queca do ano?

— Era algo desse género. Ah! Nem sabes quem lá estava. A Xana. E perguntou-me por ti.

— Ela é fixe, não é? Tenho de lhe enviar uma mensagem.

— Sim, gostei muito dela. Ainda falámos durante imenso tempo.

— E estava mais alguém que eu conheça? — Não sabia se queria saber a resposta, mas também não conseguia deixar de perguntar.

— Olha — Alice agarrou-me na mão —, o Afonso apareceu por lá mas honestamente nem falei com ele, embora tenha estado o tempo todo a olhar para mim. Parecia que queria falar mas faltou-lhe a coragem. — O meu peito apertou-se e o meu coração começou a bater à velocidade da luz.

— Estava sozinho? — perguntei. Lidaria com a dor depois em casa.

— Ele esteve o tempo todo sozinho. Confesso que tive alguma pena dele. Até queria ter-lhe dito qualquer coisa, mas também não sabia o que dizer.

— Não vamos falar disto — respondi. — É um não assunto.

Passámos o resto da tarde a falar de coisas banais que haviam acontecido na festa e eu contei-lhe mais pormenores da noite com Simão. Sabia que, em casa, pensaria em Afonso. Podia dar-me ao luxo de, por um momento, me enterrar na cama porque agora sabia que iria sobreviver, era somente uma questão de tempo.

Já em casa, abri a água quente e meti-me na banheira. Não me apetecia comer e, depois de garantir ao meu pai que estava tudo bem, que não estava de ressaca e que só queria dormir, fechei-me no quarto e coloquei os auscultadores nos ouvidos para não ouvir os gémeos a gritar. Precisava de silêncio. Não do silêncio em si, mas do silêncio que a música nos dá. Li um bocado, vi um filme que estava a dar na televisão e adormeci.

5

Acordei mais cedo do que estava à espera e sentei-me na varanda da sala a comer cereais e a ouvir o amanhecer com aquele silêncio próprio de Lisboa e de quem tem dois irmãos gémeos ainda a dormir. Deixei um bilhete ao meu pai a dizer que ia caminhar e saí de casa. O termómetro batia os 0 graus, não me lembrava de uma Lisboa tão fria há muito tempo, mas parecera-me uma manhã tão boa como qualquer outra para expurgar lembranças e vencer aquela corrida. Coloquei os auscultadores nos ouvidos e desci a rua até ao Café no Chiado. Ainda estava fechado, sentei-me durante um tempo na berma do passeio e quase conseguia visualizar à minha frente aquele primeiro dia com Afonso. Parecia que fora noutra vida. Passei pelo São Carlos, desci aos Armazéns do Chiado e segui daí para os Restauradores, onde costumávamos beber batidos ao domingo de manhã, sentados na praça a ver os pombos que se lançavam ao chão em busca de restos de migalhas. Parei em frente à estação do Rossio, onde uma vez vimos uma exposição em plena praça central da estação. Respirávamos felicidade naquela tarde de verão em que nos apetecera fugir do calor e entráramos pelas portas antigas da estação. Meti pelas ruas do Chiado onde, tantas vezes, bebêramos chocolate quente com waffles. Passei pelo Hotel do Bairro Alto, onde, algumas vezes, lancháramos no terraço. Adorávamos fingir que éramos turistas e, sentados de pernas cruzadas com o nosso ar meio blasé de quem não estava nada impressionado com a vista de Lisboa, falávamos num inglês cerrado,

amávamos fingir ser do norte de Inglaterra e, entre risos, dizer *Coffee, please* com um sotaque afetado. Lembrava-me de fumar dos seus cigarros com expressão snob porque, só para nós, aquilo tinha piada. Subi as ruas do Bairro Alto, agora vazias e ainda com vestígios de festas de passagem de ano, onde passáramos tantas noites a beber, ele martinis e eu margaritas de limão com sal nas bordas do copo que gostava de lamber. Encontrei um café já aberto e comi uma torrada ao balcão enquanto o velhote falava dos rufias que tinham andado por ali na passagem de ano a dar pontapés aos caixotes de lixo. Segui em direção ao Miradouro de São Pedro de Alcântara e sentei-me numa das cadeiras espalhadas pelo jardim. Olhei para a vista da cidade cinzenta e escura daquela manhã fria, para o Castelo e para a encosta da Mouraria. Conseguia lembrar-me de muitos finais de tarde passados ali naquele verão, alguns com os amigos de Afonso e com Alice, outros só nós os dois. Dias de calor sem horas em que víamos o sol descer por detrás das colinas de Lisboa. Voltei ao Largo Camões e desci a Rua do Alecrim até ao Cais do Sodré e fui até à beira rio. Alguns madrugadores já se encontravam por ali, caminhantes ou adeptos das corridas matinais que aproveitavam a brecha de céu sem chuva para se aventurarem no exercício físico. Apanhei o elétrico 15, que faz o percurso entre o Cais do Sodré e Algés, e parei em Belém. Entrei no Centro Cultural de Belém, mas voltei a sair porque o segurança disse-me, com cara de poucos amigos, que o restaurante ainda estava fechado. Comprei uma sandes num quiosque e sentei-me nos jardins. Passáramos tantos finais de tardes depois dele sair do trabalho ali sentados a ler, a ouvir música, a conversar e a comer gelados. A chuva cedeu por fim e começou a cair em gotas grossas e pesadas. Corri pelo jardim e entrei, em pingos, no Museu dos Coches para me tentar proteger do temporal. Deixei o meu casaco encharcado na receção e deixaram-me entrar sem pagar, talvez tenham tido pena de mim, uma turista solitária a fugir da chuva. Levara Afonso a vários museus, ele não

era uma pessoa assim tão adepta da nossa História e seu legado. «Como podes ser português e não conhecer os nossos museus?», perguntara-lhe um dia. Arrastado por mim em domingos de entrada gratuita, ele concordara que não se interessava assim tanto por História. Dera por mim a contar-lhe factos que nem sabia que tinha retido na cabeça, tudo coisas de Alice, que, fascinada por História, me obrigava a ver filmes chatos. Agradei por me terem guardado o casaco, voltei a vesti-lo, agora húmido, saí do museu e corri até aos Pastéis de Belém. A hora do lanche chegara por fim e o cenário de Belém estava pintado de turistas que, mesmo debaixo de chuva, não arredavam pé. Desisti dos pastéis porque, na verdade, um bolo com canela não valia a pena o tempo de espera na fila, voltei a apanhar o elétrico e saí em Santos. Subi às Janelas Verdes, comprei um croissant e sentei-me num muro do miradouro do Museu Nacional de Arte Antiga com Lisboa aos meus pés. Volta e meia chuviscava, mas era suportável. Aqui estava uma história de amor escrita por todos estes sítios banais que, isolados, não tinham assim grande coisa a dizer, mas, no seu conjunto, contavam os três meses que passáramos juntos. Desci novamente até Santos e fui a pé até ao Cais do Sodré, voltei a a subir a rua do Alecrim e, exausta, parei à porta de casa e sentei-me no degrau da porta do prédio, a última página por virar. Subi a rua, já muito a custo, e sentei-me em frente ao Museu de São Roque. Fora a última vez que vira Afonso. Passara meses a perguntar-me se tinha tomado a decisão certa, poderíamos ter tentado uma relação à distância, é certo, mas valeria a pena arrastar um sofrimento exacerbado pelo tempo a vivermos em países diferentes e que, eventualmente, teria um desfecho ainda mais doloroso do que fora? Agora, à luz da distância emocional com que via as coisas, a carga dramática era menor do que aquela que lhe dera naquele tarde em frente ao Museu. Sabia que tinha tomado a decisão certa porque deixara de procurar pelo seu rosto em todas as esquinas. Aerosmith tocava nos meus

ouvidos e, subitamente, já não apertava o botão com força para mudar de música. Já não queria esconder-me de todas estas memórias, iriam fazer parte de mim para sempre. Andara para a frente e dissera-lhes olá, talvez um adeus.

*

Já estava de noite quando entrei em casa, passava das seis da tarde. Os gémeos estavam a brincar no quarto, o meu pai e Maria João conversavam deitados no sofá e, quando entrei na sala, deitei-me no outro sofá perto deles. Os gémeos entraram a correr e deixei que me atacassem com tudo o que haviam feito naquele dia, com as suas perguntas e respostas e toda aquela familiaridade a que me habituara, sem a minha mãe, mas igualmente feliz.

Mais tarde subi para o quarto e coloquei um disco de uma nova cantora de *jazz*, Amy Winehouse, que o meu pai me dera no Natal. *You should be stronger than me*, começou a sua voz aos primeiros acordes. Enfiei-me na banheira, ansiara por um banho a esquentar o dia todo. Passados uns tempos, ouvi o meu telefone gritar, em cima da secretária onde o deixara de manhã. Desliguei a torneira, enfiei o roupão e saí aos tropeções da casa de banho.

— Estou? — perguntei sem olhar para o visor.

— Isabel? — ouvi uma voz hesitante do outro lado.

— Sim. — Afastei o telefone do ouvido para ver de quem era o número. Não conhecia. — Quem fala?

— O tipo que gosta de miúdas de argolas.

O meu peito estremeceu. A voz dele ao telefone era de outro mundo.

— Olá. — Sentei-me na cama de roupão e o cabelo encharcado a pingar por todo o lado.

— Estava quase a desistir de te ligar.

— Ah, não sabia que eras um desistente.

— Liguei-te a tarde inteira. Já acreditava que me tinhas dado o número errado. — Dei uma gargalhada ao ouvir isto.

— Nunca faria isso.

— Acho que te liguei umas dez vezes, estou a sentir-me um pouco psicopata.

— Depois de te ter escrito uma centena de cartas, o que são dez chamadas?

— Pronto. — Ouvi-o abafar um riso. — É um comportamento normal de psicopatas, então.

— Olha — assumi uma voz séria —, passei o dia fora de casa e não levei sequer o telefone comigo. — Voltei a levantar-me da cama e fui buscar uma toalha para secar o cabelo. — Por isso, é como se esta fosse a primeira vez que ligas porque não vi nenhuma das outras chamadas.

— Então vamos esquecer que elas existiram?

— Combinado. — Comecei a tentar secar o cabelo com uma mão.

— Queria perguntar-te — tossiu para aclarar a voz — se tinhas planos esta noite.

— Tirando ver um filme qualquer e dormir, não pensei em mais nada — respondi em guerra com a toalha e o cabelo.

— Então — hesitou —, vamos jantar?

E fomos.

6

Estar com Simão era uma quebra agradável na minha rotina de aulas. Ou talvez fosse um regresso a outros tempos que me traziam memórias saudosas, fosse isso bom ou mau. Sabia que ainda tinha feridas mal cicatrizadas, talvez ainda estivessem um pouco abertas, tapadas com compressas e adesivos. Mas nunca mais me esvaíra em sangue. Se num primeiro momento pouca ou nenhuma importância dera a este acaso do destino, será que, aos meus olhos, Simão continuava agora a ter tão pouca relevância? O seu sentido de humor era contagiante, a sua maneira de ver o mundo de uma forma tão simples, a sua capacidade para gozar consigo próprio e a maneira como se ria de memórias dos tempos da escola que, a mim, criavam algum constrangimento era tão despreocupada. Perguntava-me o que ele veria agora em mim, talvez os rapazes se apaixonem por uma imagem, um corpo, nós não. As raparigas apaixonam-se por toques, gargalhadas, cheiros, vozes e tantas outras emoções associadas a alguém. O seu rosto era agora uma mistura do miúdo que fora com este rapaz estranho e intenso, a sua voz rouca transportava-me para um passado e um presente, a sua presença era quente como um dia de verão e a forma como se ria, como se tivesse novamente quinze anos, enchia-me de afeto. Todos aqueles movimentos banais que fazemos todos os dias tiveram, naquela noite, um novo sabor. Para ele me vesti a pensar na forma como me iria ver. Para ele decidi deixar o cabelo solto e coloquei perfume. De forma inconsciente e sem pensar muito no caso, fora para ele.

— Tens de provar este pato — disse, enfiando-me o garfo à frente do nariz. Fui obrigada a engolir o meu bacalhau à pressa.

— Bacalhau com pato não combina bem — respondi, deixando-o enfiar-me o garfo na boca.

— Tudo combina com tudo, nós é que estamos habituados a seguir estas regras gastronómicas parvas que a sociedade nos impõe.

— Existem regras e eu não sabia?

— Comes bacalhau com pato?

— Obviamente que não.

— Vês? Aí tens uma regra. — Pousou os talheres no prato. — O que é que o bacalhau tem contra o pato para não se poderem fundir numa bela miscelânea culinária?

— Isso não faz sentido nenhum. Seria como comeres arroz com massa.

— Eu adoro arroz com massa. — Agarrou-me na mão. Olhei para ele entre uma garfada, pestanejei e desviei o olhar, mas mantive a mão. As relações humanas não trazem manuais de instrução, mas deviam. Todas as sensações associadas à intensidade das nossas memórias tornavam tudo acelerado.

— Quero beijar-te — disse, subitamente.

Engasguei-me e comecei a tossir, largando-lhe a mão para tapar a boca. Ele levantou-se, encheu-me um copo de água e deu-me meia dúzia de palmadas nas costas.

— Meu Deus — riu-se —, é isto que eu te faço apenas por falar num beijo? — Voltou a sentar-se. — Não te quero matar.

— Morrer num restaurante não está na minha lista de possíveis mortes a tolerar. — Bebi um pouco de água.

— Já estás bem?

— Vou sobreviver.

— Acho que um bolo de chocolate vai ajudar-te. — Chamou o empregado,

pediu qualquer coisa e levantou-se. — Anda comigo.

— Vamos embora? — questioneei, confusa.

— Não necessariamente. — Sorriu e empurrou a minha cadeira. — Vamos só a outro sítio.

Sáímos da sala do restaurante e fomos para o terraço com uma varanda em madeira sobre Lisboa. A vista era conveniente com as luzes da cidade abaixo de nós, a linha da ponte 25 de Abril pintada no céu, o Cristo Rei ao longe a saudar-nos. Estava frio e ele pôs-me o casaco nos ombros, nada fomenta mais a aproximação entre duas pessoas que o frio. E é à noite que tudo soa melhor, na penumbra não nos sentimos intimidados. Um empregado chegou com um prato com bolo de chocolate e colocou-o no parapeito da varanda.

— O que foi? — perguntou-me, enquanto partia um bocado de bolo com o garfo e me dava a provar.

— És mais de doces ou salgados?

— Hum... — fingiu pensar. — Porque é que tenho de escolher?

— Realmente, não sei por que temos de escolher. É daquelas coisas que nos costumam perguntar.

Encostei-me à varanda de frente para ele, com as costas voltadas para o manto de noite atrás de mim.

— Qual é a tua cor favorita? — perguntou-me subitamente.

— Como assim?

— Não sei quase nada de ti — disse. — Conhecemo-nos desde miúdos, mas não sabemos nada um do outro. Podes perguntar-me o que quiseses também.

— Hum... — Pus o cabelo atrás da orelha esquerda para ganhar tempo. — Tipo um jogo de perguntas?

— Ou um verdade ou consequência.

— Já não temos idade para jogar isso.

Ee riu-se e apoiou-se na varanda, de lado, virado para mim.

— Estou à espera da resposta — disse-me.

— A minha cor favorita é o preto.

— Preto? Ninguém tem como cor favorita o preto.

— Porque não? Todas as cores juntas dão preto. E o preto fica bem com tudo e em todas as ocasiões.

— Ok. — Torceu o nariz e revirou os olhos. — É a tua vez.

— Como se chamam os teus pais? — perguntei. — Sempre tive curiosidade nisso, sabias?

— Porquê?

— Porque imaginava coisas tão primárias como estas, do tipo, como se chamam os pais dele? Onde passa o Natal? O que faz ao 3 quando não está na escola?

Ele deixou escapar uma gargalhada sonora

— Helena e António. Estão separados desde que vim para Portugal. Eu vim com a minha mãe e o meu pai ficou em Maputo com o meu irmão mais velho que agora também mora cá. Tens irmãos?

— Agora tenho os gémeos da nova relação do meu pai.

— E os teus pais, como são?

— São normais, acho eu. Sempre achei que fossem infelizes e, pelos vistos, deviam ser porque são mais felizes agora.

— E moras com a tua mãe? — perguntou, dando uma garfada no bolo.

— Agora moro com o meu pai, aqui em Lisboa, para estar mais perto da faculdade. Aos fins de semana, costumo ir para Carcavelos.

— E eles dão-se bem? Quero dizer, devem falar ou assim, não?

— Sim, falam às vezes. As coisas agora estão bem.

— Ao menos não viveram um casamento de fachada como os meus

durante uma porrada de anos. — Encolheu os ombros e virou-se de frente para a varanda, com o vento a bater-lhe na cara e a despentear-lhe o cabelo.

— Acho que antigamente as pessoas não tinham muita opção com as relações. — Virei-me também e ficámos lado a lado. — Nós temos mais oportunidades de escolha, eventualmente cometemos menos erros.

— Gostas de cães ou gatos?

— Gatos.

— Porquê? Os cães são os melhores amigos do Homem — resmungou.

— Os cães dão confiança a toda a gente, os gatos são seletivos. Alguma vez foste operado?

— Tiraram-me o apêndice.

— Tenho uma coisa a mais que tu. — Sorri. — Ainda tenho os órgãos todos.

— Fumas?

— Não — respondi. — E eu sei que fumas, mas odeio tabaco, ficas já a saber.

— Eu não fumo, bem, só às vezes. — Sorriu.

— Fiquei chocada por descobrir que vocês fumavam charros, sabias? Naquela altura, era tudo muito excêntrico para nós. — Ele riu-se alto.

— É verdade, íamos todas as tardes fumar para trás da escola. Sabes o que era? Demasiado tempo livre.

— Eu sei.

— Qual é a tua banda favorita?

— Isso é difícil de responder.

— Tem de haver alguma banda que gostes muito e que farias de tudo para ver ao vivo.

— Não gosto muito de bandas, sou mais de cantoras. Gosto de *soul* e de *jazz*, gosto de músicas que me façam sentir e pensar.

— E as bandas não fazem isso? Nirvana? Foo Fighters? — perguntou.
— Bem, se estiver a dar na rádio, sou forçada a ouvir.
— Que insulto. — Afastou-se, fingindo um falso choque. — Pior do que não gostares de cães, é não gostares de Nirvana.

Puxei-o pelo braço, ele veio no balanço e parou à minha frente. Apoiou as mãos na varanda de madeira atrás de mim, onde eu continuava encostada. Em câmara lenta, vi-o fechar os olhos, inclinar o rosto na minha direção e senti-lhe os lábios nos meus. Primeiro, de forma leve, os lábios dele abriram e senti-lhe a ponta da língua. A sua boca moveu-se contra a minha e fui engolida por um rol de emoções. As mãos dele abraçaram-me as costas, o corpo dele aproximou-se do meu e os seus movimentos despertaram todas as campainhas existentes dentro de mim e há tanto tempo adormecidas. Agarrou-me o rosto e arrumou-me o cabelo atrás das orelhas. Abri os olhos e vi-o a olhar para mim. Senti-me exposta, mas ele puxou-me e beijou-me outra vez, passei os meus braços em torno do seu pescoço e comprimi o meu corpo contra o seu. Ficámos ali, não sei durante quanto tempo, simplesmente com os lábios um no outro. Beijámo-nos como se toda a nossa vida dependesse disso, como se só respirássemos um pelo outro.

— Mas vamos continuar com as perguntas? — perguntei, quando nos afastámos para respirar.

— Com certeza. — Sorriu. Sentámo-nos num sofá no terraço. — Fala-me da tua última relação.

— Que tópico de conversa estranho — comentei. Ele sorriu e incentivou-me a responder. — Ele foi embora — adiantei. — Foi trabalhar para outro país e ficámos por aí.

— E foi decisão mútua? — perguntou, franzindo a testa em sinal de dúvida.

— Sim — disse repentinamente. — Quero dizer, nem por isso. Eu achei que não funcionava. Ele achava que sim. Sei lá... Já passou algum tempo e não falámos mais.

— E se ele voltar?

— A minha vida continuou — respondi, embora essa hipótese nunca me tivesse passado pela cabeça. — E a dele também deve ter continuado.

Ele ficou em silêncio a observar-me.

— Estiveste com mais alguém depois da Vitória? — questionei, curiosa, já que também me pergantara sobre Afonso.

— Hum... — Parou para pensar e começou silenciosamente a contar pelos dedos. Então deu uma gargalhada sonora. — Estava a gozar. A Vitória foi a minha namorada mais longa.

— Como é que ela era? — Na minha imaginação, todas as raparigas se pareciam com a *Marisa das Argolas*.

— Na verdade, não tínhamos nada em comum. — Sorriu. — Eu gosto de música, de viajar, do mar, e ela era mais de sair à noite, ir à praia para ficar na areia a apanhar banhos de sol. Os opostos atraem-se, não é?

— E falam hoje em dia?

— Às vezes. Ela entretanto voltou porque não se deu bem na Suécia, mas não tenho grandes conversas com ela e raramente a vejo.

— E durante este tempo não estiveste mesmo com mais ninguém? Vá, não acredito nisso.

— Saí com algumas raparigas mas nada de especial.

— E agora aqui estamos. Atrasados uns anos, mas...

— Ainda bem que estamos, Isabel. As coisas acontecem na altura certa.

— Daqui a uma semana já podes ter perdido o interesse. — Entrelacei os meus dedos nos dele. — Eu continuo a ser uma miúda mais nova.

— Ou tu podes ter perdido o interesse porque eu continuo a fumar charros

como antigamente e não mudei assim tanto. — Colocou-me o outro braço ao redor dos ombros e puxou-me para si. — Não sabemos o que vai acontecer e acho que já aprendemos isso no passado. Podemos morrer amanhã, ou agora, daqui a cinco segundos. Tipo, agora. Adeus.

— És tão dramático. — Ele puxou-me o rosto na sua direção.

— Acho que sou muito prático e vivo o presente. — Beijou-me. Um beijo rápido, sôfrego, forte. — E agora quero estar contigo. Se isto não tiver de funcionar, não funcionou. Mas não quero deixar de o viver porque não sabemos o que é que vai acontecer. Pensei várias vezes em ti ao longo dos anos, na forma como me fazias sentir, no miúdo que era. Perguntava-me o que andavas a fazer, como serias, como estarias e esse género de coisas. Se calhar, tudo isto foi para nos trazer aqui, agora.

Olhei-o nos olhos e inspirei-o. O seu cheiro fazia-me sentir em casa.

Caminhámos a pé porque ele deixara o carro ao pé de minha casa. «Então e a mota?», perguntara-lhe quando o vira chegar. «Tenho andado com o carro do meu irmão», respondera com uma gargalhada, «não te quero a panicar sempre que quiser estar contigo». Panicar era uma palavra curiosa, já que tinha a cabeça num vendaval de pensamentos. Talvez toda a dor que se acumulara dentro de mim me tivesse deixado alerta para os danos que as outras pessoas podem fazer dentro de nós. E estava aterrorizada. Estávamos tão perto um do outro que conseguia cheirá-lo, era suave e fresco, água-de-colónia misturado com restos do sabonete do banho. Já não era aquele cheiro que me lembrava, era uma mistura disso com qualquer coisa nova. Chegámos à porta da minha casa, coloquei a chave no prédio e abri. Parei, sem saber muito bem o que fazer. Queria beijá-lo e o que ele me fazia sentir era desconcertante, queria lançar-me contra ele, mas, ao mesmo tempo, sentia um medo atroz de me despenhar outra vez. Ele facilitou-me a vida porque, no meio destes pensamentos, entrou no prédio, fechou a porta atrás dele e, às escuras, empurrou-me contra a parede e colou a sua boca à minha. Assim que o seu corpo se aproximou do meu, agarrei-lhe os cabelos e fundi-me nele. O beijo estalou, faiscou, fumegou e ele afastou-se de mim e olhou-me nos olhos. Dei-lhe a mão e subimos as escadas a correr como duas crianças.

— O teu pai vai matar-me? — sussurrou quando abri a porta, com ele atrás de mim.

— É provável. Por isso, não fales e não faças nenhum barulho.

— Já estou nervoso — murmurou, sufocando uma gargalhada no meu pescoço.

Fechei a porta muito devagar atrás de nós, avaliando o silêncio da casa. Agradei mentalmente por, consciente ou não, Maria João me ter dado o quarto do andar de cima, talvez por imaginar que, um dia, iria querer um pouco de privacidade. Esta não seria a privacidade que ela tivera em mente, imaginava, mas eu também nunca fora uma miúda apaixonada a levar rapazes escondidos para casa. A palavra apaixonada a atravessar-me a mente fez-me parar porque ainda não atribuía nome ao que estava a sentir. Apaixonar-me ou voltar a apaixonar-me por Simão significava desapaixionar-me definitivamente por Afonso. Demorara tanto tempo neste luto interminável sem me aperceber que, por vezes, não terminamos as coisas, não há um desfecho nem nenhuma aprendizagem a fazer, simplesmente seguimos em frente.

Descalcei as botas, disse-lhe para fazer o mesmo e subimos as escadas devagarinho, tentando fazer o mínimo barulho possível. Entrámos no meu quarto e fechei a porta à chave. Atirei o meu casaco e as botas para o canto do quarto e ele fez o mesmo.

— Quarto, este é o Simão. — Ri-me. — Simão, este é o quarto. — Ele olhou em volta, como se tentasse habituar-se ao ambiente.

— Gosto. — Sorriu.

E atirou-me para cima da cama. Inclinei a cabeça para trás, fechei os olhos e deixei que as suas mãos me tocassem enquanto enrolava as pernas à volta do seu corpo. Sentia uma necessidade feroz de lhe tocar, de lhe sentir o corpo e puxei-lhe a camisola pela cabeça. Queria vê-lo por completo, guardar cada memória da sua pele, se isto apenas durasse esta noite, queria ter a certeza de que sentia tudo. Toquei-lhe os braços, as costas e deslizei as minhas mãos

pelo seu peito. O coração dele batia com força e estava prestes mergulhar dentro dele. Beijei-o com força até ficar sem fôlego, rodámos na cama até ficar por cima dele e parei. Fitei-o.

— O que foi? — perguntou-me, com os olhos a brilhar.

— Só quero olhar para ti. — Ele virou o rosto e deu uma gargalhada rouca. Percebi que estava nervoso, afinal não era eu a única com todas estas sensações desconhecidas. — Não tens a noção da quantidade de vezes que imaginei isto a acontecer — disse-lhe, baixinho. — Bem, não propriamente isto. Quero dizer, era uma miúda, nem pensava em sexo.

— Pensavas em quê? — perguntou, não tirando os olhos de mim.

— Não sei, pensava nisto a acontecer. Tu e eu. Imaginava isto sem ser isto. Estou a ser confusa?

Ele sorriu.

— Estás a ser mesmo muito confusa.

Após um momento, inclinei-me para a frente e tirei a camisola. Deixei que me olhasse, que me tocasse. Levantou-se e beijou-me. O queixo, a linha do maxilar, o pescoço, os ombros e desceu até ao peito. Conseguia ouvir a sua respiração áspera, sentia o calor do seu hálito na pele e o seu toque tornou-se torturante como se me cortasse todos os músculos por debaixo da pele. Lá fora, começou a cair um dilúvio, o barulho da chuva a bater no vidro da janela deu-me, por um momento, segurança de que o meu pai nunca nos iria ouvir lá em baixo. Levantei-me de cima dele, desapertei as calças de ganga e despi-as. Os seus olhos estavam fixos em mim e tive uma consciência de mim mesma, da minha nudez e do meu corpo enquanto ser humano, enquanto rapariga. Percebi que Simão já não estava tão seguro de si, era novamente aquele rapaz desajeitado de que me lembrava. E que, tal como eu, também não sabia para onde se estava a atirar. Deitei-me ao seu lado, beijei-o na boca e abracei-o com toda a força que consegui antes de me perder com ele.

Acordei antes dele, tomei um banho quente e deitei-me no sofá do quarto a ler um novo romance daqueles de cortar os pulsos, enquanto tomava o pequeno-almoço que trouxera para cima. O meu pai deixara-me um bilhete a avisar que tinham ido com os gémeos patinar no gelo, mas que voltavam para almoçar. E isso deixara-me toda a manhã para tirar Simão de casa sem ser visto. Ele dormia tranquilamente, com a cabeça pousada na minha almofada — na minha almofada! Estava a tentar adiar o momento seguinte, aquele em que iríamos decidir o que seríamos dali para a frente. A consciência aterradora da presença dele na minha cama era uma luta titânica entre o passado e o presente. Enviei uma mensagem a Alice a dizer que Simão estava a dormir na minha almofada. Ela respondeu imediatamente: «Porra, isto está mesmo a acontecer, é mágico. Como te sentes?» Boa questão, pensei. Como fora possível suportar todos estes anos sem nunca o ter beijado? Como é que conseguira viver?

Trincava uma maçã à janela a pensar nestas coisas quando ele me agarrou por trás e me beijou o pescoço.

— Olá — sussurrou no meu ouvido.

8

Simão ficara lá para trás na escola, juntamente com os ténis de plataformas, os sacos de gomas do café e as mochilas com peluches pendurados nos fechos. Agora estava de novo aqui, na minha vida, no meu dia-a-dia. As aulas na faculdade começaram e, subitamente, todas as pessoas pareciam alheias, ninguém sabia de nós, da nossa história. «Tens um namorado?», perguntara uma rapariga do meu curso. E era estúpido explicar que era mais do que um namorado, porque ninguém o conhecera, ninguém nos conhecera, e era muito mais do que isso. Só Alice compreendia. E eu queria que nos vissem, queria que toda a gente soubesse desta inacreditável história.

Na primeira vez que me levou a conhecer os seus amigos, estava aterrorizada, era mais do que isso, porque eram os rapazes que já conhecia da escola, agora alguns anos mais velhos do que eu. Se os continuara a ver como os rapazes com quem ele se sentava à porta do bar, não me veriam, também eles, como a miúda de aparelho nos dentes atrás de Simão? Pensar nisto era palerma mas esperava conseguir rir-me com eles quando se falasse neste assunto porque já sabia que alguém o iria fazer.

— Estás a pensar demasiado — disse Simão quando lhe perguntei se eles iriam gozar comigo. — Eles já sabem que estamos juntos, por isso não vai ser surpresa para ninguém.

— Estamos juntos? — Sorri. Cheguei-me mais para ele no carro e pousei

uma mão na sua perna.

— Bem, estamos juntos todos os dias desde a passagem de ano. — Olhou para mim de lado e levantou uma sobrancelha. — Se isto não é estar junto, então não sei o que é.

— Podemos estar só numa crise de nostalgia.

— Sim, pode ser — respondeu com uma gargalhada. — Eu, então, estou com uma vontade enorme em me lembrar de quando tinha a cara cheia de borbulhas.

— Não é isso, estamos nostálgicos e sentimo-nos como se fôssemos outra vez jovens, livres e indecentes.

— Só se fores tu. — Começou a fazer a manobra para estacionar o carro. — Mas não me lembro de seres indecente, eras tão certinha. — Sorriu e olhou para mim quando estacionou. — Mas eu estou apaixonado por ti. E isto não é nostalgia.

E foi assim, de forma simples e clara, que olhou para mim e o disse. Não foi precisa uma centena de bilhetes no cacifo, apenas uma frase. Agarrei-me ao seu pescoço e beijei-o com força.

Quando entrei no café, senti-me como se me tivessem atirado de rompante para 1999 porque estavam todos exatamente iguais ao que guardara na minha memória. Nando, de cabelo meio loiro por baixo das orelhas, calças rasgadas nos joelhos e ténis rotos, continuava baixinho e parecia uma criança no meio dos outros. Pedro e Paulo, os irmãos, estavam sentados um ao lado do outro com os capacetes das motas debaixo das cadeiras. Quanto ao meu antigo colega de turma, Nico, quase senti emoção ao vê-lo, como se agora fosse o meu único aliado neste delírio e tivesse de me sentar ao seu lado para garantir proteção. Estava maior e mais corpulento, deu uma gargalhada quando entrámos e abraçou-me. Estavam também outros dois, Ricardo e Ivo,

lembrava-me deles da escola, embora pouco ou nada tivéssemos falado. Como se me lesse os pensamentos ou percebesse o meu nervosismo, Simão deu-me a mão.

— Bebes uma? — perguntou-me Pedro, levantando o seu copo de cerveja e pedindo ao empregado mais uma rodada. Eu odiava cerveja, mas queria muito integrar-me.

— Sim, pode ser obrigada.

— Vejam-me estes dois. — Riu-se Paulo. — Quem diria...

— Eu sabia — interrompeu Nico. — Eu sabia que isto ia acontecer mais cedo ou mais tarde.

— Sabias lá tu — respondeu Simão. — Estavas sempre a chateá-la. — Apertou-me a mão, um sinal silencioso para que descontráísse. O facto de perceber como me sentia aqueceu-me a alma. — Não era?

— Sim. — Ri-me, passando a mão pelo cabelo para ter qualquer coisa que fazer com ela. — Na verdade, tratavas-me um bocado mal, Nico.

— Eu? — respondeu de forma dramática, levantou-se e foi buscar o tabuleiro de cervejas que o empregado colocara no balcão. — Até parece que não gostavas. Andavas sempre atrás de mim a querer saber informações privilegiadas. Até acho que fui o Cupido. — Voltou a sentar-se e colocou o tabuleiro no meio da mesa. — Se isto der em casamento, eu deveria ser o padrinho.

— Que exagero — respondi. Tirei a última cerveja do tabuleiro quase a ferros.

— Que andas a fazer, miúda? — perguntou-me Paulo.

— Estou na faculdade. E vocês?

— A sério? Achas-nos com cara de quem anda na faculdade? — perguntou Nando com um revirar de olhos, esvaziando o copo de cerveja e batendo com ele na mesa.

— O Paulo trabalha numa cena das estradas de Portugal — disse-me Simão, quase como se estivessemos todos numa entrevista de emprego. — O Nico é cozinheiro num hotel em Cascais, acreditas? O Ricardo e o Ivo são da banda da passagem de ano, o Pedro também está envolvido em música com eles e o Nando não faz nada porque os pais pagam-lhe tudo.

— Que piada. — Nando levantou-se e esmurrou o ombro de Simão. — Estou à espera que o verão chegue para trabalhar.

— Sim, ele é nadador-salvador e só trabalha no verão. No inverno, hiberna como os ursos — disse Pedro. Todos se riram, eu bebi um pequeno gole para ter algo com que me ocupar. Subitamente, não conseguia apagar a memória de que era Nando que ia a conduzir o carro naquela noite, anos antes, e pareceu-me insuportável que todos o continuassem a aturar. Sem o conhecer, já o achava intragável.

— Hoje vamos jantar a casa do Zeca — comentou Nico. — Venham também.

E nesse momento relaxei, o pior já passara. Ninguém fez comentários, ninguém gozou, ninguém fez questão de relembrar os tempos áureos em que colocava cartas de amor no cacifo de Simão como uma pacóvia. Mas esta era também a primeira vez que via Simão no seu habitat natural, com os seus amigos e à vontade. Falavam de futebol, de festas, de raparigas, de música, de motas e outras pessoas. Alguns nomes ia associando a caras, outros não. Eram rapazes a ser rapazes, independentemente de eu estar ali ou não. Ainda assim, sentia faíscas pelo corpo, era como se tivesse finalmente entrado neste universo do qual sempre quisera fazer parte. Quando olhava para ele, voltava a ver a expressão daquele rapaz de que me lembrava e o meu coração voltava a bater mais rápido. Se o tivesse conhecido hoje, neste exato momento, ter-me-ia apaixonado por ele? Não sabia dizer. As relações têm tudo a ver com

energias, atração e coisas intangíveis, coisas para lá do nosso controlo. Ainda o sentia a dar-me a mão, tinha o polegar a acariciar-me a palma da mão e, quando olhava para mim, sorria. Consequia perceber que estava feliz, talvez eu fosse a rapariga que ele sempre esperara conhecer.

À noite, fomos jantar a casa de Zeca, em Carcavelos. Claro que me lembrava dele, moreno, magricela, a espetar chapéus na areia todas as manhãs. Quando chegámos, estavam todos sentados no sofá ao redor de uma mesa cheia de lixo, papéis, maços de cigarros e outras bugigangas. Zeca estava na cozinha mas saíra para nos cumprimentar. Depois de nos mostrar a casa, entrámos na cozinha com ele e apresentou-nos ao seu macaco.

— Como assim, tens um macaco na janela? — perguntei, aproximando-me do bicho.

— Foi a minha irmã que o trouxe e adotei-o — respondeu enquanto tirava duas latas de cerveja do frigorífico. — É o Boris.

— Mas isso é legal? — perguntou Simão, colocando a outra lata em cima do balcão ao invés de me dar. Deitou-me um olhar e senti-me, de certa forma, acarinhada por ele ter percebido que não gostava de cerveja sem que lho tivesse dito.

— Provavelmente não, mas já aqui está há mais de um ano comigo. — Encostou-se ao balcão e riu-se. — Podes falar com ele e tocar-lhe — disse-me. — Ele é bastante sociável até.

— Não me vai morder ou atacar e arrancar-me os brincos? — perguntei, esticando uma mão.

— Se gostar de ti, vai saltar para o teu ombro.

E foi isso que o raio do macaco fez. Encostei-me à bancada da cozinha com o macaco nos ombros, tentei fazer uma pose descontraída para não

mostrar o quão incomodada estava com o primata em cima de mim, mas abri os braços numa espécie de tentativa de equilíbrio. Zeca soltou uma gargalhada e o gelo ficou quebrado.

— Então, puto — disse, dando uma palmada no ombro de Simão, acendeu um cigarro e passou-lhe o maço —, voltaste lá dos teus Algarves de vez?

— Agora voltei e vou ficar por cá.

— Mesmo assim, ainda estiveste lá imenso tempo. Já não te via desde quando? — Começou a pensar em voz alta. — Para aí desde aquela festa no ano passado?

— Qual? — perguntou Simão, acendeu um cigarro e expirou o ar para o outro lado, para longe de mim e do macaco. Percebi que este ia ser um daqueles momentos em que ele fumava.

— Não foi desde aquela festa em que o Nico foi dentro?

Simão deu uma gargalhada sonora.

— Já nem me lembrava disso — respondeu. — Sim, acho que foi a última vez que nos vimos. Vim a Lisboa mais vezes mas, sabes como é, durante o curso tentava ficar um pouco ausente disto.

— Simão — levantou as mãos em gesto de paz —, compreendo-te e respeito-te. E, se queres que te diga, concordo contigo. Quando o pessoal se junta, habitualmente a coisa descamba. Também ando cansado e já não estou tantas vezes com eles como antigamente. Estou a tentar acalmar-me um pouco...

— E tu, que tens feito? — perguntou Simão. Abriu a torneira do lava-loiça e apagou o cigarro. Atirou-o pela janela aberta.

— Estamos a fazer obras no bar e a prepará-lo para o verão, mas já sabes que a praia é a minha vida — respondeu.

— É a tua e a minha. — Brindou Simão, levantando a lata. — Este ano vejo se o teu pai precisa de mim para dar aulas.

— Claro que precisa — disse Zeca, acabando de beber o resto do cerveja.
— As obras estão mesmo no fim, vamos abrir a escola novamente e já tinha pensado em ligar-te. Já não tens de voltar para baixo?

— Ainda vou ter de fazer um exame no mar e, se passar, *all aboard*. —
Riu-se. — Mas quero começar a trabalhar novamente aqui.

Zeca deu uma gargalhada e olhou para mim

— Vai levar-te a dar a volta ao mundo de barco.

Eu sorri. Certamente que não.

— Aí está um bom plano — disse Simão e puxou-me pela mão para o pé dele.

— Vou terminar aqui os hambúrgueres — disse Zeca, tirando-me o macaco do ombro. — Vão para a sala e estejam à vontade.

Quando saí da cozinha e entrei na sala, conseguia aperceber-me do fumo que lá estava e que, à chegada, talvez me tivesse passado despercebido. Sentados no sofá, todos falavam, riam e fumavam. Observei a panóplia de coisas em cima da mesa. Nando estava a enrolar um charro, havia erva espalhada pela mesa, mortalhas, maços de cigarros meio rasgados, um cachimbo redondo de vidro e isqueiros. Sentámo-nos na ponta do sofá e Simão deu-me a mão. Enquanto Nando começava a passar o charro, Pedro já estava a fazer outro para fumarem quando esse terminasse. Passando por todos, Paulo passou o charro a Simão, que disse que não e continuou a conversar como se nada fosse. Senti uma onda de emoção por ele, por ter dito que não quando provavelmente também lhe apetecia. Olhei-o com uma certa paixão, talvez até demasiado óbvia, como se o visse de um ângulo diferente que ainda não vira. Não era que o estivesse a mudar, pensar isso teria sido demasiado egoísta, mas senti que me respeitava. Ninguém deu muita importância e continuaram como se eu nem estivesse ali.

— O Nico foi preso? — sussurrei ao ouvido dele.

— No dia daquela festa, fomos parados pela polícia e ele tinha muita coisa com ele — respondeu quase num murmúrio ao meu ouvido

— E ficou preso? — perguntei novamente.

— Ficou uns tempos, mas, como era a primeira vez, acabou por sair. Mas também não sei pormenores porque depois voltei para Faro.

— E, mesmo assim, continua a tirar mais coisas da mala? Parece uma farmácia ambulante.

— Uns charros e um cheirinho não fazem mal a ninguém — respondeu, beliscando-me a perna. — Mas não fales sobre isso porque ele não gosta.

Mas os charros continuavam a ser feitos como numa maratona, como se, sem isso, não soubessem o que fazer com as mãos ou o que conversar. Nico foi buscar um pacote de milho frito e deitou-o numa taça, juntamente com amendoins com sal. Passado um bocado, um deles foi a um armário e ligou a aparelhagem. Depois de discutirem o que iríamos ouvir, lá se decidiram por um CD de alguém que não conhecia e que, ao fim de cinco segundos, já me estava a fazer doer a cabeça. Fumo, charros, música eletrónica, comecei a sentir-me deslocada, ansiosa e com vontade de sair dali. Queria abrir uma janela mas não queria parecer mal-educada. Comecei a mexer-me no sofá, a tossicar de vez em quando e a arranjar qualquer coisa com que ocupar a minha mente para me tentar abstrair do fumo, que era cada vez mais denso.

— Estás bem? — perguntou-me Simão, percebendo o meu desconforto.

— Está muito fumo aqui, desculpa, mas está mesmo muito fumo — respondi. Tossi e enfiei o nariz no pescoço dele para tentar cheirar outra coisa.

— Pessoal, abram uma janela porque está uma sauna aqui dentro — gritou Simão, pondo-me um braço ao redor da cintura e puxando-me contra ele.

Nico levantou-se e abriu a janela maior da sala, olharam todos para mim, mas ninguém disse nada. Por mais que tentasse integrar-me, sentia-me mais deslocada do que nunca, uma jarra no meio da sala incomodada com a porcaria do fumo. A música gritava das colunas e Nico estava encostado no sofá a abanar a cabeça ao som das batidas, de olhos fechados à espera que o charro chegasse a ele. Simão disse-me que ia ver se Zeca precisava de ajuda e levantou-se do sofá. Sufoquei a vontade de me levantar atrás dele, mas não queria parecer uma namorada enfadonha que não sabe estar um minuto sozinha. Assim, encostei-me no sofá e fiquei a ouvir o que eles diziam até que fui salva pelo gongo quando alguém tocou à campainha.

Nando levantou-se, baixou a música e foi abrir a porta.

— Olha quem são elas — ouvi-o dizer. — Vieram para jantar?

— Já que não nos convidaram, fizemos questão de aparecer. — Aquela voz era-me familiar, mas não sabia precisar onde é que já a ouvira.

Tentei espreitar mas não conseguia ver a porta.

— Quem é? — gritou Zeca da porta da cozinha.

— É a tua namorada — respondeu Nando.

Foi então que a vi, a *Marisa das Argolas* continuava viva e recomendava-se, acompanhada de uma das suas antigas amigas fotocópia dos tempos de escola. Continuavam a vestir-se de igual, de casacos felpudos por cima do umbigo, calças de ganga justas, o botão desabotoado e o cós das calças enrolado para fora. Olhou para mim por cima do ombro e continuou a andar. Simão e Zeca entraram na sala e ela deu um beijo a Zeca e abraçou Simão num grande teatro.

— Finalmente que te ponho a vista em cima — disse, olhando para ele de cima abaixo. — O sul anda a fazer-te bem.

— Olá para ti também. — Simão procurou-me com o olhar, mas eu virei a

cara para não revirar os olhos. — Mas vocês estão juntos agora? O que é que eu perdi neste ano?

— Pois é, nós andámos todos para a frente, não para trás. — Marisa deu uma gargalhada. Claro que entendera a sua insinuação, provavelmente fora a única.

— É, parece que sim — respondeu Zeca, sorrindo, enquanto ela se enrolava ao seu pescoço como uma cascavel a sibilar de veneno.

— Ela não te está a incomodar, pois não? — Simão voltou a sentar-se ao meu lado colocando-me a mão dentro das suas. — Juro que não sabia que ela vinha.

— Tens noção de como é que ela me tratava na escola? — perguntei. — Ela gozava comigo em frente a toda a gente.

— Não estás a exagerar só porque nos viste juntos? — perguntou com um sorriso. — Quero dizer, acho piada que tenhas ciúmes.

— Claramente, tu não tens as mesmas memórias que eu — respondi placidamente.

Elas as duas sentaram-se do outro lado do sofá, a cochichar ao ouvido uma da outra e a rir. Conseguia perceber que estavam a falar de mim. Era incrível como tudo isto passava despercebido a Simão mesmo que estivesse a acontecer à sua frente.

— Mar, lembras-te da Isabel lá da escola? — perguntou Nico, tentando meter conversa entre nós as duas porque claramente também não tinha as mesmas memórias que eu.

— Claro que me lembro — ronronou de forma simpática. — Só que agora já não tem o abre-latas na boca. Ficaste mais gira, miúda.

Todos se riram como se estivessemos a ter uma conversa bastante animada e olharam para mim à espera de uma retaliação.

— Pois — respondi. Queria dizer mais qualquer coisa mas não me

lembrava de nada. Tinha a garganta seca, a língua a colar e sentia uma raiva a crescer dentro de mim.

— Afinal, todas aquelas declarações de amor deram frutos — disse entre risos. — Ela escrevia cartas de amor e colocava dentro do cacifo do Simão. Era demasiado cómico, lembras-te? — acrescentou para a sua amiga como se fosse uma conversa totalmente banal sobre alguém que não estivesse ali. Ela acenou, olhou para mim e fez um sorriso.

Conseguira ultrapassar toda a fase de apresentações sem que ninguém tocasse nesse assunto ou me gozasse por isso. Tinha de ser ela. Levantou-se, despiu o casaco, acendeu um cigarro e foi fechar a janela. Olhei para Simão, quase a implorar para que fizesse qualquer coisa. Que saltasse do sofá e a empurrasse do parapeito abaixo, por exemplo.

— Deixa a janela aberta para arejar — disse Zeca.

— Está um gelo lá fora — respondeu ela, virando-se de mãos na cintura. — Não estás à espera que fique aqui a congelar, pois não?

— Senta-te em frente ao aquecedor, mas deixa a janela aberta porque nem toda a gente fuma — respondeu e fez-me um sorriso solidário. Naquele momento, adorei-o por isso.

— Como? — Ela hesitou e olhou para mim. — Não estás a querer dizer que temos todos de passar frio porque ela está incomodada com o fumo? — Inclinou-se sobre a janela e fechou as portas de vidro. — O *bafo-metálico* tem de aprender a estar no grupo se quer fazer parte dele.

Simão reagiu antes sequer de eu ter tido tempo de me levantar.

— Estás a comportar-te como uma atrasada mental — disse, levantando-se do sofá em direção à janela. — E peço-te o favor de parares de usar alcunhas estúpidas. Não queiras saber a que nós temos para ti.

— Tu estás fora um ano, voltas com a tua namoradinha e todos temos de nos sacrificar para que ela se sinta bem? — gritou, sentando-se no sofá de

braços cruzados. — Gostava mais dela quando andava atrás de ti feita anormal, porque, pelo menos, não nos incomodava.

Não ouvi o resto da conversa porque me levantei do sofá, agarrei na mala e saí porta fora sem me despedir nem olhar para ninguém. Foi um bocado dramático, mas era é isso ou desatar aos pontapés a tudo. Sejam os honestos, isso nunca iria acontecer, era fugir ou chorar e a primeira opção parecera-me a mais acertada. Quando parei, estava no fim da rua e tinha os pulmões a saltar-me pela boca. Descera oito andares de escadas a correr. Encostei-me à parede de um prédio no fim da rua e sentei-me no chão frio, com a testa nos joelhos. Ele sentou-se ao meu lado e abraçou-me.

— Desculpa — disse, apertando-me dentro dele como se fosse minúscula. — Ela é tão estúpida! — Deu um grito frustrado. — Nem sei que dizer, não estava à espera disto.

— A culpa não é tua. — Deixei sair um soluço e foi o gatilho para começar a chorar. — Mas não sei como é que nunca percebeste que ela sempre me disse merdas destas. Todo o santo dia...

Não era tristeza, antes a fúria que tinha dentro de mim. Por ter sido mais uma vez humilhada por ela. O que lhe fizera para me tratar assim? Porque é que não podia ser uma miúda simpática? Porque é que tinha de ser tão cabra? Como é que alguém tão bonito por fora podia ser tão feio por dentro? Simão virou-me para ficar de frente para ele e abraçou-me com força. Ficámos no chão, comigo dentro dos seus braços a soluçar, enquanto ele ia murmurando coisas que não conseguia perceber, e encostava o seu rosto à minha cabeça. Podíamos ter ficado ali horas, mas começara chover. Ele levantou-se, puxou-me pelo braço e começámos a correr em direção ao carro.

9

Estávamos encharcados, gelados e famintos quando chegámos a casa de Simão. Estava a viver na casa do irmão em Carcavelos até encontrar um sítio para ele, recusara ficar no hotel como o pai lhe sugerira. Era a primeira vez que estava a ver as coisas dele. Tinha livros estranhos espalhados pela secretaria na sala, uma prancha encostada à parede e um móvel do chão ao tecto a abarrotar de filmes. Tomei um banho quente e Simão deu-me um pijama de xadrez verde para vestir. Ficava-me enorme e rimos em frente ao espelho, enquanto fazia dobras na cintura para as calças não me caírem. Encomendámos piza e comemos no tapete do chão da sala, com a televisão ligada para fazer música de fundo. Como se precisássemos disso para nos entretermos. Sempre que o meu pai passava fins de semana fora com Maria João, eu e Simão ficávamos em casa em pijama a conversar, a ver filmes, a ouvir música, a ler revistas e livros. Ele andava viciado nos livros chatos de Robin Sharma, surpreendendo-me com todas estas pequenas coisas que ia conhecendo e que o afastavam cada vez mais do rapaz de dezassete anos que teimava em viver na minha memória. Trocávamos histórias de infância e, num dia especialmente bom, falhei-lhe de Afonso. Não tudo, só o necessário.

— Sabes a que é que cheira a tua casa? — perguntei.

— Cheira mal? — questionou, abrindo a boca e puxando um fio de queijo pelo ar.

— Não sei explicar mas cheira exatamente ao que me lembro de ti.

— Espero que seja bom — respondeu com uma gargalhada.

— Uma vez, emprestaste-me um chapéu estúpido às flores, lembraste? — Ele pensou mas não se recordava de chapéu nenhum. — Não interessa, emprestaste-me e a minha memória é melhor do que a tua. — Ele riu-se alto e tirou a última fatia de piza com queijo, a minha parte era sem, e colocou-a toda dentro da boca. — O chapéu cheirava a ti e eu dormi com ele debaixo da minha cara. Provavelmente, devolvi-to babado no dia seguinte.

— Lembro-me de te dar um porta-chaves que tinha feito numa aula de artes — disse, o que me surpreendeu. Nunca lhe contaria que o lambera na cama.

— Porque não gostavas dele, aposto.

— Porque gostava de te provocar. — Levantou as sobrancelhas em gesto sedutor.

Empurrei-o e ele pegou na última fatia de piza sem queijo, tentei tirá-la das mãos, ele levantou-a no ar e começou a beijar-me como técnica de distração.

— Esta era a casa da minha mãe — disse, por fim, dando-me o resto da fatia. — O meu irmão mora cá agora mas foi aqui que cresci quando viemos para Portugal.

— Eu sei. — Revirei os olhos. — Deixei-te aqui cartas na caixa do correio. Não foi um dos meus melhores momentos.

— Espera aí — disse, levantando-se.

Quando voltou trazia uma caixa velha de sapatos. O meu coração acelerou. Ele sentou-se ao meu lado, afastou o prato com os restos da piza e colocou a caixa à minha frente. Abriu-a e ali estavam, como despojos de guerra, postais, envelopes coloridos, folhas de papel amarrotadas, dezenas de post-its esborratados e umas fotografias da visita de estudo que fizéramos. Ver aquilo deixou-me emocionada, mais do que embaraçada, que fora o que imaginara que iria sentir. Ele guardara mesmo aquilo tudo, tivera significado para ele. À

medida que ia tirando papéis da caixa e lendo pedaços de coisas que escrevera, passaram-me fragmentos de memória pela cabeça. Respirei fundo e olhei para ele.

— Sabes qual é o problema da Marisa? — perguntou-me. — Ela nunca vai saber o que é isto. — Apanhou algumas cartas e espalhou-as à minha frente. — Ela nunca gostou assim de ninguém, nem ninguém gostou assim dela.

— A sério, não quero falar sobre ela — pedi. Peguei numa carta e virei-a nas mãos, tinha restos da forma da minha boca cor-de-rosa porque beijara a carta com um batom da minha mãe. Isto era o limite da emoção, a humilhação agora tomara conta de mim.

— Mas tens de compreender isto para conseguires passar por cima do quer que ela te faça sentir. — Pegou-me na mão. — Tudo isto é das coisas mais puras e bonitas que alguém pode fazer. Gostar sem pedir nada em troca e ter esta capacidade para falar de amor quando todos fugíamos dele.

Dei uma gargalhada estúpida, mas ele continua.

— Todos os gajos andavam atrás da Marisa e ela provavelmente nunca gostou de nenhum deles. — Encolheu os ombros e olhou para mim. — Ela gostava da sensação de gostarem dela porque era isso que precisava de sentir. E isso pode parecer divertido quando temos dezasseis anos e queremos ser especiais, mas também a tornou numa miúda que não sabe o que é gostar de alguém porque nunca teve ninguém a gostar realmente dela, nem os pais. — Hesitou, mas mudou de assunto. — Podia contar-te mais coisas, mas também não vale a pena. É só que ela é uma miúda fria e desligada dos sentimentos dos outros porque também não teve uma vida fácil.

— Parece que estás a querer defendê-la ou a vender-me uma versão dela mais cor-de-rosa — repliquei, encostando-me numa almofada.

— Não é nada disso. Tu és especial, és tão mas tão divertida, não fazes coisas só porque os outros fazem, o que, acredita, é incrível, e falas tanto,

mas, olha, adoro quando falas e te pões com os teus monólogos. — Suspirou. — Adoro quando gostas de uma música e ficas a ouvi-la vinte vezes seguidas e quando vais no carro e, se calhar nem te apercebes, comesas a cantar e a olhar pela janela como se a tua vida fosse um videoclip. E as músicas lamechas que ouves? Deixam-me maluco, mas agora, quando as ouço no rádio, só me lembro de ti. Fazes caretas quando estás a olhar para o espelho. E, quando estás a ler, mexes os lábios. Quando estás a escrever, trincas a língua com os dentes da frente. E consegues ser simpática com toda a gente, mesmo com as pessoas de quem não gostas. Achas que não reparei em como estavas a falar com eles como se as conversas que estavam a ter tivessem algum interesse? — Respirou fundo e sorriu. — Percebes? Não te compares com a Marisa, não deixes que essas coisas que imaginas te afetem.

— Assim vais fazer-me chorar — respondi, saltando para o colo dele. Coloquei as mãos no seu rosto tão bonito e beijei-o. Enrolámo-nos no meio do tapete com as pernas entrelaçadas e deitámo-nos. Encostei a minha cabeça ao seu peito e fiquei a ouvir o seu coração bater de forma compassada.

— Ah! — Lembrei-me. — Qual é a alcunha que lhe davam?

— Não vou dizer porque são coisas idiotas.

— Por favor, tens de me dizer.

— Era a *Mariporca*, tipo uma mariposa, entendes? Como uma traça porque comia todos. — Deu uma gargalhada. — É horrível, eu sei, mas éramos miúdos e ela foi para a cama com todos.

— E qual é o problema de ter ido para a cama com todos? — perguntei. — Até parece que o fez sozinha.

— Eu sei, Isabel. Não estou a dizer que concordava com a alunha.

— Contigo também?

— Comigo também — respondeu, beijando-me a mão. — Mas, em minha defesa, era um miúdo e era mesmo muito estúpido.

— E como é que o Zeca está com ela? — Coloquei-me de lado e apoiei a cabeça na mão. — Ele parece tão porreiro.

— Não faço ideia como é que isto aconteceu. Nem sabia que eles estavam juntos, mas o Zeca sempre teve uma paixoneta por ela. Amanhã telefono-lhe.

— Sabias que, quando te devolvi estas fotografias, fiquei com cópias para mim? — Peguei nas fotografias que lhe tirara na visita de estudo anos antes e que, num dramatismo, lhe devolvera semanas depois.

— Imaginei que sim. — Riu-se alto. — Na altura, custou-me acreditar que as estivesse a devolver assim sem mais nem menos depois de todo o trabalho que tiveram para as tirar.

— Eras tão perspicaz — respondi, despenteando-lhe o cabelo.

— Esta noite foi intensa. — Deitou-se no tapete de barriga para baixo. — Preciso mesmo de fumar. — disse enquanto se agarrava à minha cintura. — Importas-te que faça um?

Olhei para ele e sorri. Nunca diria que me importava, queria que fosse ele próprio ao pé de mim. Não queria que se escondesse nem que se sentisse impedido de fazer o quer que fosse que quisesse fazer.

— Não fumaste lá em casa do Zeca porque eu estava lá?

— Não fumei porque não quis e porque quando estou contigo não tenho vontade.

— As palavras certas no momento certo. Significou mesmo muito para mim, porque me estava a sentir completamente deslocada.

— Eu sei que estavas. — Sorriu. — Vamos encontrar um meio termo.

Dei-lhe um beijo no canto dos lábios, levantei-me e fui para a cozinha.

10

Há muitas pessoas que começam a fazer as coisas cheias de energia e, ao longo do tempo, começam a esmorecer. Foi o que vi acontecer com Simão. A primavera chegara, por fim, começara a dar aulas de *surf* na praia e nunca mais falara em terminar o curso ou fazer o tal exame de mar de que tanto falara ao princípio. Regressara à sua velha rotina, ou talvez ter voltado a viver aqui tenha feito regressar velhos hábitos amigos. Enquanto o inverno passara por nós calmo e ameno com noites em casa dele a ver filmes, sábados a almoçar tarde no sofá, tardes de domingo no cinema ou na praia, o calor trouxera mudanças e nem todas boas. Eu estava a estudar para as frequências, tinha trabalhos para fazer e sebatas para ler, ao passo que Simão, a trabalhar na praia, passara a ver mais os amigos que, regra geral, passavam as tardes no bar de Zeca.

Um sábado a meio de abril fui jantar com Alice, Luísa e Marina.

— Eu e o Ventura acabámos! Mas já sei o que é que vocês vão dizer e eu sei que têm razão, por isso poupo-vos os sermões — disse Alice de uma assentada quando chegou, enquanto eu e elas já enfardáramos presunto e azeitonas.

— Como assim? — perguntou Marina. — Vocês não estavam bem?

— Acho que queremos coisas diferentes. Os amigos dele agora trabalham

nos aviões, sabias? — perguntou-me diretamente a mim. — E ele decidiu que também quer fazer isso. Deixaram todos de estudar.

— Porquê? — questionei, dando-lhe a mão por cima da mesa.

— Porque os testes para as companhias aéreas começaram em março, todos concorreram e entraram — respondeu, revirando os olhos. — Afinal, não é preciso ser-se muito inteligente para servir cafés no ar.

— Não sejas tão presunçosa — disse Marina, levantando o sobrolho.

— Não é isso — respondeu, furiosa. — Estão todos em voos de longo curso, pelo que passam imenso tempo no fim do mundo. Estava todo excitado a dizer que o primeiro voo para o Rio de Janeiro tinha sido incrível, que tinham ido sair todas as noites e quem tinha fodido com quem. — Respirou fundo de forma alta e teatral como se tentasse expulsar toda aquela raiva de dentro dela. — A sério, nem vos consigo explicar. Não é que fosse o amor da minha vida, não é? Mas, sei lá, olha, divertíamos-nos. Mas quando me foi buscar ontem e fiquei sentada no carro a ouvi-lo falar sem parar sobre isto foi como se alguma coisa de repente se estilhaçasse. Já não conseguia sequer olhar para ele nem ouvir mais as histórias idiotas do Rio de Janeiro. Ele esteve uma semana fora e nem sequer me perguntou como estava ou se tinha passado no exame de metodologia. Ficou a palrar sem parar. E depois disse-me que já tinha o calendário dos próximos dois meses e ia ter várias semanas fora. Não é preciso muita imaginação para supor o que é que vai acontecer...

— Não estás a exagerar? — perguntei, interrompendo-a para a deixar respirar.

— Sabes o que é que ele disse? Agora «somos homens do mundo» — disse isto com entoação sarcástica. — Foda-se, parecia tão idiota quanto os amigos e eu sempre tentei convencer-me que ele era diferente.

— Escuta — disse Luísa —, não faz mal mudarmos de ideias e deixarmos de gostar de alguém ou de ver aquilo que víamos. A vida é mesmo assim..

— É isso... — Suspirou e encostou-se na cadeira como se tivesse esgotado todas as suas energias para continuar a falar.

Nós as três trocámos olhares mas ninguém disse nada. Acabei por ser eu a cortar o silêncio, dado que o conhecia melhor do que elas.

— Na verdade, e não me odeies por isso, sempre o achei um idiota e nunca percebi o que vias nele — disse a medo. — E tratava-te como merda. Era arrogante e pretensioso, como se soubesse sempre mais do que os outros, estava sempre a interromper-te quando falavas e transformavas-te noutra pessoa quando estavas com ele.

— Eu sei. — Começou a comer, o que significava que, pelo menos, já acalmara.

— E sabes o que é que o Afonso me dizia? — Ela olhou para mim surpreendida. — Ele contou-me coisas que nunca te disse porque não te queria deixar com macaquinhos na cabeça.

— Agora queremos saber — disse Luísa.

— Bem... — Aclarei a voz e bebi um gole de limonada. Isto seria uma longa conversa. — Para começar, contou-me episódios de festas meio manhosas, como podes imaginar, nada disto é novo para ti. Mas basicamente era os gajos a pinar e a rodar as raparigas entre eles — sussurrei, olhando para o lado para me certificar que ninguém estava a ouvir a nossa conversa. — E disse-me que, numa férias em Palma de Maiorca, acabou envolvido numa dessas festas, mas que, a dada altura, era tudo demasiado surreal. Olha, disse que aquilo era o degredo e que era por isso que também não saía muito com eles. — Fiz uma pausa para pensar. — Ah, e lembras-te de quando foram passar o aniversário não sei de quem a Amsterdão já quase no fim do verão? O Afonso disse que ficou com outro numa *coffeeshop* a fumar uma merda qualquer e que o resto do grupo foi às putas.

— E quem te diz que o Afonso também não fazia isso? — perguntou.

— Não estou a defendê-lo, mas ele contava-me isto com muita naturalidade. Nunca tive motivos para duvidar. O Ventura alguma vez te contou isto?

Alice acenou negativamente com a cabeça.

— Se o Afonso me quisesse esconder, simplesmente não contava — continuei. — Quando foi isto de Amsterdão, disse-lhe que nem queria saber mais nada porque, se ele me confirmasse que o Ventura tinha ido às putas, era obrigada a contar-te. — Aproximei a minha cadeira da dela e abracei-a. — Desculpa por não te ter contado, mas não queria magoar-te a contar merdas destas. O Afonso dizia-me sempre que o Ventura gostava de ti e que não era tão mau como eu o pintava.

Alice respirou fundo e limpou uma lágrima que estava quase a cair.

— Nada disto me espanta — disse-me. — E só me dás mais razões para saber que tomei a decisão certa. Nem sei como estivemos juntos tanto tempo, para dizer a verdade.

— Podemos falar de uma coisa importante? — perguntou Luísa. — Desculpa, Alice, claro que isto também é importante mas preciso da vossa opinião.

— O que se passa? — perguntou Alice.

— Vou desistir de Medicina.

Luísa sempre fora de decisões incontornáveis, todavia nada disto me espantava. Nem sabia, em primeiro lugar, por que concorrera a Medicina. A pressão dos pares é tramada mas, vejamos, a dos pais consegue ser ainda pior. Embora, neste último ano, tivéssemos passado pouco tempo juntas, os nossos laços eram fortes. Continuávamos a ser todas amigas, mas claro que seria ingénuo não perceber que o tempo nos iria empurrar para outros caminhos, fazia parte do percurso natural da vida. Marina e Luísa estavam no

mesmo curso, pelo menos enquanto Luísa ainda lá estivesse, e Alice e eu, ainda que em turmas diferentes, estávamos na mesma faculdade e, como sempre fora já em miúdas, passávamos muito tempo só nós as duas. Depois do jantar, Alice foi comigo para casa do meu pai e acabou por dormir lá. Fizemos um serão de filmes até às cinco da manhã, comemos pipocas e conversámos como se tivéssemos todo o tempo do mundo para perder em noitadas de miúdas e nada para estudar. Tentei durante toda a noite arranjar coragem para lhe contar o que Ventura fizeram no festival, mas o momento fugira. Ou eu é que perdera a coragem.

*

Uma tarde, Zeca mandou-me uma mensagem a perguntar se queria um *part-time* na praia. Precisavam de uma pessoa extra no bar ao fim de semana e Simão tinha-lhe dito que eu queria um trabalho depois das frequências. Pensara em procurar outra livraria, mas trabalhar na praia também tinha as suas vantagens. Passaria os fins de semana com Simão, que me sugerira ir a algumas aulas de *surf* para perder o medo do mar. Acenara que sim com a cabeça, sabendo que nunca o iria fazer.

No bar, o tempo passava a voar: de manhã, montava as mesas e os chapéus, servia pequenos-almoços tardios, tostas e sumos naturais. Pela hora de almoço, as mesas enchiam-se de grupos e famílias que queriam aproveitar o início de calor. Começavam as saladas, os hambúrgueres, as batatas-fritas e as Coca-Colas em doses animais. Aprendi a tirar várias bebidas ao mesmo tempo da máquina sem entornar nenhuma, como via Zeca fazer, o que foi celebrado com entusiasmo por ele como se tivesse acabado de descobrir a cura para o cancro. À tarde, passava o tempo a servir gelados a miúdos e lanches aos grupos que saíam das aulas de *bodyboard* e *surf*. E com o fim do

dia vinha a altura de começar a limpar tudo, recolhiam-se os chapéus, guardavam-se as pranchas e preparava-se o bar para a noite, jantares, caipirinhas e as famosas festas de karaoke ao sábado à noite que enchiam o bar. Aí, já não era nada comigo, terminava o meu turno às oito. Normalmente, Simão e eu ficávamos lá para jantar com Zeca e com mais um ou outro amigo que, entretanto, aparecesse.

Numa sexta-feira à noite, jantámos todos no bar de Zeca porque era o aniversário de um deles. As mesas estavam lotadas, havia muita gente de pé a conversar, a fumar e a beber caipirinhas ou margaritas. Eu e Alice estávamos sentadas numa mesa mais para o fundo com alguns amigos deles e bebíamos uma margarita cor-de-rosa. Marisa também estava com duas amigas fotocópias, as três de vestidos curtos, mas pouca atenção lhes prestei.

— Tinhas razão, o Zeca está tão diferente — comentou Alice quando ele se juntou e sentou num dos lugares vagos na mesa, de frente para nós.

— Lembras-te dele naquele verão? Era tão estranho e desengonçado.

— E aquela trança caída — sussurrou para mim — parecia um campónio. E olha-me aquela cabra... — rematou com um sorriso aberto porque Marisa estava a olhar para nós.

— O Simão disse que ele sempre teve uma paixoneta por ela.

— Claro. Quem é que na escola não tinha uma paixoneta por ela? — Encolheu os ombros.

— O Simão disse que ela passou por coisas lixadas na vida — comentei. Mas, entretanto, Simão, que estivera ao balcão a fumar com Nando e um dos irmãos, apagara o cigarro e viera ter connosco.

— Depois disto, eles vão todos a uma festa em Cascais — disse, mexendo-me no cabelo. — Vamos?

Troquei um olhar com Alice.

— Porque é que o teu amigo anda com aquela mal encarada? — perguntou

a Simão. — Não era suposto ele perceber que ela tem qualquer coisa avariada lá dentro?

— Pode ser que um dia ele perceba. — Simão sorriu e baixou-se para que só Alice ouvisse. — Ou pode ser que alguém o faça perceber isso mais rápido. Não tens nada a perder.

— Estás a dizer o que eu acho que estás a dizer?

— Eu não estou a dizer nada — respondeu Simão, levantando as mãos. — Mas ele vai à festa.

— Ai. — Alice levantou as sobrancelhas. — Vamos à festa!

Simão beijou-me a orelha e foi ter com Zeca. Estava a fazer gestos atrás dele para nós e claro que nada disto passara despercebido a Marisa, que se levantara e se sentara ao colo de Zeca, sussurrando qualquer coisa ao seu ouvido, o que o fez rir. Convenci Simão a deixar o carro na praia e fomos de táxi porque já sabia que ele queria beber e eu iria mais cedo para casa. Obriguei-o a jurar que viria de táxi e não de boleia com nenhum deles, ele jurou com uma gargalhada, eu obriguei-me a acreditar.

— Estás bem? — perguntou-me enquanto voávamos pela marginal, os três instalados no banco de trás do táxi, comigo no meio.

— Sim. — Sorri e olhei de lado para ele. — Porque perguntas?

— Por nada. Só gosto de saber como te sentes.

— Vocês são tão amorosos. — Gozou Alice, chegando-se para a frente, o que fez com que Simão lhe começasse a puxar os caracóis apertados no rabo-de-cavalo.

— Simão — puxei-o com o braço direito —, acho que devíamos fazer um arranjinho entre eles os dois.

— Também acho. — Abrira a janela do lado dele e começara a acender um cigarro, mas voltara a apagá-lo. Guardou-o dentro da caixa e fechou o vidro. Fiz-lhe um olhar de interrogação.

— Fumo quando lá chegar — disse-me, compreendendo a minha questão silenciosa. — Alice, escuta, agora a falar a sério, ele é mesmo uma ótima pessoa e acho que lhe farias melhor do que a Marisa. Ela dá-lhe cabo do juízo.

— O que é que ela lhe faz? — perguntou, apoiando os braços no banco da frente.

— Epa, ela é um bocado possessiva. Já assisti a birras dela de cortar os pulsos e ele, que tem uma paciência de santo, não se chateia com nada.

— Mais uma qualidade dele — aponte para Alice.

— Já vi que está cheio delas — respondeu com um revirar de olhos.

Ao contrário dos amigos de Afonso e de Ventura, que, quando bebiam, ficavam estúpidos e grunhiam como animais atrás das raparigas, o grupo de Simão limitava-se a ficar no seu canto. Não gritavam, não se metiam com miúdas nos bares, não discutiam nem descarregavam a sua agressividade no álcool. Terminado o seu dia de trabalho, faziam aquilo de que gostavam, fumavam charros e ouviam música terrível. Era uma forma de suportarem a rotina. Simão já me explicara esta necessidade de estarem sempre um pouco embalados. Era aquela vontade de escapar a toda a merda. As merdas no trabalho, as merdas que se passavam nas suas vidas. Não conseguia compreender que merdas tão grandes fossem essas. Numa dessas conversas, dissera-lhe que, provavelmente, muitas das merdas que lhes aconteciam vinham única e exclusivamente dos hábitos de consumirem todos os dias. Se Nico não tivesse droga com ele, não tinha sido preso. Então a prisão tinha sido uma merda apenas consequente da droga, não podia ser a fuga se era a consequência. Mas ele não entendera o meu ponto de vista. Falara-me dos pais de Nando, que eram médicos, e de como ele crescera sozinho com as empregadas sempre de volta dele. Falara-me dos irmãos, Paulo e Pedro, e da

sua mãe que morrerá quando eram miúdos, da pobreza e do pai que pouco lhes ligava porque lidava com a sua parte de problemas relacionados com álcool. Falava-me dele próprio e da merda que fora a sua vinda para Portugal. Eles foram miúdos de quinze anos para quem a droga fora um escape. E ela estava infiltrada na escola, nas discotecas a que íamos, nos cafés e nos bares. Dera por mim a pensar como apenas o acaso decide como um adolescente vai ultrapassar a puberdade. Pode passar por ela sem grandes problemas, como eu e as miúdas da minha turma, felizes na nossa inocência. Ou pode mergulhar no álcool, nos charros, nos comprimidos, na heroína e nestas formas fáceis de esquecer que somos miúdos estúpidos com famílias de merda ou notas de merda ou amigos de merda ou vidas de merda. Por esta altura, já percebera que era muito mais do que charros mas preferia ficar na ignorância. Era tudo muito complexo para mim.

A primeira pessoa que vi na festa encostado ao bar foi um miúdo que também andava na nossa escola. Lembrava-me bem dele, moreno, cabelo comprido, viola ao ombro e todas as raparigas apaixonadas por ele. Já ele, não ligava a nenhuma. Tinha um jeito de estar sempre seguro, andava pela escola com a naturalidade de um artista e continuava assim. Já não tinha cabelo comprido mas continuava genial. Dei cotoveladas a Alice para que o visse. Ele vestia uns calções de praia e parecia que viera diretamente do mar para a festa, como se nem tivesse tomado banho, como se nem precisasse de se dar a esse trabalho. Cumprimentou toda a gente. Marisa, como sempre fazia, agarrou-se ao seu pescoço e Alice e eu fomos dar uma volta para ver o espaço. Era pequeno, minúsculo, na verdade. Ficava por cima da praia de Cascais, em frente à linha do comboio e enfiado num buraco com uma varanda para o mar. Era como se alguém tivesse decidido tornar a sua sala de casa num bar. Zeca deu-nos copos de Malibu ananás, «bebida de meninas», disse. Alice dera uma gargalhada tão disparatada que olhei para ela e

perguntei o que estava a fazer. Ela encolheu os ombros, era impossível sequer falar com ele com Marisa de olhos de falcão em cima de nós. Estaria ela assim tão preocupada com a nossa presença? Reparei que estava encostada ao balcão com as fotocópias e não tirava os olhos de nós enquanto se ria de qualquer coisa que as outras lhe estavam a dizer. Os rapazes estavam em círculo a conversar e a fazer o que quer que estivessem a fazer.

Fomos deixar as nossas malas à mesa onde Simão e os outros estavam e pousei o meu copo para não estar com ele na mão. Alice pedira-me para ir com ela à casa de banho, que era minúscula. Estavam lá três miúdas debruçadas sobre a bancada dos lavatórios a dividir três linhas de coca com um cartão de multibanco. Fingi uma naturalidade que não tinha, como se ver alguém a cheirar coca fosse normal. Perguntaram-nos se queríamos, Alice entrou no cubículo da casa de banho e eu agradeci, disse que não e comecei a lavar as mãos para ter algo com que me ocupar. E elas lá continuaram. Agradece-se a alguém que nos ofereça droga? Quais seriam as regras de etiqueta? Conseguia vê-las pelo espelho, uma delas baixou-se, tapou uma narina e inspirou a sua linha de pó com um rolinho de papel. Fechou os olhos, atirou a cabeça para trás e começou a abanar o corpo. Depois desatou a rir alto e as outras duas juntaram-se.

Sáímos e voltámos para a mesa. O espaço estava abafado, tinha a roupa a colar, peguei no meu copo e fomos para a varanda. Bebi o resto da bebida de um só trago, pousei o copo vazio no muro e fiquei a mordiscar a palhinha. Dois miúdos que se beijavam ao nosso lado desequilibraram-se e o copo caiu lá para baixo, para o vazio do escuro e da areia. A música era incómoda e chata, parecia que as batidas me entravam pelo corpo e me acentuavam os batimentos do coração. Olhei para o relógio e vi que era quase uma da manhã. Comecei mentalmente a contar as horas que iria dormir até ter de

acordar para abrir o bar com Zeca. Talvez pudesse convencê-lo a vir para casa comigo e com Alice, dado que iríamos trabalhar no dia seguinte. O táxi poderia deixar-me em casa e eles os dois seguiam caminho. Depois lembrei-me que Alice morava a duas ruas da minha e isto não iria funcionar. Este plano parecia infalível e genial ainda há dois segundos atrás. contei novamente as horas que teria para dormir. A meio da contagem, comecei a baralhar-me, os números não me faziam grande sentido. Queria contar em voz alta para me concentrar, mas parecia que tinha a língua inchada e colada ao céu da boca. Ouvia Alice a falar comigo, mas a sua voz gritava mais alto que a própria música e tive vontade de me afastar dela para que não me furasse os tímpanos. Comecei a andar para trás e, subitamente, as minhas pernas cederam e caí para o chão como se fosse uma boneca de trapos. Uns miúdos apanharam-me. Ouvi-os a rir, as suas gargalhadas eram ruidosas e precisava de me afastar deles, empurrei-os com força e dei um salto para dentro do bar. Conseguia perceber tudo à minha volta de forma ampliada, estava tudo alto, brilhante e ruidoso. Alice agarrou-me nos ombros e perguntou-me o que se passava. Havia muita gente à nossa volta, a música era de enlouquecer, as luzes tão brilhantes que pareciam que me iriam cegar e tudo abanava debaixo dos meus pés. Tive a sensação de estar dentro de um carrinho de choque a ir contra toda a gente. Comecei a querer derrubar os miúdos que se atravessavam à minha frente. Via-os como pinos de *bowling* que queria abater com o meu carrinho de choque. E lembrei-me de jogar *bowling* com Afonso e quis dobrar-me em duas para arrancar esta memória da minha cabeça, furava-me como facas no meio do peito. Alice puxou-me e tentou bloquear cada uma das minhas investidas, enquanto gritava e questionava o que raio se passava comigo. Eu queria responder-lhe que não se passava nada mas, ao mesmo tempo, não me apetecia falar. Apetecia-me dançar e deixar-me levar pela música que, afinal, era incrível. Queria

perguntar-lhe se estava a sentir o mesmo que eu, mas tinha tanto calor, a roupa estava a queimar a minha pele, então tirei a *T-shirt* por cima da cabeça e fiquei só com a parte de cima do biquíni que ainda trazia por baixo da roupa. Pensei que era tão porca quanto aquele miúdo espantoso da nossa escola que nem tomava banho porque continuava a ser sensacional. Vi-o encostado ao balcão com outro rapaz, tinham os dedos entrelaçados e agora percebia porque é que não ligava nenhuma às miúdas. Nem à estúpida da *Marisa das Argolas*, tão perfeita e extraordinária. Então Simão apareceu e agarrou-me a cara. Vi-o a balbuciar palavras que não conseguia entender. Agarrei-me ao seu pescoço porque me sentia a voar. Ele era tão bonito, tão maravilhoso, onde estaria o seu chapéu das flores havaianas? Precisava do chapéu, queria cheirá-lo e comecei a lambar-lhe o pescoço como lambara o porta-chaves que me dera. Agora era tudo espantoso, conseguia perceber porque é que toda a gente gostava deste sítio. As paredes eram brancas e brilhavam com tanta intensidade que me sentia no meio de uma praia. Senti sede. Tinha tanta sede que tirei a garrafa de água da mão do estúpido do Nando e senti necessidade de beber tudo de uma vez. Atirei a garrafa vazia para cima dele. Vi Simão puxar Marisa por um braço e perguntar-lhe o que tinha feito. Marisa riu-se com uma gargalhada tão alta que me apeteceu abatê-la. Vi-a como um pino idiota de cabelos compridos, aproximei-me dela e puxei-lhe os cabelos, mas mantive as mãos delicadas. Nem era puxar, apenas queria tocar-lhe. Achei que era uma peruca porque ninguém na vida real podia ter aqueles cabelos ondulados e cintilantes. Fui arrastada por Simão e por Alice até à rua, que estava fria e escura. Agora tinha tanto frio que imaginei que iria congelar. Lembrei-me subitamente que poderia correr para aquecer o corpo e foi o que fiz. Desatei a correr pela rua. Ouvi-os a chamar-me, gritavam tão alto que me apeteceu mudar de direção para deixar de ouvir os seus gritos atrás de mim. Virei como um foguete para uma rua

lateral e passei pela porta traseira de um restaurante e por um homem que lavava o chão com uma mangueira. Escorreguei nessa água e imaginei que estava a andar sobre a água do mar. Fiquei deitada no meio do chão com o homem a gritar em cima de mim e levantei-me num salto. Conseguia estar de pé sobre o mar, já não tinha medo de barcos. Eu era um barco, eu conseguia flutuar por cima do mar. Simão apareceu esbaforido, agarrou-me e colocou a sua camisola por cima de mim. Tinha os cabelos molhados colados à cara e, subitamente, senti-me tão cansada que parecia que toda a energia se evaporara do meu corpo. Deixei que me agarrasse, deixei que me levasse para onde quer que fosse. Só queria que me tirasse do meio da água, não aguentava mais tanta água. Sentia-me a afogar.

11

Acordei a sentir-me uma merda. Doía-me a cabeça, tinha os olhos pesados, a boca seca e o corpo feito num oito. Olhei à minha volta, estava no quarto de Simão. Observei o meu corpo, um braço negro e as pernas esfoladas em várias zonas. Olhei para o relógio e o meu coração quase parou, eram onze da manhã, deveria estar a trabalhar. Tentei levantar-me mas o meu corpo não colaborou. Simão apareceu com um copo de água e uma banana. Bebi tudo de um só trago e em três dentadas comi a banana.

— Sentes-te bem? — perguntou. Abriu a janela para o ar entrar e, talvez, apagar aquele cheiro a álcool, suor e qualquer coisa mais. Sentou-se na cama ao meu lado.

— Sinto-me como se tivesse sido atropelada por um camião — respondi, atirando com a casca da banana para a mesa de cabeceira.

— Quase que foste mesmo. Tiveste uma trip do caraças.

— Foi a Marisa? — perguntei. Lembrava-me de algumas coisas da noite anterior e tinha a certeza que ela estaria metida nisto.

— Ela colocou *molly* no teu copo quando foste à casa de banho.

— *Molly*? — perguntei, confusa.

— Uma espécie de irmã mais nova do *ecstasy*.

— Porque é que ela iria fazer isso?

— Porque é a merda de uma idiota e achou que ia ter piada ver-te a *tripar*.

— E vocês andam assim com essas coisas no bolso e colocam nos copos

de qualquer pessoa? — Senti-me estúpida, mas nem tinha energia para me chatear com isto.

— Queres mesmo falar sobre isto agora? — Deitou-se ao meu lado na cama.

— Bem, quero perceber esta merda toda.

— Perceber o quê? — Colocou um braço por cima da minha cintura.

— Perceber isto. — Apontei para mim própria em círculos. — Perceber-vos. Perceber o que é que vocês fazem porque, sejamos honestos, não é algo de que falemos muito.

Não sabia se queria saber ou perceber. Parecia-me que saber me iria dar mais trabalho do que continuar na ignorância. Mas também já não era possível voltar a colocar o génio de novo dentro da lâmpada. Ele olhou para mim. Respirou fundo como que a ganhar balanço. Mas revirou os olhos e começámos a rir.

— A *molly* é MD, é uma espécie de estimulante que se pode misturar na água ou nas bebidas — começou a dizer. — Faz-te sentir poderoso, desinibido, sei lá, ficas com uma perceção diferente do que te rodeia, das cores, dos sons, das luzes. Tu ontem andavas louca a pedir óculos de sol, dizias que as luzes te estavam a cegar. Mas foi a tua primeira e pode tornar-se assustador quando não se está à espera, que foi o teu caso. Eu, quando tomo, sinto como se a música estivesse a sair de dentro de mim, como se me conectasse com aquilo que estou a ouvir, então é fixe para curtir uma festa.

— Não foi a minha primeira vez — interrompi-o. — Foi a minha única vez. Até porque tenho medo destas coisas e tu também devias ter — acrescentei. Mas não era o momento para falar do assunto que estava sempre a pairar no ar como um grande elefante cor-de-rosa no meio de toda a gente. Parecia que já ninguém se lembrava do acidente, do amigo deles que morrera e das consequências das suas decisões, dado que todos continuavam a tomar

drogas e a conduzir e andar por este mundo como se fossem deuses do universo.

— Não tens que ter medo e nunca vou deixar que faças nada que não queiras — disse, beijando-me a mão.

— O que é que eu fiz? — perguntei. Não me lembrava de nada de óculos de sol. Lembrava-me de querer abraçar toda a gente e de cair na rua no meio da água. Ele sorriu durante um nanossegundo. Como as pessoas fazem quando as coisas não têm graça nenhuma e estão a hesitar contar, mas também não conseguem deixar de o fazer.

— Andavas agarrada às pessoas, dizias que o pessoal era fixe e te sentias mal por nunca lhes teres dito isso. Toda a gente se estava a rir porque foi, de certo modo, engraçado mas, na verdade, não achei piada nenhuma. Tive vontade de dar um murro na Marisa, foda-se, só me apetecia bater-lhe, nem te consigo explicar. Senti-me impotente e responsável por toda aquela merda que estavas a sentir — explicou. — Sentes-te mesmo bem?

— Sinto-me estranha. Estou cansada, tenho uma moínha na cabeça e dói-me o corpo, mas isso acho que é porque caí — respondi, tocando nos joelhos.

— Disseste que eras um barco. Se calhar é porque queres finalmente andar de barco comigo.

— Que mais coisas vocês fazem? — perguntei para mudar de assunto. — Já percebi que é muito mais do que charros e os comprimidinhos na carteira.

Ele olhou para mim surpreendido e eu tentei não parecer demasiado tolerante nem excessivamente satisfeita comigo mesma por saber falar a linguagem dele. Porque estas coisas incomodavam-me e estava a fazer das tripas coração para falar de tudo de forma despreocupada.

— Epá... eles tomam todo o tipo de drogas — respondeu, hesitante.

— Conta-me — respondi com firmeza. — Acho que neste momento tenho

o direito de saber. Nunca te chatee com isto, sempre te dei espaço para fazeres o que te apetecesse. Mesmo que não compreenda.

— Eu já experimentei de tudo, menos heroína. — Respirou fundo. — Alguns deles fazem isso. Ninguém se injeta, se é o que estás a pensar, isso é o fim da linha. O pessoal prefere cheirar coca e tomar pastilhas ou LSD. Alguns fumam *crack* porque é mais barato do que a cocaína.

— Qual é a diferença? — interrompi-o. Tudo isto era demasiado confuso.

— O *crack* é cocaína, mas na sua versão fumada, que atinge o cérebro muito mais rápido e de forma mais intensa. As sensações são mais imediatas do que cheirar, em que vais partindo lentamente...

— E quais são as sensações?

— Nem dá para explicar porque nunca experimentaste. É como ter um orgasmo, o teu corpo inteiro vibra por dentro, sentes todas as tuas camadas a ganhar vida e com uma energia fora do normal, um estado de felicidade incrível. Mas também tem o seu lado mau. Não podes fumar e ir trabalhar porque te vais sentir na merda, vazia e deprimida. É como se depois de um pico intenso de felicidade o teu corpo se esvaziasse.

— Então porque é que fazes isso, se depois te sentes uma merda? — perguntei.

— Porque há formas de compensar depois disso, sei lá — disse com um suspiro. — É por isso que o pessoal fuma charros vinte vezes por dia. Quanto mais fumarem, acredita, maior está a ser a ressaca.

— Então fumam para anular os efeitos de depressão que essas merdas causam? — Achava tudo completamente absurdo. — Que mais?

— Depois há os que gostam de pastilhas, como valium, efedrina, xanax e por aí fora, mas isso já não é a minha praia. A única coisa que ainda gosto de fazer, muito de vez em quando e só em momentos específicos, é LSD. Não te assustes, se tomar duas vezes por ano, é muito.

— Porquê?

— Porque é uma viagem, sei lá, é sempre incógnito. É um alucinogénio e saís daqui e entras num universo alternativo, tudo fica diferente e dá para viajar e esquecer tudo o resto.

— E as pastilhas são tipo comprimidos da farmácia? Eu lembro-me que havia miúdos que tinham isso na escola.

— Eu só fiz misturas de comprimidos uma ou duas vezes, é demasiado perigoso e estúpido.

— Como assim? — interrompi-o novamente. Tinha tantas questões que nem sabia por onde começar.

— Tomam estimulantes e tranquilizantes ao mesmo tempo e podes imaginar as sensações que isso provoca no corpo, mas é também uma guerra no organismo e pode correr mal.

— E qual é o objetivo disso? Ficares maluco? — perguntei, revirando os olhos.

— Está relacionado com o estado de espírito. Se estás numa festa e queres mesmo abstrair-te das merdas e curtir, tomas mais estimulantes, como a efedrina que dá adrenalina. Se estás em casa e queres relaxar, tomas mais tranquilizantes e ficas tranquila. De uma forma ou de outra, ficas sempre nas nuvens...

— E de que é que gostas mais? — perguntei, tentando perceber, afinal, o que é que ele fazia quando não estava comigo.

— *Crack*, mas é viciante para caralho e quanto mais fumares, mais vais querer. Eu só fumo de forma ocasional, mas alguns deles fumam mais vezes.

— Puxou-me para baixo na cama e abraçou-me. — Acredita, neste momento só fumo charros de vez em quando e nem tenho qualquer vontade de fazer mais nada. És tu a minha droga.

Fingi que acreditava. Era mais fácil.

Passei o resto do sábado em casa deitada no sofá a ver filmes. Disse à minha mãe que caíra a tentar aprender a andar de mota e levei um sermão infernal sobre as motas estarem interditas. Domingo fui trabalhar cedo. Ainda me doía o corpo, tinha os joelhos quase em carne viva mas queria sair de casa, voltar à minha vida e esquecer aquela noite.

— Estás bem? — perguntou-me Zeca quando me viu descer as escadas da praia a coxear. — Deste uma valente queda. — Olhou para as minhas pernas.

— E ainda nem viste o meu braço — respondi, tirando o braço de dentro da manga da camisola. Virei-o para que ele visse a nódoa negra quase preta que ia desde o ombro até ao cotovelo. — Pelos vistos caí no meio da água porque achava que era um barco.

— Olha — começou, hesitante —, quero pedir-te desculpa pelo que aconteceu.

— Mas não tiveste culpa de nada — interrompi-o e voltei a vestir a manga da camisola porque a manhã estava nublada. Pelo menos, não teria muito trabalho.

— Escuta, ela está arrependida de o ter feito. — Eu duvidava que ela estivesse arrependida, mas ele nem sabia da missa a metade. — Ela disse que te queria ver mais liberta e integrada no grupo.

— Mas... — Tentei falar, mas ele colocou-me uma mão à frente da boca.

— Deixa-me explicar-te — pediu. — Eu sei que ela não é uma miúda fácil e por vezes tem atitudes de merda como esta, mas as intenções dela são boas. Ela só não consegue relacionar-se com as pessoas da melhor forma e tem ideias como esta. Na altura, acredita que vão ser geniais, mas normalmente acabam sempre por sair o contrário.

— Está bem — respondi a olhar para o mar. Ele parecia estar a transbordar, como se ao dizer-me tudo isto fosse ficar mais leve. Talvez ela é que o estivesse a afogar e ele nem se conseguisse aperceber disso.

— Acho que ela pensou que te ias divertir e que toda a gente ia passar um bom bocado a ver aquilo bater-te, mas não parou para medir as consequências que uma pastilha poderia ter numa pessoa que nunca experimentou e, acima de tudo, com álcool.

— Ouve, a sério — acabei por dizer —, não foi assim tão mau. Sim, estou toda partida porque caí no meio da estrada enquanto corria como um foguete e fiquei com a cabeça feita num oito, mas já passou. Se quero voltar a experimentar? Não, obrigada. Mas também não foi o fim do mundo...

— Ela depois vai pedir-te desculpa pessoalmente.

— A sério, não é preciso. — Na verdade, não tinha a menor vontade em vê-la ou falar com ela ou lembrar-me da sua existência.

Tudo parecia correr como era suposto. Ia às aulas, fazia os trabalhos de grupo e começava a preparar-me para os exames na faculdade. Ao fim de semana, trabalhava no bar, dormia todos os sábados em casa de Simão. A minha mãe parecia ter, finalmente, concordado com isso e já não precisava de lhe mentir e dizer que ia para casa do meu pai. Estes eram aqueles dias em que se tem a sensação de se fazer parte de uma máquina bem oleada em que toda a gente à nossa volta faz o que tem a fazer e desempenha o seu papel. Mas sentia-me estranha, não que isso fosse mau. Sentia que havia qualquer coisa que me estava a escapar, como quando temos uma palavra na ponta da língua e, quanto mais pensamos nela, mais nos escapa ou menos sentido nos faz. Parecia que havia algo a acontecer, mas que me fugia ao mesmo tempo, qualquer coisa que não encaixava muito bem. Era a sensação de me ver toda preenchida e descobrir que, afinal, era um *puzzle* e havia mesmo uma peça perdida que me fazia não estar completa e finalizada. Era como ter uma dezena de peças à minha volta mas nenhuma encaixar. E este vazio que não sabia explicar vinha em ondas graduais como uma pequena moinha, não era bem uma dor, era uma ausência de sensações. Via Simão cada vez mais longe dos seus objetivos e exclusivamente focado naquilo que, há uns meses, dissera estar farto, dar aulas e passar o resto do seu tempo livre na praia. Esta ausência de determinação corroía-me por dentro.

Numa segunda-feira sem aulas, peguei na minha bicicleta velha e pedalei

até casa dele para ver se queria almoçar e fazer qualquer coisa. Era feriado e ele não estaria a trabalhar na praia porque não havia aulas de *surf* nesse dia. Pensara em fazer-lhe uma surpresa e não telefonara a avisar. Ele tinha ido a uma festa na noite anterior e, provavelmente, ainda estaria a dormir. Depois de tocar várias vezes à campainha, apareceu o irmão de toalha à volta da cintura e o cabelo a pingar.

— Desculpa, Francisco — disse-lhe, constrangida, quando me abriu a porta. — Não queria incomodar.

— Não há problema, miúda. — Fez-me sinal para entrar e desapareceu no corredor, deixando a porta da casa de banho aberta. — Vocês estão desenhados?

— Quem? — perguntei, confusa.

— Tu e o meu irmão — gritou da casa de banho. — Pensei que ele estava contigo.

— Não. — Abri a porta do quarto dele, tinha a cama feita e roupa espalhada pelo chão. — Eu vinha mesmo aqui ver se ele queria almoçar.

— Ele não dormiu em casa — disse, ao entrar no quarto. Olhou em volta e abanou a cabeça. — Ou, pelo menos, ainda não chegou.

— Mas é meio-dia. Como assim, ainda não chegou? — perguntei, vendo-o secar o cabelo com a toalha na direção da sala. Fui atrás dele.

— O meu irmão e os amigos gostam de festas até de manhã, caso nunca tenhas tido o prazer de estar numa — disse com uma gargalhada. — Não te preocupes, miúda, a sério, ele nunca chega muito depois da hora de almoço. Senta-te aí e come qualquer coisa, que ele deve estar a aparecer.

Sentei-me no sofá e fiquei quieta como uma estátua com as mãos inertes a pender do corpo, a pensar em tudo e em nada. Respondi que sim quando o irmão me perguntou se queria comer qualquer coisa porque ia fazer para ele

mas, na verdade, estava com uma bola na garganta que quase me sufocava. Não percebia como conseguia estar tão calmo a fazer ovos mexidos na cozinha enquanto ouvia e cantava uma música qualquer quando eu só pensava que, se calhar, Simão estaria por aí caído num canto. Fragmentos de memórias do funeral passaram-me pelos olhos. Lembrava-me dos miúdos da escola dizerem que o acidente acontecera porque tinham consumido drogas e imaginava-o agora a vaguear por aí sob o efeito de uma merda qualquer. Era isto que me tinha estado a incomodar, a peça do *puzzle* que não encaixava. Esta moinha que me vinha a corroer lentamente dia após dia. Estava exausta disto, não era mãe dele, não tinha de passar as noites preocupada sempre que ele saía com os amigos. A pensar se iria aparecer vivo ou iria acontecer alguma coisa e acordar com uma mensagem trágica. Se iria estar a dormir ou se, como hoje, iria andar sabia lá por onde até à tarde do dia seguinte. O meu telemóvel vibrou no bolso e todos os nervos do meu corpo estremeceram. Comecei a carregar nas teclas com as mãos suadas, mas era apenas Alice a perguntar se queria ir com ela ver um concerto à tarde nos jardins de Belém. Encostei-me no sofá a pensar no que fazer. Ia embora ou ficava à espera dele? Tentei ligar-lhe mas nem sequer tocava, ia logo para o *voicemail*. O irmão dele colocou-me um prato de ovos mexidos com esparguete ao meu lado no sofá.

— Come. — Deu-me uma lata de Coca-Cola para a mão. — As coisas vão parecer menos dramáticas de estômago cheio.

— Obrigada. — Encolhi os ombros. Não conseguia comer nada, mas abri a lata, dei um gole na Coca-Cola e encostei-me no sofá a roer a unha com a lata no meio das pernas.

A chave começou a rodar na porta e vi um Simão cambaleante aparecer de óculos de sol na cara. Quando me viu, largou o casaco no meio do chão, sorriu e atirou-se para as costas do sofá, abraçando-me por trás.

— O meu amor aqui. — Agarrou-se ao meu pescoço.

— Estás bem? — Afastei-o. — O que é que andaste a fazer até agora?

— Não sabia que os *after* ainda estavam na moda — disse o irmão quando passou à porta da sala em direção ao quarto dele.

— Tens muita piada — gritou o Simão de volta para o irmão. Saltou por cima do sofá e aterrou ao meu lado. Nem conseguia perceber se se estava a rir ou não. Estava a ranger os dentes e mexia no cabelo de forma frenética.

— Ainda não dormiste? — Coloquei o prato intocável no chão ao meu lado. Virei-me para ficar de frente para ele.

— Fomos a uma festa depois da festa. — Levantou-se do sofá, começou a tatear os bolsos, mas voltou a sentar-se. — Nada de especial mas perdi o meu telemóvel.

— Mas tens a noção do quão egoísta isso é? — Levantei a voz, mas de forma contida para que o irmão não nos ouvisse. Estava irritada, fora de mim, zangada com ele e ainda mais comigo por dizer que aceitava tudo quando a verdade estava longe disso. — Passou-te pela cabeça que estava aqui preocupada contigo a achar que estavas por aí caído num canto ou... ou, sei lá?

— Só estava numa festa, valha-me Deus. — O dedo dele desceu e subiu repetidamente entre a testa e a ponta do nariz, passando por cima dos óculos sem nunca os tirar.

— Vocês continuam a andar por aí como se fossem invencíveis a achar que nada vos acontece? Quando é que vais perceber que isso é estúpido, irresponsável e não te leva a lado nenhum? — Afastei as mãos que ele me tentava agarrar. — Vieram como? A conduzir? — Ele estava a olhar para o teto e não me respondeu. — Quem é que veio a conduzir? E o que é que tomaste esta noite ou esta manhã para estares assim?

— Que exagero. — Colocou as mãos no colo, uma sobre a outra, tensas

com a de cima a bater na de baixo. — Só fumei um pouco e apenas isso.

— Então porque é que estás a tremer e nem consegues ter a merda do queixo quieto? — Tirei-lhe os óculos da cara. — O que é que se passa com os teus olhos? — Estavam animalescos, pretos, e mal se via o verde.

— Preciso de dormir e não tenho energia para falar agora, por favor. — Levantou-se do sofá. — Desculpa se te preocupei, mas não tens de passar a vida a pensar que me vai acontecer alguma coisa. Foi tudo uma grande merda, é verdade, mas não vou deixar de fazer a minha vida porque ele morreu. E tens de parar de pensar nisso a toda a hora e relaxar, foda-se, porque a vida continuou para toda a gente. — Levantou a voz nesta última parte. — Desculpa se não sou essa pessoa perfeita que estás destinada a ter e se os meus amigos são uns drogados de merda. — Calou-se, gritou para o teto e bateu com o punho na parede. — Já nem sei que digo, é melhor calar-me e ir dormir.

A voz fugiu-me para debaixo dos pés, tentei dizer qualquer coisa, mas não tinha nada para dizer. Em pensamento, ele estava num quarto qualquer a deixar que a *Marisa das Argolas* lhe despisse as calças, só porque ela podia fazê-lo. Fechei os olhos e deixei que essa imagem me enchesse e me desse coragem para levantar e ir embora. Precisava de o odiar naquele momento e invoquei o pensamento que mais me magoaria para ganhar força de ser essa pessoa que se levanta e vira as costas. Era digna de dó: sentada no sofá a contemplar sozinha a forma como ele estava a destruir esta relação sem sequer se aperceber. Lancei um olhar inútil à minha volta, à procura de algo a que me agarrar. Peguei no prato e coloquei-o em cima da mesa. Queria dizer-lhe que ele é que nunca iria chegar a ser a pessoa perfeita que estava destinado a ser se continuasse a destruir a sua vida. Queria dizer-lhe que, se morresse numa noite estúpida num qualquer carro depois de uma festa, nunca

iria terminar o curso que tanto queria fazer. Nunca iria para o mar ser o capitão da merda do seu navio. O capitão da sua vida. Nunca iria abrir a sua escola. Nunca seria tudo aquilo que poderia ser.

13

Estava com Alice e Luísa no comboio a caminho de Belém. Elas estavam as duas a tagarelar ao meu lado, mas não me apetecia falar, parecia que toda a minha energia se evaporara para outro sítio qualquer. Talvez tivesse ficado em casa de Simão, também lá deixara a minha esperança — esperança de que ele pudesse ser aquilo que eu acreditava que poderia ser. Que poderíamos ser. Ia com a testa colada ao vidro frio e, volta e meia, olhava para a vista que passava a voar pela janela, balançando com os movimentos do comboio.

— Ele tem uma certa razão, sabes — comentou Alice, dando-me um pontapé na perna para me fazer levantar a cabeça da janela.

— E lembras-te de como era na escola? — interveio Luísa, que estava sentada ao meu lado, o que me forçou a virar a cara. Doía-me o pescoço. — Eles faziam isso, faziam essas coisas estúpidas. Entravam de mota dentro da escola e andavam por cima das mesas no refeitório. Lembras-te de termos ido a correr para a casa da Marina e termos ficado lá com os binóculos para vermos o que é que se passava nas terras? E lá estavam todos encostados ao muro a fumar charros como se isso os tornasse parte de algo que estava fora do alcance dos outros. Como se isso os tornasse superiores.

— E então? — perguntei sem compreender a lógica dela.

— Então, nada mudou — respondeu Alice. — Será que não vês isso?

— Eles continuam a ser miúdos a quererem sentir-se melhor — disse Luísa. — Melhores do que eles próprios, acima de tudo.

— E onde é que eu entro nisso?

— Tu estás constantemente a lembrá-lo de que aquilo que ele faz para se sentir melhor é, afinal, o que o torna pior — respondeu Luísa, entrelaçando o seu braço no meu.

— E ele tem razão em quê? — perguntei a Alice.

— Não podes estar sempre a querer torná-lo em qualquer coisa que imaginas que ele pode ser. — Levantou-se porque estávamos a chegar à estação. — Porque o amor não é lutar por um qualquer troféu que está algures no futuro. O amor é o troféu.

Saímos do comboio e começámos a descer as escadas.

— Saíste-me cá uma especialista em relações — comentei em voz alta.

O jardim de Belém estava cheio de gente que, num feriado de início de maio, quisera apanhar um pouco de sol. Havia famílias com crianças pequenas sentadas em mantas e toalhas na relva, grupos a fazer piqueniques com caixas de salgados, latas de cerveja e sandes nas mãos, miúdos espalhados a beber e a conversar. Era uma espécie de concerto acústico de uma banda qualquer portuguesa que não conhecia mas da qual já ouvira algumas músicas na rádio. Estávamos a andar pelo meio das pessoas à procura de um lugar para nos sentarmos ou a ver se víamos alguém conhecido. Luísa dissera que uns amigos da Universidade também vinham, circulámos à procura deles e a olhar fixamente para as pessoas como se fôssemos chalupas. Parámos para ela lhes telefonar e sentei-me na relva. Alice trouxera uma máquina fotográfica amarela que o pai lhe oferecera e passou-ma para a experimentar. Dava para usar debaixo de água, disse-me várias vezes. Estava com a máquina nas mãos a olhar pelo visor e a fazer *zoom* ao acaso quando me passou de relance alguém que me fez voltar a olhar, havia qualquer coisa de familiar. Tirei a máquina da cara e levantei-me

para ver melhor. Voltei a olhar pelo visor, fiz *zoom* e comecei a procurar o quer que fosse que me chamara a atenção. E então vi uma *T-shirt* preta de uma banda que já vira em qualquer lado. Senti o meu estômago a contorcer-se, subi lentamente a câmara e vi-o olhar diretamente para mim. Para a câmara. Para os meus olhos atrás da câmara.

Sentei-me subitamente, virei-me de costas e entreguei a máquina a Alice com o coração a berrar-me no peito.

— O Afonso está ali — disse baixinho, como se ele me pudesse ouvir.

— O quê? — perguntou Alice por cima da música. — Fala mais alto.

— O Afonso, porra — gritei. — Está ali ao fundo. Estava a olhar para mim.

— Quem? — perguntou Luísa, sentando-se. — Eles não me atendem, não devem estar a ouvir as chamadas.

— O Afonso está ali — repeti pela terceira vez, há muito tempo que não dizia o nome dele tantas vezes. — Vi-o pela máquina enquanto estava a fazer *zoom*. Ele estava a olhar diretamente para mim.

— Se calhar nem te viu — disse Alice. — Podia estar a olhar simplesmente ao acaso.

— Por favor, alguma de vocês pode levantar-se e ver? — pedi, enrolando dramaticamente os braços ao redor dos joelhos. Ele estava ali e sabia exatamente que eu também estava.

— Eu não vou olhar — afirmou Alice. — Provavelmente, está com o Ventura e não me apetece vê-lo. Depois vai começar a chatear-me com as conversas dele e não estou para isso. É que vocês não sabem mas está sempre a mandar-me mensagens.

— Mas podes só ver? — implorei. — Uma de vocês. Só têm de ver onde é que ele está para irmos para outro sítio. Ele está com uma *T-shirt* preta com umas letras vermelhas.

— Por amor de Deus — gritou Luísa de um salto. — Vou ter de ser eu. Só faltam os binóculos para parecermos novamente três parvas a espiar um grupo de rapazes idiotas.

Ficámos sentadas como duas formiguinhas escondidas enquanto Luísa, de pé e com os óculos de sol na cara, fingia olhar para o palco e abanava a cabeça ao som da música.

— Para começar — voltou a sentar-se e cruzou as pernas na relva —, o Ventura está sentado numa toalha com uma miúda loira deitada em cima dele.

— Como assim? — perguntou Alice, levantando-se num salto.

— E o Afonso está a olhar para cá à tua procura — concluiu, olhando para mim. — Podes ir lá falar com ele ou podes ir embora. A escolha é tua.

— Vamos lá — pediu Alice. — Não acredito que já anda com outra quando ainda ontem me enviou uma mensagem a dizer que não aguentava estar sem mim, o filho da mãe.

— Eu não vou lá — respondi, placidamente.

— Por favor — gritou Alice. — Quero que ele me veja.

— Mas porquê? — perguntei. — Tu não gostas dele.

— Foda-se, Alice, o gajo era péssimo para ti — completou Luísa. — Se está com aquela loira, o problema agora é dela.

— Vocês não percebem — disse Alice, de joelhos na relva. — Não era suposto ele estar com outra gaja feliz e contente como se, afinal, tivesse conseguido esquecer tudo num piscar de olhos. Olhem para mim. Estou um farrapo. Preferia que continuasse infeliz e miserável a mandar-me mensagens. Não vos consigo explicar.

— Tu só sentes falta da ideia que tens dele. Nem sequer eras feliz com ele. Ainda antes de descobrires que ele te... — E calei-me subitamente. Apetecia-me contar-lhe tudo de uma vez, mas não era o momento certo, não neste

estado vulnerável. Suspirei. — Que ele ia trabalhar nos aviões — corrigi. Ela nem pareceu notar a subtil mudança de entoação na minha voz. — Tu sentes falta da relação e do conforto que era estar com ele, mas não dele enquanto pessoa.

— E ele é como os amigos. Tem um pau e duas bolas, nem cabeça nem coração — disse Luísa, encolhendo os ombros. Dei uma gargalhada porque ela não podia estar mais certa.

Alice ficou em silêncio a olhar para nós.

— Estou errada? — perguntei.

Ela acenou com a cabeça. Bem me parecia que estava certa. A verdade era bem mais simples, mas difícil de assumir, queremos aquilo que não podemos ter. Enquanto o imaginava com saudades dela, repudiava-o. Vê-lo com outra fazia-a agora sentir-se menosprezada. Olhei para Luísa e percebi que tínhamos de lá ir. Não sabia bem para quê, mas tínhamos de fazer isso por Alice.

— E vamos lá e depois acontece o quê? — perguntou Luísa.

— Não sei — disse Alice. Tirou um espelho da mala para olhar para si. — Só quero que ele me veja para perceber que não sou uma das idiotas a quem ele dá duas cantigas. E sim, eu sei que estou a ser idiota e já sei o que é que vão dizer.

— E quando ele vier falar contigo, vais dizer o quê? — perguntei, levantando-me.

— Vou dizer que fico feliz por vê-lo já bem acompanhado, sei lá, uma treta qualquer — respondeu. — Estou bem? Estou no meu melhor?

— Estás sempre no teu melhor — respondi.

Sentia um nó no estômago e tinha o coração a bater a um milhão de quilómetros por hora. E quando Afonso viesse falar comigo? O que lhe iria

dizer? O que iria ele dizer-me? Estaria cá só a passar o feriado ou será que voltara? Continuará a trabalhar em Madrid? A multidão passou-me à frente dos olhos quase sem a ver. Ouviam-se vozes, risos, gritos e a música continuava a tocar, a banda a cantar e o tempo a passar. Porém, num planeta bem diferente deste onde estava agora em que só ouvia o meu coração a bater como tambores nos meus ouvidos. Estava a vê-lo cada vez mais perto, de costas, a conversar com alguém e, subitamente, tudo se parecia mover em câmara lenta. Tive consciência das saudades que tinha dele, agora que o estava a ver. Como se tivesse tido tudo adormecido dentro de mim e agora estivesse a despertar. Tinha a garganta seca e ele virou-se, viu-me e pareceu nem respirar. Os nossos olhos cruzaram-se durante uma fração de segundos, mas pareceu uma hora ou um dia inteiro. Era como se todo este tempo em que não nos vimos nem soubemos nada um do outro não tivesse acontecido. Como se ainda ontem tivesse estado em casa com ele a fumar com o braço pendurado de fora da janela. Quase conseguia ouvir outra vez a sua gargalhada. Mas não foi a visão de Afonso que me congelou por dentro, foi a rapariga sentada ao seu lado na relva com o braço em redor do seu pescoço e a cabeça no seu ombro. Não foi o facto de ele estar com outra pessoa que me partiu ao meio por dentro. Como é que isso nem sequer me ocorrera? Eu também estava com outra pessoa, as nossas vidas continuaram um sem o outro. Mas quando ela lhe disse qualquer coisa ao ouvido, ele desviou o seu olhar do meu e sorriu para ela. Foi este olhar que me quebrou. Um olhar carregado de qualquer coisa especial subliminar que só existia entre eles os dois. E a forma como olhavam um para o outro e conversavam ao ouvido de cada um fez-me pensar em Simão e em todas estas coisas que sabia que não tínhamos. Não estávamos sequer perto disso, nem iríamos estar daqui a mil anos. Eu estava a ouvir uma banda cantar num jardim e ele estava a dormir de ressaca. Vi os amigos dele a olhar para nós, alguns acenaram e continuaram a

fazer o que estavam a fazer como se fôssemos absolutamente irrelevantes. Ventura acenou do chão, onde estava sentado com a rapariga loira, e nem se levantou para falar com Alice. E nós ficámos paradas como palermas naquela situação constrangedora de quem não sabe se deve parar, dizer um olá e beber um cafezinho ou continuar a andar. Voltei a olhar para Afonso, com a cabeça da rapariga encostada ao seu ombro. Ele virou o pescoço, olhou para mim e voltou a olhar para o palco. Não conseguia acreditar que me ia deixar passar por ele e nem sequer se iria dar ao trabalho de se levantar para me dizer olá. Os meus olhos ficaram marejados de lágrimas. Senti o meu coração partir-se novamente em pedaços minúsculos e afiados que se espalharam dentro de mim e se alojaram em todos os meus órgãos, fazendo-me doer cada centímetro do meu corpo. Pelo canto do olho, vi Alice acenar para Ventura e não podia deixar que mais nenhuma de nós fizesse figura de idiota. Ela tinha de passar por cima e continuar a andar, fazê-lo sentir-se irrelevante. Puxei-a por um braço, com Luísa atrás de nós, e andei aos ziguezagues entre as pessoas para o mais longe que conseguia dali. Sentia que estava prestes a explodir em lágrimas ou em gritos ou em pontapés e ninguém me podia ver, ele não me podia ver.

O que não vi foi que, algures a meio da minha fuga aos tropeções, Afonso se levantara e viera atrás de nós. Parei em frente a um bebedouro para tentar acalmar a secura que me queimava a garganta e vi-o. Vi-o parado a alguns metros de nós, vi-o hesitante, vi qualquer coisa nos seus olhos. A mesma coisa que vira na noite em que nos conhecemos. Alice disse-me para falar com ele, mas estava colada ao chão. Deixei que me visse com a cara empapada em lágrimas e os olhos esborratados de preto da máscara de pestanas a descer-me pelas bochechas. Não tinha energia nem para me esconder. Mas ele não veio.

Não sabia como é que a minha mãe me deixara passar o fim de semana fora. Alice já tirara a carta, andava com o carro antigo da mãe e eu ainda continuava a juntar trocos aos fins de semana no bar. Mas estávamos a caminho da Ericeira com os vidros do carro abertos, a ouvir músicas dos anos noventa e a cantar o mais alto que conseguíamos. A tarde estava quente, com o céu azul salpicado de nuvens brancas que pintavam a paisagem de árvores em cima de nós. Era como se estivéssemos num postal antigo de uma qualquer localidade perdida no meio do nada. Percorremos atalhos no meio da estrada apertada na paisagem montanhosa algures para lá de Sintra, gritámos nas curvas como se fôssemos cair para o meio da vegetação e rimos entre soluços porque nos sentíamos donas de nós próprias. Cheirava a eucaliptos, a terra, aos bosques que rodeavam a estrada, aos aromas quentes da primavera a render-se ao verão. Era aquele cheiro tão familiar, o cheiro das aulas que estavam quase no fim, dos gelados que já comíamos na hora de almoço, das tardes sentadas no relvado da faculdade com os nossos amigos, dos braços nus ao sol, das unhas dos pés acabadas de pintar, das azedas que chupávamos no caminho da praia, dos cabelos molhados ao vento, das flores de jasmim nas casas da minha rua, dos finais de tarde mais longos e quentes. Sentia em mim uma urgência de liberdade, de voltar a ser aquela rapariga de corte de cabelo estranho que corria pelas terras atrás da escola a rir sem me preocupar com o que fossem pensar de mim. Lembrava-me de ficar

encostada à parede enquanto olhava para as miúdas das argolas e os rapazes atrás delas, a abraçarem-nas por trás com os rostos encaixados nos seus pescoços ou a afastar as madeixas dos seus cabelos enquanto as agarravam pela cintura. Lembrava-me de desejar um pouco do que elas tinham. Só que agora eu estava aqui, a viver o que elas viviam, a caminho da Ericeira para celebrar o aniversário de Simão. Devia sentir-me agradecida pela insignificante subida na escala social. Mas já não havia esta ânsia de pertencer, esta vontade em mostrar que estava com Simão, só a minha habitual vontade em não fazer má figura.

Quando chegámos à Ericeira, percebi imediatamente que aquilo não era para nós. A casa era enorme, cor de laranja, com um telhado branco que se via ao longe, estupidamente pendurada como estava no cimo de um monte com o mar por trás. Toda a gente estava bêbeda, havia raparigas que nunca vira em biquíni a passear com bebidas azuis na mão, lixo no chão, copos vazios e restos de comida espalhados por todo o lado. Batatas fritas, amendoins, pernas de frango meio roídas, uma taça com aquilo que me parecia ser restos de uma pasta verde que lembrava um guacamole seco que, horas antes, talvez tivesse estado saboroso e uma imundice inexplicável que tornava a sala nojenta, porque ninguém se lembrara de ser civilizado e colocar os seus restos de comida no lixo.

Entrámos devagar, a tentar procurar algum rosto que nos fosse familiar e demos de caras com Marisa, sentada num sofá a pintar as unhas dos pés em pose de estrela de cinema. Ironicamente, e porque nós continuávamos a chamá-la de *Marisa das Argolas*, estava com umas argolas monstruosas em forma de estrela, se é que se podia continuar a chamar aquilo de argolas. Talvez fosse a nova versão dos brincos pendurados que ela gostava de usar porque lhe davam um ar de Norma Jeane que, provavelmente, ela gostava de

manter. Olhei para os seus pulsos cheios de pulseiras com estrelas coloridas e várias tranças de tiras de plástico. Ao seu lado, no sofá, estava uma caixa transparente cheia de fios coloridos com os quais ela estava a fazer estas pulseiras infantis. Reparei em duas raparigas deitadas no sofá a dormir em biquíni. Estavam a usar pulseiras iguais, como se fosse um qualquer ritual estúpido de um grupo do qual eu nunca iria fazer parte. Não sabia por que razão ela continuava a incomodar-me tanto. Como se tivesse de lhe provar qualquer coisa, como se fosse: «Olha para mim, puseste-me droga na bebida mas eu continuo aqui e não me afetaste nada.» Mas a verdade é que afetara. Todavia, ela olhou para nós e houve qualquer coisa na atmosfera da sala que mudou. O seu olhar já não era perverso e glacial como se estivesse à procura da frase mais maldosa para nos dizer. Já não tinha aqueles ares de rainha do gelo a lembrar-me todos os dias que não deixava de ser aquela miúda patética da escola. Era como se ela quisesse dizer qualquer coisa, mas, entretanto, tivesse perdido a vontade. Parou com o pincel do verniz na mão com uma bolinha a formar-se quase a pingar para o chão, acenou com a cabeça e voltou a concentrar-se nas suas unhas.

— O Simão está lá fora no jardim — disse, por fim, quebrando o silêncio, enquanto pintava a unha minúscula do dedo mindinho com todo o cuidado para não deixar restos de verniz na pele.

— Obrigada — respondi. Nada fez para nos reter, não olhou mais para nós, mas qualquer coisa mudara.

Pousámos as nossas malas no chão ao pé da porta que dava para o jardim e saímos lá para fora. Era um jardim grande, bem arranjado, com uma dezena de espreguiçadeiras brancas e almofadas às riscas amarelas e brancas ao redor de uma grande piscina oval. Havia um bar no canto atafalhado de garrafas,

uma grande bacia de gelo transparente e copos meio cheios esquecidos aqui e ali.

Simão estava na piscina a esbracejar com uma bola na mão, gritou por nós, atirou a bola para o outro lado e nadou até à borda.

— Finalmente, chegaram. — Saltou para fora. Atirou com o cabelo com força para trás, correu até nós a pingar, agarrou-me ao colo e rodopiou-me pelo ar.

— Estás a molhar-me toda — repliquei com a cara no seu pescoço, cheirando o seu perfume já tão familiar, mas agora com uma mistura azeda de cloro e cigarros e a tudo aquilo que ele cheirava quando não estava comigo.

— Mas está calor e está na hora de saltarem as duas para a piscina para o pé de nós — aproximou-se de Alice, que juntou os braços para se proteger do seu abraço molhado.

— Podemos pelo menos vestir os biquínis primeiro? — perguntou Alice com uma voz afetada, o que me fez compreender que Zeca deveria estar por ali algures. Vi-o sentado na espreguiçadeira mais próxima com um pequeno livro velho na mão. Sorriu-nos, marcou a página, pousou o livro e levantou-se.

— Chegaram até cá sem nenhum percalço? — perguntou. Aproximou-se de Alice e deu-lhe um abraço tímido. Era sempre tão educado, tão polido, tão o oposto de Marisa. — As tuas nódoas negras já desapareceram quase por completo — observou, olhando para mim. — Estava a gostar de trabalhar com uma lutadora de boxe.

— E nem sabes tu da pancada que ela me dá — interrompeu Simão, dando-me o braço. Arrastou-me para dentro de casa.

Deixei Alice a conversar com Zeca. Por meio segundo, captei Marisa a olhar para nós por cima do ombro quando passámos pela sala. Simão agarrou nas nossas malas e levou-as a arrastar pelo corredor.

— Nos outros dias dormi aqui com o Zeca, mas hoje ele vai para outro sítio qualquer. — Encostou as nossas malas à parede.

O quarto era grande, com uma cama no meio e um tapete que outrora devia ter sido branco, mas agora tinha manchas castanhas em vários pontos. Havia uma janela do chão ao teto que, quando se abria, dava para a lateral do jardim. Estava uma frincha do vidro aberto para arejar e o cortinado branco esvoaçava lá fora como um fantasma à janela. Ouvíamos os outros miúdos a gritar, a conversar, a saltar para a piscina e a rir. Alguém ligara a música e colocara umas colunas à porta da sala para que o som chegasse à piscina. Simão tinha as roupas espalhadas por cima da mala aberta no chão. Na mesa de cabeceira, estava o perfume, a escova de dentes e dois maços de cigarros desfeitos com uma caixa de metal ao lado. Enquanto tirava as coisas de Zeca e apanhava roupa e toalhas aqui e ali, abri ao acaso a caixa. Tinha uma pedra castanha lá dentro e dois comprimidos azuis. Voltei a fechar.

— Porque é que o Zeca dormiu aqui? — perguntei. Só então me apercebera dessa informação pouco normal.

— Porque, pelos vistos, e graças aos santos também, ele e a Marisa acabaram. — Atirou-se para cima da cama, como se arrumar o quarto o tivesse deixado exausto.

— Como assim? — perguntei, curiosa. Sentei-me na cama e cruzei as pernas.

— Não sei. — Colocou os braços atrás da cabeça. — Acredito que deva ser incrível ter certas experiências sob o efeito de estupefacientes, mas talvez depois da ressaca ele tenha começado a ver a merda de miúda que ela é.

— Hum... — Não sabia o que dizer. Também queria isso, ter experiências comigo? Que me soltasse e fosse tudo aquilo que era suposto ser? Também ele estaria à espera que me tornasse numa outra versão qualquer de mim própria?

— Anda cá. — Puxou-me por um braço. — O que interessa é que já cá estás.

Dei uma gargalhada e enterrei a minha cabeça no seu pescoço. Ele continuava a evocar estas sensações intimidantes, era como se todos os dias o voltasse a ver pelos corredores da escola. A verdade aterrou em mim como um projétil caído do espaço. Era isso que queria, era disso que tinha saudades. Dessas emoções, dos pelos dos braços eriçados, das borboletas no estômago, da ansiedade e da paixão avassaladora. Não do que este Simão de hoje significava. E tudo isto aterrou como um baque dentro de mim, vindo não sabia de onde. Nem o ser humano com a maior boa vontade e as melhores intenções do mundo conseguiria reparar o que há de errado noutra pessoa. Eu não era esse ser humano, e não era que houvesse algo de errado com Simão. E, certamente, ele também veria que não fazíamos bem um ao outro. Ele tinha de se conter na minha presença e eu tinha de me tentar libertar na dele. E isto não era saudável para ninguém, era esgotante. Só agora reparara como me sentia esgotada de tudo. Enviei todas estas informações para um canto da minha mente porque não podia lidar com elas naquele fim de semana. Estávamos ambos a tentar mudar para sermos melhores e, até então, querer tinha sido suficiente. Para mim era suficiente. Eu continuava a viver pela esperança de tudo mudar.

Passámos o resto da tarde na piscina com os rapazes a jogar à bola dentro de água, as bebidas a voar de um lado para o outro, os charros a passar entre toda a gente, as raparigas a conversar, a rir ruidosamente e a apanhar sol enquanto punham óleo laranja nas pernas. «Podíamos tentar falar com as outras raparigas», comentei com Alice. Ela encolhera os ombros. Eram as amigas de Marisa ou as miúdas do grupo dela e isso fazia com que, de uma qualquer forma invisível e até infantil, estivéssemos instantaneamente de

parte. Zeca estava quase sempre deitado ao nosso lado. Ouvia-os por vezes a conversar baixinho sem prestar muita atenção ao que estavam a falar. Conseguia observar Alice a sorrir e a enrolar o cabelo com o dedo. Ela gostava dele. Em três segundos, já tinha percebido isso, como é que ele não percebia? Zeca estava a dizer piadas e a rir, falava com toda a descontração e, a dada altura, percebi, por fragmentos de frases que chegavam até mim, que estavam a falar de História. Qualquer coisa sobre Auschwitz, o terceiro Reich, o Holocausto, Kapos e campos de extermínio. Sorri para mim mesma. Alice era obcecada por História e por todos esses assuntos que a mim não me diziam nada. Mas ali estava a conversar com alguém que, pelos vistos, partilhava deste seu gosto peculiar. Observei Zeca e comecei a aperceber-me que esta era a pele que lhe vestia melhor, com o seu livrinho velho nas pernas, a conversar sobre o que estava a ler. Sem as fanfarronices dos amigos, sem os charros a torto e a direito. Ainda não o vira a fumar durante a tarde. Continuei a observá-los, escondida pelos óculos de sol. E cheguei à conclusão de que não estava a gostar disto. Não estava a gostar da forma como a mão dele, ocasionalmente, tocava na dela de forma quase imperceptível. Não gostei do jeito como ela olhava para ele por baixo das pestanas e, enquanto o ouvia falar, mordida o lábio inferior enquanto sorria. Não gostei especialmente do modo com que ele olhava para ela. Não gostei da forma como, quando ela se quis sentar, ele levantou as costas da espreguiçadeira dela. Nem da forma como foi buscar uma bebida com duas palhinhas e a colocou casualmente no chão ao lado deles. Não gostei da forma como estavam a ter uma conversa silenciosa mesmo ali no meio de toda a gente. Seria a única pessoa a vê-la? Vi Alice e Zeca apaixonarem-se aos poucos, provavelmente ainda antes dos dois se aperceberem. E não, não gostei de nada disto porque, enquanto todas estas coisas triviais aconteciam à frente dos meus olhos, apercebi-me que nunca tivera nada disto com Simão.

Quase fraquejei com a tristeza desta percepção, eu não sentia nada disto com Simão. Não pelo Simão de hoje. Só pelo Simão das minhas memórias.

Marisa passara a tarde toda dentro de casa. Não aparecera, não fizera comentários, não fora maldosa, não tentara agarrar a atenção de Zeca. Era como se nem sequer ali estivesse, tal era a forma como passava despercebida. Com o cair da noite, alguns rapazes foram para a cozinha, estavam de volta de uma panela enorme de bolonhesa. Eu e Alice fechámo-nos na casa de banho e tomámos banho à vez com a outra a segurar a porta, que não tinha chave. Estávamos no quarto onde eu e Simão iríamos dormir quando Marisa bateu à porta e entrou.

— Olá. — Ficou encostada à porta a olhar para nós.

— Precisas de alguma coisa? — perguntei secamente. Não sabia o que raio ela queria e estava a ser desagradável de propósito.

— Queria dizer que a tua amiga pode dormir comigo para vocês estarem à vontade. — Sentou-se na beira da cama.

— Hum... — Alice estava a pintar os olhos ao espelho. — *Okay*, obrigada. Já me tinha perguntado se iria ter que dormir no sofá.

— Eles vão estar drogados e provavelmente bêbedos. — Encolheu os ombros como se isso não fosse nada com ela. — Não queiras ficar na sala quando chegarmos da noite.

— Porquê? — perguntei, enquanto tentava alisar o cabelo com a prancha de Alice.

— Porque eu vim ontem para cá e a noite foi, bem, foi demasiado longa.

Ficámos caladas. Não sabia que mais lhe dizer e, de certo modo, também não tinha nada para falar. Continuei a alisar o cabelo ao espelho.

— Olha — ela cortou o silêncio —, quero pedir-te desculpa.

— Desculpa pelo quê? — perguntei. Por esta não estava à espera.

— Tu sabes. — Virou a cara para a janela e ficou a olhar para o jardim. — Pelo que fiz naquela noite.

— Tudo bem. O Zeca já tinha pedido desculpa por ti e também não foi o fim do mundo.

— Eu sei que não tem explicação nem sei justificar por que o fiz. — Era a primeira vez que dizia algo realmente honesto, pelo que parei o que estava a fazer e virei-me para ela. — Não fui simpática para ti nos últimos meses. Aliás, para nenhuma de vocês.

— Ja-sus — disse Alice. — Vamos ter aqui um momento tipo de perdão, abraços e lágrimas? Tu não curtias de nós e nós não curtíamos de ti, pronto. Mas estamos sempre a tempo de mudar isso.

— Obrigada. — Chegou-se ao pé de nós. — Querem que vos maquilhe? Ou que vos penteie?

— Também não precisamos de nenhuma intervenção divina, obrigada — respondeu Alice, o que cortou a tensão e começámos a rir.

Estávamos a jantar massa à bolonhesa demasiado picante e a beber um vinho demasiado azedo. Marisa estava no sofá com mais duas raparigas. A dada altura levantou-se e foi sentar-se ao lado de Alice. Percebi que Zeca as observava, provavelmente curioso com aquela aproximação sinistra. Eu e Simão estávamos sentados à mesa com mais alguns rapazes e estavam todos a conversar sobre carros. Era intragável o facto de continuarem a fumar charros enquanto comiam. Na verdade, sempre o tinham feito. Será que só agora me sentia irritada com tudo o que faziam como se a magia se tivesse desfeito?

— Viste o filme *60 segundos*? — perguntou-me Nando a dada altura.

— Aquele com o Nicolas Cage?

— Esse mesmo — disse Nico. — Então, imagina, eles roubam carros

valiosos e há uns mais importantes do que outros, não é? — Acenei com a cabeça mas não fazia ideia, já pouco ou nada me lembrava do filme. — O mesmo se aplica às raparigas.

— Por favor — interrompeu Simão —, não vais agora dizer-lhe isso.

— Agora quero saber — protestei. — Conta-me, vá.

— Sabes o que é que o Simão disse quando começaram sair? — continuou Nico. — Que tu eras a Eleanor.

— O que é que isso significa? — perguntei. Simão estava a empurrar Nico e a tapar-lhe a boca.

— O Mustang Eleanor é o principal carro do filme, é a perdição do Nicolas Cage — acrescentou Nando. — Nós só dizemos que alguém é a Eleanor se for mesmo sério para caralho.

— A Marisa nunca foi a Eleanor para o Zeca, ele encolhia sempre os ombros quando perguntávamos — sussurrou Nico. — Mas este idiota disse que tu eras a Eleanor logo depois da passagem de ano.

Senti uma pontada no estômago, era sempre isto, a esperança misturada com o saudosismo. Simão estava agarrado a Nico e embrulharam-se no chão numa sucessão de chapadas e pontapés com toda a gente a rir. Simão levantou-se num ápice, veio por trás de mim e puxou-me para o quarto. Começaram todos a assobiar e a gritar piadas porcas.

*

— Chega aqui. — Fechou a porta atrás dele. — Tenho uma coisa para ti.

— És tu que fazes anos, não sou eu. — Fui até à cama e sentei-me.

— Só o facto de tu estares aqui é o melhor presente que me podias dar, acredita. — Simão abriu a grande janela e deixou que os cortinados voassem fantasmagoricamente lá para fora. Era como se as suas emoções estivessem

tão desnorteadas que tivesse de as deixar transbordar por todas as janelas da casa.

— Porque é que não haveria de estar aqui? — perguntei. Ele abriu a mala no chão e procurou alguma coisa lá dentro, enquanto murmurava razões plausíveis, mas também não seria justo dizer que sim, que ele tinha razão, que estar aqui era a última coisa que me apetecia.

— Porque eu sei que isto não é o teu ambiente, também não sou tão estúpido assim — disse. — E significa mesmo muito que faças isto. — Encontrou o que procurava e sentou-se na cama ao meu lado. — Eu sei que às vezes tenho atitudes de merda como no outro dia, desculpa.

— Isso já passou — interrompi-o, mas ele tapou-me a boca com o dedo.

— Eu sei que tu nunca vais compreender o nosso mundo e nem quero que compreendas, a sério, tu és o meu bilhete daqui para fora. Todos os dias tento ser melhor porque não quero continuar a ser assim.

— Tens de ser como tu és. — Apertei-lhe a mão. Já estava vazia de desculpas, para ele e para mim.

— Eu sou melhor quando estou contigo, percebes? Eu não sou isto tudo, estas festinhas, esta merda toda, sei lá. Quero deixar tudo, como o Zeca fez. Ele está limpo há umas semanas, nem charros fuma. Temos falado muito nestes dias que aqui estivemos. — Colocou-me uma caixa na mão. — E também fiz muita merda nestes dias, mas quando chegaste percebi que eras tudo o que me faltava aqui.

Ele abriu a caixa por mim e tirou um fio prateado com um pequeno coração na ponta.

— Este fio era da minha avó. Deu-mo quando vim para Portugal e disse que um dia iria querer dá-lo a alguém.

— Oh, Simão. — Tinha o coração apertado e a voz trémula.

— Nunca o quis dar a ninguém.

— Mas era da tua avó. — Peguei no fio. O coração era pequeno e delicado, maravilhoso. Suspirei e olhei para ele.

— E ela queria que eu encontrasse alguém especial. Já encontrei.

Abracei-o com toda a força que conseguia. Amava-o, só não sabia se tinha força de o conseguir amar até ao fim.

Quando voltámos para a sala, Alice e Zeca estavam lá fora a conversar sentados no baloiço. Marisa e outras raparigas estavam a maquilhar-se no sofá com uma mala cheia de batons, sombras coloridas, vernizes, pós e um sem fim de tralha que as iria tornar ainda mais perfeitas. Os rapazes estavam a fumar e a ver fotografias numa máquina.

— Anda aqui, Isabel — chamou-me Nico. — Anda cá ver o Simão há duas noites.

— Não mostrem isso. — Ele tentou passar à minha frente. — Vocês só estão felizes a envergonhar-me.

— Ela tem de saber todos os teus podres — disse Nando entre risos.

Passaram-me a máquina. Eram fotografias de Simão de olhos revirados deitado no chão, só se via a parte branca dos olhos. Parecia outra pessoa, pensei, mas se calhar era apenas ele mesmo e a outra pessoa era ele para mim. Noutra fotografia, estava com os olhos semicerrados no sofá e um cachimbo laranja preso entre as pernas enquanto uma bola de fumo lhe saía da boca. Na última que vi, antes de desligar a máquina para não ver mais nada, estava dentro de um saco-cama no jardim com um charro do tamanho da minha mão preso nos lábios.

— Uau, que divertido — respondi e passei a máquina a Simão.

— Ele estava com uma moca que nem imaginas — disse Nico, apontando para a fotografia em que ele estava deitado no chão totalmente inanimado. Não conseguia perceber como é que falavam destes feitos com tanto orgulho,

como se fosse suposto eu achar piada a isto. — Dormiu ali no chão. De manhã atirámo-lo para a piscina para acordar.

— Já chega — implorou Simão. — A sério, não lighes, eles estão a exagerar.

Dei um sorriso forçado, encolhi os ombros e fui ter com eles lá fora. Estar com Simão era estar constantemente a acompanhar as suas mudanças de trajetória. Sentia-me exausta como se tivesse passado os últimos meses a correr uma maratona para acompanhar todas as suas mudanças. Ora queria mudar, ora estava inconsciente no chão. Ora jurava que iria terminar o curso, fazer o exame e tornar-se o capitão do raio do seu barco, ora passava os dias na praia a fumar charros com o grupo do costume. Continuava a pensar que isto tudo era um erro. Não um daqueles que, em criança, ao fazer os trabalhos de casa, podia apagar com a borracha, agora não podia apagar nada disto.

— O que se passa, miúda? — perguntou-me Zeca. Chegou-se para o lado para que me sentasse no baloiço com eles.

— Estive a ver as fotografias das outras noites. — Sentei-me ao lado de Alice para que eles ficassem ainda mais perto um do outro.

— Ui — respondeu a rir. — Não viste coisas bonitas, então.

— Não o entendo, a sério. Está sempre a dizer que quer mudar mas, sei lá, volta sempre ao mesmo. — Encostei a cabeça no ombro de Alice. Parecia que me pesava vinte quilos em cima do pescoço.

— O que te vou dizer não é fácil de ouvir, mas nós, os drogados, curados ou não, somos mentirosos. — Alice olhou para ele e franziu a testa. — E eu sei que isto também se pode aplicar a mim, dado que consumo drogas desde os catorze anos, mas, escuta, ele não te está a enganar a ti, está a enganar-se a ele próprio, entendes?

— Como assim? — perguntei. Alice deu-me a mão.

— Um drogado é mais ardiloso do que possas imaginar, o nosso poder de

fingir é demoníaco e eu sei isso porque fui assim. O Simão é das melhores pessoas que conheço, crescemos juntos e é como um irmão para mim. Passava o tempo todo em minha casa e no bar quando veio para cá com a mãe. Sabes como é que o conheci?

Acenei negativamente com a cabeça.

— Nós éramos putos e eu passava as férias a trabalhar no bar. Naquele ano, ele ia para lá todas as manhãs com uma bicicleta ferrugenta que tinha. Não falava com ninguém, comprava uma Coca-Cola e ficava ali encostado ao muro. Um dia, o meu pai chamou-o e perguntou-lhe se me queria ajudar a limpar as mesas e a montar as coisas. O meu pai percebeu que ele parava ali porque não tinha outro sítio para onde ir e quis mantê-lo ocupado. Depois soubemos que morava cá sozinho com a mãe, o irmão tinha ficado em Maputo e a mãe passava os dias no trabalho. Ele passou a trabalhar ali comigo todas as manhãs e, de tarde, íamos para o mar, surfávamos, fumávamos, claro. Tornou-se basicamente parte da minha família. Desde então, passámos a andar sempre juntos. E eu não era da vossa escola, mas eles passaram a frequentar o bar e tornámo-nos neste grupo.

— Olha — interrompi-o —, o que é que aconteceu com a Marisa?

Alice deu-me um beliscão na perna mas alguém tinha de perguntar.

— Não tinha de ser. — Sorriu e olhou de esguelha para ela. Captei esse olhar. Senti-o, na verdade, porque ele queimava ali no meio de nós. — A Marisa é espetacular e eu sei que vocês não viram esse lado porque, enfim, ela não o sabe mostrar. E eu gosto muito dela, mas somos pessoas completamente diferentes. E também queremos coisas diferentes e temos formas distintas de ver a vida.

— Mas podiam tentar chegar a um equilíbrio, não? — Alice estava em modo bola de pingue-pongue. Olhava ora para mim, ora para ele. Conseguia senti-la a ferver por dentro.

— Vou contar-vos uma coisa — disse Zeca. Respirou fundo para ganhar balanço. — A maioria das pessoas não sabe disto e muitos do grupo nem fazem ideia. Mas isto talvez vos faça entender alguns dos comportamentos dela. — Fez uma pausa como se estivesse a tentar encontrar as palavras certas. — A Marisa cresceu num lar de acolhimento. Os pais dela abandonaram-na quando tinha seis ou sete anos. — Não consegui evitar abrir a boca pela surpresa, só me lembrava dela de olhos pintados de preto e argolas nas orelhas a ser a miúda mais popular que se podia ser. — Não era propriamente um bebé que se esquece, não é? Ela lembra-se deles.

— Mas como assim, abandonaram-na? — interrompeu Alice.

— Simplesmente foram-se embora. Deixaram-na com a avó, que morreu um ou dois anos depois, e, não havendo mais ninguém, ela foi para um lar. A avó disse-lhe que os pais foram para Macau, mas ela nunca quis contactá-los.

— Então durante todo aquele tempo na escola, ela vivia num lar? — perguntei. Continuava chocada com isto.

— Vivia num lar para miúdos em Carcavelos até há uns tempos. Teve uns problemas e saiu. Agora tem ficado em casa das amigas.

— Uma espécie de orfanato?

— Sim, basicamente um orfanato. A Marisa é uma miúda carente, entendem? E um pouco revoltada, mas isso é fácil perceber. — Fez um sorriso triste e encostou-se ao baloiço, com os braços atrás da cabeça. — Quando a conheci, ela era aquele tipo de miúda que queria ser desejada por toda a gente. Havia sempre nela uma necessidade de ser aceite e, ao mesmo tempo, de controlar, de ser superior aos outros. Mas, para alguém que cresceu a questionar-se o que é que tinha de errado e porque é que os pais não gostavam dela o suficiente para a terem levado com eles, acho que se tornou em alguém até bastante funcional.

— Foda-se. — Foi só o que consegui dizer.

— Percebem agora porque é que ela às vezes faz coisas estranhas e quer controlar tudo, tornando-se até perversa? É apenas uma defesa dela. Quanto mais maldosa, acreditem, mais insegura está. — Ficámos em silêncio. — O problema dela não era contigo. — Parou o baloiço com os pés e colocou-se de frente para mim. — Ela só não sabe funcionar em situações em que não controla. E o instinto dela é atacar imediatamente para se proteger de ser atacada, rejeitada ou ignorada.

— E porque é que já não estás com ela? — perguntei novamente.

— Porque ela precisa que os outros façam tudo por ela, que lhe deem o mundo e tudo aquilo que os pais lhe tiraram. Mas ela não consegue retribuir. E quer sempre mais e eu não consigo ser essa pessoa. Ela é como um balão de ar cheio sempre na iminência de rebentar e eu não sei viver assim. Nem ela quer estar comigo, ela só não quer estar sozinha. E eu agora não tenho energia para lidar com os problemas dela ou tentar resolver as alhadas em que se mete.

Ficámos os três novamente calados. Conseguia perceber, finalmente, toda a merda que Marisa tinha na cabeça. E, de certa forma, o porquê das suas atitudes. Passou-me pelos olhos a imagem da miúda de chupa-chupa na boca e calças velhas rasgadas, que se tornaram moda graças a ela, a chamar-me nomes na escola. A espezinhar-me porque também ela se sentia espezinhada na sua vida. A fazer-me sofrer porque ela sofria.

— Acredita, aquele filho da mãe era capaz de fazer tudo por ti. — Zeca cortou o silêncio e voltou a falar de Simão. — Mas ele mente a ele próprio. Ele quer deixar tudo e endireitar-se, quer realmente deixar. Mas é difícil neste ambiente porque toda a gente consome. Ele teria de sair daqui novamente.

— Porque é que deixaste de consumir? — perguntou Alice, virando-se para ele.

— Porque o meu pai está a morrer — respondeu num murmúrio quase

inaudível.

— Desculpa — sussurrou. Eu fiquei calada, não sabia o que dizer.

— A única pessoa que sabe disto é o Simão. — Olhou para mim. — Perguntei-te se querias trabalhar no bar exatamente porque o meu pai deixou de lá estar e agora sou eu que vou ficar a gerir tudo.

— O que é que ele tem? — perguntou Alice. Largou a minha mão e vi-a pegar na mão dele.

— Tem um tumor nos pulmões que já alastrou. E eu não queria passar os últimos meses com ele drogado, percebem? Foi como se me tivessem despejado um balde de gelo em cima. — Pelo canto do olho, vi-o entrelaçar os dedos na mão de Alice. — Não podia continuar nesta vida de festinhas e coca, nem queria que o meu pai partisse a ver-me assim.

— Porra. — Estava emocionada com isto tudo.

— Ele construiu aquele bar na praia com as próprias mãos, pedra por pedra. Sempre quis ter uma escola de *surf* e criar um espaço seguro para os miúdos passarem o tempo. Nós crescemos todos ali, passávamos lá as tardes e ele sempre disse que, independentemente do que eu quisesse fazer da vida, aquele bar seria sempre meu. Quero deixá-lo orgulhoso. E sei que não o estava a fazer a chegar ao bar de ressaca todas as manhãs e a ver a desilusão no seu olhar.

— Acho que o teu pai está muito orgulhoso de ti — disse Alice, encostando-se a ele. Dei-lhes espaço para viverem aquilo que estavam a viver e que os estava a aproximar, embora talvez ainda nem se tivessem apercebido.

Levantei-me do baloiço, deixei os chinelos na relva e sentei-me na borda da piscina com os pés dentro de água. Estava a tentar desfazer o desassossego que se enrolava como novelo dentro da minha cabeça. Amava-o? Ou amava a

pessoa que ele representava? Amava-o no presente ou continuava a amá-lo no pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito, a viver eternamente no condicional deste verbo estúpido? A pergunta, imensurável, enorme, pesada, impossível de ignorar, dava-me voltas na cabeça enquanto observava os meus pés dentro de água. Amá-lo era isto. Era ser jovem e espontânea. Era a luz do sol e a lua cheia no céu. Era o verão quente e a primavera em flores de todas as cores. Era deixar-me perder no conforto de estar com ele. Mas ele fazia-me perder a noção de mim própria. Fazia-me estar sempre a arranjar justificações para os seus comportamentos. Estar com ele era ter estes momentos embaraçosos em que tinha de fingir achar piada ao ver fotografias suas drogado. Era viver constantemente sem muitas expectativas. Era ter sempre estas vozes na minha cabeça a consumir-me por dentro e por fora.

Despertei destas divagações com os risos de Zeca e de Alice.

— Tu é que não te lembras de nós, não é, Isabel? — gritou Alice para mim. Tirei os pés da água e deitei-me na relva, virada para eles. — Mas andávamos sempre ali também, lembro-me perfeitamente de ti com uma trancinha no cabelo.

Ele deu uma gargalhada.

— Claro que me lembro, o Simão passava a vida a querer picar a Isabel.

Como que instigado, ele apareceu no jardim. Esticou os braços, apoiando-se na ombreira da porta para se espreguiçar, e deu um salto para o pé de nós.

— Estão todos prontos para sairmos? — Puxou-me pelos braços para me levantar. — A noite espera por nós.

Sentia-me novamente como uma criança, mas não conseguia parar de rir. Estávamos a descer as ruas de vivendas em direção à praia e os rapazes tocavam em todas as campainhas enquanto corríamos rua abaixo. As raparigas protestavam para irmos mais devagar, porque, com as sandálias de

plataformas, não conseguiam correr como nós. Apetecia-me rir delas, calçava os meus velhos ténis brancos, mais do que apropriados para um fim de semana na Ericeira. Atrás de nós, as luzes começaram a acender-se e os donos das casas a gritar, provavelmente ao aperceberem-se de que eram partidas de miúdos bêbedos. Tinha a mala pendurada ao ombro e Simão levava-me às cavalitas, corria e abrandava com os meus gritos. O ar cheirava a mar, areia, a terra molhada, a peixe e a humidade. Os barcos já se viam lá em baixo, parados no porto e, ao longe, viam-se pescadores noturnos na sua pescaria. Percorremos o paredão pintado de azul e branco sobre o mar e descemos até à Praia dos Pescadores. As raparigas sentaram-se no muro para descansar os pés, Alice e eu sentámo-nos com elas. Havia mais gente na praia, uns miúdos estavam a ouvir música de um velho rádio com colunas e haviam feito uma pequena fogueira na areia. Alguns rapazes foram até lá abaixo falar com eles. Sempre achei curioso esta forma tão fácil com que algumas pessoas simplesmente metiam conversa umas com as outras. Rapidamente percebi que provavelmente isto era tudo muito mais fácil quando se perguntava se o pessoal fumava. Porque, de repente, já nos juntáramos ao grupo da areia e vários charros já estavam a ser feitos. Alguns barcos coloridos estavam atracados no paredão como se estivessem abandonados. Quão fácil seria enfiar-me lá dentro e simplesmente desaparecer daqui? Tinha medo de barcos, era verdade, plano de fuga abortado. Alice e eu sentámo-nos na areia, um pouco mais afastados do grupo. Zeca veio ter connosco e sentou-se ao nosso lado a beber uma lata de cerveja que, pelos vistos, os novos amigos da praia tinham. Até que o cheiro chegou até nós, já não aguentava este fumo que parecia que se entranhara em mim e nunca mais iria desaparecer. Não seria mais fácil se, como Marisa, me sentasse e fumasse com eles? Era sempre aquela que pedia para abrir as janelas, que saía do carro, que me afastava, que vinha para a rua, que tossia,

que fazia cara de enjoada. Isto quando eles se limitavam a charros. Feliz ou infelizmente, perdia grande parte das suas viagens até ao outro lado, as festinhas de coca ou comprimidos. E Simão estava longe de entender o esforço colossal que eu fazia para simplesmente fingir que estava tudo bem para mim, porque não estava. E quem é que eu queria enganar? Tudo isto era demasiado. Já não era aquela excitação de estar de binóculos na janela de Marina a ver o que eles faziam, era mais o desgosto de estar presente.

— Eles vão dar ao Simão um presente meio estúpido — disse-me Zeca, amolgando a lata depois de beber a cerveja. — Estou a dizer-te para não seres apanhada de surpresa. Mas não lighes, já sabes como eles são.

— O que é?

— Uma espécie de cachimbo para fumar *crack*.

— Porquê? — Estava atónita com isto.

— Porque eles são mesmo assim, o que é que queres?

— Uau — disse a Alice. — Que presente tão fixe.

Nisto, Nico pôs-se de pé na areia e gritou para se fazer silêncio.

— O pessoal tem uma coisa para ti — disse a Simão, enquanto os outros o empurravam na areia com gritos palermas. — Pensámos em algo que fosse útil e divertido, claro.

— É um fato de banho para ele me devolver os meus calções que tem desde o ano passado — gritou Paulo.

— É uma trela — disse Nando. Uivou como se imitasse um cão. — Porque ele agora tem dona.

— Epá, que piada, quanto tempo demorou para te lembrares dela? — zombou Simão. Olhou para mim e piscou-me o olho. Respondi com um sorriso forçado porque já me habituara a ele.

— É uma garrafa de Tequila para ele partilhar — ripostou outro rapaz do

grupo deles. — Já que bebeu a que tínhamos ontem à noite antes de apagar.

— Pessoal, pessoal — berrou Nico —, então? Não o vamos deixar mais tempo à espera. Até porque queremos começar a noite.

Nico tirou uma caixa de dentro de uma mochila e deu-lhe um pequeno cachimbo transparente que parecia vidro com uma boca redonda. Nando juntou ao presente um saquinho com umas pedras, que lhe entregou entre exclamações, abraços e «parabéns, puto, és o maior».

Simão estava eufórico, ria em gargalhadas, dava abraços a todos, palmadas nas costas, a felicidade em pessoa.

— Vamos divertir-nos já hoje — disse enquanto se aproximava de nós que continuávamos sentados na areia. — Estás chateada? — perguntou-me.

— Não, porque haveria de estar?

— Deram-me aquilo, olha, só vou usar hoje, prometo.

Não respondi porque não sabia o que dizer. Era mais uma das suas promessas vazias quando ainda há uma hora dizia que não queria mais.

— Importas-te que fume hoje? — perguntou. — Só um bocado porque também quero estar contigo e não quero ficar todo retardado.

— Quero que te divirtas. — Foi o melhor que consegui dizer.

Deu-me um beijo no canto da boca e um toque no ombro de Zeca e foi ter com os outros.

— Isabel, deixa-o curtir a noite — comentou Zeca. — Não vale a pena estares a chatear-te hoje.

Não valia a pena estar a chatear-me nunca mais, pensei para mim. Conjugação do verbo no futuro.

Uma das raparigas pediu para aumentar a música e elas levantaram-se e começaram a dançar na areia. Marisa estava de olhos fechados, braços levantados e balançava ao som das batidas com a cabeça caída para trás, os

cabelos a bater-lhe nas costas. Parecia que toda a gente se conhecia desde sempre e este parecia-me ser o lado colorido das drogas e do álcool, a facilidade com que se cria a intimidade e o amor. Uma das amigas de Marisa estava deitada na areia com um dos rapazes da fogueira e beijavam-se. Simão estava dar uso ao seu novo brinquedo. Tentei lembrar-me do que me dissera sobre gostar de *crack*. Quais seriam os seus efeitos? O que é que ele estaria a sentir neste exato momento? Mas não me lembrava de nada. Alice e Zeca estavam embrenhados numa conversa os dois e também não os queria interromper. Estava no meio de toda esta gente e, ainda assim, sentia-me profundamente sozinha. Porque não estava a dançar como as raparigas? Porque não me soltava? Porque não me integrava? Porque estava sóbria. E estar sóbria tinha tanto de bom como de mau quando estamos em grupo.

— Estás bem? — perguntou-me Alice. Colocou um braço ao redor dos meus ombros. — Podemos ir embora, se quiseres. Não temos de ficar.

— Deixa lá, está tudo bem. — Observei Simão a dançar no meio da praia ao som de uma batida qualquer estúpida. As raparigas davam gritos, alguns rapazes juntaram-se, pareciam dançar cada um no seu próprio ritmo, sem nenhuma coordenação. — Qual é o efeito do *crack*? — perguntei a Zeca.

— Hum... — Hesitou. — É uma espécie de estimulante que dá uma sensação imediata de euforia.

— Gostavas? — perguntou Alice.

— Não vou dizer que não, é uma droga barata, potente e de ação rápida. Ficamos cheios de energia durante algum tempo, tudo fica altamente estimulado no nosso corpo, temos aquela sensação de tudo ser fantástico, somos importantes, os melhores do mundo, é como um estouro de felicidade.

— Tens vontade de fumar quando os vês? — Enrolei os braços ao redor dos joelhos.

— Honestamente não. O *crack* é perigoso e o Simão sabe disso. É

altamente viciante e, quando os efeitos passam, sentes-te uma merda e queres fumar mais e mais. Os comprimidos ajudam nessas alturas para prolongar as sensações e evitar uma ressaca antecipada. Amanhã vocês vão rir-se quando eles estiverem em modo vegetal.

Rir era a última coisa que me apetecia. Levantei-me da areia e fui ter com Simão mas ele estava noutra planeta. Riu-se para mim e tentou abraçar-me, mas era como tentar falar com um boneco. «És linda», disse. «Amo-te, amas-me?», perguntou. Eu disse que sim e tentei soltar-me do seu abraço apertado. Algumas raparigas começaram a despir-se e a ficar em biquínis. Decidiram que todos deviam dar um mergulho noturno no mar. Pedi a Simão para não ir, mas ele já estava a tirar a *T-shirt* como se a minha voz se ouvisse a um quilómetro de distância. «Anda», disse ele. «Vamos nadar juntos». E eu puxei-o para ficar na areia mas ele puxou-me para ir com ele. Era como se fosse invisível no meio daquela viagem alucinada, como se tentasse falar, mas a minha voz não saísse. Já estavam todos no mar escuro como breu. Fiquei à beira da água a tentar não perder Simão de vista. Merda! Estava de novo com esta obrigação de ter de ser mãe dele. Porque tinha eu de me preocupar quando ele próprio não o fazia?

— Conhecias aquele miúdo que morreu quando éramos mais novos? — perguntei a Zeca, que, entretanto, também se aproximara com Alice.

— Mais ou menos. Ele costumava parar na praia connosco.

— Não tiveram um acidente porque estavam drogados?

— Epá...

— A sério — interrompi —, sabes o que é? É esta sensação de ter de estar sempre a controlar tudo para não haver outro acidente. E estou farta! — gritei. — Estou farta de ser mãe dele, de me preocupar, de estar sempre com medo que aconteça qualquer coisa.

— Eu sei. Quando estás em altas, como eles estão agora, sentes-te invencível. Viajas rapidamente para outro planeta.

— E isso não é a coisa mais estúpida de sempre? Parece que já não se lembram do que aconteceu. Porque eu lembro-me sempre que ele vai sair à noite. Estou constantemente em pavor de receber uma mensagem a dizer que aconteceu outro acidente. E viver assim é exaustivo.

Carregava todo este peso em cima dos ombros há meses e não aguentava mais. Alice enrolou o seu braço no meu e ficámos os três em silêncio como vigilantes daquela noite estúpida. A única coisa que se ouvia era o rádio lá ao fundo na areia e os gritos deles no mar. Passado uns momentos, começaram a sair da água. As raparigas correram para a areia a tremer de frio entre risos excitados. Simão saiu da água a atirar com o cabelo para trás. Tirou os boxers molhados e vestiu as calças secas por cima da pele nua. Abraçou-me por trás, gelado, e beijou-me o pescoço, mas não senti nada a não ser um arrepio de frio. Ele afastou-se quando Nando o chamou e vi-os a tomar qualquer coisa. Lembrei-me dos comprimidos que vira na sua caixa, estaria a prolongar a sensação de euforia, portanto. Perguntava-me muitas vezes quando iria ele compreender que as pessoas normais não faziam este tipo de coisas. Mas, eventualmente, eu é que estava errada. Não sei quanto tempo passou, talvez uns dez minutos, até reparar que Marisa não estava no meio das outras raparigas. Não me lembrava de a ver a sair da água.

— Onde está a Marisa? — perguntei a Simão, abanando-o no meio da sua dança descoordenada.

— Sei lá — disse, entre risos. Agarrou o rosto para me beijar. — Deve estar por aí.

— Não a vejo.

— Deve ter feito um amigo e está enrolada aí na areia.

Circulei pela areia e continuei sem a ver. A fogueira estava quase extinta e havia pouca luz na praia. Era difícil ver com clareza porque só o paredão se encontrava iluminado com grandes focos amarelos e, ao longo do areal, ia-se tornando cada vez mais escuro. No mar, a visibilidade já era quase nula.

— A Marisa não está aqui — rugi sem fôlego quando corri para a beira de Zeca e de Alice.

— Como assim? — Zeca levantou-se de um salto.

— Não me lembro de a ver a sair da água — disse Alice, calçando os seus ténis em três segundos.

— As miúdas estão ali — apontei para as amigas dela em círculo a dançar —, mas ela não está. Terá ficado na água?

Aproximámo-nos da beira do mar para tentar ver alguma coisa. Não se via qualquer movimento a não ser o banal ribombar das ondas. Comecei a tremer, sentia dificuldade em respirar e estava a entrar em pânico. Andámos ao longo da linha da água a chamar por ela. Os outros continuavam alheios às nossas vozes, como se não se estivesse a passar nada. Ninguém reparara que ela não estava ali, cada um concentrado na sua pedrada. Nem as próprias amigas, que riam e dançavam em biquíni com os rapazes, distantes do que as rodeava, na sua própria viagem. Zeca gritou lá do fundo, Alice e eu corremos para o local escuro de onde vinha a sua voz. Marisa estava caída na areia a uns cem metros do grupo. Tinha os cabelos na cara e tremia. Pelo menos estava viva, pensei. Via-a contorcer-se em espasmos e, quando Zeca a virou, tinha espuma branca a sair-lhe da boca.

— Afogou-se? — perguntei, quando Zeca a voltou a colocar de lado, provavelmente para não se sufocar.

— Está a ter uma *overdose*. Liguem para o 112.

Não me lembrava de me ter mexido, mas devia tê-lo feito porque estava a

correr para o local onde estava a minha mala caída na areia para procurar o meu telefone. Parecia que me movia em câmara lenta, como um zombie diante de todos a dançar e a rir. Os acontecimentos seguintes processaram-se a uma velocidade alucinante. As ambulâncias demoraram dez minutos a chegar e, no meio da confusão, alguns rapazes foram embora porque não podiam ser apanhados com a droga que tinham com eles. Toda a gente estava bêbeda ou drogada ou as duas coisas, ninguém se comportava de forma coerente. Algumas das amigas dela gritavam histéricas na areia. Simão andava de um lado para o outro num estado de delírio, nem conseguia perceber o que dizia. Era um cenário de inferno que nem Dante imaginara. Começámos a ouvir as sirenes ao longe. E juntamente com duas ambulâncias, vimos a polícia lá em cima.

— Tenho de me ir embora. — Simão agarrou-me. — Vamos sair daqui.

— A tua amiga pode morrer — gritei, empurrando-o para que me largasse.
— Queres perder mais uma amiga?

— A culpa é minha — respondeu, curvando-se sobre si próprio, como se tentasse abraçar o próprio corpo.

— Como assim é tua?

— Fui eu que lhe dei os comprimidos. Ela pediu-me alguns quando chegámos à praia. Disse que precisava de viajar esta noite.

Vi Simão com a mochila de Nico na mão, a mochila onde estavam os cachimbos, os sacos de *crack*, de comprimidos e tudo o resto que não conhecia nem fazia ideia.

— Vai embora! — berrei, agarrando-lhe a cara. — Vem aí a polícia! Pega nas tuas merdas e sai daqui.

Os paramédicos chegaram e, como que em piloto automático, colocaram-na numa maca, entubaram-na e não consegui olhar mais. Fizeram questões

intermináveis sobre o que ela tomara. Queria dizer qualquer coisa, mas era como se a minha cabeça tivesse ficado vazia ou o meu cérebro tivesse deixado de comunicar com a boca. Zeca tomou as rédeas da situação, respondeu a tudo, ocultou a presença dos que se foram embora e disse que não éramos daqui, estávamos apenas a passar o fim de semana e descemos até à praia, alguns do grupo ficaram em casa e não sabíamos que tinha comprimidos com ela. As amigas dela ficaram com a polícia juntamente com os outros rapazes que continuaram na praia. A ambulância levou-a e nós os três fomos na outra para o hospital, uma vez que éramos os únicos sóbrios e com alguma consciência do que acontecera. E então fora como se as horas tivessem deixado de passar. Ficámos um tempo infindável na sala de espera das urgências sem ter qualquer informação de como ela estava. A dada altura, e com o passar da noite, a sala ficara vazia. Só restávamos nós e a luz amarela que explodia das lâmpadas no teto. Volta e meia, os funcionários entravam e saíam, iam à máquina do café do corredor e voltavam a desaparecer pelas portas brancas. Um empregado da limpeza entrou uma vez na sala, passou uma esfregona por toda a sala, deixando um círculo à nossa volta, colocou uma tabuleta a dizer *chão molhado* e voltou à sua vida e aos seus afazeres noutras salas de espera de outros pisos do hospital. Zeca foi a uma das máquinas de comida que vira no corredor e trouxe três croissants mistos embalados e três pacotes de leite. Tentei comer, mas a minha língua parecia que estava inchada. Por mais voltas que desse, era como se nada descesse. Fiz um esforço por comer, estávamos há horas à espera, desidratados, famintos e exaustos. Depois de tirar todos os vestígios de queijo e de mastigar em seco, bebi o leite de uma só vez e engoli metade do croissant à força. Fiquei a olhar para o pacote vazio na minha mão, esmaguei-o com força e atirei-o para o caixote do lixo, falhou e caiu no chão. Levantei-me a custo, arrastei-me, peguei no pacote e deixei-o cair dentro do saco do lixo. Eu

nem sequer gostava de leite, não bebia um copo desde os meus sete ou oito anos. Sentei-me ao lado de Alice, que fitava o vazio com as mãos cruzadas na nuca. Ouvíamos a música que estava a tocar no rádio que uma enfermeira ligara entretanto na sala do lado. Que adequado, pensei. Estava a tocar uma coisa nova que tinha passado na rádio: «muda de vida se tu não vives satisfeito, muda de vida, estás sempre a tempo de mudar». Parecia que alguém escrevera uma música a pensar em mim.

— Mas porque é que ela fez isto? — perguntei, exausta, encostando-me e batendo com a cabeça no vidro da janela atrás de mim.

— Ela sempre gostou de pastilhas, anfetaminas e assim — disse Zeca. — Não deve ter medido bem a dose, não sei. Isto não é muito a onda dela. Foi sempre muito controlada com tudo ao seu redor.

— E o que é que vocês tinham em casa?

— Honestamente, nem prestei muita atenção. Sei que eram psicoestimulantes para curtirem este fim de semana.

— E tomar comprimidos é suficiente para uma pessoa ter uma *overdose*? — perguntou Alice. Espreguiçou-se e tocou deliberadamente com um braço nos ombros de Zeca.

— Ela teria de ter tomado uma dose quase suicida. — Ficou em silêncio a olhar para o tecto. — Não, deve ter misturado com álcool e qualquer outra coisa.

Um médico entrou, por fim, na sala, olhou em volta como se também ele estivesse surpreso por ver três almas encostadas à janela. O sol já estava quase a raiar lá fora e o céu atingira aquele tom arroxado do nascer de um novo dia. Só nós ainda nos encontrávamos presos ao dia anterior.

— São os acompanhantes? — perguntou, olhando para nós de braços caídos ao lado do corpo.

— Somos, sim — disse Zeca, saltando da cadeira. Levantámo-nos atrás dele.

— Ela já está estável, ainda sedada, mas podem entrar e vê-la. Talvez seja bom ver uma cara conhecida quando acordar.

— O que lhe aconteceu, doutor? — perguntei e acelerei o passo para andar ao seu lado no corredor.

— Como não havia informações da mistura de anfetaminas que foi feita, tivemos de usar carvão ativado para travar a sua absorção, controlar os sintomas de intoxicação e fazer uma lavagem gástrica e intestinal — explicou, parando à porta de um quarto. Colocou a mão no puxador, respirou fundo e olhou para nós. — Seria importante perceber se o que lhe aconteceu foi uma mistura acidental pelo consumo habitual de drogas ou uma tentativa de colocar fim à vida, tomando uma dose excessiva de drogas e álcool.

Olhámos uns para os outros, esta parte da equação fora algo que nem sequer nos passara pela cabeça nas últimas horas. Para mim, ela estava apenas a ser estúpida como sempre, sem medir as consequências dos seus gestos egoístas.

— Amanhã será avaliada pela psiquiatria — continuou —, mas por enquanto está estável, deve estar a acordar e podem ficar um pouco com ela.

*

Entrámos silenciosamente no quarto. Marisa era um borrão de cabelos escuros espalhados pela almofada. Estava deitada de barriga para cima com o rosto virado para a janela. Não conseguimos perceber se estava a dormir ou apenas a ignorar-nos, que não seria nada de novo. Zeca aproximou-se, sentou-se na cadeira ao lado da cama e pegou-lhe numa das mãos.

— Não é estranho ele estar a dar-lhe a mão? — sussurrei para Alice, que

continuava, como eu, encostada à porta do quarto. Talvez para tentarmos manter alguma distância.

— Ele beijou-me na praia — respondeu ao meu ouvido. Abri os olhos para ela porque não íamos falar sobre isso ali.

Sentámo-nos no sofá que havia de frente para a cama. Pela primeira vez nas últimas horas, senti-me finalmente a descontrair. Parecia que tivera os músculos de tal forma retraídos que, agora, me sentia como se tivesse corrido uma maratona. Estiquei as pernas e comecei a mover o pescoço em círculos para a esquerda e para a direita para tentar aliviar a tensão das últimas horas. Alice tinha os cotovelos apoiados nos joelhos e parecia estar a ter uma conversa muda com Zeca, que olhava para ela e sorria. Marisa mexeu-se, levantámo-nos do sofá e aproximámo-nos da cama. Vimo-la lentamente a abrir os olhos e a mirar o espaço à sua volta.

— O que aconteceu? — perguntou com a voz rouca.

— Fizeste umas misturas lixadas — disse Zeca e apertou-lhe a mão. — Como te sentes?

— Estranha...

Ninguém respondeu, ficámos em silêncio a olhar para ela. Quão confuso devia estar a ser ver-nos de olhos postos nela à espera de que nos dissesse qualquer coisa que provavelmente ela não sabia como dizer. À medida que o silêncio fluiu, os acontecimentos das últimas horas começaram a vir à sua memória.

— Senti-me mal na água — voltou a falar. — Pensei que ia morrer. O meu coração começou a bater, via tudo turvo e desfocado, queria gritar, mas não conseguia falar, tinha a cabeça a zumbir e parecia que a água me puxava cada vez mais para o fundo.

— Nós encontrámos-te na areia. Lembras-te? — perguntei.

— Só me lembro de estar a dançar e de termos ido todos juntos para o mar.

— O que é que tomaste? — perguntou Zeca.

— Não sei. Pedi ao Nico para trazer qualquer coisa que me animasse e, quando o Simão mos deu, tomei uns quantos. Queria que batesse rápido.

— Porquê? — perguntei.

— Porque sim. — Virou a cara para o outro lado. Fiz sinal a Alice para sairmos do quarto para ela falar com ele. — Podem ficar — acrescentou quando nos viu afastar da cama. Olhou para Zeca. — Tu ias cá estar e já percebi que gostas dela. — Conseguia senti-la a convocar toda a sua coragem. — Sei que as tratei mal e lamento imenso. Quem me dera... enfim, quem me dera poder voltar atrás e corrigir isso. Corrigir a forma como estraguei a nossa relação, corrigir esta noite. Só queria desligar de tudo e não correu bem.

— Epá, foda-se, Mar. — Zeca apertou as suas mãos nas dele. — Tu vais fazer tantas coisas incríveis na vida e és extraordinária e alguém vai amar-te exatamente da forma que tu queres e precisas. Já falámos sobre isso. Nós os dois magoamo-nos um ao outro, nem sequer funcionamos e tu sabes disso. Mas eu não vou sair da tua vida. — Respirou fundo. — Não estarmos juntos não significa que não gosto de ti ou que não vou estar aqui para ti sempre que precisares. Somos amigos, então?

— Eu sei. — Ela sufocou um soluço. — Obrigada por me terem ajudado.

Alice puxou-me para o lado para os deixar aos dois a conversar. Provavelmente tinham coisas a dizer um ao outro, ou talvez não. Mas aquele momento era para eles. Sentámo-nos no sofá e encostámo-nos uma à outra. Senti que fechara os olhos, por um minuto ou uma hora, não sei.

O médico entrou de rompante, viu Marisa acordada, olhou para a máquina a que ela estava ligada e escreveu qualquer coisa na prancheta pendurada na cama.

— Pronto — pousou a prancheta —, os amigos já a viram e agora também

têm de ir descansar porque estão aqui há horas.

— Quando é que ela pode ir para casa? — perguntou Zeca.

— Tem de ficar em observação durante 24 horas. Na segunda-feira, se tudo estiver bem, tem alta de manhã.

Quando já íamos a sair, Marisa chamou-me. Virei-me para trás e aproximei-me da cama.

— O Zeca disse-me que foste tu que deste pela minha falta — disse enquanto massajava um dos pulsos, tocando na dezena de pulseiras que tinha.

— Não és propriamente uma pessoa que passa despercebida. — Sorri.

— A sério — olhou para mim. —, não fiz outra coisa se não tratar-te mal nos últimos meses. Mas és tu que me ajudas porque todos os meus amigos estão demasiado drogados para reparar que me está a acontecer qualquer coisa e não saí da água com eles.

Fiquei calada.

— Obrigada — sussurrou. — Sei que nunca vamos ser amigas, mas... enfim, obrigada.

Tirou uma das suas pulseiras coloridas do pulso, olhou para mim e entregou-ma. Apertei a mão dela, sorri e saí do quarto.

Enquanto íamos no táxi para casa, tirei a pulseira do bolso e coloquei-a no pulso. Levantei o braço e fiquei a observá-la em silêncio.

— Afinal, já fazes parte do grupo das populares das pulseirinhas — troçou Alice. Dei uma gargalhada baixa, podíamos estar cercados de *zombies* no meio do apocalipse que ela iria sempre ver o lado positivo. Era por isso que gostava tanto dela.

*

Quando entrámos em casa já passava das sete da manhã. A tarde na

piscina, o jantar, as fotografias de Simão, tudo isso parecia que já se passara há dias. Toda a gente estava a dormir. Reparei na mesa da sala cheia de porcarias, depois de terem vindo para casa fumaram e tomaram mais drogas. Achei hilariante que, depois de tudo, tivessem simplesmente vindo para casa continuar a sua festinha. Não havia ninguém acordado ou preocupado em saber se ela estava bem, se estava viva. Cresceu-me no peito uma raiva que nem sabia explicar, uma fúria minha e não minha que me preenchia e me começava a latejar na cabeça. Entrei de rompante no quarto onde Simão estava a dormir. Desejei que esta raiva se alastrasse e me desse força para o atirar para fora da minha vida. Queria ser capaz de fazer em pedaços todo este dia, estes últimos meses. Mas ele estava simplesmente caído no meio da cama ainda vestido com a roupa que tinha. Apagado, desmaiado, sem sequer ter tido capacidade de se despir, descalçar e deitar debaixo dos lençóis. Chamei-o várias vezes, abanei-lhe o ombro. Encostei-me à parede ao lado da cama e deixei-me deslizar para o chão. Fiquei a vê-lo dormir com a boca ligeiramente aberta e os cabelos espalhados pelo seu rosto. Continuava a ser ele, mas já não era ele. Já não era o Simão por quem me apaixonara em miúda. Ou se calhar até era e eu apenas vivera os últimos meses apaixonada pela imagem que criara dele na minha cabeça. Fui buscar o meu caderno à mala e arranquei uma folha. Decidi escrever-lhe uma última carta, o que me pareceu, de certa forma, poético. Já não era de amor, mas de despedida.

Simão,

Escrevo-te para me despedir. Acho que não preciso de repetir o quanto gosto de ti. O quanto encheste a minha infância de magia e a minha vida de luz. És tudo aquilo que sempre quis e muito mais. E as memórias ficam coladas à nossa alma. Demoram-se em nós até morrermos. Mas temos toda uma vida à nossa frente e nunca vamos ser felizes se nos continuarmos a esforçar para sermos algo que não somos. Eu não

consigo lidar com isto. Tentei, juro que tentei. E também te vi a tentar. Mas tens de encontrar o teu caminho e descobrir em ti a força de que precisas para seres o capitão da tua vida. E eu não sou essa força. Isso tem de vir de ti. Fizeste-me viver o amor de uma vida. E espero ter-te dado um pouco de tudo aquilo que me deste a mim. Mas não basta só amor. Não consigo viver todos os dias a pensar quando é que te vai acontecer a ti o que aconteceu esta noite à Marisa. Não consigo mais viver com este medo de um dia haver um outro acidente qualquer e, dessa vez, seres tu...

Amo-te, amo-te, amo-te. Podia escrever mil vezes isto, mas o amor não é quantificável em palavras num papel. Amo-te mas não consigo mais estar contigo. Estás colado no meu coração e sei que irei procurar-te o resto da vida. Mas preciso de paz para viver. Mesmo que isso signifique ser tranquilamente infeliz.

*Adeus,
Isabel*

Dobrei a folha e pousei-a em cima da mala dele, que continuava caída no chão. Olhei à minha volta, reuni as minhas coisas e coloquei-as à porta, fui buscar o casaco ao armário e dobrei-o por cima da minha mala. Continuava penosamente a fazer das tripas coração, agora para me ir embora. Para deixar tudo aquilo que sempre desejara, para abdicar deste amor que me moldara de formas inexplicáveis. Sabia que era melhor lembrar-me dele como o amor de uma vida do que o amor que desgraça uma vida. Parei à porta, tirei o fio da sua avó do pescoço. Torci-o nas minhas mãos, cheirei-o para tentar guardar algum resto de memória em mim. Olhei para ele tranquilamente a dormir na cama. Por momentos esqueci-me de como se respirava. Nunca mais o iria ver a dormir, o resto dos meus dias a partir daqui iriam estar cheios de nunca mais... Deixei o fio em cima da carta e fechei a porta do quarto.

— Vamos embora? — perguntei a Alice, que estava com Zeca sentada no

baloiço do jardim a comer uma torrada. — Não aguento mais estar aqui.

— E o Simão?

— Acabou.

— Falaram?

— Ele está desmaiado em cima da cama. — Dei uma trinca numa das torradas do prato que ela tinha em cima das pernas. — Escrevi-lhe uma carta.

— Dão-me boleia? — perguntou Zeca. — O meu fim de semana aqui também já acabou.

— E a Marisa? — questionou Alice.

— Vou mandar mensagem a uma das amigas dela a dizer o hospital em que ela está.

Eles pegaram nas malas, arrumámos tudo dentro do carro e fomos embora. Deixei Zeca ir à frente com ela e atirei-me para o banco de trás. Fechei os olhos e só acordei quando chegámos a casa da minha mãe.

PARTE IV

Verão

2005

And I wish I was special

You're so fucking special

RADIOHEAD

1

Saí do aeroporto sob um calor abrasador que me queimava até as orelhas. Parecia-me ainda surreal estar a desembarcar em Madrid no início do verão, tendo deixado uma Lisboa fresca, amena e azul para me instalar numa cidade estranha, mas deslumbrante, com um calor tão denso e seco mas cheia de vida, contrastes, cheiros, cores, não do azul do mar mas do verde dos parques e das árvores. Uma cidade de sons que me pareciam familiares, onde o espanhol se misturava com o português, rodeada de pessoas a transitar por todo o lado, com as malas feitas atrás de si, cheias de autocolantes de mil destinos.

Inscreeva-me na Universidade para um curso de férias de intercâmbio, fizera os exames, passara a todas as cadeiras e preparara-me para um verão de ócio em Carcavelos. Mas, então, ganhara uma das bolsas e calhara-me Madrid, *touché*. Alice deitara-me um longo olhar silencioso. «Não creio que haja qualquer problema», respondi-lhe. «Vimo-lo em Lisboa, pelos vistos já voltou, não é?» A minha mãe não achara grande piada a esta bolsa para passar dois meses em Madrid, o meu pai concordara que era uma experiência imperdível. Nem esperava outra coisa dele, rira-me com o seu entusiasmo, mesmo com a minha mãe de braços cruzados a dizer que não era ele que iria passar dois meses com o coração nas mãos. «Deixa-a voar», respondera o meu pai.

A despedida da minha mãe fora rápida, dramática e, por mais que lhe

disse que iria estar mesmo ali ao lado, como se estivesse na casa do meu pai, ela enchera-se de sentimentalismos e lágrimas. Deu-me um cartão multibanco, «Não quero que passes fome», alertara, «Gasta o dinheiro que for preciso», e, por fim, lá me deixou no aeroporto, ficando-me a ver a trotar pelo átrio com a minha mochila às costas. Ia passar dois meses a fazer um curso no Camões, o Centro de Língua Portuguesa em Madrid, praticar o espanhol e conhecer a cidade. A bolsa pagara a deslocação, a estadia e hospedara-me no Hostal Cibeles, mesmo no centro da cidade e a dois minutos a pé do bairro da Chueca, uma das zonas mais jovens, garantiram-me, como se precisasse de que me convencessem, cheias de lojas, restaurantes e bares.

Foi no centro que conheci Lolla, que andava a tirar um curso de Português e com quem me colocaram a trabalhar para praticarmos as duas. Lolla tinha de me ensinar o espanhol e eu de ajudá-la a falar em português. Estava a estudar Psicologia na Universidad Complutense de Madrid e, no ano seguinte, iria fazer um estágio em Lisboa, daí a sua necessidade em aprender a nossa língua.

Rapidamente me encantei por Lolla, pelo seu espírito sociável, pela simpatia fácil e os lábios sempre pintados de vermelho. Tinha vinte anos, pele morena e uns cabelos castanhos pela altura das orelhas. Usava sempre calções curtos com as suas pernas tatuadas a serpentear, andava pelas ruas com um passo decidido e tinha uma atitude explosiva, falando e rindo alto e muito. Mas a comunicação rapidamente deixou de apresentar qualquer problema para nós. Falávamos em *portunhol*, um português com espanhol, e onde não chegávamos com as palavras exatas, chegávamos por gestos e gargalhadas.

Cedo percebi que os espanhóis não percebiam patavina de português. Por qualquer coisa que dissesse, recebia de resposta contínuos *oi?* que me obrigavam a exprimir com um sotaque apalermado e musical que não era

nem espanhol nem português. Mas também cedo aprendi a movimentar-me por esta cidade sem o mar a que tanto estava habituada, mas com uma vegetação intensa de árvores espalhadas por quase todas as ruas. Descobri as ruelas, as avenidas gigantes, os mercados, as praças, os parques com grandes lagos e barquinhos, os artistas de rua a tocar e a fazer malabarismos, o aroma do tabaco, dos churros com chocolate, da *paella*, das tapas que nunca me saciavam. As esplanadas da cidade receberam-me de braços abertos com os seus pequenos jatos de água que refrescavam nas horas mais quentes do dia. Os turistas, como eu, apetrechados com os seus óculos de sol e chapéus de abas largas tomavam de assalto os botecos e pediam as suas cañas, as cervejas, sentando-se nas esplanadas de pernas cruzadas e leques a abanar de forma indolente no calor sufocante. Era por eles que passava nos meus passeios com Lolla, unida àquela massa de seres a viver sem tempo numa cidade que não era sua. Foi com Lolla que me dediquei de corpo e alma à esgotante tarefa de correr pela cidade, dançar, assistir a espetáculos no Teatro Galileo e beber na La Latina debaixo dos chapéus ao sol. Nem sempre *cañas* porque não gostava de cerveja, mas muitas limonadas e sangrias. Mas foi vagueando sozinha que conheci uma outra Madrid, uma pela qual me apaixonei ainda mais. Uma Madrid para lá do parque del Retiro, do Museu do Prado, da Plaza Mayor, da feira do Rastro, da Plaza del Sol e do Templo de Debod, os sítios obrigatórios dos turistas.

Um dia, descobri a Calle de Madrid, dentro da própria cidade de Madrid. Tão estreita e pequena que me interroguei por que havia dentro da cidade uma rua com o mesmo nome e, ainda por cima, tão minúscula. Não havia uma rua de Lisboa em Lisboa, disse a Lolla, questionando a lógica de Madrid ter uma própria rua sem qualquer utilidade porque nem sequer lá podiam passar carros. «Ninguna ciudad es más chula que Madrid», respondera-me entre risos. Mas explicou que aquela ruela se chamava assim porque, em

tempos, fora a rua que dava acesso à Plaza de la Villa, onde durante séculos se localizara o *ayuntamiento* da cidade, a câmara municipal. Fui-me adaptando a circular sozinha, a conviver com a presença dos vendedores ambulantes, que abordavam qualquer pessoa que lhes parecesse turista, aprendi a responder com toda a confiança «No estoy interesada» e seguia caminho como se soubesse exatamente por onde ia. Lolla já me ensinara algumas frases em espanhol, poucas mas úteis para poder desbravar sozinha a cidade. O meu ouvido acostumara-se ao som do espanhol e a minha língua familiarizara-se com o sotaque. Uma noite em que passeava depois do jantar pela Plaza del Sol, vi o Essential Flamenco. Foi a primeira vez que assisti a um espetáculo intimista de flamenco numa sala pequena de paredes de tijolo vermelho e senti que entrava noutro planeta, tal foi a emoção que me proporcionou.

Mas rapidamente me inteirei de algumas coisas que nunca vira em Lisboa, como a prostituição legal. Dei por mim em ruas curiosamente banais onde, no meio de lojas e restaurantes, passeios tão corriqueiros e familiares, existiam sex-shops, clubs de *strip* e cabines por onde se podia ver pornografia ao vivo — *peep shows*, dissera Lolla e arrastara-me para um onde, depois de colocarmos uma moeda, uma cortina se abria e vira muito mais do que queria ver. Acostumei-me com a presença das prostitutas, como na Calle del Desengaño, no bairro *hipster* Malasaña, um dos bairros onde passava mais tempo, uma zona cheia de *graffitis*, cafés, restaurantes, lojas locais e artesanais, padarias, livrarias e poucos turistas. Lolla contou-me a lenda do fantasma da Calle del Desengaño, que me fez rir por estas lendas, tal como em Portugal, passarem de geração em geração. Reza a lenda que o Caballero de Gracia (um cavaleiro italiano que se mudara para Espanha como secretário do núncio apostólico do papa Gregório XIII) se apaixonara por uma rapariga desta rua e, para a ver, passeava por ali. Certa noite, encontrou-se com o

príncipe Vespasiana I Gonzaga, seu inimigo, apaixonado pela mesma rapariga. Desembainharam as espadas e começaram um duelo. Mas eis que, então, passara por eles uma mulher com um véu, perseguida por uma raposa. Os dois cavaleiros deixaram o seu duelo e correram atrás da mulher para a ajudar. Quando a alcançaram e lhe tiraram o véu, descobriram que era uma múmia totalmente morta. Assustados, disseram «¡*Qué desengaño!*» (Que decepção!) e a expressão acabara por ficar para sempre ligada a esta rua, que se passara a chamar de Calle del Desengaño. Diz-se que, certas noites, ainda é possível ver o fantasma da mulher a correr com a raposa atrás, dissera Lolla entre risos. Era com histórias como esta que me entretinha, perguntando-me vezes sem conta como se diziam certas palavras em português. *De-ce-ção*, disse-lhe sílaba a sílaba. *Dé-cép-son* respondeu, alegando, frustrada, que a nossa língua era difícil de pronunciar.

2

Dei por mim parada certa tarde na Gran Via, a Broadway espanhola, a pensar no que haveria de fazer. Não me apetecia andar em lojas e já vira todos os filmes que estavam no cinema onde Lolla trabalhava algumas tardes por semana, pelo que estava por minha conta. Ainda não fora ver o Palácio Real, estava calor, sabia que havia um jardim por lá e sentar-me à sombra a ler parecia-me um bom plano. Foi aí que descobri os Jardins do Campo del Moro por trás do Palácio Real, tranquilos, sem turistas, com lagos de patos, fontes e um jardim de rosas. Depois de deambular e de tirar algumas fotografias, desci até lá abaixo e sentei-me finalmente num banco no meio da *rosaleda*, o jardim das rosas. Estava exausta e doíam-me os pés. Descalcei as sandálias de tiras, mexi nos dedos como que para os alongar e deixei que os meus pés se esticassem ao sol. Levantei os olhos e vi-o como uma visão da qual sentimos necessidade de esfregar os olhos para ver se é real. Foi assim rápido e cru sem qualquer prenúncio ou sinal. Pouco mais de três semanas depois de chegar a Madrid, encontrei-o sem nunca ter feito por o encontrar, sentado num banco do outro lado do jardim a comer um gelado de um copo branco e a ler um pequeno livro de bolso. Quase precisei de me beliscar para perceber se era real. O seu cabelo, mais comprido do que me lembrava, estava despenteado, a barba por fazer, todo ele naquele desalinho de sempre. Tinha uma *T-shirt* branca, sem nenhuma banda estúpida, umas calças de ganga caídas na cintura e uns ténis velhos. Senti um trovão percorrer o corpo,

o meu estômago revirou-se e quase que podia jurar que a merda das borboletas me subiram até à garganta. Engoli em seco e olhei em volta, ainda podia levantar-me discretamente e sair dali. Mas as minhas pernas não colaboraram, fiquei colada ao banco com o coração caído aos pés. Então ele levantou os olhos do livro e olhou para mim. Vi-o lentamente a passar da surpresa ao espanto. Ficámos simplesmente quietos a olhar um para o outro. Ao fim de uns segundos, ele fechou calmamente o livro, colocou-o no bolso de trás das calças, levantou-se, deitou o seu copo no lixo e veio até mim.

— Olá — disse com as mãos nos bolsos. O meu coração desintegrou-se ao som da sua voz.

— Olá. — Cruzei as pernas no banco e, sem saber o que fazer com as mãos, comecei a estalar os dedos.

— Isto é um bocado estranho, não?

— Pois, parece-me que sim.

— Posso sentar-me? — perguntou, por fim. Tirou o livro do bolso e sentou-se ao meu lado. Olhei de relance, era *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz. Sorri discretamente.

— É um bom livro — disse-lhe, sentindo um choque quando os nossos olhos se cruzaram, agora a menos de meio metro de distância. — Não sabia que lias. Hum, como é que foi que disseste? Estas coisas chatas da escola.

Ele deu uma gargalhada.

— Pois, ando a tentar alargar os meus horizontes.

— Parece-me muito bem.

Ficámos em silêncio durante algum tempo.

— O que estás aqui a fazer? — perguntou.

— Vim numa espécie de intercâmbio durante dois meses.

— E estás aqui há quanto tempo?

— Quase há um mês.

— Sozinha?

— Sim, vim sozinha.

Mais silêncio.

— E o teu trabalho? — perguntei com os nervos agarrados ao estômago.

— Está a correr tudo bem. Tenho esta semana de férias.

— E fazes o quê?

— Estou a gerir uma equipa portuguesa aqui.

— Mas fazes o quê?

— É uma empresa de publicidade ibérica e fazemos campanhas, tanto para marcas espanholas como portuguesas. Eu estou no departamento português e faço parte da equipa criativa. Mas agora estou de férias, não quero pensar nisso.

— E não vais a casa?

— Era para ir, mas decidi ficar por cá no último momento.

— Porquê?

— Não me apetecia ver toda a gente.

Acenei com a cabeça mas não respondi.

— Isabel... — Olhou para mim. Adorei ouvir o meu nome, mas o tom soou-me a problemas.

— Sim?

— Naquele dia, quando nos vimos, lembras-te? — Olhei para o chão porque tinha o estômago colado às costas de nervos. — Deste-me cabo da cabeça.

— Como assim? — perguntei, surpreendida. — Estás a brincar comigo, não?

— Foste-te embora.

— Tu ignoraste-me.

— Não estava à espera de te ver — disse num sussurro.

— Eu também não estava à espera de te ver, mas fiquei ali feita idiota de pé com os teus amigos a olhar para mim. — Estava a tentar controlar a irritação na voz e a dor crescente que me subia até à garganta. — E tu nem sequer te levantaste. Aliás, fingiste que nem sequer me conhecias.

— Não foi isso — interrompeu-me. — Escuta — agarrou-me nas mãos e os seus dedos ao tocar nos meus foi como uma transfusão de energia capaz de me fazer voar até à China —, tu não tens sequer a noção do que eu passei.

— E eu não passei? — perguntei, libertando-me das suas mãos ainda com o coração a retumbar no peito.

— Tenho um milhão de coisas para te dizer. — Voltou a interromper-me. — Por favor, ouve-me.

Dobrei os joelhos para o peito, abracei as pernas e deixei-o falar.

— Os primeiros meses que passei aqui em Madrid foram um autêntico inferno. Não te consigo explicar o vazio que senti. Não me apetecia fazer nada, o trabalho parecia-me a maior merda e não tinha paciência para ninguém, já nem sequer sabia por que raio tinha aceitado este emprego. Ligava quase todos os dias ao Ventura para saber de ti, mas ele também pouco ou nada me dizia. Não gozes comigo — olhei para ele com surpresa —, mas foi nessa altura que comecei a ler os teus livros. Sentia-me de alguma forma perto de ti ou talvez fosse só uma forma de continuar a lembrar-me de ti ou de tentar compreender-te melhor, nem sei. Meti na cabeça que tinha de ler tantos quanto possível para, quando te visse, te falar nisto, era a minha desculpa para te procurar. Quase um motivo inconsciente para ter assunto para falar contigo e tentar resolver as coisas. Sempre que ia a casa, o Ventura dizia-me que ninguém te via há meses, que tinha de tirar isto da cabeça e seguir em frente. Quando a Alice esteve cá com eles, tentei falar com ela, mas só me disse que não era justo querer voltar a entrar na tua vida se não tinha sequer intenção de voltar para Lisboa. Fiz o que era suposto, afastei-me

e tentei seguir em frente, passei a merda de um ano aqui sozinho. No ano passado, o Ventura disse-me que achava que ias à festa de passagem de ano e fiquei maluco, tinha de ir. Passei a noite toda à espera que aparecesses, estava sempre a olhar para a Alice para ver se ela dava qualquer sinal de que estavas a chegar. Não tive coragem para lhe perguntar por ti novamente, queria fingir que era uma surpresa para mim ver-te lá. Quando a meia-noite se aproximou e percebi que não vinhas, fui-me embora e vim diretamente de carro para cá. Conduzi durante toda a noite e, no dia seguinte, já com as ideias arrumadas, mentalizei-me que não podia continuar a alimentar isto. Acabei por me cruzar com a Alba, com quem me viste no jardim em Belém. Ela tinha vindo passar a passagem de ano com umas amigas e encontrei-a no Templo de Debod. Fomos colegas em Direito mas já não a via desde essa altura, trocámos contatos e começámos a falar a partir desse dia. No fim de janeiro, ela veio cá passar o fim de semana comigo. Sabes quanto tempo demorei a esquecer-me de ti? Nunca me esqueci. E só me apercebi disso quando ela viu uma fotografia nossa colada no frigorífico e perguntou quem eras. Nem sequer me pediu para tirar a fotografia de lá, disse-me que tirar alguém do coração levava o seu tempo. Acabei por ver nela uma companhia e alguém que me fazia rir e não me pedia promessas de nada. Se me perguntares se estava apaixonado por ela, nem te sei dizer. O Ventura disse-me que estavas numa relação e a verdade é que ela acabou por preencher esse vazio, nem que fosse de forma virtual, porque passámos mais tempo a falar ao telefone do que realmente juntos. — Parou, finalmente, como que para ganhar fôlego, respirou fundo e continuou. — Quando te vi em Belém, ela percebeu que eras tu. E foi ela que me disse para ir atrás de ti e dizer as coisas que precisava de te dizer mas não tive coragem. Quando te vi, Isabel, fiquei arrasado por te ver a chorar e percebi que não podia voltar a impor-me na tua vida. Mas também não podia continuar com a Alba porque não estava a ser justo com ela.

Continuava a ler os teus livros para me lembrar de ti e a nossa fotografia continuava colada na merda da porta do frigorífico porque nunca a consegui tirar. Mesmo sabendo que isso era masoquista e indulgente. E é isso. Estava aqui com mais um livro e, quando te vi, pensei que a minha cabeça tinha atingido o limite e já estava com alucinações...

O silêncio caiu pesado em cima de nós. Passara os últimos minutos a ouvi-lo falar e a lembrar-me do quanto sentia a falta dele. Estava a tentar raciocinar à medida que recebia esta dose abismal de informação. Era como se ele tivesse guardado durante todo este tempo todas estas coisas por dizer e agora estivesse a expulsá-las num alívio feroz. Quanto mais olhava para ele, mais me recordava de coisas de que sentira falta, o seu rosto, a sua voz, o seu cheiro, a sua forma de enrolar as mãos quando estava nervoso e, agora, voltava tudo em jorros.

— O que leste? — perguntei, por fim, porque tinha de dizer alguma coisa, mas não conseguia pensar com clareza com o barulho do meu coração a bater de forma gritante nos meus ouvidos.

Ele sorriu embaraçado.

— Bem, deixa cá ver... — Parou a pensar. — Li *Gatsby*, *O Monte dos Vendavais*, e não entendo o fascínio pelo Heathcliff, que é apenas um filho da puta arrogante. Hum, *Jane Eyre*, que foi bom, gostei da louca no sótão, foi uma boa reviravolta. Deixa ver mais... *A Cor Púrpura*, *À Espera no Centeio*, *O Retrato de Dorian Gray*, li também *Lolita* porque me deste aquele sermão sobre o Nabokov, mas não consegui terminar *Anna Karenina* porque achei um dramalhão do pior. Gostei de *Paris é Uma Festa* e até li *Orgulho e Preconceito* que me aborreceu de morte mas consegui perceber a cena do Darcy. — Deu uma gargalhada baixa. — E porque eras tão obcecada pelos portugueses, li *Os Maias*, que confesso que nunca tinha lido na escola e

surpreendentemente gostei. Li também o *Amor de Perdição*, *A Sibília*, *Ensaio sobre a Cegueira*, e agora vou n' *O Primo Basílio*.

— Não sei o que dizer — disse, surpreendida.

Ele olhou para mim em silêncio. Vi-o a morder o lábio inferior, conseguia perceber que estava à espera que dissesse qualquer coisa, que lhe confirmasse que também passara as passas do Algarve, mas já fizera esse luto. Sempre fora o género de pessoa que passava muito tempo a imaginar conversas que nunca iriam acontecer. E imaginara esta tantas, tantas vezes, mas, na minha imaginação, ela nunca aconteceria realmente. E agora estava a acontecer, era Aerosmith a tocar repetidamente na minha cabeça.

— Ouvi Aerosmith durante imenso tempo — disse-lhe, por fim. — E depois deixei de ouvir porque já não aguentava mais pensar em ti.

— Porquê?

— Porque era a música que estava a tocar na praia quando nos beijámos na areia. E estava sempre a ouvi-la e a reviver esse momento. E, depois, sempre que dava na rádio, mudava imediatamente de estação porque sentia que me iria explodir a cabeça se chegasse ao fim do refrão.

— Não prestei atenção à música que estava a dar — disse, pensativo.

Ficámos calados durante algum tempo, mas já não era um silêncio incómodo. Era apenas um reajustar de ideias.

— Durante muito tempo, parecia que já tinha sentido tudo o que havia para sentir contigo — disse-lhe, respirando fundo. — Era como se tudo o que fosse viver depois de nós fossem versões inferiores daquilo que já tinha vivido. Não fui à festa de passagem de ano exatamente porque tinha medo de te ver. Quando te foste embora, fui-me completamente abaixo. Deixei de ir às aulas, não queria ver ninguém. Bem, foi um exagero... — desvalorizei, mas ele olhou para mim e senti-lhe toda a dor. — Depois desses primeiros meses

tão maus, já estava melhor, entrei na universidade, a vida continuou e não queria ver-te nem voltar a esse lugar. No ano passado, a Alice disse-me que tinhas ido mas nem quis saber porque era mais fácil assim. Também reencontrei uma pessoa e estivemos juntos até agora e foi isso, foi um pouco parecido com o que me contaste.

— Ainda estás com essa pessoa? — perguntou sem rodeios.

— Não.

— Porquê?

— Porque... — Parei para pensar a qual porquê queria responder. — Por um monte de coisas que agora não vêm ao caso. Desculpa, não me apetece falar sobre isto.

— E acabaram antes de vires para cá?

— Sim.

— E estavas aqui sentada a pensar nele? — sorriu, mas percebi que foi um sorriso para tentar esconder o embaraço de ter perguntado isto, mas, pior, de querer realmente perceber se era essa a verdade.

— Não. — Dei uma gargalhada. — Vim aqui porque a Lolla está a trabalhar e ainda não tinha vindo a este palácio.

— Quem é a Lolla?

Falei-lhe sobre ela, expliquei que estávamos a trabalhar no intercâmbio das línguas e que nos tornáramos amigas. Disse-lhe o cinema onde ela trabalhava e onde vira todos os filmes nas últimas semanas, comentei o ridículo que era ver tudo dobrado em espanhol, como os desenhos animados que víamos na nossa infância dobrados em brasileiro. Falámos de todas estas coisas corriqueiras para amenizar a tensão entre nós ou o que ambos queríamos e esperávamos fazer, mas não sabíamos por onde começar. Inclinei a minha cabeça para trás e tentei lembrar-me do meu mundo antes de Afonso entrar. E fiquei apavorada porque já estava a antecipar o momento em que esta

conversa se iria esgotar. Tinha medo que isto, o quer que estivesse a acontecer aqui, fosse apenas o adequado adeus que merecíamos e que não tivéramos à porta do Museu de São Roque.

— O mais estranho — disse ele — é que nem costumo vir aqui. Passo normalmente mais tempo no Retiro, porque é maior e tem mais sítios para estar. Imensa gente fica lá a apanhar banhos de sol ao pé do lago como se aquilo fosse a praia. Coitados, sabem lá o que é a praia.

— Então, porque vieste hoje? Sentiste um chamamento especial?

— Nem gozes com isso. Conheces a lenda deste jardim?

— Não, mas a Lolla está sempre a contar-me lendas. Já percebi que Madrid é só fantasias dessas.

— Esta é gira — disse orgulhosamente. — Escuta, isto é a lenda do fantasma de um homem que morreu de amor. Diz-se que, na época em que o jardim foi construído, as gajas da corte aproveitavam este jardim para passear, dado que não podiam passear pelas ruas fora dos limites do palácio.

— *Gajas?* — perguntei.

Ele riu-se e continuou

— E nessa altura aparecia escondido no jardim o fantasma de um homem a chorar. Quando as gajas... pronto, as damas, se aproximavam, dizia que tinha morrido por um amor não correspondido. E então as damas com quem ele falava apareciam grávidas. Durante séculos, dizia-se que as mulheres que ficavam grávidas fora do casamento tinham sido engravidadas pelo fantasma do jardim do Campo del Moro. E diz-se que, nas noites de lua cheia, é possível ver vultos no jardim. Se calhar foi o fantasma do homem que me trouxe até aqui hoje.

Dei uma gargalhada sonora.

— Tenho de perguntar à Lolla se conhece essa.

— Adiante. Conta-me mais coisas.

— O que queres saber?

— Vais ficar aqui quanto tempo?

— Até ao fim de agosto.

— Então — pegou-me na mão e o seu toque ligou todos os botões do meu corpo —, deixa-me levar-te a ver uma paisagem que nunca mais vais esquecer.

O desejo era fácil de combater, especialmente quando apenas se baseia na atração. Mas não era tão fácil assim quando estamos numa guerra contra o coração.

Guiou-me até ao topo da catedral de Almudena, envolvendo os seus dedos nos meus, de forma que da vista da cidade do topo da cúpula não guardei lembrança, dominada como estava pelos nossos dedos entrelaçados. Estávamos encostados ao muro, olhávamos um para o outro e sorríamos. Eu olhava para baixo, ele para o outro lado. Os nossos ombros estavam colados e as nossas mãos suadas. As nossas cabeças estavam cada vez mais perto. Se ele ouvisse os meus pensamentos, veria como só tinha um na cabeça: «Bem, já que as nossas bocas estão tão perto, vamos fazer-lhes um favor e acabar com este inferno?» Então ele perdeu a paciência, puxou-me firmemente pela cintura e beijou-me. E este beijo valeu a pena toda a dor, todas as lágrimas, todos os dias vazios que passara nos últimos dois anos. Beijou-me forte e depois lento e depois novamente acelerado e depois delicadamente. Beijou-me agora ao som de nada porque provavelmente já não iria precisar de nenhuma música para me voltar a lembrar dele. Todas as músicas o iriam fazer gratuitamente. Senti faíscas elétricas a espalharem-se pela corrente sanguínea a relembrar-me como era sentir-me viva. O meu corpo voltou a encaixar nele, a minha boca soube reconhecer o seu sabor, a sua língua tocou

na minha e senti choques. Bom, pelo menos a nossa ligação não morrera. Estivera em coma, ligada à máquina e, agora, acordara. Saímos aos tropeções da catedral e corremos para o metro. Sentámo-nos numa carruagem apinhada. E ele continuou a beijar-me, beijou-me de todas as formas possíveis, beijou-me por todo o tempo que estivéramos separados. E nem parámos quando as pessoas à nossa volta começaram a olhar para nós.

De alguma forma, chegámos ao seu apartamento e subimos o pequeno vão de escada. Não sabia onde estava, não vira o número da porta nem a rua ou sequer a estação de metro em que saíramos. Deixei que me levasse com ele para o seu mundo e me deixasse entrar. Largámo-nos o suficiente para ele conseguir tirar as chaves e abrir a porta. O apartamento estava na penumbra com a pouca luz do fim de dia que entrava pelas janelas. Parei no meio do corredor, ele fechou a porta, atirou com a chave para um móvel encostado à parede e virou-se para me encarar.

— Olá — disse. Os seus olhos fixaram-se nos meus. Não sabia que podia sentir tanto a falta de alguém.

— Olá — ri-me.

Ele aproximou-se de mim. A distância de dois metros entre nós parecia sugar-me a respiração. Ou fora eu que me esquecera de como se respirava. Inclinou-se sobre mim, encostou-me à parede e beijou-me. Foi violento, aterrador, fisicamente doloroso pensar como é que conseguira estar dois anos sem ele. Levantou-me e envolveu as minhas pernas na sua cintura. Enrolei os meus braços no seu pescoço e beijei-o mais ainda. Entrámos no seu quarto e ele caiu comigo em cima da cama. A sua boca deixou a minha o tempo suficiente para arrancar a *T-shirt* pela cabeça. A sua pele, o seu cheiro, as suas mãos, a curva do seu pescoço, a barba por fazer. Tudo sobre ele e eu, a vida e o amor faziam-me agora muito mais sentido. Empurrei o seu peito e

rolei por cima dele. Não aguentava estas roupas nem mais um segundo, precisava que as nossas peles se vissem. Tirei o meu vestido pela cabeça e desapertei o botão das suas calças de ganga. Ele arrancou-as e atirou-as para o chão. Abraçou-me por trás e deitou-me novamente na cama. Beijou-me a nuca, o pescoço, os ombros, as costas e virou-me lentamente para que ficasse de frente para ele, fazendo com que os meus músculos se contraíssem a cada toque. Nós encaixávamos de tal forma que parecia que os nossos corpos tinham sido moldados um para o outro. As suas mãos encaixaram perfeitamente nas minhas quando ele as trouxe por cima da minha cabeça e as pressionou contra o colchão. Deixámo-nos ficar assim com os corpos colados, matámos a sede das nossas línguas, que se procuravam. Ele parou e olhou para mim, tínhamos os rostos tão perto que os nossos narizes se encostaram.

— Isabel — sussurrou —, esperei dois anos para voltar a dizer que te amava.

— Não digas... — respondi com a boca colada à sua barba.

Antes disto, nunca percebera como o desejo físico poderia ser violento e doloroso. Não aquele desejo que sentimos por alguém por quem estamos atraídos, mas o desejo do amor. Aquele que consome cada célula do nosso corpo e aumenta as sensações em nós um milhão de vezes. É a necessidade de olhar para aquela pessoa. De lhe tocar, de a cheirar, de a lambar, de a ouvir. Ele olhou para mim como se me lesse a alma. Olhou-me com tanto sofrimento que, por um segundo, foi como se os nossos corações partidos dessem as mãos. Passaram pelo meu corpo ondas de emoção e nunca imaginei poder sentir alguém desta forma, não sabia que podia precisar tanto de alguém e ter este tipo de conexão com alguém. Afonso retirou a sua mão direita da minha e limpou uma lágrima que correra pela minha bochecha.

Beijou-me a pele salgada, beijou-me a ponta do nariz, o lóbulo da orelha, o pescoço. Olhei para ele, vi-lhe duas lágrimas nos olhos e soube que estava a sentir o mesmo que eu. Não eram lágrimas de tristeza, não nos assustavam, não nos embaraçavam. Eram apenas lágrimas de um momento que ambos talvez achássemos que nunca mais iria acontecer. As lágrimas deram lugar à urgência de nos termos. Quanto mais pensava sobre isto, mais me tornava sensível ao peso do seu corpo contra mim. Ele colou os lábios aos meus, mas não nos beijámos, ficámos somente a respirar para dentro um do outro enquanto os nossos corpos se reencontravam na escuridão do quarto e da noite que acabara de cair.

3

Foi assim que, quase no fim de julho, Afonso entrou de novo na minha vida. Inicialmente, não contei nada a Alice porque não queria partilhar isto com ninguém. Era como se estivéssemos longe e isolados do resto do mundo, numa cidade onde ninguém nos conhecia e onde podíamos criar uma nova versão de nós mesmos. Recuperámos em menos de dois dias a chama do passado e, ao mesmo tempo, abrimo-nos a novas formas de nos termos, rodeados de pessoas, de locais, de sons e cheiros que não conhecíamos, que nunca fizeram parte de nós, mas que, num instante, se tornaram familiares à medida que nos fomos encaixando no vaivém da vida em Madrid.

Passámos horas de amor violento no quarto do Cibeles, voltando a reconhecer os cantos dos nossos corpos ao som da vida madrilenha que passava lá fora. «Os teus cigarros?», perguntara-lhe um dia em que estávamos deitados em cima da cama com a ventoinha do tecto a rodar, as janelas abertas e as cortinas brancas a ondular ao calor. Havia qualquer coisa naquele cenário que não se assemelhava à minha memória. Eram os cigarros, era isso que faltava, pendurados nos seus lábios, a fumaça no ar e aquele cheiro agonizante que, de alguma forma, estava tão enraizado na recordação que tinha dele. «Deixei de fumar no início do ano», disse, sorrindo. Apertei os meus braços ao redor do seu pescoço e beijei-o longamente, rimos e rolámos na cama no meio dos lençóis amarfanhados e caídos pelo chão. Mas havia também saídas constantes, vida nas ruas de dia e de noite, ao ponto de

já estar em falta para com Lolla e o plano que fizéramos no centro. Fui obrigada a contar-lhe em parte o que se estava a passar, mas, assim que Afonso regressou ao trabalho, rapidamente voltei à minha rotina e a poder dedicar-me durante o dia às aventuras com Lolla e, então, as noites passaram a ser para ele. Deitávamo-nos tarde e acordávamos cedo. Queríamos viver todas as horas que nos restavam numa consciência muda de que, no final de agosto, iria voltar para casa e ele iria continuar a sua vida em Madrid. Numa sexta-feira à noite levou-me ao Parque de La Bombilla ao cinema drive-in, para uma sessão ao ar livre dentro do carro. Era como estar num filme americano em frente à tela, com o colo cheio de pipocas e copos de refrigerante no *tablier*. E depois de nos fartarmos de ver filmes dobrados em espanhol no cinema de Lolla, passámos a ir às sessões da meia-noite do Cine Ideal para ver as versões originais.

A meio de agosto, deixei de dormir no Cibeles porque me mudei para a sua pequena casa alugada no bairro da La Latina. Ou seja, peguei na mochila e avisei o centro que já não precisava de pagar mais a minha estadia. Ninguém me questionou, mas Lolla disse-me para lhes assegurar que iria ficar em casa dela, só para não haver problemas. Numa manhã de sábado, Afonso acordou-me de madrugada cheio de planos para o nosso dia. Preparámos uma mala com comida para o dia todo e conduzimos até ao Parque da Serra de Guadarrama. Parámos o carro no estacionamento de Canto Cochino, por fim, e era como estar noutro canto do mundo. Estávamos rodeados de serras e árvores e trilhos de caminhada sob um céu azul sem nuvens.

— Tens noção de que está demasiado calor para caminhadas e corridas, não tens? — perguntei, confusa com o plano dele.

— Calma. — Tirou a mochila da comida do banco de trás do carro. — Vamos ter de fazer um trilho florestal para chegarmos onde te quero levar.

— Um trilho de quanto tempo?

— Pouco. — Riu-se. — Não sejas molengona.

— E vamos onde?

— Tens de esperar para ver.

Se ele me tivesse avisado, provavelmente ter-me-ia recusado a sair do carro. Caminhámos durante mais de meia hora, com ele a puxar-me pelos braços e, sempre que parava, a agarrar-me às cavalitas para me levar a trote pela estrada de floresta para o meio de nenhures. Mas acabámos por chegar e, quando parei para observar o que me rodeava e o que ele imaginara para nós, senti uma onda de emoção. Estávamos rodeados de pedaços de rio no meio das serras onde se podia simplesmente deitar e apanhar banhos de sol. Era como estarmos sozinhos no mundo, a tomar banho no meio da serra, a descansar à sombra das árvores ou deitados ao sol nos declives.

— Isto é a charca verde. — Pousou a mochila na sombra. — É o mais perto de praia que os madrilenos têm, tanto que lhe chamam a *playa de la sierra de Madrid*.

— Praia da serra?

— Pois, é o que isto é. — Riu-se. — Esta zona onde estamos é a Pedriza. Quanto mais para o interior do parque nos metermos, menos gente vamos encontrar.

— Mas aqui não está ninguém.

— Porque viemos mesmo cá para dentro. Todos estes bocados de água são chamadas de charcas e são as águas do rio Manzanares.

— É fria?

— É gelada mesmo.

— E é funda?

— Podemos procurar uma charca com menos profundidade.

Acenei com a cabeça e comecei a procurar o protetor solar na mochila. Subitamente, caiu-me a ficha.

— Não me avisaste onde vínhamos, não trouxe fato de banho.

— Não está aqui ninguém. — Fez um sorriso ardiloso, puxou-me para ele, afastou-me o cabelo do pescoço e beijou-me.

Mergulhámos nus na água vezes sem conta, outras vezes ficámos apenas sentados com a água até à cintura, comigo encostada ao seu peito e ele falou-me das coisas do seu trabalho, da vida em Madrid, dos seus colegas, da mãe. Contei-lhe sobre os últimos dois anos de modo geral, da faculdade, de Alice estar apaixonada por Zeca, falei-lhe de como ele era espantoso e de como, se o conhecesse, iria gostar dele. Evitámos falar do futuro a todo o custo, mesmo que agosto parecesse estar a passar a uma velocidade desumana. Era como se estivéssemos a viver numa cápsula do tempo, falávamos do passado, de nós, de coisas que fizéramos um sem o outro, dos nossos amigos. Mas nunca do que iria acontecer quando me fosse embora. A dada altura, fez-me voltar a boiar sem medo porque tinha pé naquela zona do charca e voltei a sentir aquela paixão ferrada e a vontade de o apertar para que nem um bocado dele me escapasse das mãos. Comemos sandes, queijo para ele, *jámon* para mim, frutas, bebemos água com limão e petiscámos batatas fritas durante o dia. O sol já estava a descer e o céu a ficar laranja quando, num último mergulho no rio, nos encostámos aos beijos. Era um comboio difícil de abrandar, estávamos absurdamente apaixonados ou talvez tivéssemos apenas um desejo desgovernado de nunca pararmos de nos tocar. Não falámos, não parámos sequer para pensar e pareceu-me uma altura tão boa como outra qualquer para me perder com ele.

E subitamente percebi, era como se tudo tivesse ficado claro como a água do rio. Simão podia ter sido o meu primeiro amor, intenso, obsessivo e maravilhoso, duas vezes. Provavelmente iria gostar dele para o resto da vida, iria ficar na minha gaveta e ser uma memória a que iria gostar de voltar. Ele tornara a minha adolescência mágica, mudara-me, tornara-me na rapariga que

era hoje. Mas Afonso era um amor bonito, saudável, arrebatador, sem cobranças nem esforço. E eu sabia que havia dois tipos de amor. Um era aquele a quem continuamos a comparar todas as pessoas que vamos conhecendo ao longo da vida. Era o que sempre fizera, comparava todas os rapazes a Simão. O outro tipo de amor era aquele que Afonso me dera, aquele onde deixamos de fazer comparações porque tudo para trás deixa de ter relevância.

Passámos grande parte do nosso tempo sozinhos, também não conhecíamos praticamente ninguém. Ele deveria ter os seus colegas de trabalho mas eu só conhecia Lolla. Um domingo, fomos ao Parque Warner com Lolla e o seu amigo. «No es mi novio como tú e Afonso», disse ela. «Es sólo un amigo», sorrira. «Só um amigo? Digo-te já que andam a dormir juntos», disse Afonso ao meu ouvido enquanto Lolla e o amigo compravam gelados para nós. Mas a palavra namorado caíra com um peso estranho na conversa. Nós não falávamos em rótulos porque falar sobre o que éramos agora implicaria falar do futuro, coisa de que ambos parecíamos querer fugir a todo o custo. Acabara por chegar o momento em que começara a contar os dias que faltavam para me ir embora, onze, dez, nove... Afonso tirou a última semana de agosto de férias para podermos passar mais tempo juntos. E, depois de me ter sentado com Lolla e o coordenador dos intercâmbios do centro para fazer uma avaliação daquelas oito semanas, ficara oficialmente livre para uma última semana em Madrid à minha total liberdade.

— Gostava que conhecesses o meu colega — disse Afonso no meu último sábado, enquanto tomávamos o pequeno-almoço no *El Rojano*, um dos cafés mais antigos da cidade.

— Tudo bem. — Trinquei uma *rosquilla de San Isidro*. — Isto é bom. O que é?

— É um doce típico de Madrid. Aqui, em especial, segue mesmo a

tradição.

— Porquê?

— Porque este café é como, sei lá, *A Brasileira* em Lisboa. Foi construído em 1800 e qualquer coisa pelo pasteleiro de uma rainha qualquer que o adorava. Toda a decoração e os materiais foram cedidos pela família real ou algo do género, já não sei bem contar a história. Mas diz-se que próprios móveis foram feitos cá dentro para serem impossíveis de roubar.

— Mas quem iria roubar um balcão? — perguntei, agora a trincar um *turrone* que não me fascinara por aí além. Sabia a *nougat* e nunca gostara do sabor. Fiz uma careta e coloquei-o de lado. Afonso pegou nele e continuou a comê-lo.

— Porque eram móveis reais ou assim, o povo poderia querer roubar. E a decoração original continua intacta desde aquela altura, isto é altamente histórico para ti que gostas tanto de História. — Dei uma gargalhada. — E diz-se que aqui se vendem quatrocentos tipos de bolos.

— Não sabia que te interessavas tanto por pastelaria.

— Como podes imaginar, passei muitos meses aqui sozinho sem grande coisa para fazer a não ser explorar os sítios que me sugeriam.

— E o teu colega é fixe?

— Olha, ele é muito divertido. Veio de Aveiro e trabalha no mesmo departamento que eu.

— Costumas estar com ele fora do trabalho?

— Costumamos sair ao fim de semana e beber uns copos com outro amigo dele que também é português. Sabias que há aqui uma comunidade de portugueses em Madrid?

— E o que fazem? Convivem? São tipo testemunhas de Jeová a partilhar os seus conhecimentos aos novos tugas emigrantes?

— Que engraçada. — Fez uma careta. — Há quem partilhe boleias para

casa, há quem divida apartamentos, ajude com os documentos e por aí fora. É uma comunidade para os portugueses que estão cá. Muita gente vem trabalhar, como eu, e não conhece ninguém. Entrares num grupo e conheceres outros portugueses é fixe. Vais sentir-te menos sozinha.

— Eu sei, desculpa. Estava só a brincar.

— Eu sei. — Beijou-me no canto da boca.

— Vou almoçar com a Lolla e depois vou ter convosco.

Depois de almoçar com Lolla no terraço do mercado de San Antón, apanhei o metro para a estação La Latina e encontrei-os numa esplanada com cadeiras coloridas e um balde de gelo com várias cervejas lá dentro. Antes de ir ter com eles, caminhara um pouco. Uma das coisas que mais me fascinara em Madrid havia sido mesmo os bairros cheios de ruas, praças e pracetas, sempre com qualquer coisa a acontecer ou até apenas a atividade normal dos moradores que, de alguma forma, me encantara porque era tudo novo, fresco e diferente aos meus olhos. E a La Latina era um desses bairros que me apaixonara, não tanto pela sua vida noturna que nem chegara a conhecer, mas por ser um dos mais antigos e tradicionais bairros de Madrid. Ali ainda existiam restos de muralhas e pequenas igrejas que pareciam estar distribuídas ao acaso pelas ruas. Mas depois também era uma zona jovem e moderna, com o mercado de la Cebada, um dos maiores da cidade, onde parara para comprar kiwis antes de ir ter com Afonso e o seu amigo. Afonso sorriu quando me viu e levantou-se para me abraçar antes de chegar à sua mesa.

— Este é o Caju. — O famoso Caju fez um aceno de cabeça. Tive a certeza de que era o género de rapaz que se conseguia safar apenas com um aceno de cabeça. Tinha lábios carnudos e um cabelo que lhe caía para os olhos azuleiros, dando-lhe um ar meio enigmático e longe da imagem que fizera dele

na minha cabeça. Era giro, mas daquela forma desinteressante de quem acha que basta apenas isso. Continuou a beber a sua cerveja como se nem sequer valesse a pena o esforço de me cumprimentar.

— Olá — respondi, sentando-me na cadeira em frente a eles. Coloquei o saco em cima da mesa.

— Então o almoço? — perguntou Afonso. Deu um gole na sua cerveja.

— Foi fixe. Fomos ao terraço de San Antón. A Lolla insistiu em tirar uma fotografia estúpida em cima de um daqueles porcos coloridos à porta. Até que um tipo apareceu a dizer que os porcos não eram para nos sentarmos. Mas falou de um modo enfastiado, entendes? Como se repetisse a mesma coisa todos os dias. Toda a gente deve fazer o mesmo quando lá vai.

— O Caju virou um porco há uns tempos. Lembras-te de quando lá fomos? — brindou com a sua garrafa na dele.

— Claro. Apanhámos uma borracheira que nem o porco escapou.

— Pronto, aí tens — respondi a rir. — Deviam tirar de lá os porcos.

— A Lolla não quis vir ter connosco?

— Vai ter turno no cinema. Já lá deve estar. Podíamos passar ir lá mais logo, ela disse que estreou um filme espanhol que está a ter boas críticas.

— Sempre vemos um filme onde os atores estão realmente a falar espanhol e não uma dobragem manhosa.

— O que trazes aí? — perguntou Caju, abrindo o meu saco com uma mão. Lembrou-me imediatamente Nando, sempre inconveniente.

— Kiwis que comprei ali no mercado.

— Para quê?

— São kiwis, sei lá, é para comer. — Olhei para Afonso. — Pensei em fazer um sumo, sempre dá para desintoxicar da quantidade de bolos que me obrigaste a comer hoje de manhã.

— À noite, é para beber álcool — interrompeu Caju com uma gargalhada.

— Suminhos é para os meninos.

— Kiwis é fixe. Se comesses mais, não tinhas essa pança — disse Afonso. E percebi pelo olhar que me fez que esta tarde não estava a ir pelo caminho que ele imaginara.

Caju bebeu o resto da sua cerveja de uma só vez, bateu com a garrafa na mesa e limpou a boca com as costas da mão

— Bebes uma *caña*? — perguntou-me, tirando uma nova garrafa do balde de gelo.

— Não, obrigada, não gosto de cerveja.

— Como assim? Não há ninguém no mundo que não goste cerveja. — Explodiu numa gargalhada ruidosa. Olhei-o novamente e pareceu-me muito menos bonito do que quando chegara.

— Acho que há uma infinidade de pessoas que não bebem cerveja — respondeu Afonso por mim.

— Quando se está em Madrid, tem de se beber *cañas*, faz parte da tradição. É o que estamos aqui a fazer. Quem não bebe, vem cá fazer o quê? Comprar um saquinho de kiwis?

Olhei para Afonso, que sorriu.

— Ignora-o, ele só está a brincar contigo.

— Mas bebes, certo? — Caju retomou a conversa. Estava realmente interessado.

— Não bebo muito.

— Ela gosta de margaritas de limão — interrompeu Afonso, como se tentasse provar-lhe que eu era normal. Ao mesmo tempo, era um pormenor tão banal da noite em que nos conhecêramos que tive vontade de lhe subir pelas pernas.

— Com sal — acrescentei.

— Estava a beber uma quando a conheci. Depois virou a cara e lambeu a

borda do copo discretamente, mas eu vi.

— Não lambi nada — respondi entre risos.

— Então mas pedimos margaritas para ti? — insistiu Caju. — Devem fazer aqui.

— São quatro da tarde.

— E então?

— Não me apetece.

— Como é que te consegues divertir?

Encolhi os ombros e comecei a mexer na minha mala para me ocupar durante um momento.

— Não me tinhas dito que a tua namoradinha portuguesa era tão chatinha — disse para Afonso, dando-lhe uma palmada no braço e tirando mais duas cervejas do balde para eles.

— Não vou beber mais, puto — disse Afonso. — Enquanto vais para casa sozinho ver pornografia no computador, eu e a chatinha temos coisas mais interessantes para fazer. — Levantou as sobrancelhas e piscou-me o olho.

— Foda-se — gritou enquanto se ria, atirando com a outra garrafa novamente para dentro do balde. — Dizeres isso é mesmo à cabrão. Mas saímos hoje, certo? Vai haver uma festa na Gabana e temos bar aberto até às duas. — Olhou para mim como que a pensar em dar-me uma segunda oportunidade na sua preciosa atenção. — Leva a tua amiga Lolla. É gira? Pelo nome deve ser gira. A única Lolla que conheci era uma boa foda.

— Acho que não — respondeu Afonso.

— Vão ficar em casa a beber suminho de kiwi?

— Talvez. — Afonso sorriu. — Bem, vamos embora. — Levantou-se e deu-me a mão. Levantei-me também.

— Gostei de te conhecer — disse a Caju, pegando na mala e no saco.

— Vão lá, pronto — bufou, encostando-se à cadeira. — Vão lá fazer um

passeiozinho. Dás-me boleia na segunda para o jogo?

— Meti férias esta semana — disse Afonso. — Não vou ao jogo.

— Meu! — falou alto e gesticulou com as mãos. — «*Este cábron sólo hace mierda.*»

Afonso deu uma gargalhada.

— Arranja uma namorada!

Sáímos da La Latina e Afonso levou-me ao Jardim Botânico, ao lado do Museo del Prado. E em pleno agosto no meio da cidade, era um descanso estar num sítio praticamente vazio que não fazia parte dos roteiros turísticos. Não havia bancos nem espaços para sentar, mas vimos uma infinidade de estufas que reproduziam os climas de outras partes do mundo. Não conseguimos ver tudo, o jardim tinha uma mostra de mais de cinco mil espécies de plantas do mundo inteiro e nós não tínhamos todo esse tempo do mundo.

— Tenho pena de que não tenhas vindo na primavera — disse, já no fim do circuito do jardim.

— Porquê?

— Porque te levava ao sítio mais incrível que descobri aqui há uns meses.

— Foste lá com a Alba?

— Sim.

Acenei com a cabeça e esperei que continuasse.

— É a Quinta de los Molinos que, a partir de março, se transforma numa coisa de outro mundo quando as amendoeiras começam a florescer. Aqui diz-se que, quando os Molinos estão em flor, nos podemos despedir do inverno, mas, na verdade, as amendoeiras são as primeiras árvores a dar flor. E isto não é uma lenda — riu-se —, é mesmo a natureza. O parque fica vestido de

roxo e rosa e o cenário é mágico. Parece que estamos no Japão. As pessoas passam lá os fins de semana, fazem piqueniques e leem. Tu ias gostar.

— Também estou a gostar de agosto. — Entrelacei o meu braço no dele e deixei que me conduzisse onde quer que fosse. Com ele, ia a todo o lado.

— Vamos ao Retiro? — perguntou com um sorriso trocista. — Vamos andar nos barcos.

— Não. — Afinal, não ia a todo o lado.

— Vais gostar, a sério. Nunca na história do Retiro houve um barco a virar no lago e ficas a saber que era onde os reis faziam os seus passeios.

— Uau — revirei os olhos —, que interessante. Vou guardar essa para contar à Alice.

Atravessámos a rua e entrámos no parque do Retiro, lotado de turistas, de locais, famílias e crianças, namorados e velhotes a passear a um sábado à tarde. Passámos por um grupo de raparigas a andar de bicicleta, dezenas de pessoas a apanhar sol em fato de banho na relva e, mais adiante, por vários artistas de rua que faziam uma série de malabarismos no meio de uma pequena multidão. Afonso levou-me ao Palácio de Cristal, à Rosaleda com milhares de rosas e o Bosques del Recuerdo.

— Sabes o que é este bosque?

— Hum... um bosque?

— Claro, mas tem uma história. — Sorriu. — Antigamente, chamava-se Bosques de los Ausentes, mas, depois dos atentados, passou a ser um monumento de homenagem às vítimas e foram plantadas quase duzentas árvores, uma por cada pessoa que morreu.

— Não fazia ideia. — Parei a olhar à minha volta. — Isto é mesmo incrível.

— E há aqui uma estátua muito famosa.

— Como a do menino em Bruxelas?

— Ok, não tão famosa como a do mijão, mas esta é fixe. É a estátua do Anjo Caído e parece que é uma das únicas no mundo dedicada a satanás.

— E está amaldiçoada ou algo do género?

— Não. — Afonso deu uma gargalhada sonora. — Os miúdos costumam andar de *skate* e patins nessa zona. Bem — olhou para mim de mãos na cintura e puxou-me pelos braços —, vamos ao lago.

Entrei a medo dentro do barco a remos, era pequeno, azul, instável, abanou quando pousei o pé e não me inspirou confiança. Afonso estendeu-me a mão para me segurar a ele, com um sorriso de orelha a orelha, sentei-me e enrolei os braços ao redor dos joelhos. Ele começou a remar devagar, olhava ora para mim, ora para o percurso que estava a fazer para não bater nos outros barcos apinhados de turistas e crianças a rir e a gritar.

— Não estás com medo, pois não?

— Bem, sim, um pouco.

— Já aguentaste dez minutos e o barco não virou.

Respirei fundo para tentar aliviar a tensão dentro de mim.

— Olha, não te disse antes porque queria que enfrentasses esse medo de barcos e água, mas sabes qual é a profundidade do lago? — Olhei para ele curiosa ao som da sua gargalhada. — Varia entre os 60 centímetros e 1,80 metros. É tão profundo quanto a tua altura.

— Tenho um 1,70 metros.

— Então, se o barco virar e, por azar dos azares, for numa zona profunda, só tens de pousar os pés no fundo do lago e saltar para respirar. Não morres.

— És tão parvo.

— Mas talvez tenhas de ter cuidado porque vivem aqui milhares de peixes.

A maioria são carpas, peixes-gato, tartarugas e caranguejos. Podem morder-te as pernas.

Afonso remou para longe e encostou à beira de uma zona do parque que estava mais vazia, saímos e deitámo-nos na relva. Era tão natural e confortável estar deitada ao seu lado, ouvir os barulhos do seu corpo, a sua respiração, sentir o seu cheiro. Lembrava-me de quando se foi embora, do vazio que era dormir na minha cama sozinha depois de tantas noites a dormir na dele. E este é um vazio difícil de quantificar, estamos habituados desde crianças a dormir sozinhos. E um dia aparece alguém que dorme ao nosso lado, puxa os lençóis, dá-nos pontapés com os pés frios e, com azar, até ressona. Mas então apaixonamo-nos e já não nos imaginamos a dormir sozinhos porque essa pessoa deixa de ser um corpo estranho na nossa cama e torna-se na única forma de conseguirmos dormir, com ela ao nosso lado. O tempo passa e já não nos lembramos do que é ter uma cama só para nós. Até que essa pessoa vai embora, a cama volta a ser toda nossa, podemos esticar-nos, puxar os lençóis para o nosso lado, dormir no meio das almofadas mas o consolo da cama desaparece. E vai demorar muito tempo até nos voltarmos a sentir confortáveis na nossa própria cama.

— Não custou muito, pois não? — perguntou, virando-se para mim.

— Só porque, afinal, o lago não é fundo. Tenho medo de morrer, o que é que queres? Se calhar noutra vida morri afogada.

— Não é fundo mas está cheio de mistérios nas suas profundezas.

— Como assim?

— Li que há uns anos tiveram de o esvaziar porque andava a perder água e encontraram coisas surreais lá dentro.

— Que tipo de coisas?

— Cadeiras, barcos, telemóveis, caixotes do lixo, mesas, skates e coisas

que as pessoas atiraram para lá ao longo dos anos.

— Se havia barcos é porque eles se afundaram.

— És tão catastrófica! Deviam ser barcos velhos e partidos para terem ido ao fundo.

— Também andaste de barco com a Alba?

— Por acaso, não. Ela só vinha um fim de semana de cada vez. Não dava para fazer assim tanta coisa.

— Tens falado com ela?

— Nem por isso.

— Porquê?

— Porque ela seguiu a vida dela, está em Portugal e eu estou aqui.

— Pois.

— E a nossa fotografia continua na porta do meu frigorífico. — Os seus lábios contraíram-se num sorriso e atirou a cabeça para trás numa gargalhada.

— O que foi?

— Nos últimos meses, estive constantemente a imaginar-te. Chegava ao ponto em que já não sabia se eram memórias ou imaginação. Estava constantemente a voltar atrás, nós a comer piza, nós a jogar *bowling*, nós a comer gelados em Belém, nós a comprar aquelas pulseiras horrorosas na praia. Ainda a tens?

Senti um aperto no peito, desfizera-me dela num momento de desapego. E desespero, é certo.

— Não tenho. — Tapei a cara com as mãos. — Atirei-a para o lixo.

— Porquê?

— Porque era demasiado doloroso recordar.

— Atiraste tudo o que tinhas meu para o lixo?

— Não. Só algumas coisas que deixaste em minha casa, o teu perfume, os teus *post-its* colados na parede do meu quarto. Eram as coisas que mais me

magoavam porque representavam a tua presença, tu estavas em todo o lado. Mas guardei as nossas fotografias.

— Numa caixa bem escondida, tenho a certeza.

— E debaixo da cama. — Sorri.

— Como é que ele era?

— Quem?

— Olha, quem? — Revirou os olhos. — O Simão.

— Não sei dizer. — Fechei os olhos e coloquei as mãos atrás da cabeça, deitada na relva. — O que é que queres saber?

— Como é que ele apareceu?

— Encontrei-o em Carcavelos, ele tinha ido lá à escola buscar uns papéis.

— E o que é que ele faz?

— Andou a fazer um curso de navegação, queria trabalhar num barco, ser capitão ou algo do género, mas entretanto estava a dar aulas de *surf* na escola que pertence ao bar do Zeca.

— Como é que era a vossa relação?

— Não achas estranho falar disto?

— Talvez, mas confesso que quero saber.

— Ele é fantástico, a sério. E não digo isto para que tenhas ciúmes. Isso só seria estúpido. — Fiz uma careta. — Mas ele é boa pessoa, preocupa-se com os outros e faz com que, ao pé dele, toda a gente se sinta bem. Olha, o oposto do teu amigo hoje.

— Porquê?

— Hum... — Virei-me de lado e apoiei a cabeça na mão. — Ele foi um bocado idiota. E não digo isto com maldade, não quero que penses que estou sempre a criticar os teus amigos. Mas estava a fazer-me sentir como se fosse uma aberração por não querer beber às quatro da tarde a merda de uma margarita

— Ele é um bocado inconveniente às vezes, eu sei. — Sorriu. — E a tua opinião em relação aos meus amigos é muito idêntica à minha. Já falámos sobre isso. Mas eles são assim, não é que sejam más pessoas. E, apesar de não me identificar em tudo, claro que gosto deles. Crescemos juntos.

— Claro, também não estou a dizer isso.

— Gostavas dos amigos dele?

— Nem por isso.

— Porquê?

— Eles não se embebedavam e não se metiam com gajas, mas consumiam muitas drogas.

— Que tipo de drogas?

— Tudo o que possas imaginar.

— Foda-se.

— Pois.

— E alguma vez experimentaste?

— Claro que não. — Optei por ocultar o episódio em que Marisa me colocara aquela merda no copo.

Ficámos em silêncio durante algum tempo. Pensei em Simão. Como estaria? O que andaria a fazer? Ainda trabalharia no bar com Zeca? Fizera finalmente o tal exame? Antes de vir para Madrid, Zeca dissera-me que Simão perguntava por mim, mas sabia que era melhor não falarmos. Mas estes últimos dois meses sem viver em constante pânico tinham-me feito perceber como a nossa relação era doentia, tóxica e tensa. Vivíamos constantemente a custo para estar um com o outro, ele para tentar mudar e eu para tentar aceitar. E Afonso fizera-me voltar à realidade, encaixávamos tão bem na vida um no outro, vivíamos sem esforço e percebera que era isso que queria para mim, fosse com Afonso ou sozinha.

— Porque é que já não estão juntos? — perguntou, quebrando, por fim, o

silêncio.

— Queres a versão curta ou a versão longa?

— A longa — sorriu.

— Vai ser a média — respirei fundo. — Desde que me lembro, ele sempre consumiu drogas. Já era assim na escola quando era miúdo. Uma vez, eu, a Alice e outras amigas fomos para a varanda do quarto de uma delas com binóculos para ver o que o Simão e os amigos faziam atrás das terras da escola. — Afonso deu uma gargalhada. — Claro que eles ficavam lá encostados ao muro a fumar charros, o que na altura nos deixou horrorizadas. No início do ano, quando começámos a estar juntos, ele parou um pouco ou, pelo menos, foi essa a impressão que tive. Estava cheio de planos e ia fazer um exame, mas, quando começou a trabalhar na praia e a passar mais tempo com os amigos, os seus velhos hábitos também voltaram. Ele tinha passado os últimos anos a trabalhar e a estudar no Algarve e acredito que, fora do seu ambiente, também se conseguisse manter mais ou menos sóbrio ou, pelo menos, com mais regularidade.

— Mas eles fumavam charros, era isso? — interrompeu-me Afonso, desdramatizando, conseguia perceber pelo seu tom — Bem, quem é que nunca o fez? Todos fumávamos na escola e eles ainda fumam às vezes, mas chega a uma altura em que, sei lá, deixas de ter paciência para estar sempre a leste da vida.

— Pronto, a questão é que eles fumam charros diariamente porque não sabem estar de outra forma. — Suspirei. — Fumavam *crack*, cheiravam coca, tomavam pastilhas e essas merdas.

— Epá, isso já é outro nível.

— Pois...

— E depois? O que aconteceu para terminarem?

— Aconteceram muitas coisas, mas, resumidamente, fomos para a

Ericeira, ofereceram-lhe um cachimbo e mais merdas e uma das amigas dele teve uma *overdose*. Acabei a noite com ela no hospital, ficou tudo bem com ela, mas foi o meu limite.

— E ainda gostas dele? — baixou os olhos.

— Gosto, mas não é esse gostar que estás a pensar. Gosto dele porque faz parte da minha vida, da minha infância, tudo o que vivemos foi intenso e está associado a muitas lembranças.... mas não estou apaixonada por ele.

— Como é que consigo competir com isso?

— Estás a compreender tudo errado, Afonso. — Apertei os seus dedos nos meus. — Eu tinha catorze anos. Mal me conhecia a mim própria, quanto mais a ele. E todos os anos que nos separaram só serviram para construir sentimentos, expectativas erradas e amor idealizado com base em memórias infantis. No momento em que eu e o Simão nos encontrámos, acho que estávamos apaixonados pela ideia de nós e não um pelo outro.

Afonso ficou em silêncio a olhar para as nossas mãos.

— Escuta — puxei o seu queixo para cima para olhar para mim —, quando vim para cá, senti-me aliviada porque foi como se me tivessem tirado um peso de cima dos ombros. Estava exausta de viver constantemente alerta, não por mim, por ele. Senti-me leve e livre pela primeira vez em muito tempo, como se conseguisse finalmente respirar depois de ter estado tanto tempo debaixo de água. Não foi nem sequer um por cento do que senti quando te foste embora. Senti a tua falta todos os dias, todos os segundos, foi dilacerante. — Dei uma gargalhada seca. — Eu apaixonei-me por ti de uma forma real. Não por uma ideia de amor, mas por ti, pelo que tu és, pelo que me davas, pelo que eu era e sou quando estou contigo. De uma forma realista, natural e simples. Não de uma forma fantasiada.

— O que nos vai acontecer quando voltares para Portugal?

— Não sei, mas acho que temos de esperar para ver. — Sorri. — E, desta

vez, acho que temos de fazer um esforço por nós.

— Ah sim? — escondeu o rosto nos meus cabelos. — Posso dizer uma coisa?

— O que quiseres.

— Não estou a dizer que te amo mais do que ele. Só sei que te amo melhor. És a porra da mulher da minha vida.

— És tão exagerado. Somos tão novos...

— Vais continuar a ser mesmo quando tiver cinquenta anos.

— E quando eu tiver setenta e a pele caída e a cara cheia de rugas?

— Também. Aí já vamos ter montes de histórias para contar aos nossos netos.

— És doido. — Abracei-me a ele. Deixei que me beijasse e que o resto da tarde passasse como se só nós existíssemos no meio do centro palpitante desta estranha cidade que agora só tinha a cara dele por todo o lado.

Terminei de arrumar tudo na minha mochila e, com o suor a escorrer-me pelas costas, afastei o cabelo da testa e atirei-me para a cama de braços abertos para tentar que me entrasse pelos poros um pouco do frio dos lençóis. Dentro de três horas já estaria no ar a caminho de casa. Era estranho pensar na palavra casa neste momento, porque me sentia em casa em Madrid. Neste apartamento minúsculo na La Latina com uma janela que estava perra e não fechava. Na casa de banho onde mal cabíamos os dois com a parede azul e um armário velho de madeira cheio de toalhas, perfumes e loções de rosto porque Afonso era, afinal, mais vaidoso do que aquilo que gostava de dar a entender. Na sala com o grande sofá creme que ocupava praticamente o espaço todo e onde tantas noites ficámos acordados até de madrugada a falar como se nunca nos esgotassem as palavras e a vontade de saber mais um do outro. Tinha a sensação de que tinha conhecido mais de Afonso nestas meras quatro semanas a viver com ele praticamente vinte e quatro horas por dia do que nos meses que estivéramos juntos no passado. Isso parecia-me agora uma outra vida, uma outra versão de nós, um prelúdio para aquilo que éramos agora. O seu filme favorito era *O Padrinho* e gostava, um dia, de ir viver para o campo ou para perto da praia. Sonhava em ter um Jeep, em aprender a tocar guitarra e de fazer uma *road trip* por Itália, começar pelo norte em Milão e descer por aí — Veneza, Florença, Umbria, Roma, Nápoles, Amalfi, Sicília... Já sabia o seu roteiro de cor. E, afinal, as bandas estranhas

que parecia usar nas suas *T-shirts* eram os Rage Against the Machine, os Muse, os Radiohead e os Arctic Monkeys, nomes que nunca me tinham dito nada mas que, agora, ganhavam novos contornos na minha imaginação musical de Afonso. Tivera sempre tantas lembranças de Simão na minha memória à medida que o ia conhecendo, mas, com Afonso, era como estar a conhecê-lo pela primeira vez todos os dias. O restaurante de que mais gostava em Madrid era a La Tasquita de Enfrente e o seu prato de sonho o ensopado de bochecha de porco que me enojava só de olhar. Não conseguia ir para a cama à noite sem tomar um banho antes e, afinal, usava óculos para ler, coisa em que nunca reparara porque também nunca o vira a ler antes. Não gostava de andar de metro com medo de um novo atentado e tinha uma coleção enorme de escovas de dentes porque estava sempre a sonhar que lhe caíam todos os dentes da boca. Agora não fumava, mas tinha um outro vício, doces, que passava a vida a comprar no supermercado da rua e que lhe enchiam duas gavetas da cozinha. *Galletas* de todos os sabores, tamanhos e formatos, pacotes de bolachas, chocolates, biscoitos recheados. E, afinal, não gostava de *jamón*. Já eu adorava presunto e poderia comê-lo a toda hora. «O presunto aqui é cultural como o bacalhau em Portugal», dissera. «E eu também odeio bacalhau, é seco, salgado e pastoso na boca.» Mas então, um dia, comprei-lhe bolinhos de bacalhau porque o velhote do café me dissera que tinham pouco peixe e eram bastante apreciados na cidade. Ele comera, repetira e lambera os dedos sem nunca lhe ter dito que acabara de comer bacalhau. Guardei esse segredo comigo porque assim teria mais piada. Não conseguia imaginar a quantidade de vezes que a minha mente iria viajar para aqui quando já cá não estivesse porque ele estava por todo o lado. Não só em Madrid mas em todos estes pequenos pormenores do dia-a-dia que ele voltara a preencher e que iria trazer todos estes revezes à minha realidade sem ele em Portugal.

Saí do quarto com a mochila a arrastar pelo chão. Afonso estava sentado no sofá com ar de quem ia ser obrigado a comer gafanhotos, ou coisa parecida.

— Tenho uma coisa para ti — disse-lhe, encostando a mochila à parede no *hall* de entrada.

— Vais ficar?

— Isso era bom mas ambos sabemos que não vai acontecer. — Sorri. Tirei um pacote da mochila e sentei-me ao seu lado no sofá.

— Vai ser estranho não estares aqui. — Pôs um braço ao redor dos meus ombros e puxou-me para ele.

— Também vai ser estranho para mim ir embora. — Dei uma gargalhada. — Não vamos dramatizar. As coisas vão compor-se.

Ele encolheu os ombros e respirou fundo.

— Vou a Lisboa no próximo fim de semana. Vou pedir para me darem a sexta-feira de férias para sair daqui na quinta à noite e estarmos mais tempo juntos.

— Mas até lá, e para estares ocupado, comprei-te uma coisa.

Dei-lhe o embrulho de papel pardo. Vi-o retirar cuidadosamente o fio que o prendia.

— Não acredito. — Sorriu com o livro *O Padrinho* nas mãos. Abriu as páginas e cheirou-as.

— Não podes adorar os filmes sem nunca teres lido o original.

— Como é que o arranjaste? — Era uma versão em português.

— Pedi à minha mãe para comprar e enviar pelo correio para casa da Lolla.

— Então a tua mãe já sabe de nós? — Abraçou-me com força.

— Já sabe mais ou menos.

— E o que é que ela disse?

— «Minha menina, quando chegares temos de ter uma conversa». —

Tentei imitar a voz dela, o que o fez rir.

— Para a semana tenho de ir falar com ela.

— Francamente, vais fazer o quê? Pedir-lhe permissão?

— Isso vou pedir ao teu pai. — Sorriu e beijou-me.

Lolla estava à porta da casa de Afonso a fumar um *cigarrillo* manchado com o vermelho dos seus lábios quando descemos. Conhecê-la fora um bote salva-vidas nesta cidade louca, principalmente porque não conhecia ninguém e, com ela, correria Madrid de uma ponta à outra e passara os meus primeiros tempos entre os seus amigos, dos quais nunca soubera muito mais do que os seus nomes próprios. Falavam alto, rápido e muitas vezes era difícil acompanhar as suas conversas em dialeto espanhol e muito calão à mistura.

— *Chica* — disse, de lágrimas nos olhos. — *¿Qué voy a hacer sin ti?*

— *Vas a seguir practicando portugués* — respondi, dando-lhe também o embrulho que tinha para ela.

— Como?

— Com o Camilo. — Sorri. Ela abriu o embrulho e tirou a minha edição antiga de *Amor de Perdição* que também pedira à minha mãe para me enviar.

— *Es un escritor portugués?*

— Vais gostar do Simão e da Teresa. — Apertei-lhe as mãos com o livro entre as nossas mãos. — *Tengo este libro desde que era niña y ahora quiero que sea tuyo.*

— Minha amiga... — Deu uma gargalhada misturada com lágrimas. — *Prometo que voy a leer. Obrigado por este regalo. Voy a estimarlo.*

— Vou estimá-lo — repeti. — Fala em português.

— Vou — sorriu. — *estimar-lo.*

— Está quase.

Abraçámo-nos durante muito tempo. Depois de promessas de conversas ao

telefone, de nos escrevermos e de nos voltarmos a ver quando ela fosse para Lisboa, Lolla deixou-se ficar para trás a acenar com os braços enquanto eu e Afonso nos afastávamos no seu carro.

Encostei a cabeça ao vidro e deixei-me absorver pela paisagem uma última vez. Percorremos as ruas que, nos últimos dois meses, foram minhas e que tão cedo não voltaria a ver. Era difícil acreditar que, semanas antes, também eu corria por estas ruas das quais agora me despedia. Chegara aqui sem qualquer expectativa de nada, nem sequer de gostar da cidade. Era quente, húmida, sufocante, cheia de turistas, prédios altos, lojas de três andares, vozes de mil e uma línguas, mas nunca o português. Queria fugir de mim longe de imaginar que me iria encontrar. Os quinze minutos que demorámos a chegar ao aeroporto foram suficientes para me despedir pela última vez das cores, das formas e dos cheiros da cidade com a qual iria ter de aprender a conviver à distância. Emocionei-me, apetecia-me chorar e rir ao mesmo tempo. Chorar por me despedir novamente de Afonso, mas rir por esta lotaria cósmica que ganhara. Vi-o a olhar para mim, funguei, limpei os olhos e sorri. Colocou-me a mão na perna e, sem despregar os olhos da frente, disse-me para abrir o porta-luvas.

— Achavas que não tinha nada para ti? — perguntou, com um sorriso de orelha a orelha.

— O que é que foste fazer?

— Nada de especial, mas como disseste que atiraste as minhas coisas para o lixo, arranjei-te um pequeno acessório de memória.

Abri o porta-luvas e vi uma pequena caixa retangular do tamanho da minha mão. Peguei nela com cuidado, com medo de a partir ou amolgar ou profanar com a minha falta de jeito para estes momentos.

— Abre-a. — Continuou a olhar para a estrada.

— Calma, deixa-me viver isto, pá.

Ele deu uma gargalhada.

Abri-a devagar. Tinha meia dúzia de fotografias nossas, duas do passado e quatro ou cinco deste verão. Havia uma de nós os dois deitados no sofá da casa dele há dois anos e outra minha de olhos fechados no barquinho do parque do Retiro. Dei uma gargalhada piegas com os olhos marejados de lágrimas. Pousei as fotografias no colo, tirei duas pulseiras da caixa. Eram meio marroquinas com um entrançado colorido, foleiras até dizer chega. Solucei, entre risos. Tirei um frasco minúsculo de amostra de perfume. Abri-o e cheirei-o, era o perfume dele que ficara em minha casa e que atirara para o lixo. Tinha ainda uma folha amachucada e dobrada em cinco ou seis bocados. Abri-a e era um poema que escrevera quando tinha catorze anos ou coisa que o valha e que, de alguma forma que nem sabia explicar, ele tivera com ele até agora. E, por fim, tirei um pequeno leitor de MP3 amarelo com uns auriculares pretos. Olhei para ele.

— Gravei-te todas as músicas que me fazem lembrar de ti e que, ao mesmo tempo, e de uma forma até meio mórbida, continuei a ouvir porque, sei lá, me faziam sentir qualquer coisa.

— E são quantas?

— Umas cem — riu-se. Eu quase estremeci quando o disse.

— Vou ouvir todas. E isto? — Peguei na folha amachucada. — Nem sabia que tinhas isto. Onde é que o encontraste?

— Uma vez, mostraste-me uma caixa com fotografias tuas antigas, lembraste-te?

— Quando foste a casa da minha mãe?

— Sim. E estavam lá várias coisas e eu peguei nisto e abri. Quando li, não te sei explicar... São apenas frases infantis sobre um rapaz, mas não sei, tocou-me. E guardei-o comigo porque sabia que, um dia talvez, se perdesse

a fé em ti, eu ia querer mostrar-te aquilo que tu não vês, mas, quem está de fora a ler-te, consegue ver.

— Afonso...

— Vês? Tu continuas a não conseguir dizer em voz alta que gostas de escrever. — Parou o carro no parque do aeroporto, desligou o motor e virou-se para mim, apertando-me a mão. — Como é que continuas a detestar falar sobre o que fazes? Achas que não te vi nestes dias? Com o teu bloquinho de notas a escrever coisas. Sempre com o lápis na boca a morder a borracha, a sublinhar frases nos livros e a dobrar páginas. E tu és a única pessoa que não repara em como ficas tão feliz a fazer o que fazes.

Tapei a cara com as mãos e deixei que me puxasse para o seu peito.

— Tens noção de que esse poema estúpido era sobre o Simão?

— Pois, agora percebi que era provável que fossem sobre ele todos aqueles tormentos.

— E ainda gozas, és do pior.

— Não estou a gozar. Mas quero voltar a guardar o papel, se me deixares. Só te queria mostrar que a forma apalermada como te sentias é exatamente como me sinto agora. — Sorriu. Entreguei-lhe o papel, feliz por me ver livre daquela lembrança embaraçosa.

— E as pulseiritas? Queres mesmo voltar a usar uma pulseira?

— Quero.

— A sério? És tão palerma, Afonso.

— Quero apenas lembrar-me que tenho um motivo sempre que olhar para o pulso.

— Um motivo para quê?

Pausa.

— Tu sabes. — Encolheu os ombros.

— Não sei.

Pausa.

— Um motivo...

— Para quê?

Entretanto, passaram anos e séculos e milénios. Os dinossauros andaram por aí a fazer a terra tremer, um asteróide caiu e levou-os à extinção, o Homo Sapiens deu o ar da sua graça, evoluiu, espalhou-se pelo planeta, descobriu continentes, a penicilina, a eletricidade e que a terra era redonda, fez guerras, criou a internet. Todas estas coisas aconteceram enquanto esperava pelo raio do motivo de que estava a falar.

Ele suspirou.

— Um motivo para me ir embora daqui e voltar para Lisboa.

Era o que sempre quisera ouvir, mas, na realidade, não queria que ele abdicasse daquele emprego a fazer algo de que realmente gostava e em que era bom. A sua própria carreira, não a que o pai lhe dera de bandeja, o seu próprio caminho.

— Tens mais um motivo para ficar. — Peguei-lhe nas suas mãos. — Eu espero por ti.

— Mas vamos viver longe um do outro.

— Mas temos o resto da nossa vida para viver perto.

Ele pôs uma mão na parte de trás do meu pescoço e puxou-me para ele, beijou-me com força alheio ao facto de que, quando me tocava, transformava o meu corpo em gelatina.

Entrei no avião, sentei-me no meu lugar, tirei o MP3 da mala para ouvir a nossa banda sonora. Começou a tocar qualquer coisa que nem sabia o que era, mas que me tirou dali: *you float like a feather in a beautiful world, and I wish I was special, you're so fucking special*. Não me recordava sequer da cara da pessoa que se sentara ao meu lado, das hospedeiras, do que o piloto

dissera ao intercomunicador sobre o atraso, do tempo que ficámos parados na pista à espera para levantar voo. Fechei os olhos e deixei-me embalar pela música, por Afonso, pelo que vivêramos e pelo que nos esperaria daqui para a frente. Não estava triste por me ir embora. Na verdade, tinha saudades de casa, da minha mãe, dos gémeos, de Alice e mesmo do meu pai e das suas conversas excêntricas. Dei por mim a pensar em Zeca e em Alice, em Simão e em tudo o que voltar a casa representava. Comecei mentalmente a fazer planos para o fim de semana seguinte, quando Afonso viesse a Lisboa. E num instante, assim de forma natural, Simão voou dos meus pensamentos e partiu pela janela do avião que rompia as nuvens, para o céu infinito lá longe.

PARTE V

Outono

2005

Nisto já nem de ar precisas

Só meras brisas,

Raras

CLÃ

1

Senti-me estranha de volta a casa, era como se nada tivesse mudado, continuava tudo no mesmo sítio, mas tudo mudara. Ou eu é que mudara. A felicidade é como um filtro que coloca tudo mais vivo aos nossos olhos. A minha mãe estava com Alice à espera no aeroporto com um cartaz ridículo que me fez parar com gargalhadas a tomar conta do meu corpo. As pessoas atrás esbarraram e empurraram-me para continuar caminho, também elas em busca dos seus cartazes. Levei com uma dose abismal de choradeira como se a minha mãe não me visse há anos. Alice olhou para o meu pulso, com a pulseira de Marisa e de Afonso. «Jesus, também tenho de te comprar uma pulseira ou vou ser excluída do clube», disse. Agarrei-me a ela em gargalhadas e saímos do aeroporto.

— Minha menina — disse a minha mãe quando entrámos no carro —, espero que tenhas aprendido alguma coisa sobre desapego.

— Desapego, mãe? Estás tão emotiva. — Ela virou-se para trás no banco para me encarar, Alice ia ao lado dela.

— Não sei se te lembras de como ficaste há dois anos, mas eu lembro-me muito bem. E não quero voltar a ver-te assim. — Alice virou-se para trás e levantou as sobrancelhas em solidariedade.

— Oh, mãe — revirei os olhos para Alice —, as coisas agora são diferentes.

— Eu gosto do Afonso, tu sabes que sim, mas isto da distância nunca

acaba bem e acho que já aprendemos esta lição. — Sabia que ela se referia ao meu pai, que passava semanas fora no seu mundo, o egoísmo de se isolar e afastar da família. — Espero que estejas preparada e consciente disso.

— Não conseguimos prever o que nos vai acontecer, não é?

— Não. Mas podemos evitar repetir o mesmo erro duas vezes. — Apertou-me a mão e sorriu. — E só para que conste, eu gostava do Simão — suspirou e olhou para Alice. — Mas agora é o Afonso, tenho de me habituar a estas modernices.

Se a minha mãe sonhasse sequer como foram os últimos meses com Simão, provavelmente não iria continuar a gostar assim tanto dele e do que ele representava, teria tido um colapso nervoso. Sempre achei que mentimos aos nossos pais para evitar partir-lhes o coração. Lembrava-me das raparigas da escola, sempre bêbedas ao fim de semana, a dizer que dormiam na casa umas das outras. Não mentiam para poder sair, mentiam para que os pais continuassem a olhar para elas como as filhas perfeitas que imaginavam ter em casa. Eu mentira e omitira simplesmente para não magoar a minha mãe. Porque sabia que ela iria sofrer muito mais ao saber o que, de facto, acontecera do que a imaginar que Simão podia, simplesmente, ter-se desinteressado de mim ou eu dele.

2

— Quero saber todos os pormenores — disse Alice. Estávamos deitadas na minha cama a comer chocolates que trouxera de Madrid.

— Nem sei por onde começar.

— Jura que não o foste procurar.

— Juro. — Entrelaçámos os nossos dedos mindinhos. — Estava simplesmente num parque sentada quando o vi.

— Porra, és a rainha do destino. Só a ti é que estas merdas te acontecem. Numa cidade com não sei quantos milhões de pessoas...

— Três milhões — interrompia-a, corrigindo com precisão esta informação vital nesta história.

— Pronto. Como é que no meio de três milhões de pessoas vocês se encontram?

— Pois, se calhar é o destino e essas tretas de que tu gostas. — Dei uma gargalhada. — Ele também estava lá sentado, e agora vem a parte melhor: estava a ler *O Primo Basílio*.

— Estava mesmo desocupado, coitado.

— Algo desse género — sorri.

— Porra. — Dei uma gargalhada. — Eu sempre gostei dele. Devias tê-lo visto na passagem de ano, estava miserável. Queria ter-lhe dito qualquer coisa, mas também não sabia o que lhe dizer.

— Ele sabe disso.

— E o que fizeram em Madrid?

— Hum... — Fiquei um pouco a pensar.

— Fora do quarto— acrescentou com um sorriso manhoso.

Falei-lhe sobre Lolla, sobre o estúpido do Caju, sobre a cidade, os museus, os jardins, os palácios, as pessoas, a comida, as conversas que tivera com Afonso, as coisas que ele partilhara comigo. Conte-lhe pormenores de que já nem me lembrava, como quando lhe comprara no mercado uma planta para ele ter em casa. Porque as flores morrem, mas uma planta cresce connosco, torna-se parte da casa e era isso que queria, tornar-me parte da sua vida. Se a planta sobrevivesse à nossa distância, talvez nós também sobrevivêssemos.

— E o Zeca? — perguntei. — Como é que ele está? E a Marisa? Parece que tudo o que aconteceu já foi noutra vida.

— Oh — largou o chocolate e deitou-se na minha almofada —, não sei o que te diga, nunca me senti assim. — Eu sabia, apertei-lhe a mão. — Passámos o verão praticamente juntos, até no bar já fui ajudar algumas vezes, fiquei no teu lugar nos dias mais complicados. E sabias que ele tem uma casa na barragem de Montargil?

— Acho que o Simão me falou de qualquer coisa sobre isso. Já não me lembro muito bem.

— A casa é incrível, tem uma piscina e uma vista para o rio. Passámos lá alguns dias sozinhos e ele cozinha bem. Eu mal sei fazer esparguete. E tem uma mota de água, andámos no rio e até canoagem fomos fazer. Acredita, ias morrer dentro de uma canoa porque até eu tive medo. Mas com ele é tudo tão fácil, percebes? Eu era uma tartaruga com o Ventura, sempre com aquela carapaça em cima de mim.

— Alice... — Precisava de lhe contar neste preciso momento que vira Ventura no festival com outra rapariga. Este segredo não podia continuar a

manter-se entre nós. Ela levantou a cabeça e olhou para mim. — Tenho de te contar uma coisa.

— O que é? — perguntou. Engoli em seco sem conseguir dizer nada. — Estás a assustar-me. — Sentou-se na cama muito direita.

— Preciso de te contar uma coisa sobre o Ventura. — Formou-se-me um nó na garganta, a bloquear as palavras que precisava de dizer. Tinha medo da reação dela, que me odiasse, que se sentisse enganada, que se estragasse qualquer coisa entre nós. Mas via-a tão feliz que não conseguia suportar a ideia de não lhe contar toda a verdade agora.

— Eu acho que já sei o que vais dizer... — Não sabia ao certo se ela saberia mesmo.

— Lembras-te quando fui ao Sudoeste com o Afonso?

— Sim.

— Vi o Ventura com uma rapariga — disse a medo. Ela não parecera surpreendida, só triste.

— Já imaginava que sim.

— Oh! — Isto apanhou-me de surpresa. — Quis contar-te uma dezena de vezes, desculpa.

— Eu sabia que deverias saber coisas sobre o Ventura pelo Afonso. Coisas que não me contarias para não me magoar. — Apertou-me a mão e houve uma sensação de profundo entendimento entre nós como nunca antes sentira.

— Não te contei porque ele pareceu mesmo arrependido, implorou para não o fazer, que não te queria perder e sabes... — A minha voz soou apreensiva e esperava que ela não pensasse que estava a tentar desculpar-me. — Os idiotas dos amigos faziam tanta pressão, diziam que ele andava de trela como um cão e, enfim, acreditei que ele tivesse cedido por pressão.

— Eu já sabia que ele me traía porque apanhei mensagens no telemóvel

dele — disse, placidamente. Fiquei à espera de uma qualquer reação mas ela limitou-se a suspirar.

— Porque não me contaste?

— Porque tive vergonha, sei lá. Porque ele era idiota e, mesmo assim, eu continuava com ele só porque sim, não é que gostasse assim tanto dele, era mais o hábito que outra coisa.

— Eu queria contar-te, mas, ao mesmo tempo, via-te tão vulnerável, sempre tão insegura se estarias à altura dele. Queria que tu percebesses por ti como eras melhor que ele e tinha medo de te fazer sentir ainda mais frágil.

— Tu não acreditas nessas tretas do destino, mas eu acredito — declarou.

— Porquê?

— Porque se não fosse o Ventura, tu não tinhas conhecido o Afonso. E se não fosse o Simão, eu não tinha conhecido o Zeca. E no fim estamos nós, que somos o destino uma da outra. — Apertou-me a mão.

— Sempre — respondi.

— Sabes, suponho que a minha relação com o Zeca deva parecer um tanto surpreendente a muitas pessoas. Um dia, não nos conhecíamos e, no outro, passámos a pior noite das nossas vidas na Ericeira e não nos largámos mais.

— Acho que não — respondi, pensativa. — Estava tudo ali escarrapachado. Lembro-me de vos estar a observar na piscina e de pensar que vocês estavam a apaixonar-se e nem se apercebiam.

— Porque dizes isso?

— Porque estavam ali focados um no outro, a serem vocês próprios. Foi tão óbvio para mim — dei uma gargalhada.

— Mas sabes o que é que é estranho? Quando íamos para a praia antigamente, ele estava lá e eu lembro-me dele. Nunca lhe liguei nenhuma, usava aquela trancinha idiota no cabelo e era meio esquisito. O Simão estava sempre a fazer palhaçadas, mas o Zeca ficava lá no bar, quando vinha para a

areia ficava até meio separado dos outros. E se eu soubesse que, alguns anos depois, iria apaixonar-me por ele, será que também tinha gostado dele naquela altura?

— Provavelmente não. Se tu e o Zeca tivessem convivido naquela altura, se calhar nem tinham visto nada um no outro porque eram pessoas diferentes e podiam não ter nada para dar um ao outro. Mas no momento em que se voltaram a encontrar, graças a mim, claro, os planetas estavam todos alinhados, vocês estavam no sítio certo na hora certa, as vossas vidas estavam sintonizadas e aconteceu, apaixonaram-se.

— Achas que o momento certo para ti e para o Afonso foi no passado ou está a ser agora?

— Acho que tínhamos de passar por estes dois anos separados para que as coisas agora se sintonisassem. Mas passo a vida a questionar-me se eu é que apareci no momento certo para ele.

— Porque dizes isso?

— Porque o obriguei a mudar a sua vida toda. Se calhar, eu sou a pessoa certa, mas no momento errado. E um dia ele pode aperceber-se disso...

— Deixa-me dizer-te uma coisa, a pessoa certa nunca chega no momento errado. Porque as pessoas certas fazem-nos querer atirar ao ar todos os planos que tínhamos originalmente feito. Quando tu apareceste na vida do Afonso, o quer que seja que ele tinha planeado deixou de fazer sentido. E é isto a lógica do amor. Olha para mim a trabalhar na praia. Alguma vez imaginaste? Claro que não. Porque eu sempre odiei passar a vida suja de areia. E agora tenho areia até nos buracos onde nunca imaginei ter.

Doía-me a barriga de tanto de rir. Ela conseguia falar de uma coisa séria e, no segundo a seguir, acabar com aquele momento piegas com um comentário idiota.

— Como está a Marisa? — perguntei, por fim.

— Ela está bem. Estivemos com ela algumas vezes no verão. Parece que já não sai com eles, acho que aquilo a assustou e a fez mudar de vida.

— E continua estúpida?

— Não sejas assim. — Aquilo fez-me rir, Alice começara realmente a gostar dela. — Começou a trabalhar numa associação, sabias?

— De quê?

— Está a trabalhar com crianças que não têm família.

Por um instante, fiquei emocionada e feliz por ela, por ter encontrado uma forma de viver com as coisas que mais a magoavam e por usar isso para ajudar outras crianças a viver o que ela vivera. Não a odiava, apenas estivera demasiado tempo apegada àquele velho sentimento.

— E o pai do Zeca? — perguntei.

— Olha... morreu.

— Quando? — Fiquei em choque, não imaginara que a doença estivesse tão avançada.

— No início de agosto.

— Porque não me disseste?

— Não valia a pena. Estavas em Madrid, não vinhas para cá de propósito — suspirou. — Foi também tudo muito rápido. O funeral estava cheio de gente, foi comovente, estavam miúdos das escolas de *surf*, antigos alunos, pessoas que, de alguma forma, tinham crescido por ali e a Câmara Municipal fez-lhe uma homenagem. Pelo contributo que ele deu à terra, à praia e aos miúdos da zona ao longo dos anos.

— Mas gostava de lhe ter dito alguma coisa. — Peguei no telemóvel para lhe enviar uma mensagem.

— Ele sabe que gostarias de ter estado presente, não te preocupes. Foi ele mesmo que me disse para não te dizer porque não ia adiantar de nada.

Comecei a escrever. Nunca sabia o que dizer nestas situações, mas tentei

dar-lhe algumas palavras de conforto.

— Houve uma coisa que me incomodou — comentou Alice.

— O quê? — Enviei a mensagem e atirei o telemóvel para o fundo da cama.

— Estava o pessoal todo no funeral, o Nico, o Nando, os irmãos, o Simão também e muita mais gente, amigos deles e miúdos de que me lembro da escola e de ver com eles nas festas...

— Sim...

— Estamos num funeral, certo?

— Sim...

— Estavam todos de fatos pretos e óculos de sol e a dada altura começaram a tirar fotografias em frente a uns carros, disseram que pareciam a máfia.

— Quem?

— O Nico, o Nando, eles... O Simão também. O Zeca ficou incomodado, mas não lhes disse nada.

— Eles tiraram fotografias no funeral do pai do Zeca?

— Não é o facto de terem tirado fotografias que me deixou perplexa. — Virou-se cama e apoiou a cabeça na mão. — É que eles estavam naquela brincadeira como se estivessem numa festa, de braços cruzados a posar para as fotografias com charutos na mão.

— Não sei que diga.

— Foi inacreditável. Felizmente, a família dele não viu porque estavam no parque de estacionamento, mas acho que eles nem sequer se aperceberam de que magoaram o Zeca. Que o momento não era para aquilo.

— Eu acho que eles não se apercebem de muitas das coisas que fazem.

— Às vezes, é como se as drogas lhes tivessem queimado os fusíveis.

— Provavelmente queimaram...

— Ou são só idiotas.

— Isso também.

3

Algures entre a casa de banho e a varanda, Nando colara-se a mim e, por alguma razão, achara que estava realmente a ter piada.

— Nunca te aconteceu estares na fila do supermercado, naquelas caixas até quinze unidades, e à tua frente está uma velha e ficas a contar as merdas dela e vês que ela tem dezasseis coisas no cesto?

— Não sei — respondi secamente, tinha de arranjar forma de me afastar dele. — Acho que nunca me deu para contar o que a pessoa à minha frente tem. Suponho que toda a gente cumpre a regra das quinze unidades.

— Aí é que te enganas — disse como se tivesse descoberto a pólvora. — As velhas não cumprem e ficam ali a atrapalhar a fila de quem está com pressa e tem poucas coisas para pagar.

— Estar a comprar cervejas e vodca não é propriamente estar-se com pressa — bufei.

Revirei os olhos e virei a para o outro lado, ele não tinha piada nenhuma. Provavelmente nunca tivera e eu só me rira das conversas dele por simpatia, ele sempre fora inconveniente e incomodativo. Quando saí da varanda e voltei a entrar na sala, fui recebida com um bafo quente e uma fumarada que me fez arder os olhos. Deixei o meu copo de plástico numa mesa no canto da sala e olhei em volta à procura de Alice no meio de toda a gente. Agora não conseguia pensar em nenhum motivo para, horas antes, ter achado que vir a uma festa com eles era boa ideia. «É uma festa de final de verão», dissera

Alice. «E o Zeca não os vê desde o funeral, tenho medo de que seja tudo meio estranho. Anda comigo por favor», implorara. «O Simão não vai», acrescentara. Mas nada mudara, tudo continuava a ser um pretexto para uma festa. Continuavam a beber, a ouvir música de doidos, a consumir drogas, a fumar e a tornar as suas festas em saunas. Já nem sequer pertencia aqui, sempre fora mais ou menos aceite por estar com Simão. Agora era apenas mais uma miúda de quem ninguém notaria a falta caso fosse embora. A caminho da festa, Zeca dissera que Simão não viria, o que fora uma surpresa. Já nem Marisa fazia parte do cenário e, de certa forma, sentira falta dela. Observei Alice do outro lado da sala a conversar com Zeca, pensei em dar-lhes mais cinco minutos até dizer que me iria embora.

No sofá, estava um rapaz a tocar guitarra por cima da música enquanto fumava um charro. Lembrava-me de já o ter visto algumas vezes e de Simão dizer que era da banda da passagem de ano. E também estivera na Ericeira naquela noite que ainda me assombrava a memória. Havia uma confiança nele que era eletrizante, era o facto de se abstrair de tudo ao seu redor e colocar toda a sua atenção na sua música, o tipo de confiança que sempre me faltara. Ele olhou para mim como se me ouvisse os pensamentos e sorriu. Fez-me um sinal para me aproximar e, porque tudo seria melhor do que ouvir Nando falar, sentei-me ao seu lado. Ele continuou a fazer o mesmo que estava a fazer.

Passaram-se provavelmente cinco minutos e só pensava no que raio estava a fazer ali, nem tinha nada com que ocupar as mãos. Ele percebeu e passou-me um charro, sorri e disse que não com a cabeça. Ele inspirou, fechou os olhos, manteve o fumo dentro dele e depois expirou com força. Apagou-o e afastou o fumo com a mão, pousando a guitarra nas pernas.

— Sabes tocar? — perguntou-me.

— Nem por isso.

— Queres aprender?

— Não sei, foi algo que nunca me passou pela cabeça.

Ele levantou-se.

— Vou buscar uma cerveja. Queres alguma coisa?

— Pode ser sangria.

Ele acenou com a cabeça e afastou-se. Olhei à minha volta e Alice fez-me um sinal, perguntou silenciosamente se estava tudo bem. Acenei que sim e gesticulei que já ia ter com eles. Não o fizera antes porque queria dar-lhes algum tempo sozinhos, ela sempre o fizera comigo. E ela era tão melhor do que eu a integrar-se nos sítios, sempre invejara a sua facilidade de permeabilização. O rapaz da guitarra voltou e sentou-se novamente no sofá ao meu lado e deu-me um copo com uma mistura cor-de-rosa borbulhante lá dentro. Nem sequer me lembrava do nome dele, talvez fosse Ricardo ou Ivo, não sabia ao certo. Mas também não perguntei.

— Tens mais ou menos dez acordes básicos. — Dedilhou as cordas. — Os acordes são a junção de três ou mais notas e, se aprenderes apenas cinco formatos de acordes, já vais saber tocar milhares de músicas.

— Hum, hum. — Acenei com a cabeça. Nunca me interessara muito por guitarra. Lembrei-me de que Afonso queria aprender e tive uma súbita vontade de lhe mandar uma mensagem..

— O passo seguinte é conseguires passar de um acorde para outro com agilidade. Ao início parece que os dedos ficam descoordenados, mas é preciso paciência para começar a fazer isto em piloto automático. — Olhou para mim. — Tens unhas grandes?

— Não. — Mostrei-lhe as minhas mãos.

— É difícil posicionar os dedos com unhas grandes porque o ideal é usar a pontinha dos dedos. Queres experimentar?

— Tudo bem. — Peguei na guitarra, nem sequer tinha jeito para isso. Ele

levantou-se do sofá e colocou-se atrás de mim.

— Vou mostrar-te o Dó Maior, que é um acorde fácil. — Posicionou os meus dedos no sítio certo. — Estás a ver? Agora, com a outra mão, toca nas cordas para sair o som.

Fiz um som e foi horrível. Lembrei-me das aulas de música na escola e tive vontade de rir porque sempre fora péssima e nunca tivera qualquer coordenação. A professora dissera que nunca vira ninguém com tão pouco ouvido como eu e fui a única que não tocara flauta no espetáculo de Natal do oitavo ano. Eu teria arruinado tudo.

— Olha — tirou-me a guitarra das mãos —, queres vir lá acima? Tenho um livro com ilustrações dos acordes e é mais fácil mostrar-te.

Não tinha qualquer interesse nisto, mas não sabia como dizer que não me apetecia. Era aquele velho hábito em tentar sempre agradar.

— *Okay*. — Levantei-me atrás dele. — Esta casa é tua? — perguntei enquanto subíamos as escadas.

— Sim. — Abriu-me a porta de um quarto. — Bem, é dos meus pais, mas, dado que eles passam metade do tempo na casa do Algarve, acho que é mais minha do que deles.

O quarto dele cheirava a cigarros e aos restos da piza seca numa caixa em cima da secretária, estava cheio de posters de bandas e tinha três guitarras penduradas na parede. Ele tirou um livro de uma estante e abriu-o em cima da cama.

— Estão aqui os desenhos dos dez acordes principais. Estás a ver o Dó Maior?

— Sim. — Ele colocou a guitarra novamente nas minhas mãos.

— É posicionares basicamente os dedos em fila. É simples.

Posicionei os dedos como mostrava o desenho e voltei a tentar tocar a nota, o som saiu um bocado mais afinado. Tentei o Mi Menor, que só tinha duas

notas, era fácil. Fui para o Lá Maior, eram três notas na mesma direção. Já me sentia uma estrela de rock em ascensão.

— Então... — Deitou-se de barriga para cima com as mãos atrás da cabeça. Eu estava sentada na pontinha da cama com a guitarra nas pernas. — Eras a namorada do Simão, não eras?

— Hum, hum. — Para não olhar para ele, continuei a tocar acordes ao acaso.

— Nunca mais te vi com o pessoal. Acabaram há muito tempo?

— Depois daquela festa na Ericeira. — Talvez isto lhe avivasse a memória.

— Ah, sim. — Ele riu-se. — Foi um fim de semana fixe.

— Como? — Parei de tocar e olhei para ele, certamente não tínhamos estado no mesmo fim de semana.

— Foi divertido, sei lá.. Bazaram com o Zeca, não foi?

— Passei a noite com a vossa amiga no hospital.

— Ah, pois foi.

Fiquei em silêncio e voltei a focar a minha atenção nas ilustrações no livro de iniciação à guitarra, mas só queria levantar-me e ir embora.

— Então e que fazes ao certo? — perguntou.

Pensei que vínhamos aqui apenas para ver os estúpidos dos desenhos. Não para um interrogatório.

— Estou na faculdade. E tu?

— Estudar não é para mim, sou músico.

— Pois, já tinha percebido. Lembro-me da passagem de ano, acho que a banda fez sucesso. — Dei um sorriso forçado para ser simpática.

— Estavas lá? — Ele deu uma gargalhada. — Tens de nos ver a tocar a sério porque nessa noite estávamos só a dar música a velhos.

— Tudo bem, um dia pode ser que apareça com o Zeca. — Pousei a

guitarra de pé no chão, encostei-a à cama e fiz tenção de me levantar para ele perceber que já estava satisfeita com a aula e iria voltar lá para baixo.

— Espera. — Colocou a mão no meu braço para me fazer sentar de novo.
— Não vamos já, estamos bem aqui.

— Na verdade, quando me chamaste, já estava de saída. Amanhã acordo cedo.

— Sempre te achei piada, sabias?.

Olhei para ele surpreendida com a sua estratégia e levantei as sobrancelhas. Subitamente, ele puxou-me e tentou beijar-me. Virei a cara e, com as duas mãos, empurrei-lhe o peito para se afastar de mim.

— Acho que me interpretaste mal. — Dei um salto para fora da cama.

Ele puxou-me repentinamente o braço, envolveu-me a cintura e atirou-me para a cama com uma gargalhada. Prendeu-me com uma perna e tentou voltar a beijar-me. Gritei, dei-lhe murros nas costas e virei a cara com toda a força.

— Larga-me — berrei. Ele sentou-se na cama e riu-se surpreendido.

— És das difíceis, estou a ver.

— Qual é que é o teu problema? — rugi. Levantei-me da cama num ápice e atirei com o livro para cima dele. — Não quero nada disto.

— Então porque vieste cá para cima?

— Desculpa?!

— Sim. — Levantou-se da cama, eu comecei a andar em direção à porta.
— Não me digas que estavas assim com tanto interesse em ver o meu livro.

— Estava a ser simpática — gritei. — Foda-se, se uma rapariga te diz que não, é não. Acho que não é muito difícil perceber.

— Cabra — ouvi-o dizer atrás de mim.

Saí pela porta fora e desci as escadas de par em par com o coração a rugir. Procurei Alice e Zeca e encontrei-os na varanda a conversar com Nico. Puxei-a por um braço.

— Aquele idiota da banda agarrou-me à força.

— Quem? — Olhou ao nosso redor.

— O gajo desta casa. — Ainda tinha as mãos a tremer. — Atirou-me para a cama, prendeu-me, pensei que me ia violar, foda-se.

— Estás a gozar? — perguntou em choque. — Mas não estavam ali no sofá?

— Ele estava ali a tocar guitarra, chamou-me, começou a falar sobre os acordes, a tentar ensinar-me a tocar, sei lá, estava a ser tudo normal até que me perguntou se queria ir lá acima ver um livro com ilustrações dos acordes porque era mais fácil entender assim.

— E porque é que foste?

— Foda-se, sei lá. Tive vergonha de dizer que não, que me estava nas tintas para a merda dos acordes. Só queria ser simpática.

— E depois?

— Foi isso. Mostrou-me o livro, começou a fazer-me perguntas e a falar sobre tretas e subitamente estava a atirar-me para a cama e a dizer que eu lhe estava a fazer sorrisos e parecia que estava interessada. Ainda me chamou cabra quando comecei a gritar e disse que não queria nada com ele.

— Mas que merda de gajo é o teu amigo, Zeca? — Alice estava desvairada, amei-a ainda mais por isso.

Zeca e Nico foram para a cozinha, onde estavam todos à volta da bancada de copos na mão. Ouviu-se uma gargalhada em coro. Zeca olhou para nós e franziu a testa. Vi-o pousar o copo e sair da cozinha.

— Vamos embora — disse, quando chegou ao pé de nós. — Eles já estão com merdas, a noite já deu o que tinha a dar.

Para mim, estavam a ser iguais a todos os dias. Antes de ter tido tempo de nos explicar o quer que fosse, entraram todos na sala.

— Afinal, também te sabes safar — proclamou Nando. — Não és tão mosquinha morta como parecias.

Estaquei no meio da sala com as gargalhadas deles, sentia-me novamente com catorze anos no meio da escola. O idiota da guitarra estava a rir e a beber uma cerveja da lata, encostado à porta.

— O que queres dizer com isso?

— Puto — gritou Zeca, que já me estava a puxar pelo braço —, não comeces com merdas, já chega.

— Mas eu não fiz nada. Estava a dizer que, afinal, ela não era tão santinha.

— Mas não sou santinha porquê? — Soltei-me em fúria dos braços de Zeca.

— Deixem-na, vá! — interrompeu Nico.

— O que é que eu fiz? — gritei. — O que é que lhes foste dizer? — perguntei diretamente ao idiota que se deixara ficar para trás, numa tentativa vã de fingir que não tinha nada a ver com aquilo, o quer que aquilo fosse.

— Eu não disse nada — sorriu e encolheu os ombros — que não tenhas feito — acrescentou. Um coro de risos encheu a divisão.

— Vamos embora — pediu Zeca. Alice pegou nas nossas malas e começou a encaminhar-me para a porta.

— O que é que ele disse? — Parei e perguntei a Nico. — Tu conheces-me.

— Não interessa, esquece, são merdas deles.

— Mas tanto barulho para quê? — interrompeu Nando. — Foda-se, ela só lhe fez um bico quando foram lá para cima, também não é nada de outro mundo.

— O mais perto que o Ivo vai estar de receber um bico de alguém é na sua imaginação. — E a voz que já quase não me lembrava de ouvir dirigiu-se diretamente a ele. — Estás mesmo a superar o recorde de merda que te sai da

boca. Isso é que é uma proeza — disse Simão, que entrara na sala de rompante como uma aparição.

Vê-lo foi como levar um pontapé no estômago e ficar subitamente sem ar. Estava bronzeado como se tivesse sido barrado com uma camada de carvão, com a cabeça quase rapada e os olhos mais verdes do que nunca. O que fora ele fazer ao seu bonito cabelo comprido, questionei-me. Parecia-me mais magro, mas se calhar era por não o ver há três meses. Notei que tinha uma pequena tatuagem no pulso, mas não conseguia perceber o que era. Ele avançou até nós, apertou a mão de Zeca e tocaram um no outro com o ombro. Pegou-me pelo braço e levou-me a trote porta fora com Zeca e Alice atrás de nós.

4

— Aquilo não aconteceu — disse. Nem sabia porque me estava a justificar.

— Eu sei.

— Ele tentou beijar-me à força, na verdade.

— Imaginei que tivesse sido isso.

— Porquê?

— Porque não és a primeira miúda de quem ele inventa histórias que nunca aconteceram.

— Não te preocupes com isso — concordou Zeca. — Toda a gente sabe que é mentira, mas eles divertem-se com estas merdas. Já sabes que é normal.

Não queria ser a cabra que, aparentemente, já era, mas, ao mesmo tempo, não, nada disto era normal.

— Mas qual é que é o problema deles? — perguntou Alice e nem me deu tempo de responder. — Primeiro, foi o que fizeram no funeral, e agora isto.

— Alice, não... — interrompeu Zeca.

— Não! Não me vou calar. Simão, o que vocês fizeram no funeral foi uma merda que não lembra a ninguém. Tirarem fotografias idiotas enquanto o pai dele estava ser enterrado? A sério?

— Eu sei — suspirou Simão. — Desculpa, puto. Já estava para lá de Bagdad, o dia foi todo uma merda e tínhamos estado a fumar antes.

— Deixa lá — disse Zeca. — Está tudo bem.

— Eu sei que são vossos amigos, mas não compreendo nada disto. — Abanou a cabeça exasperada. Olhei para Alice e tive vontade de rir. Ela estava exatamente a concluir o que eu já concluía meses antes, a debater-se com as mesmas questões. Talvez ela também estivesse a questionar um pouco o seu próprio julgamento. Afinal, ele era do mesmo grupo. E é como dizem: diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és. Mas seria sempre assim? O que era isto de se ter um grupo de amigos? Não era como se fôssemos todos gémeos siameses, talvez um pouco influenciados pelas pessoas que nos rodeavam, mas não tínhamos de ser iguais a elas. O facto era que Zeca já nem sequer consumia e Afonso pouco ou nada tinha em comum com os amigos, a não ser a circunstância de terem crescido juntos e terem laços de infância. Todos entrámos na vida uns dos outros para deixar qualquer coisa, Alice fazia tanto bem a Zeca quanto ele a ela. Será que ela se apercebia disso? Dessa força invisível que exercia nele e que o fazia tornar-se melhor pessoa? O que teria eu deixado em Simão? Tirando o bronze e o corte de cabelo arrasador, ele parecia-me exatamente igual, como se a minha passagem pela vida dele nada tivesse deixado.

— Nós vamos embora, que esta noite já deu o que tinha a dar. — Zeca deu a mão a Alice. — Vens connosco? — perguntou-me.

— Eu levo-a — respondeu Simão. Alice olhou para mim.

— Está tudo bem. — Ela assentiu e fez-me sinal para lhe telefonar quando chegasse a casa. Acenei com a cabeça.

Ficámos parados na rua em silêncio. De repente, pareceu-me que ficara vazia de palavras, como se me tivesse esquecido de como se falava português. Queria dizer-lhe qualquer coisa, mas nem sabia o quê. Ele avançou até à mota e deu-me um capacete, tirou o blusão de dentro do banco e deu-mo para o vestir. Este ritual silencioso cronometrado ao segundo

lembrou-me a noite de passagem de ano. Subimos para a moto. Não nos víamos há pouco mais de três meses, mas ele já se tornara quase um estranho. Hesitei um pouco mas envolvi os meus braços na sua cintura e reconheci-o pelo cheiro. O casaco cheirava a ele, ao seu cabelo que já não existia, à sua casa, ao seu perfume, ao cheiro dos cigarros que continuava a fumar, à sua loção da barba, à minha memória. Senti-me a quebrar um pouco por dentro. Porque não são as mudanças que partem o coração, mas sim este quê de familiaridade que continuamos a ver em pessoas que já não nos são nada. Pensei em Afonso enquanto percorríamos a estrada de moto, o que diria disto tudo? Questionei-me se teria de lhe contar e percebi que não. Ele saber desta noite não iria acrescentar nada, a não ser deixá-lo preocupado e com dúvidas infundadas. A moto parou à porta de minha casa, aguardei que desligasse o motor e desmontei. Tirei o capacete e esperei que levantasse o banco para lho entregar. Ele colocou o seu capacete no chão e encostou-se ao portão de mãos nos bolsos.

— Obrigada por aquilo — disse. — Não tinhas de o fazer.

— Claro que tinha. Eles são idiotas e tu és melhor do que aquela merda toda.

Senti uma pequena parte da minha alma a desmoronar. Porque no fim de tudo, ele continuava a conseguir ver-me. Fiquei em silêncio. Havia algo de diferente nele, não conseguia identificar ao certo o que era, mas podia ver que qualquer coisa mudara. E não era o bronze nem o corte de cabelo radical. Era algo nos seus olhos, ele parecia exausto, ou triste, ou ambas as coisas. Perguntei-me se seria a responsável por isso. Tinham passado três meses e, subitamente, senti uma pontada de culpa. Tinham sido três meses bons para mim porque a vida me atirara Afonso pela porta dentro. Mas e os três meses dele? Ele sempre fora especialista em mostrar ao mundo uma versão dele toda certa e despreocupada, sempre de bem com tudo. Quando começara a

conhecê-lo melhor, percebera que não era bem o caso. Por trás dessa fachada, ele continuava a ser o mesmo miúdo instável e angustiado. E sempre fora magnífico a controlar as suas expressões faciais, pelo que não sabia o que diabo estava a pensar.

— Como foi o teu verão? — perguntei.

— Foi normal. Continuei a dar aulas na praia. E a tua viagem?

— *Fue muy buena*. — Sorri. — E o teu exame?

— Ainda não fiz. — Não sorriu. — Se calhar não vou fazer.

— Porque não?

— Porque não sei se é isso que quero.

— Mas disseste que estavas farto de dar aulas de *surf*.

— Pois, mas agora também não me apetece sair daqui e ir para um exame no mar.

Não disse nada, ele voltara ao seu habitual registo de se acomodar. Nem sabia se a culpa era toda minha porque já era nisto que ele andava há muitos meses. Se calhar era mesmo assim que ele era, começava as coisas, mas a meio do caminho perdia todo o interesse nelas.

— Olha, Isabel. — Ele respirou fundo como que a ganhar impulso para continuar. — Já sei que estás com ele e fico feliz, a sério. Eu sei que te estava a desfazer aos bocados, sei que te fiz passar por merdas que não mereces. E tu vales muito mais do que isso.

— Simão... — interrompi-o.

— Deixa-me falar, por favor, deixa-me dar uma resposta a tudo o que me escreveste — pediu. Calei-me de imediato. Tinha a garganta seca e o coração num tsunami.

— Foste a melhor coisa que me aconteceu. Fizeste-me sentir tão amado e importante. Fizeste-me perceber como há tanta coisa errada à minha volta. Se alguém fosse capaz de me salvar, serias tu. Eu sei que tentaste. Vi-te a fazer

isso todos os dias. E eu queria ser salvo, acredita. Só o facto de tu acreditares e veres tanta coisa boa em mim fazia-me querer mudar. Todos os dias me digo que vou deixar tudo, vou ter uma vida normal. Mas se calhar isto é a minha vida normal, percebes? Tu foste, em todos os aspetos, tudo o que alguém pode querer mas sei que não fazemos bem um ao outro. Porque eu lutava todos os dias contra mim para tentar ser qualquer coisa que não era e acho que nunca fui. Mas saber que tu continuavas, apesar de tudo, a ver tanto em mim quase me fazia crer que poderia ser tudo o que vias.

— E podes! — gritei. — Podes ser tudo!

— Talvez possa, nunca se sabe. Mas tu também podes ser tudo e muito mais. E eu sei que não é comigo.

— Simão... — Ele tapou a minha boca com a mão.

— Queríamos tanto corresponder ao que o outro esperava de nós que vivíamos como loucos. Eu sei que tu estavas exausta, eu também estava. Eu via isso nos teus olhos todos os dias. E isso consumia-me, fazia-me sentir uma merda. E eu queria deixar de sentir isso, então fazia mais merda e tu odiavas. No outro dia, cheirei tanta coca que passei dois dias acordado. Tu terias ficado doente por me ver assim. Tudo isto tem sido a maior dor filha da puta, mas sei que é o melhor para nós. Vais sempre ser aquela Isabel que me escrevia cartas — dei uma gargalhada — e que nem imagina como mudou a minha vida. Mas...

Atirei-me contra ele e apertei a sua cintura com quanta força me era possível. Ouvi-lo fez o meu coração rasgar-se em dois. Metade estava com Afonso, onde sempre estivera. A outra metade estava aqui, despedaçada em milhares de bocados espalhados por todo o chão.

— Também me senti perdida sem ti, acredita — disse, com a cara enterrada no seu peito. — És uma parte de mim que nunca vai desaparecer.

— Mas estavas ainda mais perdida comigo. — Sorriu e tocou-me no

cabelo. — E eu sei que ele te faz bem. Infernizei o Zeca até ele me contar. Eu sei que ele te dá tudo o que nunca te vou dar, a segurança, a permanência. Faz-te feliz, vê-se nos teus olhos. Talvez não te apercebas, mas estás a brilhar. E eu já não via isso em ti há muito tempo.

Envolveu os seus braços nas minhas costas e deixou-se ficar com a sua cabeça apoiada na minha. E senti a sua metade do meu coração a cicatrizar-se.

— Não vais desaparecer, pois não? — perguntou-me. — Ou vais viver para lá e nunca mais te vou ver e vamos ser dois estranhos bizarros quando nos encontrarmos por acaso daqui a dez anos nalgum reencontro de antigos alunos da escola?

— Claro que não. Vou estar sempre aqui. Temos uma história maravilhosa. Bem, agora temos duas.

Toquei-lhe no rosto e ele apoiou-o na minha mão. Aproximei-me dele e dei-lhe um beijo nos lábios. Suave, lento e de despedida.

— Posso ligar-te de vez em quando?

— Não — apertei-lhe o braço —, porque eu vou ligar-te.

5

Estava deitada na cama a ler quando o meu telemóvel tocou. Era uma mensagem de Afonso.

Afonso: Como foi o teu dia?

Eu: Nada de especial, tive aulas de manhã. E tu?

Afonso: Menina universitária, recebeste o que te enviei?

Eu: Tu estás a meter-me em problemas. A minha mãe começou a chorar, disse que já sonha em ver-me trajada e foi comprar mais dois emblemas para a capa que imagina que vou usar.

Afonso: A tua mãe está sempre a chorar, dá-lhe um desconto.

Eu: Tenho uma novidade.

Afonso: O quê?

Eu: O meu pai ofereceu-me a carta de condução. Daqui a nada já posso conduzir o teu carro.

Afonso: Pronto, vou ficar sem carro!

Eu: Tens tanta piada! E a minha planta? Estás a tratar bem dela?

Afonso: Está aqui bem viva da Silva. Mas tem saudades tuas. Ela diz que tens mais jeito para lhe dar água.

Eu: Diz-lhe que também tenho saudades dela.

Afonso: E de mim?

Eu: Hum... assim, assim.

Afonso: Então se calhar vou cancelar o voo que marquei para sexta-feira.

Eu: A sério?

Afonso: Não sei. Se te sentes assim, assim... se calhar fico cá e vou sair com o Caju.

Eu: Uau! Que divertido! Podem beber *cañas* e jogar à bola.

Afonso: E beber sumo de kiwi.

Eu: A bebida favorita do Caju! Olha, contei tudo à Alice. Foi um alívio não ter finalmente este segredo a pesar em cima de mim.

Afonso: E ela?

Eu: Já tinha descoberto outra traição que nunca me contou por vergonha. Então não foi assim nada que a chocasse muito. Tens falado com eles?

Afonso: O Dinis veio cá no outro dia e dormiu aqui. Ia ter um voo a partir de Madrid e veio um dia antes. Vais ficar surpreendida com o que te vou contar.

Eu: O quê?

Afonso: Ele e a Xana estão juntos.

Eu: Mas como? Depois de tudo...

Afonso: Os desígnios do amor são estranhos.

Eu: Diz-me que ele não a está a trair.

Afonso: Surpreendentemente, ele está apaixonado por ela.

Eu: Não sei se acredito.

Afonso: No início do ano, ela veio trabalhar para Lisboa. Sabias?

Eu: Sim, falamos às vezes por mensagens e fomos jantar há uns tempos. Agora que me lembro, fomos jantar depois de eu te ter visto em Belém. Fartei-me de dizer mal de ti.

Afonso: Imagino... E a Xana não te falou do Dinis? É que nessa altura já estavam juntos.

Eu: Ela falou imenso de um gajo mas nunca disse que era o Dinis.

Afonso: Ela passou a passagem de ano connosco, não lhe ligou nenhuma. Pelo que percebi, ignorou-o mesmo a noite toda. Eu não prestei atenção porque, como te lembrás, estava ocupado a tentar perceber se tu ias aparecer ou não...

Eu: Estavas mesmo muito ocupado.

Afonso: Muito! Ele estava habituado a tê-la sempre ali na prateleira. E isso deve ter mexido lá com os fusíveis da sua cabeça. Quando ele soube que ela tinha vindo para Lisboa trabalhar e que agora vivia cá, começou a tentar entrar em contacto com ela.

Eu: Portanto, ele sentiu-se rejeitado e decidiu voltar a lixar a vida dela?

Afonso: Não, a Xana tinha-o bloqueado. Não queria falar com ele nem ter nada a ver com ele.

Eu: Ele tratou-a como a merda. E escusas de contar o resto porque já me estou a lembrar do que a Xana me contou.

Afonso: O que é que ela te disse?

Eu: Contou que estava apaixonada, que tinha conhecido uma pessoa, que lhe tinha enviado uma flor todos os dias para o trabalho até ela concordar sair com ele.

Afonso: Porra, e isso não é fixe?

Eu: É um pouco obsessivo, não? E fiquei lixada quando me contou.

Afonso: Porquê?

Eu: Porque tinha-te visto com a Alba no jardim. Vocês estavam a olhar um para o outro, sei lá, foi tudo uma grande merda.

Afonso: O mais estúpido é que, quando te vi, perdi todo o controlo. Simplesmente fiquei a olhar para ela, a ouvir o que estava a dizer porque tinha medo que o meu corpo me traísse.

Eu: Tinhas medo de voltar a chorar como no Tunnel? Que querido.

Afonso: Estava na merda, Isabel. Se aquilo deu cabo de ti, eu tive dois

anos a darem cabo de mim.

Eu: Eu sei, não vamos falar mais sobre isto. Já passou e trouxe-nos ao dia de hoje.

Afonso: Deixa-me confessar uma coisa.

Eu: Não vem aí coisa boa.

Afonso: Olha, gosto muito de falar por mensagens contigo. É como se estes fossem os nossos *alter egos* a falar e tivéssemos coragem para dizer coisas secretas.

Eu: Podemos falar dos nossos segredos mais profundos.

Afonso: Acho que não tenho assim tantos segredos profundos que ainda não tenha contado. Conta-me algo teu.

Eu: Hum, uma vez troquei uns beijos com uma rapariga, num verão. Acho que posso gostar também de raparigas. Isso incomoda-te?

Afonso: Acho que não. Voltaste a experimentar?

Eu: Não, conheci um idiota numa discoteca e apaixonei-me por ele.

Afonso: Sorte a dele, então.

Eu: Posso também perguntar-te algo profundo?

Afonso: Sim.

Eu: Porque é que raramente falas do teu pai?

Afonso: Não sei, não tenho grande coisa para dizer porque nunca convivi muito com ele. A minha mãe adorava o meu pai. Mas ele era violento, um idiota sempre furioso com tudo e com todos, que passava mais tempo a trabalhar do que em casa. Talvez tenha sido por isso que morreu cedo. Tinha demasiada fúria dentro dele.

Eu: E a tua irmã?

Afonso: Também não tem grandes memórias com ele. Tens de perceber que ele esteve sempre mais preocupado em montar a sua empresa do que em

criar uma família. Para isso estava lá a minha mãe. Houve anos em que nem no Natal estive em casa.

Eu: Estava onde?

Afonso: Ele traía a minha mãe. Vai-se a ver e devo ter irmãos espalhados por aí que nem sei.

Eu: Não digas isso.

Afonso: Infelizmente, é a verdade. Nunca me vou esquecer de um Natal que passámos sozinhos. Eu e a minha irmã éramos miúdos, não compreendíamos muito bem o que se estava a passar mas lembro-me de ver a minha mãe a chorar no sofá. Era noite de Natal e ele não veio para casa.

Eu: Não sabia disso.

Afonso: Ele nunca foi a uma festa das nossas escolas, nunca esteve presente nos nossos aniversários. Estava sempre fora, sempre ocupado, sempre a viajar. E, quando estava em casa, só discutia, era violento, gritava. Como se tudo o que fizéssemos o incomodasse. Nunca compreendi porque é que a minha mãe não o deixou, porque a nossa vida era, na verdade, bem mais fácil sem ele. E também já estávamos habituados. Percebes agora porque é que não quero ter nada a ver com a empresa do meu pai?

Eu: Acho que sim.

Afonso: Não quero trabalhar lá, não quero um dia vir a ser o dono, como diz a minha mãe, não quero nada.

Eu: Mas se ele morreu, alguém teve de ficar com a empresa não?

Afonso: Ele tem mais dois sócios, mas a parte dele passou para mim e para a minha irmã. Nenhum de nós quer ter nada a ver com aquilo.

Eu: E o que vai acontecer?

Afonso: Provavelmente um deles vai comprar a nossa parte.

Eu: E não queres o dinheiro?

Afonso: Honestamente? Não. Já tenho a casa em Belém. Foi a única coisa

que aceitei que a minha mãe me comprasse com o dinheiro dele. Ela ia viver para a casa da minha avó e eu não queria ir para lá.

Eu: Sabes que gosto ainda mais de ti por seres assim, não sabes? Podias simplesmente viver do dinheiro dele. Mas queres trabalhar, queres conseguir as tuas coisas pelo teu próprio mérito.

Afonso: Tenho andado a pensar numa coisa.

Eu: No quê?

Afonso: Acho que vou acabar o curso.

Eu: Acho isso fantástico. Mas sei de uma pessoa que vai gostar ainda mais de ouvir isso.

Afonso: A minha mãe?

Eu: Claro!

Afonso: A empresa diz que me paga o curso, acreditas? Fizeram-me essa proposta e fiquei a pensar que, de facto, só tenho a ganhar se o acabar. Sei que, no futuro, não ter o curso terminado vai ser provavelmente uma desvantagem.

Eu: Concordo.

Afonso: Mas eles só mo pagam se o fizer aqui em Madrid. E como não consigo equivalência, tenho de começar tudo de novo.

Eu: E isso é mau?

Afonso: Significa que tenho de ficar aqui, pelo menos, mais quatro anos.

Eu: Bem, logo se vê.

Afonso: Não vou ficar aqui quatro anos.

Eu: Porque dizes isso?

Afonso: Porque não aguento mais estar aqui!

Eu: Mas não gostas do teu trabalho?

Afonso: Claro que gosto, mas, epá, é só um trabalho, percebes?

Eu: Não sei.

Afonso: Posso trabalhar em qualquer lado. Isto é só um emprego. Claro que fiquei entusiasmado ao início. Tinha conseguido um emprego sozinho e ia sair finalmente da empresa do meu pai. Mas se calhar precisei deste tempo para perceber isto.

Eu: Para perceber o quê?

Afonso: Que não faz mais sentido para mim estar aqui quando toda a minha vida está aí.

Eu: Mas estás a trabalhar para o teu futuro.

Afonso: O meu futuro até pode ser a criar cabras no Alentejo.

Eu: Acho que podemos falar sobre isso depois. O que é que disseste que me ias confessar? Isso é que eu quero saber.

Afonso: Cá vai: Já te tinha visto antes daquela noite do Tunnel.

Eu: Impossível.

Afonso: Lembras-te de quando foste com a Alice a uma festa naquele bar em Santos?

Eu: No aniversário do Ventura?

Afonso: Sim. Eu estava lá.

Eu: Não estavas nada. Não me lembro de ti.

Afonso: Porque eu estava com a Madalena e estive mais afastado do grupo.

Eu: As coisas que me contas...

Afonso: Então eu fui ao Tunnel mas não fui tão inocente assim porque já sabia que ias lá estar. E queria ver-te novamente.

Eu: Estavas com a Madalena e querias ver-me? Nem nunca tínhamos falado.

Afonso: Eu sei, mas o que é que queres que te diga? Não é que eu e a Madalena fôssemos o amor da vida um do outro.

Eu: Não era o amor da tua vida, mas estavas para lá a chorar.

Afonso: Nunca te vais esquecer disso, pois não? Estava numa tensão

desgraçada, a sentir-me uma merda por não parar de pensar em ti desde a festa do Ventura e de ter ido de propósito para te conhecer e ela aparece-me à frente de mão dada com o outro. Não sei se foi do choque de a ver ou de alívio, percebes?

Eu: Estás a gozar comigo, não estás?

Afonso: Não estou. A primeira vez que te vi, estavas encostada ao jogo de setas a ver a Alice falhar todas as setas que tentava atirar. Estavas com umas calças de ganga rasgadas no joelho e um top cinzento que cruzava ao meio na tua barriga. E estavas sempre a enrolar o dedo na fita do top.

Eu: Não estava nada.

Afonso: É que podes ter a certeza. Eu estava sentado no sofá a ver-te. Não falaste com ninguém. Vi todos eles a passar para lá e para cá, ninguém te prestou sequer atenção. Ninguém falou contigo, ninguém te ofereceu uma bebida. Era como se fosses invisível. Lembro-me de pensar se só eu é que te estava a ver. Como se fosses um fantasma. Só o Ventura e a Alice é que falavam contigo.

Eu: Estou a lembrar-me disso... Não é que isso que me incomodasse, só ia pela Alice, mas eles nunca foram muito simpáticos, na verdade.

Afonso: Se estivesses de vestido curto, eles teriam sido bem simpáticos contigo, acredita. Mas há mais.

Eu: Mais?

Afonso: Passado um bocado, sentei-me no balcão a conversar com um deles. Estávamos a beber uma cerveja e tu aproximaste-te. Pensei que ias pedir qualquer coisa para beber mas paraste em frente àquela *jukebox* antiga que lá estava. Ficaste ali uma eternidade a olhar e eu só pensava: *Por favor, não escolhas nenhuma música estúpida.*

Eu: O que é que eu escolhi? Já não me lembro.

Afonso: Uma música dos Clã. E eu pensei: esta miúda é incrível.

Eu: Só pela minha escolha musical?

Afonso: Claro. Estavam lá umas miúdas que não paravam de pôr a tocar merda e tu chegas e pimba, toma lá Clã, uma das melhores bandas portuguesas.

Eu: Mas como é que te lembras disso tudo e não te lembras que estava a tocar Aerosmith na areia?

Afonso: Porque estava finalmente a beijar-te. Tudo o resto desapareceu.

Eu: Aceito a justificação.

Afonso: E eu deveria sentir-me triste por nem sequer me teres visto? É que eu estava a olhar para ti mesmo ali a um metro de distância.

Eu: Estou a rir-me, desculpa! Eu nunca estava muito confortável naquelas festas.

Afonso: Depois disso, tive de me levantar e voltar para o sofá porque estava a odiar a forma como me estava a sentir. Esqueci-me totalmente de que estava com a Madalena. Foi como se ela se tivesse eclipsado do meu cérebro naquele momento.

Eu: Não me digas estas coisas.

Afonso: Porquê?

Eu: Porque me apetece atirar o telemóvel contra a parede e teletransportar-me para aí.

Afonso: Sexta já aí estou. Deixa-me continuar.

Eu: Ainda há mais?

Afonso: Claro! Não há duas sem três. Eles depois foram para uma discoteca, não foi?

Eu: Eu não fui, não me podes ter visto lá.

Afonso: Eu sei. Eu também não. Fui lá deixar a Madalena, que ia com as outras raparigas, e tu estavas lá na rua a falar com a Alice.

Eu: Porque pediram vinte euros e eu disse que não queria gastar aquele

dinheiro para entrar numa discoteca onde nem sequer queria ir.

Afonso: Eu sei, o Ventura depois disse-me. Eu fiquei lá à porta a ver se entravas mas estavas só a falar com ela. Eu estava quase a decidir entrar também quando te vi a ir embora.

Eu: Seguiste-me como um psicopata?

Afonso: Foi isso mesmo. Vi-te a ir para a paragem dos táxis no fim da rua. Apetecia-me perguntar-te se querias boleia para algum sítio mas não me conhecias de lado nenhum e teria sido estranho. Estava a ganhar coragem para falar contigo quando chegou um táxi e entraste.

Eu: Porque é que nunca me contaste isto?

Afonso: Não sei, nunca calhou. Quando o Ventura me disse que iam ao Tunnel e que tu ias com a Alice, eu pedi-lhe para nos apresentar. Disse-lhe que era só para ser simpático com a amiga da namorada dele, já que nunca ninguém falava com ela.

Eu: Mas querias só ser simpático?

Afonso: Não, queria mesmo falar contigo. A minha reação física a ti não me preocupava, porque isso é normal, somos todos humanos. Estava era a tentar convencer-me de que não passava disso. Eu estava no bar quando chegaste. Mas, quanto mais me tentava convencer de que era apenas uma atração, mais queria isso.

Eu: Querias o quê?

Afonso: Não sei. Queria olhar para ti de perto e tocar-te, sei lá.. Quando me aproximei, empurraram-te e tu tropeçaste para cima de mim e virei o copo em ti. No segundo em que te agarrei, fiquei maluco.

Eu: Nem imaginas as coisas que me passaram pela cabeça naquela noite.

Afonso: Mas foste lá para fora. Não parecias minimamente interessada, é que nem sequer conseguia perceber nada do teu lado.

Eu: Estou a rir-me com isto tudo. Parece que já foi noutra vida, Afonso,

éramos tão miúdos.

Afonso: Isabel, são três da manhã.

Eu: Aqui ainda são duas, mas tenho de ir dormir. Tenho aulas de manhã.

Afonso: Vemo-nos na sexta-feira?

Eu: Chegas a que horas?

Afonso: Pelas seis da tarde. Diz-me onde estás que vou ter contigo quando chegar.

Eu: Vou ficar em casa do meu pai e espero lá por ti para estar mais perto.

Afonso: Combinado! Gostava de entrar em coma até sexta e só acordar no avião para Lisboa.

Eu: És tão fatalista.

Afonso: Goza comigo.

Eu: Não gozo porque estou igual.

Afonso: Achas que não sei? Dorme bem.

Eu: Tu também!

Afonso: Olha.

Eu: Diz.

Afonso: Amo-te.

6

Afonso e eu permanecemos abraçados por vários minutos. Sempre que nos encontrávamos, era toda esta montanha-russa de emoções outra vez. Era a expectativa de o ver, a adrenalina das horas a passar, o formigueiro no estômago quando ele aparecia, era química, dopamina, serotonina que me corria pelo sangue e bombardeava o cérebro, espalhava-se pelo meu corpo e queimava-me dos dedos dos pés à ponta dos cabelos. Abraçámo-nos durante tanto tempo à porta de casa com as pessoas a subir e a descer a rua da Misericórdia que comecei a pensar se não teríamos parado no tempo enquanto o mundo continuava a correr à nossa volta. Aparentemente, ele percebeu o mesmo, porque me pousou as mãos nos ombros, olhou para mim como se não me visse há uma eternidade, beijou-me a ponta do nariz e envolveu-me o braço à volta do pescoço. Começámos a descer a rua em direção a lado nenhum, estávamos só a caminhar. Naquele momento, não conseguia sequer imaginar que, dentro de dois dias, ele estaria de partida outra vez. Não queria refletir na hipótese de voltar a estudar e passar mais quatro anos em Madrid. Não queria pensar na quantidade de olás e adeus que iríamos dizer, em todas as coisas que iríamos perder por vivermos em países diferentes, nas contas de telefone, de internet, de bilhetes de avião. Só conseguia pensar que tínhamos dois dias inteiros para nós. Parámos no Largo de Camões e comprámos dois gelados a um velhote com um carrinho.

— A minha mãe quer almoçar connosco no domingo — disse, quando nos

sentámos num banco de pedra no largo.

— Se calhar, quer almoçar contigo, não? Ela também mal te vê.

— Não. Ela disse para te levar.

— Espero que não tenha outra bomba para me largar em cima da mesa.

Vais trabalhar para a China agora?

— És tão parva. — Tirou um bocado de gelado com o dedo e espetou-mo no nariz. — Ela gosta de ti, sabias? Gosta muito, até.

— E já lhe disseste aquilo que me disseste no outro dia?

— O quê?

— Aquilo da faculdade em Madrid.

— Sim.

— E ela?

— Ela sabe que quero voltar.

— E concorda?

— É a minha vida, não é? Ela não tem de concordar. Só tem de respeitar as minhas escolhas.

— E que escolhas são essas?

— Não vou, nunca, jamais, em tempo algum, colocar um emprego em frente à minha vida porque foi isso que o meu pai fez. E como viste não funcionou muito bem, pois não? — disse com aquele tom seco que normalmente aparecia quando falava sobre o pai. Era o desgosto que sentia e de que provavelmente nem se apercebia, tão focado que andava sempre em tentar desvalorizar a falta que o pai lhe fizera.

— Tens noção de que a tua mãe me vai culpar a mim? — perguntei, levantando as sobrancelhas. Ele deu uma gargalhada.

— Acho que ela te vai agradecer.

— Agradecer porquê?

— Porquê? Deixa cá ver... Bem, porque passei dois anos na merda e ela

viu. E se calhar percebeu que isto que existe entre nós, minha menina — apontou para mim e para ele —, é mais do que uma paixoneta.

— Hum. — Dei-lhe um beijo para lamber um pouco de baunilha que caíra no seu queixo. — Se calhar, é porque lhe apresentaste tantas miúdas que ela achou que eu era só mais uma delas.

— Talvez... — Sorriu.

— Mas diz-me uma coisa. — interrompi-o. — Queres voltar, tudo bem. Mas é para estudares cá, certo? Não digas que é por mim ou por nós.

— E se for?

— Não sei, acho que é uma decisão precipitada. Tens de ter uma visão mais a longo prazo. Até porque eu não vou a lado nenhum. Estou aqui e vou lá sempre que der.

— Pareces a minha mãe a falar, foda-se.

— E ela tem razão.

— Mas estás bem assim? — Atirou com o copo do gelado para o caixote do lixo que estava a dois metros de nós. Falhou e o copo caiu no chão, levantou-se, apanhou-o e colocou-o no saco amarelo.

— Assim como?

— Nesta lengalenga de andarmos para lá e para cá, o trabalho, as aulas, as viagens, a passarmos juntos apenas alguns fins de semana por mês.

— Mas já sabíamos que ia ser assim. — disse, interrompendo os seus pensamentos.

— Mas não tem de ser, entendes?

— Entendo, claro que entendo.

— Então qual é que é o problema? Deverias ser a primeira a apoiar-me nisto.

Devia. Mas como poderia dizer-lhe que tinha medo de que tomasse uma

decisão da sua vida por mim e que mais tarde fosse eu a fonte do seu arrependimento? A ideia de ele voltar era bonita, era perfeita, era tudo o que queria. E a forma como era tão prático nas suas decisões, tão realista e objetivo, era uma das muitas coisas que me apaixonavam nele. Eu sabia que esta não era uma boa forma de viver, talvez se conseguíssemos estar em dois sítios ao mesmo tempo ou viajássemos de cometa para nos deslocarmos em quinze minutos. Só que Afonso ia sempre direto ao assunto, ele podia simplesmente voltar. Para ele nunca havia meio-termo, era tudo ou nada, sem lógica, sem pensar. Queres ir ao Sudoeste? Vamos hoje. Não queres ficar nesta casa? Vamos dormir na praia. Tens medo de barcos? Vou fazer-te entrar num. Não sabes nadar? Vou pôr-te a boiar. E eu gostava disso nele, gostava da sua impetuosidade em tudo na vida. Nunca me dava tempo para pensar em nada, limitava-se a fazer-me confiar nele. Enquanto pensava nisto, tive vontade de rir porque fizera o mesmo, para mim também fora o tudo ou nada, ou juntos aqui ou longe separados. E, na verdade, talvez não tivesse sido assim tão difícil termos tentado estar juntos à distância, talvez se tivesse tido mais tempo para pensar ou se tivesse sido mais flexível. Nunca fora muito boa a lidar com as coisas em pressão, estatelava-me sempre no meio do chão. Mas estaríamos aqui e agora se nunca nos tivéssemos separado? Olhei para Afonso e suspirei, só me restava ser honesta.

— Tenho medo de que, se largares tudo só porque queres estar comigo agora, um dia te venhas a arrepender.

— Arrepender do quê?

— Da escolha que fizeste, da vida que perdeste. A carreira, o curso, a possibilidade de cresceres, o dinheiro, sei lá, tanta coisa. Isto parece tudo muito bonito agora porque estamos apaixonados e só vemos o lado bom das coisas. Mas imagina que voltas e não arranjas emprego? Se calhar, vais ficar

tranquilo durante dois, três, seis meses. Depois comesas a ficar impaciente. Vais lembrar-te de que em Madrid recebias um bom ordenado e eras respeitado. Agora o dinheiro vai começas a faltar-te. Mas tu optaste por voltar para Lisboa e agora não tens nada. De repente só te resta voltar para a empresa do teu pai, onde sempre te sentiste miserável, e voltar a ser o filho do dono que já morreu e que nem sequer acabou o curso. Vais voltar a passar o dia fechado num gabinete espetacular com paredes de vidro com vista para a ponte Vasco da Gama a tentar provar o teu valor a pessoas que não estão interessadas nisso. E vais lembrar-te de quando estavas em Madrid e trabalhavas numa equipa de criativos e ninguém te revirava os olhos nas reuniões. E vais começas a questionar-te. Será que tomaste a decisão certa? Abandonar tudo e voltar não terá sido um impulso guiado pela paixão do momento? Não teria sido melhor ponderar as várias hipóteses? Se calhar, ter repetido o curso em Madrid não teria sido tão mal pensado. Até porque um curso tirado numa universidade madrilenha provavelmente até vai ser atrativo para as empresas de cá. Empresas que até vão querer contratar-te para poderem usufruir da tua experiência numa das melhores agências de publicidade espanholas. Mas isso nunca vai acontecer porque tu deixaste esse emprego para vir para Lisboa atrás de uma rapariga.

— Já acabaste?

— Acho que sim. — Respirei fundo.

— Porra! Tu um dia vais ser mesmo uma escritora, ninguém te vai parar. Porque tens uma imaginação fértil e uma capacidade para visualizar cenários incrível.

— Estás a dar-me razão ou não? — Estava a ter alguma dificuldade em conseguir ler a sua expressão.

— Claro que não — disse com uma gargalhada. — Nunca iria voltar para a empresa do meu pai. Eu adoro o que faço, gosto mesmo. Gosto de imaginar

uma campanha, contar uma história, criar uma narrativa de venda. Mas não vivo para isto. Entendes?

— Não sei.

— Foda-se, é só um emprego, mais nada. Não lhe vejo muito mais do que isso. É só dinheiro para pagar as contas. Não quero viver para trabalhar como o meu pai fez a vida toda. Magoou a minha mãe, magoou-me a mim e à minha irmã, tornou a nossa vida num inferno quando éramos miúdos. Vi a minha mãe chorar tantas vezes que já lhes perdi o rasto. Provavelmente, ela nunca mais esteve com nenhum outro homem porque o meu pai fodeu-lhe a vida toda e ela deixou de conseguir confiar, não sei. Não falamos sobre isso, a minha irmã fala mais com ela sobre essas coisas. Se pensava assim há dois anos? Acho que não. Queria muito sair de lá e vi esta empresa espanhola como uma luz ao fundo do túnel. Queria provar a toda a gente que conseguia muito mais do que aquele emprego oferecido por obrigação. E consegui. Então, se consegui este, vou conseguir outros. E se não conseguir outros tão bons, consigo outra coisa qualquer. Foi preciso ter estado este tempo fora e longe de toda a gente para perceber que dinheiro e carreira não trazem felicidade a ninguém se o nosso coração não estiver alinhado com isso. E o meu coração não está lá, está aqui. Então por que raio estou a perder a minha vida lá?

— E se um dia...?

— E se um dia isto correr mal — ele interrompeu-me —, correu. A vida é mesmo assim. Mas eu não sou homem de ficar a pensar nas hipóteses do que pode ou não acontecer. Eu prefiro arriscar. E, além disso, já fiz um pedido formal para terminar o curso no politécnico aqui em Lisboa e aceitaram-me. Tenho de ir à outra Universidade buscar os meus créditos para entregar na nova mas, à partida, faltam-me dois anos.

— Porque não me disseste?

— Porque já sabia que ias entrar em paranóia, como acabaste de entrar. Preferi dizer-te as coisas devagar e ir sondando o que tu achavas disto. Uma coisa de cada vez.

— Então e agora?

— Agora que esta parte já está resolvida, tenho uma coisa para te mostrar.

Descemos ao Cais do Sodré e apanhámos o elétrico para Belém, já que o carro dele continuava em Madrid. Tinha a cabeça encostada ao seu ombro e ele entrelaçou a sua mão na minha enquanto me contava uma história qualquer sobre uma campanha de uma grande cadeia de pizarias espanholas que fora um fiasco porque o dono insistira numa ideia que todos avisaram que iria correr mal. Levantei-me para olhar para ele porque adorava ouvi-lo falar. Mais do que ouvir, gostava de ver a sua expressão. A forma como os seus olhos se abriam quando estava concentrado a falar sobre qualquer coisa de que gostava e as suas covinhas nas bochechas espreitavam por baixo da barba. Observei a cicatriz que tinha acima do olho, nunca reparara nela.

— O que foi essa cicatriz que tens por cima do olho? — perguntei quando acabou de contar a sua história.

— Foi um acidente quando era miúdo.

— Como foi?

— O meu pai comprou-me uma bicicleta, mas não comprou para a minha irmã porque dizia que ela tinha de merecê-la. Como se fosse normal oferecer uma coisa a um filho e a outro não. Ele disse: «O teu irmão é rapaz e os rapazes andam de bicicleta. Brinca com as bonecas e, quando mereceres, ganhas também uma bicicleta».

— Porquê?

— Porque ele era maldoso. Até parece que dinheiro era coisa que faltava. Mas ele gostava de criar estes castigos imaginários que só tinham lógica na

cabeça dele. Depois de ele ir embora, obviamente que a minha irmã começou a andar comigo. Um dia, estávamos os dois a andar, eu a conduzir e ela sentada à frente. Íamos a pedalar a todo o vapor no meio de um descampado que passava pela linha que liga a vila de Sintra à Praia das Mações. Como ela ia à minha frente sentada, eu via mal o caminho e não reparei numa pedra enorme que estava mesmo na nossa direção e voámos pelo ar quando a bicicleta bateu na pedra e desmontámos-nos todos. Ela partiu um braço, o nariz e dois dentes da frente. Eu parti a cabeça e abri o olho porque caí de lado. Podia ter ficado cego, acreditas?

— E depois?

— Depois, passou o tal comboio, que é mais uma espécie de elétrico histórico que vai para a praia, e as pessoas saíram para nos acudir. Lembro-me de me sentir meio tonto e estranho, mas a minha preocupação era a bicicleta, que tinha ficado com a roda virada ao contrário. Um senhor apercebeu-se e pegou na bicicleta e começou a endireitar a roda para eu me acalmar. Mas depois olhei para a minha irmã que estava mais à frente e o meu mundo parou. Ela tinha a cara cheia de sangue, o vestido, a boca, tudo. Acho que nunca tinha visto tanto sangue na vida. Devo ter desmaiado entretanto, ou de ver tanto sangue, ou porque tinha cabeça partida. Depois ficámos dois dias no hospital e, quando voltámos para casa, o meu pai não estava lá, mas tínhamos duas bicicletas novas, uma para cada um. Surreal, não é?

— Provavelmente ficou de consciência pesada porque vocês caíram por estarem a andar os dois na mesma bicicleta.

— Sim, mas nem sequer nos foi ver ao hospital. Mandou a secretária comprar as bicicletas.

— Que merda.

— Mete merda nisso. Mas sobrevivi para contar a história.

Sáímos do elétrico e Afonso foi à churrasqueira ao pé de casa comprar o nosso jantar. Fiquei cá fora sentada nas escadas do prédio e telefonei a Alice para ver se ela queria vir até cá com Zeca depois do jantar. Vi um carro estacionado que quase que podia jurar que era o carro de Afonso, mas o dele estava em Madrid, porque viera de avião. Por isso, não podia ser, algum vizinho tinha um carro igual, curiosamente também com amolgadelas como o dele. Afonso saiu da churrasqueira, pegou-me pelo braço e fez-me entrar no prédio.

— Aquele carro era igual ao teu — disse quando entrámos no elevador.

— Hum, hum. — Cheirou o saco. — Sente só o cheirinho. — Tirou uma batata frita do saco e fez-me abrir a boca.

— Não há nada como frango com batatas a uma sexta-feira à noite.

— E porque estamos a celebrar ainda trouxe outra coisa.

— Ai sim? — Mostrou-me uma caixa de gelado de chocolate. — Queres engordar-me?

— Sim, para depois te comer.

Ele abriu a porta de casa e entrámos. Pousei a minha mala na mesa da cozinha e arrumei o gelado no congelador. Tirei o frango e as batatas do saco e coloquei-os dentro do forno para que se mantivessem quentes mais tempo. Afonso estava encostado à porta da sala com cara de quem fizera alguma. Sorri e aproximei-me dele. «Vais ficar a olhar para mim, é?», perguntei. Ele encolheu os ombros. Quando finalmente entrei na sala, estaquei. Havia malas por todo o lado e, em cima da mesa, estava a planta que lhe dera, viva e grande.

— O que é que aconteceu? — perguntei, sem saber muito bem como articular o que achava que queria perguntar.

— Não aconteceu nada — disse com um sorriso de orelha a orelha. — Não

estás a ver nada aqui que te agrade?

— Vejo ali a amiga planta cheia de saúde.

— Sobreviveu, vês? Como nós.

— E o que são estas malas todas?

— São as minhas coisas. Estão de volta a casa — sorriu —, como eu.

— Aquele era o teu carro lá fora?

— Sim, senhora.

— Não vieste de avião?

— Evidentemente que não.

— E estas são as tuas malas todas?

— Sim, senhora.

— Com tudo o que tinhas em Madrid?

— Isso mesmo.

— Isso significa que...

— Significa que voltei.

— Já não voltas para Madrid?

— Só quando quisermos ir passear.

— E o teu trabalho?

— Despedi-me.

— Quando?

— Na semana passada.

— E podias fazer isso?

— Bem... — Ele encostou-se à parede e puxou-me para ele. — Há tanta coisa que eu poderia e deveria fazer, mas nenhuma delas era o que eu queria fazer... voltar para cá. Por isso, olha, voltei.

Abracei-o com força. Olhei para ele e voltei a abraçá-lo. Porque era o máximo que conseguia fazer sem me desmanchar no meio do chão. Ele deu uma gargalhada alta e beijou as lágrimas que acabaram por cair dos meus

olhos. Envolveu-me o rosto com as mãos e beijou-me. Beijou-me com tanta força que me questionei se ele também não estava prestes a desmanchar-se como eu. Deitou-me no sofá, colámo-nos um ao outro com as palmas das mãos juntas. A minha cabeça caiu para trás quando senti os seus lábios a tocarem na minha pele da barriga. E quando olhou para mim, sabia exatamente que os seus desejos estavam a acontecer aqui e agora. Estaria pronta para ter, finalmente, uma vida a sério com ele? Uma onde vou para as aulas durante o dia e ele vai fazer o quer que seja que vai fazer e, de seguida, encontramo-nos e jantamos e vamos ao cinema e saímos, almoçamos nas Universidades de cada um ou vou ter com ele ao trabalho quando começar a trabalhar e dormimos aqui? Era isto não era? A vida, aquela que sempre imaginara que iria ter com ele. Só podia ser porque ele olhava para mim como se eu fosse a única coisa que lhe importasse e eu sabia que estava a olhar exatamente assim. Porque ele era, então sim, era isto.

Estávamos os dois enrolados um no outro no chão da sala, meio vestidos, meio despidos.

— E agora? — perguntei, por fim.

— Agora vamos tomar um banho e jantar antes que os teus amigos cheguem.

Dezembro chegara, finalmente. Estava de férias e voltara para casa da minha mãe. Estava a fazer algumas arrumações, a tirar livros e cadernos, a abrir caixas e a ver as coisas que tinha lá dentro quando encontrei o meu diário do nono ano, o diário de Simão. Folheei as suas páginas, vi as fotografias que lhe tirara naquela visita de estudo enquanto ele tapava a cabeça com o capuz da camisola, vi os desenhos que fazia, os poemas que escrevia. Teria sido bom andar atrás no tempo e dizer àquela rapariguinha de aparelho nos dentes para continuar a fazê-lo, para escrever a Simão porque as coisas iriam acabar bem para eles. Como é que ele estaria? Não me respondera às últimas mensagens. Zeca dissera-me que ele deixara de dar aulas na praia e que o tinha visto poucas vezes no último mês. No ano anterior, por esta altura, estávamos a encontrar-nos e senti uma súbita vontade de falar com ele.

Saí de casa para ir até à praia ter com Zeca e Alice. O inverno estava aí à porta e a praia estava vazia, tirando os os corajosos amantes do mar que, com as golas dos casacos levantadas e as mãos a tiritar dentro dos bolsos, não dispensavam os seus passeios na areia. Tentei ligar para Simão para saber se estava tudo bem, perguntar-lhe o que andava a fazer e dizer-lhe que estava na praia. Talvez ele quisesse lá passar para beber um café. Não o fazia por simpatia, por pena ou por nada de especial. Fazia-o porque gostava dele e porque sabia que ele queria que eu o fizesse, que lhe dissesse um olá de vez

em quando. Imaginei-o a chegar na sua mota e a colocar o capacete em cima do banco. Quase conseguia ouvir a sua voz e a gargalhada habitual. O telefone dele estava desligado, talvez tivesse ficado sem bateria, onde quer que estivesse. Deixei uma mensagem de voz a perguntar se ia continuar desaparecido, porque estava na nossa praia e ele não estava lá.

Continuei a andar pelo paredão e já via Alice lá ao fundo sentada numa cadeira da esplanada vazia. Atrás, Zeca estava a falar ao telemóvel com uma mão na testa. O cenário pareceu-me estranho. Vi-o a falar e depois baixou-se como se se quisesse fechar nele próprio e envolveu a cabeça nos seus braços. Acelerei o passo. Quando me aproximei, Alice, que estava de cócoras com ele no chão, levantou-se de um salto e correu até mim. Apertou-me os ombros e fez-me sentar na cadeira onde, antes, estivera sentada.

— Tenho de te contar uma coisa — disse, com a voz trémula. — Tens de me prometer que vais manter a calma.

— O que aconteceu? — Empurrei-a para que me largasse. Ela continuou a fazer força e não me largou os braços. — Estás a preocupar-me! — gritei.

Vi-a trocar um olhar com Zeca e ele aproximou-se, ajoelhou-se no chão à minha frente e colocou as mãos nos meus joelhos.

— Vocês estão a assustar-me! — Tentei levantar-me da cadeira, mas Alice voltou a puxar-me para baixo.

— Isabel — disse Zeca —, aconteceu uma coisa. Foda-se! — gritou. Baixou a cabeça e pousou-a nos meus joelhos. Voltou a olhar para mim. — Não consigo fazer isto. — Levantou-se e começou a andar às voltas com as mãos na cabeça.

— O Simão... — disse Alice, com uma lágrima a cair-lhe pela cara abaixo. — Ele morreu. Ele morreu — repetiu com um soluço a cortar-lhe a voz — de *overdose*.

Alice deixou de me fazer força nos braços porque eu deixei de fazer força

para me levantar. Fiquei quieta durante muito tempo a olhar para o mar à minha frente porque, enquanto não me mexesse, Simão ainda estaria algures por aí. Estaria a chegar na sua mota, viria aqui beber um café. Iria dizer-me que fizera o exame de três dias no mar, correria lindamente e ele passara. Já teria o certificado, iria trabalhar numa embarcação. Iria para as Caraíbas ou para a Jamaica ou para o meio do oceano. Iria passar vinte e um dias debaixo do céu estrelado e iria cantar com os outros marinheiros ou capitães ou como raio se chamavam as pessoas que trabalhavam nas embarcações. E depois iria voltar, iria dizer-me que, finalmente, iria abrir o seu hostel e o seu campo de férias. Iria também dar aulas de vez em quando, porque o bichinho nunca desaparecera, e iria ajudar outros miúdos da mesma forma que o pai de Zeca o ajudara. Iria fazê-los apaixonar-se pelo mar como ele se apaixonara. Podia ir-me embora neste momento e esquecer o que Alice dissera. Se o fizesse, Simão continuaria de alguma forma no mundo. Levantei-me da cadeira e descí as escadas até à areia. Ouvi Alice e Zeca levantarem-se atrás de mim. Comecei a andar ao acaso até chegar onde queria e ajoelhei-me à beira-mar. A areia estava gelada, húmida e molhou-me as calças, a areia que ele pisara tantas vezes. A areia onde o vira a correr de prancha debaixo do braço quando tinha catorze anos. A areia onde me deitara para que ele me visse e me olhasse, imaginando que um dia também me iria querer. A areia onde o vira a beijar Marisa e sentira o meu coração partir-se em milhões de bocados. A mesma areia onde nos sentáramos tantas vezes alguns meses antes, onde caminhávamos quando terminava o turno no bar ao fim de semana, onde o vira a correr com os miúdos durante as aulas. Coloquei as mãos na areia, agarrei nela, torci-a nos meus dedos e atirei-a para a frente em fúria. Repeti o mesmo gesto uma e outra vez, precisava de tirar aquela areia toda dali. Precisava de a atirar para o mar e de atirar com ela a minha dor. Repeti-o até os meus dedos estarem roxos do frio e já não conseguir mexer-me. E então

gritei. Gritei de dor, de frustração, de tristeza, de arrependimento, de saudade, de amor, de tudo. Descalcei-me, atirei com as minhas botas para trás juntamente com a minha mala e dobrei as calças de ganga até aos joelhos. Vi Alice a andar na minha direção, mas Zeca agarrou-lhe no braço. Vi-os olhar para mim, vi as lágrimas que lhes desciam pela cara e virei-me para a água para não ver mais. Então entrei no mar, avancei até onde consegui, até a água me ficar pelos joelhos. Senti-a gelada a queimar-me a pele, senti os meus dedos dos pés paralisados pela temperatura baixa. Já não conseguia controlar os dentes que batiam uns nos outros. Comecei a andar para trás em direção a eles que estavam com as minhas coisas nas mãos.

— Ele foi-se — balbuciei, quando Zeca me embrulhou o seu casaco de penas cinzento à volta dos ombros. — Não está em parte alguma porque está no meio do mar. É o capitão do seu navio.

Algures durante todo aquele tempo, Alice deve ter ligado a Afonso porque ele estava imóvel no paredão e correu até nós quando nos viu a subir pela areia. Imaginei-o a sair de casa a voar para ter chegado aqui tão rápido. Deixei que me agarrasse, que me dissesse palavras de conforto, que me pegasse na cara e a encostasse ao seu peito. Deixei-me ficar parada nos seus braços enquanto o meu corpo tremia involuntariamente por ter as pernas encharcadas e congeladas. Ele levou-me para casa da minha mãe. Ouvi-o falar com ela enquanto despia as roupas molhadas na casa de banho. Deixei que a minha mãe entrasse, deixei que enchesse a banheira de água a ferver, deixei que me colocasse dentro da água, que o vapor me envolvesse e que me lavasse o cabelo, a cara e os olhos. Deixei que me dissesse coisas tão triviais como «Não podias ter feito nada» ou «Foste uma coisa boa na vida dele». Mas fiquei o tempo todo a tentar relembrar a minha última conversa com ele. Tentei decodificar o nosso diálogo como se fosse uma charada, como se

tivesse havido algum sinal que me tivesse escapado. Saí da banheira e deixei que ela me secasse com uma toalha e me embrulhasse num roupão. Deixei que me levasse para o quarto, que me secasse o cabelo e que me vestisse um camisolão de lã, umas calças de pijama e dois pares de meias grossas. Quando saí do quarto, Afonso estava sentado no sofá. A minha mãe disse-lhe que ia fazer qualquer coisa para todos comermos. Acenei com a cabeça e deixei-me cair nos braços dele.

— Estás bem? — perguntou, enrolando o meu cabelo ainda meio húmido com uma mão.

— Acho que sim. — Fechei os olhos e escondi o rosto no seu pescoço.

— A tua mãe tem razão quando diz que não havia nada que pudesses ter feito. Foi ele que escolheu consumir drogas.

— Eu sei, eu sei, eu sei, mas ainda parece que não é real, entendes? Ainda há um bocado, quando estava na praia, lhe liguei. O telemóvel estava desligado, deixei uma mensagem de voz meio estúpida. Isso foi ainda agora. Há uma hora. Isto não me parece real.

Ele não disse nada, mas continuou a tocar-me no cabelo e a massajar-me os ombros e o pescoço.

— É como se tivesse havido um engano — continuei. — Se calhar não era ele, era outra pessoa. Talvez tenha o telefone desligado porque está no mar em qualquer lado. Pode estar em qualquer parte. O Oceano é infinito e ele já fez isto no passado.

— Foi o irmão que o encontrou em casa inconsciente — disse com cuidado. Estava a tentar desesperadamente encontrar qualquer falha que fosse nesta informação. — O irmão ligou para o 112. Tentaram reanimá-lo, mas já não havia nada a fazer. Ele consumia muitas drogas e tu própria assististe a isso, foi um *cocktail* fatal. É como se ele fosse um copo de água que vai enchendo, enchendo. E um dia basta uma gota e ele transborda. Esta gota foi

hoje. O Zeca está lá em casa com a família dele. Liguei-lhe há pouco e ele contou-me isto. A Alice está a vir para cá agora, juntamente com a Marina e a Luísa. Eu vou ficar aqui também, mas conversa com elas. Vai fazer-te bem.

Olhei para o espelho enquanto a minha mãe me penteava o cabelo num rabo-de-cavalo e observava o meu rosto pálido com preocupação. Estava vestida de preto. E preto era a minha cor favorita, mas já não era mais. Queria dar um abraço à mãe e ao irmão dele. E provavelmente também ao pai que nunca conhecera porque sempre o imaginara a viver no seu trono de ouro no hotel. Queria dizer-lhes que sentia muito. Que sentia mesmo muito não ter conseguido fazer mais. Queria dizer-lhes que tentara mostrar a pessoa extraordinária que ele era e todas as coisas boas que poderia fazer com a sua vida. Queria dizer-lhes que sentia muito não ter conseguido lidar com as drogas e tudo o resto. Que era demasiado para mim. E depois queria ser engolida pelo resto das pessoas e despedir-me dele sozinha.

Afonso estava à minha espera na rua. Sempre que o via, o meu mundo iluminava-se por dentro, ainda agora, ao fim de tanto tempo. Dei um sorriso triste por vê-lo tão deslumbrante e o momento ser tão errado. Nos últimos dias pensara muitas vezes se não deveria ir sozinha com Alice e com Zeca. O que é que as pessoas iriam dizer? «O que é que isso interessa?», perguntara-me Alice. «O Simão não iria querer que fosses sozinha», dissera-me. E acabara por cair em mim. O que os outros pensavam era absolutamente irrelevante. Não ia estar ali por ninguém, ia estar por Simão. Porque metade do meu coração morrera e eu não iria aguentar passar por isto tudo se a outra metade não me desse a mão.

A família de Simão não era religiosa. Portanto, não houve uma cerimónia na igreja nem nada que o valha. O corpo fora cremado no dia anterior e a despedida iria ser feita na praia como ele iria querer e as cinzas atiradas ao mar, o mar onde ele vivera. Afonso parou o carro no parque de estacionamento em frente ao paredão e esperámos por Alice e por Zeca. Já se via uma mancha preta na areia à medida que as pessoas começavam a chegar. Afonso tinha a minha mão apertada na sua e mantínhamo-nos em silêncio. «Obrigada», disse-lhe. «Por quê?», perguntou. «Por estares comigo», voltei a dizer, dando um beijo na sua mão, que agarrava a minha. «Vou estar sempre contigo qualquer que seja a situação», disse, puxando-me para ele. Quando Alice e Zeca chegaram, juntamente com Marisa e Luísa, descemos as escadas de pedra e parámos no paredão para cumprimentar outros miúdos que estavam ali. Muitos eram da escola, outros da praia, alunos das aulas dele e outros tantos que nunca vira. Começara a juntar-se mais e mais gente. Afonso deixou-me caminhar sozinha, como se percebesse os meus receios, mas manteve a sua mão nas minhas costas, lembrando-me continuamente que estava ali mesmo atrás de mim. Alice deu-me a mão com força e Luísa enrolou o seu braço no meu outro. Vi a sua família ao pé da água. Era a primeira vez que via o pai que tinha a pele morena e ombros largos e imponentes, exatamente como imaginara sempre que ele falava do pai. Não conseguia deixar de olhar para os seus olhos que eram uma cópia exata dos olhos claros de Simão. Francisco, o irmão, acenou-me e aproximou-se.

— Sinto muito — disse, contendo as lágrimas enquanto ele me abraçava.

— Obrigada. Como estás a lidar com tudo? — Cumprimentou todos com um aperto de mão e deu um abraço apertado a Zeca.

— Oh, tu sabes. — Limpei uma lágrima da cara. — Ainda não me parece que é real.

— Nem a nós. Eu sei, nem a nós.

Vi Nico, Nando e os outros todos de pé na areia, mais afastados. Não queria ir lá, não queria vê-los, não queria ouvir o que tinham para dizer, não queria a sua falsa simpatia. Zeca disse para irmos, que iria ser estranho se não o fizéssemos. Nico aproximou-se quando nos viu.

— Estás bem? — perguntou Zeca, dando-lhe um abraço.

— Que merda. Ainda não consigo acreditar que isto aconteceu. Como é que ele foi fazer isto? — Tinha os olhos vermelhos, mas imaginei que fosse por ter estado a fumar e não a chorar como o resto das pessoas que lidava com a sua dor ao invés de a tapar com charros e coca e *crack* e o raio que os partisse a todos.

— Foi uma viagem que correu mal — respondeu Zeca, encolhendo os ombros. Nós faláramos sobre isto nos últimos dias, sobre a irresponsabilidade deles, sobre todas as vezes em que apanharam sustos, sobre a iminência de isto ter estado sempre a acontecer porque eles se julgavam invencíveis. Julgavam que controlavam e que não era o vício que os controlava. Quão errados eles estavam. E eu sabia que Zeca nunca iria abordar este assunto, não agora, não ali. Então encolhera os ombros porque não havia mais nada que pudesse dizer.

— Sinto muito — disse Nico, e abraçou-me. — Falei com ele há umas semanas sobre ti. — O meu coração apertou-se quando o ouvi. — Eu sei que tu não aguentavas mais viver com medo de que isto acontecesse e não te julgo. As coisas podem ser demasiado duras para quem está de fora. E aqui estamos nós, como se sempre tivesses previsto que isto fosse acontecer. Ele gostava mesmo de ti, sabias? — Acenei que sim com a cabeça porque não conseguia falar com o nó que tinha na garganta e as lágrimas que me turvavam os olhos. — Vocês eram a puta do amor da vida um do outro. Mas nem o amor o podia ter salvado... Sabes, pode salvar-nos a nós. Já salvou o Zeca. Acho que é isto que todos temos a aprender.

Permanecemos abraçados durante alguns segundos. Entretanto, os outros aproximaram-se. Vi Nico cumprimentar Afonso e tive medo de que ele estivesse desconfortável nesta situação, mas acenou que não e, quando me juntei a ele, apertou-me a mão.

Zeca juntou todos em círculo e disse que tínhamos de saber uma coisa antes que a cerimónia começasse. A avó de Simão viera de Maputo, juntamente com o resto da família dele, e ninguém iria falar de *overdose*. Os pais iriam dizer que a sua morte fora um acidente — e apeteceu-me gritar que sim, que fora um acidente estúpido — com uma dose grande de medicamentos. Que ele fora vítima de um trágico infortúnio. Pensei que a palavra vítima era interessante porque implicava que a pessoa não tivesse escolha. Mas Simão tivera sempre escolha.

— Mas a culpa é dela — sibilou Nando. Tentei focar-me no que me rodeava. Vi que estavam todos a olhar para mim e a palavra culpa começou a ganhar o seu significado real na minha cabeça. Ele estava a culpar-me a mim? A mim?

— Não sejas idiota — disse Zeca, interrompendo-o.

— Ela fodeu-lhe a vida toda — continuou a disparar para cima de mim sem parar. — Ele começou a consumir ainda mais. Foda-se, ela nem sequer o apoiou quando ele mais precisou e já andava com outro gajo enquanto ele andava a partir a cabeça para se esquecer da merda que ela lhe fez.

— Em primeiro lugar, todos nós somos responsáveis por nós mesmos. — Marisa entrou de repente no círculo, colocou-se ao meu lado e enrolou o seu braço no meu. — E ninguém tem de ficar numa relação tóxica como se superar o vício fosse a batalha dela e não a dele. A luta contra as drogas era dele, apenas dele. Ela fez o melhor que conseguiu. E, pelo que bem me lembro, ela era uma força incrivelmente estabilizadora na vida dele. Mas não era responsável por ele.

— Mas... — Nando tentou argumentar, Marisa interrompeu-o.

— O facto de precisares de culpar alguém pela morte do Simão é incrivelmente estúpido e mostra como nem sequer vês as coisas como elas são. Se alguém o tentou ajudar, foi ela, ao contrário de vocês. O que é que lhe ofereceram quando ele fez anos? Com quem é que ele consumia? Quem é que lhe vendia? Vocês. Todos vocês. Se há alguém para culpar és tu, e tu, e tu, e tu. — Apontou para todos. — Porque se ele se destruiu não foi porque a relação deles não funcionou, foi por conviver com vocês. Eu saí do grupo, o Zeca saiu... O Simão saiu tarde demais.

Marisa puxou-me pelo braço e afastou-me dali. Tentei lembrar-me de alguma coisa simpática para lhe dizer, nunca sentira tanto amor por ela como naquele momento. Parámos mais à frente e abracei-a. Ficámos assim durante uma eternidade. E depois Marisa abraçou Alice, Zeca e acenou para Afonso. E, no fim, olhou finalmente para mim.

— Salvaste-me a vida. — Apertou-me as mãos nas suas. — E o Simão sabia que farias tudo para salvar a dele. Mas não viveres a tua vida para viver a dele era a última coisa que ele queria.

— Porque é que dizes isso? — perguntei, com os olhos marejados de lágrimas. Sentia-me como se ainda não tivesse parado de chorar desde aquela tarde na praia.

— Estive com ele há pouco tempo e falámos sobre tudo o que aconteceu. Ele mostrou-me a carta que lhe escreveste na Ericeira depois... daquilo. Eu perguntei porque é que ele não mudava, por que não fazia um esforço, se não por ele, por ti. E ele disse que não podia continuar a arrastar-te para esta merda toda porque merecias ser feliz. E nunca o irias ser com ele.

Não disse nada porque chorava copiosamente e tinha medo de estar a fazer uma cena, que era a última coisa que queria hoje.

— Ele estava feliz, acredita — continuou. — Disse que tinhas voltado para a pessoa com quem era suposto estares. E que ele te devia isso.

— Devia-me o quê? — perguntei, por fim.

— A felicidade. O estar feliz por ti.

Tentei lembrar-me da última vez que o vira. Foi depois daquela festa idiota, quando me viera trazer a casa. O que lhe teria dito se soubesse que nunca mais o iria ver? Teria mudado o curso dos acontecimentos?

— Olá — disse-me uma rapariga que, entretanto, se aproximara de nós —, sou a Vitória. — Fiquei a olhar para ela a tentar associar o nome à cara, mas era como se tivesse uma mancha preta no meio do cérebro. Tive um rasgo de memória. Marisa, entretanto, fora falar com Alice e concentrei-me na rapariga alta e morena que tinha à minha frente.

— Olá. — Dei um sorriso simpático, mas era como se fizesse um custo animal para levantar os lábios. — A tua cara não me estava a ser estranha. O Simão mostrou-me algumas fotografias vossas de Maputo.

— Que dia de merda para nos conhecermos. — Sorriu e pegou-me nas mãos. Porque será que, nesta situação, toda a gente pegava nas mãos dos outros? — Imagino que te estejas a culpar, a achar que deverias ter feito mais. Não poderias mesmo ter feito nada.

— Também lidaste com... tudo?

— Sim, um pouco. Talvez não tanto como tu. Mas sempre que vinha a Lisboa era um inferno. A dada altura, simplesmente deixei de vir com ele porque não conseguia lidar com o Simão pedrado todos os dias. Odiava os amigos dele, odiava aquele Nando, já agora. Sempre a fazer comentários de merda — sussurrou. Tinha os olhos novamente húmidos e fiz um esforço hercúleo para não começar a chorar mais uma vez, mas dei uma espécie de gargalhada. — Quando o conheci em Maputo, ele já fumava, mas eram só

charros — continuou a dizer. — Todos fumávamos erva naquela altura mas, quando regressámos, ele voltou a consumir mais. Sempre que vinha a Lisboa, levava imensa merda para casa. E eu sei que ele estava farto de lá estar e consumia pastilhas e coca para se distrair. Ele ficava a falar sobre a navegação e estudar e, para mim, não passavam de desculpas para não fazer nada. Em Maputo, ele falava sobre dar aulas, sobre abrir uma escola, e de repente estávamos em Peniche, onde ele podia fazer isso tudo, mas então já estava farto. Nunca o vi com grande interesse nos tais cursos, entendes? — Acenei que sim. — E a minha reação era ignorar quando ele se punha com essas conversas porque ele estava sempre a mudar de ideias. Se calhar, errei nesse sentido. Soube que depois foi para o Algarve e fez mesmo esse curso.

— Sim, mas não acabou. Voltou a perder o interesse nisso também...

— Pois, foi o que imaginei. Eu aceitei um trabalho na Suécia, no qual nem tinha muito interesse, para ser franca, para fugir daquilo tudo. Porque não sabia como é que lhe havia de dizer que não aguentava mais estar com ele e vê-lo a consumir cada vez mais drogas. Uma coisa era fumarmos erva de vez em quando, outra era o andamento em que ele já ia. — Esfregou o rosto com as mãos e respirou fundo.

— Acho que cada pessoa lida com as coisas à sua maneira. — Encolhi os ombros. O que é que podia dizer? Eu também fugira, escrevera-lhe uma carta e fora embora.

— Nenhuma de nós poderia ter feito nada. Só ele poderia ter tido a força para se limpar ou para abrandar e consumir menos. E infelizmente não teve.

— É o que toda a gente diz, eu sei, eu sei, mas é difícil pensar isso agora. Fico a achar que todos poderíamos ter feito qualquer coisa mais.

— Eu falei com ele, acreditem — interrompeu Zeca, que estava a ouvir a conversa. — Ele queria parar. Disse-mo várias vezes, incluindo na Ericeira, ainda antes do que aconteceu à Marisa. Mas ele tinha de sair aqui da zona e

afastar-se deles todos e da rotina. Quando me disse que não queria mais dar aulas, pensei que fosse voltar para Faro ou sair daqui durante algum tempo para se afastar de toda a gente. E pedi-lhe para fazer isso. Disse-lhe que podia ir para a minha casa em Montargil e ficar lá quanto tempo quisesse.

— Não chegou a ir?

— Não. Disse-me que ia pensar nisso e depois me dizia alguma coisa. — Zeca envolveu-me os ombros com o seu braço e apertou-mos com força. — Poderíamos ter feito mais? Provavelmente. É daquelas coisas em que vamos ficar para sempre a pensar, mas vamos ter que aprender a lidar com isto. Com a raiva, a dúvida, a negação, o desgosto, sei lá, a impotência desta merda toda.

Aproximámo-nos do mar quando percebemos que a cerimónia iria começar. Afonso estava ao meu lado e apertou-me a mão como se quisesse passar-me fios invisíveis de coragem. O pai começou a falar sobre a criança que ele fora, sempre a inventar brincadeiras em Maputo, a correr pela areia com uma tábua redonda de madeira que todos os miúdos usavam para deslizar à beira-mar. Deixei de me conseguir focar no que estava a dizer. Pensei nas minhas próprias memórias de Simão, de o ver chegar à escola com a sua mota azul, a gritar à janela das minhas aulas, do nosso primeiro beijo, de andar com ele de mota, do cheiro da sua cama, de nos deitarmos na areia ao fim do dia. O passado e o presente misturaram-se na minha cabeça e era difícil separá-lo, porque, na verdade, amei os dois que conheci. O que viveu na minha cabeça e o que viveu comigo. As memórias fundiram-se e começaram a vir em catadupa. Gostava que alguém falasse dele, mas dele realmente. Ele era daqueles rapazes de quem ninguém tinha nada de mau a dizer. Mesmo aqueles que o achavam estranho porque só se metia em confusões, faltava às aulas e chumbava todos os anos. Também esses

gostavam dele. Ele era a luz no centro de qualquer grupo, era como se tudo girasse à volta dele, da sua gargalhada contagiosa, da sua forma de querer proteger todos, de ser notado, de tentar fazer a diferença. Era difícil imaginar que, por trás de toda esta energia absorvente, existisse um rapazinho que se sentia tão desajustado e perdido. E que se continuara a sentir assim até aos dias de hoje. Que conseguia ver o melhor das pessoas à sua volta mas não conseguia ver o melhor de si.

Subitamente, lembrei-me do funeral do outro miúdo e tive vontade de rir. Mas não era aquele riso de quem se lembra de qualquer coisa engraçada. Era mais aquele riso de quando estamos destruídos por dentro e o nosso cérebro começa a mandar sinais confusos para o nosso corpo. Imaginei que alguém fosse chegar aqui e comesse a cantar como no funeral dele. Que música poderia ser? Pensei imediatamente em The Verve. Sim, era uma música absolutamente adequada para esta merda de dia. *Now the drugs don't work, they just make you worse but I know I'll see your face again.* E agora apetecia-me chorar novamente. Porque nunca mais iria ver o rosto dele. Nunca mais iria ouvi-lo a rir. Nunca mais iria vê-lo a correr pela areia com os miúdos das aulas de *surf*. Se eu achara que os *nunca mais* iriam aparecer quando o deixara na Ericeira, a partir de agora é que iria ser um sem fim de *nunca mais*.

Os pais entraram na água juntamente com Francisco. A maré estava vazia e dava para andar até uma distância segura com a água até aos joelhos. Era um silêncio sepulcral que doía nos ouvidos. Doía no peito, no coração, no estômago. Uma série de surfistas entrou na água com as pranchas. A mãe deu a urna a um deles e todos se deslocaram em cima das pranchas até mais ao fundo. Então fizeram um círculo no meio do mar e atiraram as cinzas à água. Vi os pais e Francisco abraçados a despedirem-se de Simão. Afonso envolveu-me nos seus braços e apertou-me com força. Olhei para Zeca e vi

uma lágrima a fugir-lhe do olho. Estava de mão dada com Alice, então entrelacei a minha mão nas deles os dois. Permanecemos assim, em silêncio.

Devia despedir-me da mãe dele, mas faltava-me a coragem. Vi-a com outros familiares, vi a avó de Simão, vi o pai e o irmão, e pensei que talvez também não devesse interromper, o momento era deles. Podia telefonar mais tarde. Percebi instantaneamente que também não me queria despedir nem de Nico nem de mais ninguém. Sentia-me como se estivesse acordada há uma semana e toda a energia me tivesse sido sugada do corpo. Estávamos já a sair da areia quando Francisco correu até nós.

— Isabel — gritou. — Espera!

— Desculpa, Francisco — disse imediatamente. — Não queria ir-me embora sem me despedir, mas não sei, não queria intrometer-me.

— A minha mãe quer falar contigo. Podes vir comigo? — Olhei para eles. Alice acenou com a cabeça e Luísa, que estava abraçada a Marina, fez-me sinal para ir. Segui Francisco novamente até à beira-mar.

— Mãe — disse Francisco, tocando no seu braço. Vi-a a dar um abraço a uma senhora e a despedir-se. Era uma daquelas situações em que uma pessoa nunca sabe o que dizer. Muita força? Sinto muito? Que descanse em paz? Eu não queria que ele descansasse. Eu queria que ele voltasse. Que lhe dessem uma injeção qualquer de adrenalina, que lhe dessem choques no coração com um desfibrilador.

— Sinto muito — disse, quando a mãe se virou de repente para nós.

— O Simão era um rapaz bom, não era? — perguntou-me.

— Era, sim. Era amado por toda a gente. Vou sentir a sua falta. Vamos todos sentir.

— Ele sempre foi um rapazinho complicado, confuso e solitário. — Pensei na palavra solitário. Não seria a palavra que teria escolhido para o descrever,

mas mãe é mãe, ela conhecera-o melhor que ninguém. — Mas nem sempre conseguimos ver o que os outros não querem que vejamos.

— Porque diz isso?

— Muitas vezes me questionei se não o deveria ter deixado em Maputo quando voltei para Portugal. A vida dele estava toda lá, o Francisco também ficou e ele sentiu-se muito sozinho, revoltado e abandonado. Mas ele era ainda uma criança, achei que ele tinha de estar onde a mãe estivesse. Nunca imaginei que isso lhe pudesse deixar lesões tão grandes. Ele passou tantos anos deprimido, nunca se adaptou... mas também não queria ajuda, não queria que ninguém soubesse, nem falar sobre isso queria. Era como se saísse de casa todas as manhãs com uma máscara e a tirasse quando regressava.

— Eu sei — disse baixinho. E estava novamente a chorar.

— Oh, minha querida. — Pegou-me nas mãos e apertou-as com força nas suas e lá estava novamente o ritual das mãos. — Estou a dizer-te isto porque foste uma luz na vida dele. Tanto quando vocês eram miúdos, como agora. Ele tinha todas as tuas cartas guardadas como se fossem ouro dentro de uma caixa. E lia-as e relia-as à noite, penso que se sentia de alguma forma menos sozinho. Às vezes, espreitava pela porta do quarto e via-o com a caixa aberta em cima da cama. — Dei uma gargalhada e soluzei ao mesmo tempo. — E se visses as mudanças que vi nele quando vocês se voltaram a encontrar. Ele andava motivado e feliz, acho que era isso. Se era suposto ele só ter vivido vinte e dois anos, se foi sempre este o plano do universo desde o início, só quero agradecer-te por teres feito parte da vida dele e o teres feito sentir-se tão especial e único. Porque ele era um rapazinho especial e único. Mesmo com todas as escolhas erradas que fez na vida.

Fiquei em silêncio porque tudo isto era simplesmente demasiado para mim. Ela abraçou-me e permanecemos as duas com os nossos corpos juntos. Não sabia se me confortava a mim ou se era eu que a reconfortava a ela.

— Uma vez, tivemos uma discussão. — Afastámo-nos mas continuou com as minhas mãos nas suas. — Ele disse que, se morresse, ninguém iria sentir a falta dele. Se ele estiver a ver isto algures lá de cima, não sei, de onde quer que esteja, espero que veja o quanto é amado e a quantidade de pessoas que gostaram de o ter nas suas vidas.

— E que vão sentir a sua falta — acrescentei. Ela sorriu.

— Tenho uma coisa para ti. Eu sei que ele queria que isto ficasse contigo. Talvez seja uma forma de te lembrares dele ao longo da vida. — Tirou uma caixa da mala, e eu já vira esta caixa antes. O meu coração apertou-se um pouco mais. — Ele tinha o fio dentro de uma camisola com uma fotografia tua. Só encontrei isto hoje de manhã quando fui ver algumas das suas coisas. Acho que te pertence. — Sorriu, colocando-me a caixa na mão.

Abri-a, tirei o fio e olhei para ele. Era o pequeno coração que pertencera à avó dele. Coloquei-o junto ao peito, fechei os olhos e deixei que o resto de lágrimas que ainda tinha jorrassem para fora de mim.

A cada segundo que me afastei da água do mar e subi pela areia em direção ao paredão, fiquei mais forte. Continuava a doer-me o coração mas imaginava que fosse mesmo assim que era suposto ser. Afonso estava sentado nas escadas com eles à minha espera. Quando cheguei ao pé deles, abraçou-me e ficámos parados em silêncio.

— Tenho aqui uma coisa. — Colocou a mão no bolso das calças de ganga pretas. Tirou uma folha amachucada e dobrada em vários bocados. — Acho que já não sou eu que devo ficar com ele. Talvez seja uma boa forma de te despedires dele.

Li a primeira parte do poema e comecei a rir. Ri-me tanto que comecei novamente a chorar.

A maioria das pessoas já abandonara a praia e a mancha negra dispersara, por fim. Parei à beira-mar e respirei fundo. Afonso, Zeca, Luísa e Alice ficaram mesmo atrás de mim. Marina já se tinha ido embora porque, ao contrário de Luísa, que já abandonara Medicina, tinha de voltar para o seu estágio. Li a primeira frase em voz alta, mas parei, não precisava de gritar. Ele iria ouvir. Li todo o poema para mim. Já não era apenas eu agora, era também eu com catorze anos. Era eu a despedir-me do Simão das minhas memórias. E era eu agora a despedir-me da outra metade do meu coração. O tempo moveu-se nas duas direções, o passado tornou-se presente e estava agora comigo, estava a vê-lo a descer a rua na sua mota azul para se despedir de mim. Terminei de ler a última frase: *É à tua porta que a saudade irá bater*. Esperava que, onde quer que estivesse, não se sentisse sozinho. Esperava que se sentisse amado, porque o era. Rasguei o papel no máximo de bocados que consegui e atirei-os à água o mais longe que o vento me permitiu. Fiquei a ver os inúmeros bocados de papel serem puxados pelas ondas para lá e para cá até desaparecem. Estavam lá com ele. Era o nosso adeus. Ou o nosso até mais logo.

— Estás bem? — perguntou-me Afonso.

— Vou ficar bem.

Ele sorriu e começámos a andar.

— Obrigada — acrescentei, dando-lhe a mão.

— Porquê?

— Por seres como és, por compreenderes que deixar para trás o passado não implica nunca falar dele.

— Eu apaixonei-me por ti por tudo aquilo que és e por tudo o que viveste. E também agradei em silêncio ao Simão.

— Porquê?

— Por te ter trazido de novo para mim.

Ele abraçou-me com força e deixou-se ficar colado a mim. Permaneceu.
Nós permanecemos.

9

Passara os últimos dias a tentar descobrir o momento exato em que tudo mudou. Porque não foi quando cheguei à praia e Alice me deu a notícia. Fora muito antes. O momento que determinou que Simão iria partir aos vinte e dois anos fora algures lá atrás e eu precisava desesperadamente de saber. Passei horas a martirizar-me com a ideia de que esse momento poderia ter sido quando lhe escrevera aquela carta de despedida ou quando me cruzara com Afonso no meio de Madrid. Mas a vida é feita de uma infinidade de momentos que se condicionam uns aos outros e basta uma pequena alteração num deles para que tudo o resto mude por completo. E não havia nada que eu pudesse ter feito porque nós não controlamos nada. É a vida que controla tudo ou o destino, o universo, Deus. O que lhe quisermos chamar.

Provavelmente esse momento já teria sido determinado ainda antes de nos conhecermos. Se calhar fora quando a mãe decidira vir para Portugal. Ou quando os pais se separaram. Ou quando ele conhecera os amigos na escola. Ou quando começara a trabalhar na praia com Zeca. Ou quando voltara de Faro. Ou quando nascera. Ou qualquer outro sem fim de momentos que conduziram a este. E eu não poderia ter mudado nenhum deles porque fui apenas um de uma infinidade de momentos que se entrelaçaram uns nos outros. Mesmo que ele tivesse ficado em Maputo ou nunca tivesse entrado na minha escola ou nunca tivesse conhecido os amigos ou nunca se tivesse

cruzado comigo, se calhar iriam existir outros momentos que iriam resultar exatamente no dia de hoje.

E como seria a minha vida se nunca o tivesse conhecido? Se nunca me tivesse apaixonado por ele? Se nunca lhe tivesse escrito poemas e cartas infantis de amor? Teria crescido a ser a rapariga que era? Ter-me-ia apaixonado por Afonso quando o conhecera porque vê-lo chorar no Tunnel fora inesperado, fascinante e bizarro e este sentimento de ser meio estranha, e um pouco intensa, já me era familiar? E estaria agora a estudar comunicação porque não havia nada mais para mim além de escrever e gostava de imaginar que um dia iria receber o meu Pulitzer e agradecer a Simão por me ter feito escrever poemas aos catorze anos? Como seria a versão de mim mesma sem o momento em que a vida de Simão se cruzara com a minha?

Não sabia.

Nunca iria saber.

Nós nunca sabemos.

Mas sabia que iria amá-lo para sempre porque ele me fizera conhecer o amor. Apesar de tudo o que o meu coração passara, não trocava o que vivera por nada deste mundo. Não trocava a dor de perder Afonso porque me fizera reencontrar Simão. Não trocava a mágoa de perder aquele rapazinho das minhas memórias porque me fizera conhecer a pessoa real que ele era. E estava-lhe grata por isso, por tudo o que me fizera viver, por tudo o que me fizera conhecer, por tudo o que me fizera sentir.

Nunca há maneira de saber aquilo que nos espera. Afonso estava aqui, os seus braços estavam ao meu redor. Olhei para Alice e para Luísa. Ainda tinham os olhos brilhantes, nem queria imaginar no estado em que estariam os meus, e senti um injeção de afeto por elas. sabia que, independentemente da imprevisibilidade da vida, teríamos sempre este laço entre nós, éramos

umas para as outras em qualquer situação. E sabia que podia enfrentar qualquer coisa porque acabara de ficar sem metade do meu coração e, ainda assim, sobrevivera.

— Queres conduzir? — perguntou Afonso com um sorriso. Abriu-me a porta do lado do condutor.

— Não tens medo de que te destrua o carro todo?

— É só um carro. — Encolheu os ombros. — E já tem tantas amolgadelas. Mais uma menos uma.

— Eu não acredito, tu não confias mesmo em mim.

— Vá, vá — disse com uma gargalhada. — Vamos beber um copo? Acho que precisamos.

— Nós vamos, então, no teu carro. — Puxei Alice e Luísa pelos braços. — Tu vais no carro do Zeca.

Estava a conduzir pela marginal, já tinha a carta de condução e conduzir era quase tão bom como estar no meio do mar a boiar. Era a sensação de liberdade, de colocar o pé no pedal e ir onde quisesse. Abri a janela, deixei que o vento gelado me batesse na cara e respirei fundo o cheiro a praia, a mar, a Simão, a mim, a passado, a presente, a futuro. Estava a deslizar sobre o planeta, a dizer olá a esta nova versão de mim sem uma parte do seu coração a que teria de me habituar. A despedir-me do meu eu de ontem. Não sabia o que iria encontrar do outro lado ou o que iria acontecer, não sabia quem iria ser agora. Não sabia o que este momento estaria a desencadear para o meu futuro. Só o iria saber quando lá chegasse.

— Sabes uma coisa? — perguntou Alice do banco de trás. — Nestes momentos, é difícil imaginar que o universo é enorme e somos apenas três pontinhos minúsculos.

— Pois é. E é estranho pensar que as pessoas do carro da frente estão na

sua vida e não acabaram de se despedir do Simão. E que, para elas, nada mudou porque o mundo subitamente ficou diferente e não consigo imaginar que os outros não o sintam também. — Olhei para ela, estava a sorrir. Luísa, sentada ao meu lado, apertou-me o braço.

— Vamos ser sempre assim, não vamos? — perguntou Luísa.

— Espero que sim — respondi.

— Acho que devíamos telefonar um dia destes à Marisa para beber um copo connosco — comentou Alice de forma casual.

— Porquê?

— Porque ela é, sei lá... uma rapariga como nós.

E nesse momento eu soube. Soube que não precisava de tentar agarrar nada com as minhas mãos. A vida encarrega-se de nos levar para onde temos de ir.

*Saudade, onde escondes o teu olhar de tristeza
Perdido na imensidão do mar?
Procuro-te sem te saber presente
Vejo-te sem te ver realmente
Mas não te encontro em nenhum lugar.*

*Olho o céu com esperança de ver
A mesma estrela que tu na escuridão
Tenho medo de adormecer
De te perder nas minhas memórias
De me encontrar na solidão.*

*Pergunto-me o que sonhas
Se há sentimento nesse olhar sombrio
Tento entrar no teu mundo
Tento descobrir quem és
No teu coração vazio*

*O teu nome queima-me a língua
Mas deixo-te para não me perder
E se um dia pensares em mim
Quando não me conseguires encontrar
É à tua porta que a saudade irá bater.*

Isabel
1999

Epílogo

Dei uma gargalhada quando soube que elas me chamaram, durante tantos anos, de *Marisa das Argolas*. Sabia que tinham razão. Eu fora exatamente essa miúda, ser desagradável de propósito era um ofício que desempenhava com determinação. Não era o papagaio que estava empoleirado nas minhas orelhas, a dona de todo o poleiro era eu. Foi estranho ler aquele diário idiota de 1999 em que Isabel escrevera sobre Simão e todos nós, mas havia uma certa beleza nessas memórias. «Francamente», pensei enquanto folheava com algum desdém, ainda assim, com emoção, «mas quem é que, no seu perfeito juízo, escreve um diário?», questionei-me. Mas não sabia dizer o que me abalara mais. Ver-me retratada naquele caderno velho e ser parte das memórias de Isabel acabou por ser inesperado. Todavia, foi a memória que ela tinha de mim que me fez pensar no impacto que temos na vida dos outros.

Estava agora deitada na cama de Isabel e olhei com afeto para ela sentada na sua secretária. Parecia inacreditável que tivéssemos sido miúdas tão diferentes na escola. Não nutria grande simpatia por ela na altura, ainda que não conseguisse apontar nenhuma razão específica para justificar tamanha antipatia. O problema não era Simão, via-o quase como o irmão que gostaria de ter tido, mas havia algo nela que me lembrava de coisas que ansiava por esquecer. Ele tinha uma forma muito graciosa, adulta até, de lidar com Isabel. Observava-o muitas vezes e sabia que gostava da atenção dela, aquela

sensação inebriante de sermos o mundo de alguém, principalmente quando nos sentimos invisíveis no nosso. E Isabel estivera tão emaranhada nas nossas vidas que era difícil não pensar que talvez tivesse sido isso que Simão nos deixara, esta história e esta cumplicidade que nos unira, não obstante as diferenças abismais entre nós.

Durante muito tempo, pensei que nunca iria superar aquela noite em que quase morrera na praia, resultado de um conjunto de decisões idiotas. A memória que retinha mais viva era de acordar naquele quarto de hospital a cheirar a lixívia, éter e tristeza e ver as duas a olhar para mim. Fora como aquela primeira manhã, tantos anos antes, quando acordara num lar no meio do Alentejo com as cabeças de Anita e das outras crianças em cima de mim. Nunca me sentira tão sozinha, vê-las no hospital preencheu um pouco do vazio em que vivia há anos. E naquele momento, soube que tinha batido no fundo. Se Anita me tivesse visto, teria ficado certamente desiludida. Ali estavam elas com Zeca sentado ao lado da cama, os três com uma expressão de enterro na cara. Felizmente, ainda não fora o meu mas, naquela altura, nenhum de nós sabia que, em breve, seria o de Simão.

Quando Isabel me telefonou, depois do funeral, conseguia ouvir Alice do outro lado a rir-se e a incentivá-la a falar. Perguntaram-me se queria ir beber um copo com elas, o que foi estranho, mas foi assim que dei por mim sentada num bar onde, depois de algumas conversas embaraçosas, alguma coisa entre nós nasceu. Isabel e Alice não me salvaram apenas naquela noite na praia. Invadiram a minha vida de uma forma que nem eu sabia que precisava. Porque, naquela altura, acreditava que já tinha perdido tudo, já não havia grande coisa à minha espera, nem casa, nem Anita, nem amigos. Só me restava salvar-me a mim. Cortar com a minha antiga vida, ou cortar com a *Marisa das Argolas*, foi provavelmente a dádiva que Simão me deixou.

Ninguém o salvou, tivemos de o perder, mas foi a graças a Isabel e a Alice

que voltei a encontrar-me. «Agora que já não és uma cabra odiosa, gostava de saber porque é que me tratavas tão mal», perguntou-me Isabel um dia. Eu ri-me, mas como é que lhe poderia explicar que ela me fazia lembrar de Anita? E eu tinha saudades de Anita, pensar nela era como ter um ferro em brasa espetado constantemente no peito. Tratara-a mal durante tanto tempo porque me irritava que ela desejasse tanto a atenção de Simão, na sua ingenuidade de quem não sabia o que era ter atenção indesejada. E eu sentia-me na obrigação de a tirar, era automático, defensivo, estava entranhado em mim, porque, durante muito tempo, fora obrigada a fazê-lo para que Anita fosse invisível.

— Tenho uma coisa para ti — disse-me Isabel naquela noite, quando fui ter a casa do pai dela depois do trabalho. Levantou-se da secretária e atirou um caderno preto para cima da cama. — Escreve as coisas que sentes, sobre o acidente na praia, o hospital ou a tua infância.

— Desde quando é que escrever sobre coisas que quero esquecer me vai ajudar? — revirei os olhos.

— Escrever ajuda-nos a superar as coisas difíceis ou a lidar com as emoções, acredita, sou especialista. — Deu uma gargalhada. — Acho que precisas disso.

— Ja-sus. — Levei as mãos à cabeça. — Quando penso que não podes ser mais pateta, tu tiras uma nova ideia da cartola.

Claro que entendia o que ela queria dizer. Mas se fizesse uma lista das coisas impossíveis de acontecer — aquelas que uma pessoa dá uma gargalhada só de imaginar, como ganhar a lotaria ou escalar o Everest —, ser amiga daquela miúda irritante de aparelho colorido nos dentes estaria no topo da página e, vejamos, aqui estávamos nós. Se calhar, escrever um diário não seria tão estúpido assim.

Ajeitei-me na cama dela e folheei distraidamente o caderno vazio que tinha nas mãos. Se calhar podia fazer isso, podia contar esta história. Talvez me ajudasse a sarar a ferida aberta que Anita deixara até então.

**Isabel e Alice são inseparáveis.
Afonso e Ventura já não sabem o que os une.
Simão e Zeca querem mudar quem são.
E Marisa talvez seja apenas a vilã.**



Uma reflexão sobre a juventude, pressão dos pares, laços de amizade entre raparigas, festas, drogas, depressão, morte e autodescoberta.

Uma reflexão que é também o retrato de uma geração e a ânsia de pertencer.

Raparigas como nós é uma viagem entre Lisboa, Cascais e Madrid, contada pela voz de Isabel e que, numa narrativa veloz, nos revela o impacto que podemos ter na vida uns dos outros.

Um romance sobre a electricidade do primeiro amor e os intensos emaranhados das relações de amizade e das memórias de infância.

Helena Magalhães nasceu em Lisboa em 1985 e, depois de alguns anos no jornalismo, dedicou-se à literatura a tempo inteiro.

Em 2017, escreveu o seu primeiro livro e, em 2019, publicou *Raparigas como nós*, que se tornou um bestseller em Portugal.

Ativista literária, criou o clube do livro Book Gang para incentivar a geração digital a ler mais e para divulgar literatura no feminino.



© 2021, Helena Magalhães

© desta edição:

2021, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda

Suma de Letras é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do copyright. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Edição: Diana Garrido
Revisão: Ana Bárbara Pedrosa
Capa: Helena Soares
Ilustração da capa © Helena Soares
Fotografia da autora © Aline Macedo

ISBN: 978-989-784-558-1

Composição digital: www.acatia.es

Índice

Raparigas como nós

Nota da autora

Parte I

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Parte II

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Parte III

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Parte IV

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Parte V

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Epílogo

Sobre o livro

Sobre Helena Magalhães

Créditos